U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

A casa Gago Rosa. Documentar como ação de salvaguarda da obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa.

Bárbara da Costa Cabrita de Almeida Rodrigues

M
2024

U.PORTO

Bárbara da Costa Cabrita de Almeida Rodrigues.
A casa Gago Rosa. Documentar como ação da obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa.

M.FAUP **2024**

A casa Gago Rosa. Documentar como ação da obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa.

Bárbara da Costa Cabrita de Almeida Rodrigues

FACULDADE DE ARQUITETURA



A CASA GAGO ROSA.
Documentar como ação de salvaguarda a obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa.

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Bárbara da Costa Cabrita de Almeida Rodrigues
orientação: Prof. Doutora Marta Rocha Moreira
Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
2024

À minha avó Ana
a quem gostaria de ter mostrado
este trabalho sobre "o *seu Algarve*"

Agradecimentos

A realização de um trabalho desta natureza só é possível graças a colaboração de um vasto número de pessoas e de instituições a quem quero aqui deixar expresso o meu profundo e reconhecido agradecimento.

À professora Marta Rocha Moreira a quem agradeço o empenho que sempre demonstrou, os estímulos, as facilidades concedidas, as sempre oportunas sugestões e as muitas horas de apoio e dedicação ao trabalho.

Às arquitetas Teresa Valente e Patrícia Malobbia agradeço a forma calorosa com que sempre me receberam no Departamento de Infraestruturas e Urbanismo da Câmara Municipal de Faro e facilitaram o acesso a toda a documentação do seu arquivo.

À arquiteta Margarida Belchior agradeço a simpatia com que partilhou histórias e vivências da Casa Gago Rosa e a prontidão com que me facilitou a acesso sem restrição a todos os espaços sem o qual muito desta dissertação não teria sido possível.

Ao arquiteto Gonçalo Vargas agradeço a partilha estimulante do seu profundo conhecimento sobre a vida e obra do arquiteto Gomes da Costa.

Agradeço também a todas as entidades que proporcionaram as condições necessárias para a realização desta dissertação, à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, à Câmara Municipal de Faro e ao Arquivo do Forte de Sacavém.

Agradeço ainda com especial carinho:

À Raquel e ao Rui pela mais especial das amizades e pelos anos de risos.

À Ana pela força e pelos longos desabafos e à Constança, à Cristina, à Gabriela, ao Guilherme e ao Miguel pela década passada juntos.

Aos meus avós Filomena e Delfim, Ana e José pelas suas palavras, abraços e memórias aconchegantes.

Aos meus tios e primos, em particular à minha tia Gil pelo carinho com que abdicou do seu do seu tempo para a minuciosa revisão final do texto, e aos meus tios Rosário e Leonel pelo carinhoso acolhimento durante os períodos que passei em Alvor.

Aos meus pais, Pedro e Conceição, e ao meu irmão Henrique, pelo seu incondicional apoio em todos os momentos, pela força que sempre me deram e por tudo o que as palavras não conseguem descrever.

Muito obrigada.

fig. 01 Capa. A casa Gago Rosa após a construção. O gaveto.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024.

Abstract.

The study of modernist architectural heritage in Portugal frequently focuses on a select group of architects from Porto and Lisbon and their most renowned works, which have significantly influenced the architectural landscape.

A thorough analysis of the built environment in the Algarve, particularly in its district capital, reveals a range of modernist structures that exhibit significant architectural merit. These buildings, designed by lesser-known architects on the national stage, contribute meaningfully to the region's architectural landscape.

Among the prominent figures in the architectural landscape of the mid-20th century Algarve, Manuel Gomes da Costa emerges as a significant contributor, particularly during the period when urban centers were developing. His architectural influences remain evident today, manifested in the modern values and distinctive elements introduced, shaping the region's architectural identity.

Despite his leadership role in the Modern Movement within the Algarve, Gomes da Costa and his oeuvre have not received sufficient recognition. This oversight places his architectural contributions at heightened risk of reinterpretation, neglect, or degradation.

The Gago Rosa house in Faro is regarded as one of Gomes da Costa's most significant works. This structure not only preserves much of its original design but is also designated as a building of Municipal Interest, thereby ensuring its protection. The site's research, analysis, and documentation are essential for the defense, preservation, and safeguarding of the architectural heritage, whether through direct conservation efforts or by chronicling its historical significance.

This study begins by contextualizing the project within the socio-economic and cultural fabric of the time while introducing its key stakeholders, including the architect and the client, along with pertinent Portuguese and Latin American contexts. Process 708-55, which contains the original project documentation, is employed to systematize the Gago Rosa house's archived history and to analyze its design elements, supplemented by period photographs and an understanding of the architect's recurring motifs.

In the subsequent phase of the investigation, the house in its current condition becomes the focus of new documentation efforts, employing three distinct methodologies. These methods comprise a drawn and photographic survey of the subject, a meticulous and detailed recording of plans, sections, and elevations at a scale of 1:50, based on the collected on-site information, and a three-dimensional reconstruction.

The integration of these varied methodologies culminates in a comprehensive document that seeks to depict meticulously the Gago Rosa house throughout its seventy-year history**.**

keywords: *Manuel Gomes da Costa – Algarve – casa Gago Rosa – modern movement – architectural heritage;*

Resumo.

O estudo do património arquitetónico modernista de Portugal tende a concentrar-se essencialmente em alguns arquitetos do Porto e de Lisboa e nas suas obras mais (re)conhecidas e de maior impacto.

Contudo, se olharmos atentamente para o ambiente construído no Algarve, em particular o da capital de distrito, identificamos um número considerável de obras modernistas de inegável valor arquitetónico projetadas por arquitetos pouco conhecidos no panorama nacional.

Manuel Gomes da Costa, arquiteto português formado pelas Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto, foi a principal figura do panorama arquitetónico algarvio de meados do século XX aquando do crescimento dos seus centros urbanos. As contribuições do arquiteto são percetíveis até aos dias de hoje dada a incontornável presença dos seus traços e valores modernos na paisagem construída da região.

Embora tenha liderado o Movimento Moderno no Algarve, nem o arquiteto nem a sua obra são devidamente reconhecidos, pelo que a sua arquitetura está em risco acrescido de descaracterização, esquecimento ou degradação.

A casa Gago Rosa, em Faro, é um dos edifícios mais marcantes de Manuel Gomes da Costa que, além de preservar ainda muito da solução original, integra um conjunto de Interesse Municipal que lhe atribui o nível de proteção integral. O seu estudo, análise e documentação são garantia da defesa, preservação e proteção deste património arquitetónico, se não fisicamente, em memórias registadas.

Este trabalho começa por enquadrar a obra no contexto social, económico e cultural da época e introduzir os seus principais agentes, arquiteto e cliente, e os panoramas a que se associam, português e latino-americano. Recorre-se ao processo 708-55, que alberga a documentação original de projeto, para sistematizar a história arquivada da casa Gago Rosa e analisar as suas peças desenhadas, com o auxílio de fotografias de época e conhecimento da expressão recorrente do arquiteto.

No segundo momento da investigação, a casa, no seu estado atual, passa a ser objeto e fonte para a produção de nova documentação recorrendo a três abordagens distintas. O levantamento desenhado e fotográfico do objeto de estudo; o registo rigoroso e detalhado em plantas, cortes e alçados à escala 1/50 da informação recolhida in loco; e a reconstrução tridimensional.

Da conjugação destas diversificadas e abrangentes metodologias resulta um documento que procura refletir coerentemente a casa Gago Rosa em todas as suas dimensões, ao longo dos seus setenta anos de história.

palavras-chave: Manuel Gomes da Costa – Algarve – casa Gago Rosa – movimento moderno – património arquitetónico

Abreviaturas

3D Three Dimensional

CIM Conjunto de Interesse Urbano

CMF/SAO Câmara Municipal de Faro / Serviço de Arquivo de Obras

CODA Concurso para Obtenção do Diploma de Arquitecto.

DR Diário da República

ESBAL Escola Superior de Belas Artes de Lisboa

ESBAP Escola Superior de Belas Artes do Porto

MGdC Manuel Gomes da Costa

MOMA Museum of Modern Art

MUD Movimento de Unidade Democrática

a Àrea
m Metro
m² Metro Quadrado
p.d.u. Pé Direito Útil
fig. Figura(s)
des. Desenho
tab. Tabela

Notas Prévias

A dissertação foi redigida segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Aconselha-se a leitura do ficheiro em página dupla, já os desenhos rigorosos (capítulo quatro) beneficiam de uma leitura em página simples.

Os documentos escritos e desenhados relativos ao objeto de estudo foram extraídos do Processo 708-55 do Arquivo da Secção de Obras Particulares da Câmara Municipal de Faro. Toda a documentação foi dimensionada e cortada para a integração apropriada na dissertação. Na análise do conteúdo das peças desenhadas estas são apresentadas às escalas 1/300 e 1/100.

Todos os desenhos e fotografias de levantamento, plantas, alçados e corte, e a reconstrução tridimensional do objeto de estudo foram produzidos pelo autor. Os elementos desenhados rigorosos são apresentados à escala 1/50.

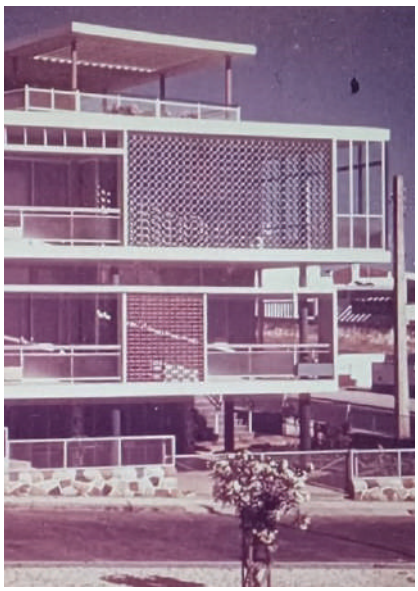
fig. 02 A casa Gago Rosa após construção - Poente.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024.
figs. 03 e 04 Montagem das peças escritas e desenhadas do processo da casa Gago Rosa.
fonte: CMF/SAO/708-55
fig. 05 A casa Gago Rosa em construção - Sul.
fonte: Arquivo Manuel Laginha, 1957
fig. 06 Levantamento desenhado.
fonte: Autora (2024)
fig. 07 A casa Gago Rosa, 2024.
fonte: Autora (2024)

SUMÁRIO

00.1 Motivação. ...16-17
00.2 O nascer da investigação. ...18
00.3 Metodologia e Estrutura. ...19

01

A casa Gago Rosa de Manuel Gomes da Costa. ...20-37



...22-23
01.1. A história da casa de Alfredo Gago Rosa.
...24-25
01.2. O arquiteto. Antes, durante e depois da casa Gago Rosa.
...26
01.3. Cronologia dos estudos sobre a obra de Gomes da Costa.
...27-32
01.4. Faro, cidade e legado arquitetónico.
...33-36
01.5. Da América Latina ao Algarve. Os clientes e a arquitetura entre 1940 e 1950.
...37
01.6 As revistas e a propagação da arquitetura modernista.

02

Estudar o processo arquivado, conhecer a obra. ...38-61

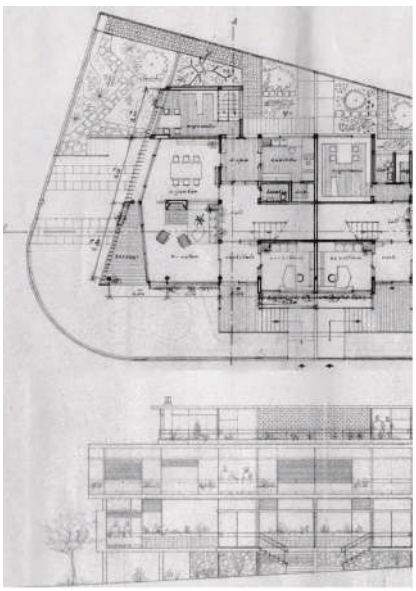


...40-41
02.1. Do processo 708-55 à obra. A narrativa arquivada.
...42-43
02.2. Reordenar o processo. Tabelar os dados.
...44-47
02.3. Fase um. A proposta arquitetónica inicial, 1955.
...48-51
02.4. Fase dois. Repensar a proposta.
...52-57
02.5. Fase três. Em obra.
...58-61
02.6. Fase quatro. Primeira alteração ao edifício.

03

PARTE 01

As propostas para a casa Gago Rosa, 1955-69. ...62-77



Parte 01 - Cada habitação em dois pisos.
...64-65
03.1. A primeira proposta.
...66-67
03.2. A distribuição de duas habitações num único volume.
...68
03.3. A estrutura como elemento fundamental de composição.
...69
03.4. O programa doméstico.
...70-77
03.5. Uma análise aproximada do projeto desenhado.

03

PARTE 02

As propostas para a casa Gago Rosa, 1955-69. ...78-95



Parte 02 - Uma habitação por piso.
...78

03.6. A segunda proposta.
...79

03.7. Cada piso como uma habitação independente.
...80

03.8. A verdade construtiva numa solução arquitetónica.
...81

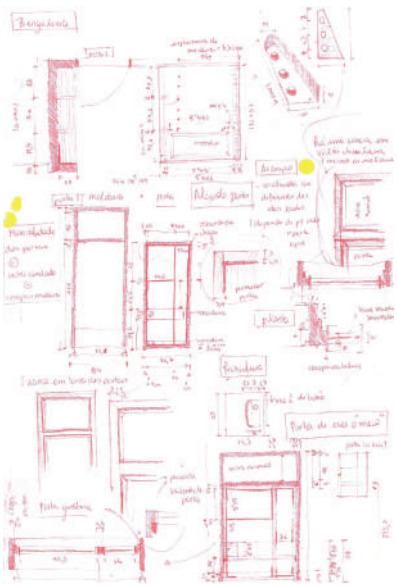
03.9. Uniformizar os interiores. Racionalizar a proposta.
...82-87

03.10. Reflexão detalhada sobre o projeto desenhado.
...88-95

03.11. Os registos de uma obra construída. Entre 1958 e 1969.

04

O registo exaustivo da casa Gago Rosa, 2024. ...96-151



...98-117

04.1. O levantamento arquitetónico e o registo fotográfico da obra.
...118-139

04.2. Desenhos rigorosos do estado atual da casa Gago Rosa.
...140-151

04.3. O 3D. De um instrumento de trabalho, a um dispositivo de apresentação da obra.

05

Aprender com a casa Gago Rosa. ...152-159



...154-159

05.1. Documentar como ação de salvaguarda da obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa.

06. Bibliografia Geral ...161-163
07. Lista de figuras, desenhos e tabelas. ...164-171

SUMÁRIO DETALHADO

00. INTRODUÇÃO. ...16-19

00.1. Motivação. ...16-17
00.2. O nascer da investigação. A oportunidade de estudo. ...18
00.3. Metodologia e Estrutura. ...19

01. A CASA GAGO ROSA DE MANUEL GOMES DA COSTA. ...20-37

01.1. A história da casa de Alfredo Gago Rosa. ...22-23
01.2. O arquiteto. Antes, durante e depois da casa Gago Rosa. ...24-25
01.3. Cronologia dos estudos sobre a obra de Gomes da Costa. ...26
01.4. Faro, cidade e legado arquitetónico. ...27-32
01.5. Da América Latina ao Algarve. Os clientes e a arquitetura entre 1940 e 1950. ...33-36
01.6. As revistas e a propagação da arquitetura modernista. ...37

02. ESTUDAR O PROCESSO ARQUIVADO, CONHECER A OBRA. ...38-61

02.1. Do processo 708-55 à obra. A narrativa arquivada. ...40-41
02.2. Reordenar o processo. Tabelar os dados. ...42-43
02.3. Fase um. A proposta arquitetónica inicial, 1955. ...44–47
02.4. Fase dois. Repensar a proposta. ...48-51
02.5. Fase três. Em obra. ...52-57
02.6. Fase quatro. Primeira alteração ao edifício. ...58-61

03. AS PROPOSTAS PARA A CASA GAGO ROSA, 1955-69. ...62-96

Parte 01 - Cada habitação em dois pisos. ...64-78

03.1. A primeira proposta. ...64-65
03.2. A distribuição de duas habitações num único volume. ...66-67
03.3. A estrutura como elemento fundamental de composição. ...68
03.4. O programa doméstico. ...69
03.5. Uma análise aproximada do projeto desenhado. ...70–77
a) O natural como elemento integrante da arquitetura. ...72
b) Projetar o espaço doméstico como um todo. ...73
c) Arquitetura do Sol: das fachadas, aos terraços, ao interior. ...74-77

Parte 02 - Uma habitação por piso. ...78-95

03.6. A segunda proposta. ...78
03.7. Cada piso como uma habitação independente. ...79
03.8. A verdade construtiva numa solução arquitetónica. ...80
03.9. Uniformizar os interiores. Racionalizar a proposta. ...81
03.10. Reflexão detalhada sobre o projeto desenhado. ...82-87
a) O novo projeto paisagístico para a casa Gago Rosa. ...84
b) A figura humana como elemento central do espaço doméstico. ...85
c) Olhar a obra construída para reconhecer a proposta expressiva. ...85-87
03.11. Os registos de uma obra construída. Entre 1958 e 1969. ...88-95
a) As fotos da obra em construção e os vermelhos e amarelos. ...88-94
b) Uma alteração pós-construção desenhada pelo arquiteto. ...95

04. O REGISTO EXAUSTIVO DA CASA GAGO ROSA, 2024. ...96-152

04.1. O levantamento arquitetónico e o registo fotográfico da obra. ...98-117

04.1.1. A Poente. Acessos, plataformas e percursos pavimentados do logradouro. ...100-101

04.1.2. A sul. Do patamar de entrada, às rampas, às escadas, aos degraus e aos corrimãos. ...102-103

04.1.3. Garagens e arrumação. O programa integrado no piso do embasamento. ...104-105

04.1.4. A habitação no primeiro piso. Espaços interiores recuperados ou modificados. ...106-107

04.1.5. A habitação no segundo piso. Uma cápsula do tempo ao abandono. ...108-109

04.1.6. Pormenores originais da habitação do segundo piso. Portas, móveis e carpintarias. ...110-111

04.1.7. Alçados e terraços profundos. A conceção de uma imagem internacional. ...112-113

04.1.8. A escada de serviço. Degraus, patamares, terraço, guardas e caixilharia. ...114-115

04.1.9. A cobertura praticável. Um logradouro elevado sobre a cidade de Faro. ...116-117

04.2. Desenhos rigorosos do estado atual da casa Gago Rosa. ...118-139

04.2.1. O logradouro, as garagens e as fundações. ...120

04.2.2. O piso das entradas na casa. A habitação do primeiro piso. ...121

04.2.3. O piso das varandas a Sul e Poente. A outra habitação. ...122

04.2.4. O piso-miradouro. Um olhar sobre a cidade. ...123

04.2.5. A fachada Sul. ...124

04.2.6. A fachada Poente. ...125

04.2.7. A fachada Norte. ...126

04.2.8. A fachada Nascente. ...127

04.2.9. Um corte longitudinal a olhar a fachada Sul interior. ...128

04.2.10. Um corte longitudinal pelo corredor dos quartos e do vestíbulo, a olhar a Sul. ...129

04.2.11. Um corte longitudinal pelo quarto Nascente, banhos, cozinha e sala, a olhar a Sul. ...130

04.2.12. Um corte longitudinal pela sala, bengaleiro e banhos, a olhar a Norte. ...131

04.2.13. Um corte longitudinal pela varanda, sala, escritório e quartos, a olhar a Norte. ...132

04.2.14. Um corte transversal pelos compartimentos a Nascente, a olhar a Poente. ...133

04.2.15. Um corte transversal pelos banhos, corredor e quarto, a olhar a Poente. ...134

04.2.16. Um corte transversal pela escada interior e cozinha, a olhar a Poente. ...135

04.2.17. Um corte transversal a olhar a fachada Poente interior. ...136

04.2.18. Um corte transversal pelas garagens, engomadaria e salas, a olhar a Nascente. ...137

04.2.19. Um corte transversal pela escada exterior, copa e escritório, a olhar a Nascente. ...138

04.2.20. Um corte transversal pelos terraços e cozinhas, a olhar a Nascente. ...139

04.3. O 3D. De um instrumento de trabalho a um dispositivo de apresentação da obra. ...140-151

05. APRENDER COM A CASA GAGO ROSA. ...152-159

05.1. Documentar como ação de salvaguarda da obra do arquiteto MGdC. ...154-159

06. Bibliografia Geral ...161-163

07. Lista de figuras, desenhos e tabelas. ...164-171



A



B

SINDICATO DOS PESCADORES
DO DISTRITO DE FARO

CARTÃO DE IDENTIDADE
SÓCIO EFECTIVO



Delegação de : POSTIMÃO

Sócio Nº 531 | Nº da sede : P-531

NOME : JOSÉ CARRITA

Categoria Profissional : COMPANHEIRO | Cédula Marítima Nº 1323 | Da capitania del marítima de : ALBUFEIRA

Data de admissão 16 / 4 / 975 | O Presidente :

C

MUITO IMPORTANTE

Esta carteira deverá ser apresentada no Sindicato em JANEIRO de cada ano para efeito do VISTO ANUAL, de revalidação.

Nela devem constar todas as **entradas e saídas** de cada uma das entidades patronais, a que o seu titular preste serviço.

Quando se desempregue, deve inscrever-se no SERVIÇO DE COLOCAÇÕES do Sindicato para ter direito, se o solicitar, ao cancelamento das quotas, durante o tempo em que se mantiver desempregado, desde que não exceda a um ano.

As **entradas e saídas** dos estabelecimentos e **mudanças de residência** deverão ser comunicadas ao Sindicato, dentro de **15 dias**

D

Sindicato Nacional dos Profissionais na Indústria Hoteleira e Similares do Distrito de Faro

Carteira Profissional



Nº 888

Pertencente a : ANA PEREIRA DA COSTA

Categoria : Empregada de Quartos

Visto do Sindicato

O Presidente | O Secretário

Visto do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência

20.DEZ.1972



E



F

00. Introdução.

00.1. Motivação.

Este exercício de investigação parte do sentimento de dívida para com o Algarve e a minha família algarvia. Com a aproximação do término do percurso académico e o avizinhar de uma nova etapa, as reflexões sobre o passado são fartas. Mas, são as horas passadas ao sol, na areia, a estar e a crescer que guardo com especial carinho. Cresci em contato permanente com a imagem de um Algarve veraneante na casa da minha avó. Os verões passados com ela em Alvor que, na altura, pareciam durar uma vida, são agora memórias vivazes que espero que nunca me deixem.

O verão como o mar alimentaram gerações de algarvios, e empregaram famílias como a minha. O avô na apanha da sardinha e a avó empregada de quartos no hotel. A dinâmica familiar de homem no mar e mulher na Torralta era comum em Alvor após a abertura do complexo hoteleiro na década de 1960, substituindo, em grande parte, a anterior dinâmica de homem no mar e mulher na indústria conserveira. Aquele conjunto de equipamentos da Torralta foi durante a minha infância o exemplo de arquitetura modernista no Algarve, uma realidade distante da casa onde eu passava o verão, que, como tantas outras da zona, era toda caiada de branco com a respetiva açoteia, onde a avó secava a roupa e o avô secava os figos e o polvo.

Nesta mesma casa, já adulta e prestes a finalizar o curso de Arquitetura, apercebi-me, enquanto folheava o álbum de fotos da minha avó Ana, que a história da minha família era paralela às alterações profundas de ocupação do território Algarvio.

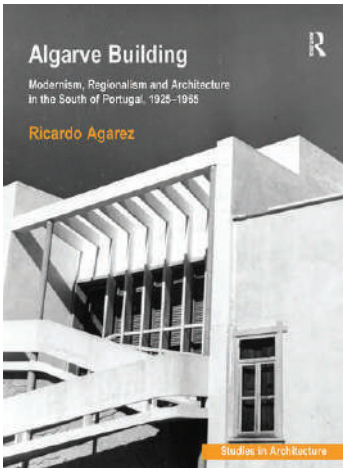
Com o sol, o mar e a Torralta em mente, quis saber mais sobre a *Construção do Algarve*[01]

fig. 08 **Fotografias de arquivo familiar da autora.**
A-B. José Cabrita na apanha da sardinha.
C. Cartão de Sócio Efetivo do Sindicato de Pescadores do Distrito de Faro de José Cabrita
D. Carteira Profissional de Ana Pereira da Costa, empregada de Quartos.
E-F. Ana Pereira da Costa na varanda da Torre A do complexo Torralta.
fonte: Arquivo da família da autora.

01 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965*. Porto: Dafne, 2023, p. 333.



fig. 09 Complexo hoteleiro da Torralta na década de 70, Alvor, Portimão. fonte: Arquivo do Museu Municipal de Portimão.



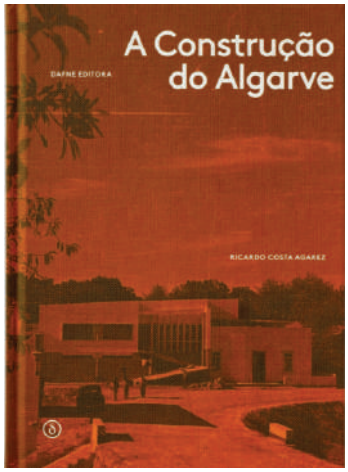


fig. 10 Capa da publicação "Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965" de Ricardo Agarez.
fig. 11 Capa da publicação "A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965" de Ricardo Costa Agarez.

00.2. O nascer da investigação. A oportunidade de estudo.

A iniciativa para este trabalho parte de uma dimensão afetiva, e numa fase inicial, a vontade era de explorar o tema da construção do *Algarve no tempo dos meus avós*.

Com a leitura da versão inglesa do livro "*A Construção do Algarve*"[01] do arquiteto e historiador Ricardo Costa Agarez, reconheci que, apesar de perfeitamente familiarizada com a diversidade arquitetónica algarvia, estava a deixar-me consumir pelos cânones simplistas que fizeram desta região "*simultaneamente atraente para supostos criadores de estereótipos nos anos de conservadorismo e para projetistas de espírito modernista*"[02].

De facto, a começo e ingenuamente, o Algarve que queria explorar era o da simplicidade geométrica das paisagens brancas que coexistem com pontuais apontamentos de arquitetura modernista de grande escala movida pelo turismo. O livro foi crucial para desmontar a visão estereotipada com que olhava esta região e permitiu compreender como a sua singularidade histórica e cultural se reflete na sua identidade arquitetónica.

Esta leitura deu-me a conhecer também o arquiteto Manuel Gomes da Costa e a importância da sua obra construída no panorama modernista do Algarve. Com o evento *The Modernist Weekend* surgiu a oportunidade de visitar as suas principais obras em Faro, entre as quais, a Casa Gago Rosa. A escolha do objeto de estudo surge assim com naturalidade.

A visita à casa permitiu estabelecer contacto com a arquiteta Margarida Belchior, moradora do primeiro piso, e com o arquiteto Gonçalo Vargas, último colaborador de Gomes da Costa e responsável pela primeira e única exposição em sua homenagem (2009), que logo se mostraram interessados e disponíveis para apoiar a investigação.

A prontidão das arquitetas Patrícia Malobbia e Teresa Valente, da Câmara de Faro, em facilitar o acesso à documentação de arquivo do objeto de estudo e ao processo de classificação do conjunto urbano em que este se insere foi igualmente determinante.

É da conjugação destes acontecimentos, que viabilizaram o registo documental exaustivo e rigoroso de uma obra de arquitetura, que nasce esta investigação.

---

01 AGAREZ, Ricardo Costa, – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965*, Porto: Dafne, 2023, p. 333 e *Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925–1965*, New York: Routledge, 2016.

02 *idem, p.208.*

00.3. Metodologia e Estrutura.

A investigação desenvolve-se sobre a premissa de conhecer e dar a conhecer uma obra de arquitetura pouco estudada, a casa Gago Rosa.

Esta dissertação foi dividida em seis capítulos de modo a dar a ver a obra na sua globalidade e destacando a importância das várias componentes da investigação, desde o contexto cultural e histórico em que se insere a casa à documentação detalhada do seu estado atual.

O capítulo "A casa Gago Rosa de Manuel Gomes da Costa" foca-se em conhecer os agentes que influenciaram direta e indiretamente a obra, desde as personalidades que fazem parte da sua história, arquiteto e cliente, ao contexto arquitetónico regional e internacional da época.

O capítulo "Estudar o processo arquivado, conhecer a obra" concentra-se em estudar o lastro material do projeto, a documentação arquivada escrita, desenhada e fotografada, além de introduzir a narrativa do nascer e erguer da casa, entre 1955 e 1958, e da sua alteração em 1969.

No capítulo "As propostas para a casa Gago Rosa, 1955-69" explora-se a evolução projetual a partir da análise e interpretação das peças desenhadas relativas à primeira e segunda proposta, e à proposta construída assim como à alteração posterior. A interpretação das peças percorre os temas recorrentes da arquitetura de Gomes da Costa, da expressão e linguagem que marcam a sua obra construída, dos raros esquiços da sua autoria e de fotografias de época.

No capítulo "O registo exaustivo da casa Gago Rosa, 2024" reinterpreta-se a obra a partir do levantamento desenhado e fotográfico exaustivo feito no local, e evidencia-se o estado atual através da reconstrução tridimensional e do desenho de plantas, de cortes e de alçados rigorosos e detalhados à escala 1/50.

No capítulo "Aprender com a Gago Rosa. Reflexões finais." sublinha-se a relêvancia de documentar a herança arquitetónica para salvaguardar as memórias das intenções que a produziram e das suas materialidades.

A marcar o início de cada capítulo são incluídos pequenos excertos do diário escrito que acompanhou o decurso da investigação.

CAPÍTULO 01



A casa Gago Rosa de Manuel Gomes da Costa.

12 de novembro de 2022

Fomos visitar a casa no segundo fim de semana do mês passado. Até aí, o que conhecíamos da obra reduzia-se às fotografias associadas ao anúncio da Open House Faro 2022 e às plantas que encontramos na internet na noite anterior à visita.

Resolvemos chegar meia hora antes do início da visita para conhecer a envolvente e explorar esta parte da cidade. No entanto, assim que avistamos a casa Gago Rosa no cimo da rua, percebemos que todo o tempo seria pouco para olhar para aquela casa.

"Rui, não pode ser! Como é que não conhecíamos isto antes!?"

Esse primeiro avistar da casa foi espantoso. Vindos do Mercado Municipal, a casa aparece como uma miragem tropical, diretamente retirada do Brasil ou da América Latina. Loggias que acompanham a totalidade da fachada, cobogós cerâmicos de diversos padrões, jogos de cor, textura e transparência. Impressionados com a expressão eminentemente moderna dos trópicos, presumimos que a tipologia e a distribuição do programa seria a habitual: duas vivendas camufladas numa casa unifamiliar, cada uma com o respetivo logradouro. Mas, quando entramos na casa da Arq. Margarida, entendemos que a habitação se estendia por um piso único.

Na verdade, a experiência que tivemos no interior foi singular, dificil de expressar por palavras: a de uma arquitetura que proporciona um ambiente de harmonia entre os sentidos.

"Acho que toda a gente devia conhecer isto."



fig. 12 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo Manuel Laginha.

fig. 13 Pedido de autorização da construção de uma casa para Alfredo Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55

01.1. A história da casa de Alfredo Gago Rosa.

Em setembro de 1955, o empresário bordeirense Alfredo Gago Rosa contratou o arquiteto Manuel Gomes da Costa para desenhar o projeto da sua casa em Faro. Emigrado na Venezuela há mais de dez anos, Gago Rosa procurava que a casa, na sua cidade natal, refletisse o panorama arquitetónico que conhecia na América Latina.[03]

Nesta altura, Faro era uma cidade em vias de reconfiguração por meio do aparelho central das obras públicas, que, a partir dos anos 40, deu início a um conjunto de alterações na estrutura socioeconómicas e produtiva da região em prol da diversificação do tecido social da cidade – até então dedicada maioritariamente à agricultura, pesca e pequena indústria – e da urbanização progressiva do território litoral nos crescentes centros urbanos.[04] Enquanto se planeava o tecido urbano de Faro, e se projetavam as importantes obras de caráter público à imagem do regime, como o Mercado Municipal e o Liceu de Faro, lá fora, o movimento moderno tomava proporções impressionantes.

Gomes da Costa, como muitos jovens arquitetos portugueses dessa época, mantinha-se informado sobre o panorama arquitetónico internacional por meio de revistas e livros de arquitetura nacionais e internacionais.[05] Estes assim como as várias exposições e as oportunidades de conviver com estudantes brasileiros na ESBAP na década de 1950 guiaram Gomes da Costa e viabilizaram projetos como o da casa Gago Rosa, em que o cliente procurava "*uma coisa moderna, (...) nova, (...), uma coisa diferente*"[06], como o que tinha visto enquanto emigrante.

O projeto para a casa nasceu de circunstâncias particulares. Explorá-las, permite-nos compreendê-lo com um olhar refinado. Assim, antes de proceder à análise da proposta construída, foi importante conhecer a história desta casa, quem a idealizou, onde se inspirou, como se integrou no contexto local e de que maneira o marcou.

---

03 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965*. Porto: Dafne, 2023, p. 333.

04 BRITES, Joana; CORREIA, Luís Miguel – *Obras Públicas no Estado Novo*. Coimbra: Impresa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 157.

05 "*É através da circulação de revistas estrangeiras [Architecture d'Aujourd'hui e Forum] e depois de exposições realizadas em Portugal que os arquitectos portugueses tomam conhecimento da "revolução" que a arquitectura brasileira começa a produzir no final da década de 40.*" MILHEIRO, Ana Vaz – *A Construção do Brasil – Relações com a cultura arquitectónica Portuguesa*. Porto: FAUP, 2005, p. 267.

06 AGAREZ, Ricardo Costa (entrevistador) – Entrevista a Manuel Gomes da Costa. Maio de 2008. Referida em: AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965*. Porto: Dafne, 2023, p. 333.





fig. 14 A - D. Manuel Gomes da Costa. De estudante a arquiteto formado. fonte: Arquivo Manuel Laginha, documentário "MGC. Moderno ao Sul", 2009 e Jornal do Algarve, 2023.

01.2. O arquiteto. Antes, durante e depois da casa Gago Rosa.

Manuel Gomes da Costa nasceu a 1 de janeiro de 1921 em Vila Real de Santo António, filho de um pescador e comerciante, e de uma doméstica. Aos 11 anos de idade, após a morte do pai, Gomes da Costa vai para Lisboa para continuar os estudos. Por meio do seu irmão mais velho, Joaquim Rebocho, que à data cursava pintura na ESBAL, conseguiu ingressar na escola Dona Maria Pia, em Xabregas, no curso industrial. Após concluir o curso, matriculou-se no Instituto Industrial de Engenheiros Técnicos, que lhe deu equivalência ao Sétimo ano do Liceu e lhe permitiu fazer o exame de ingresso na ESBAL. Em 1940, com 19 anos de idade, é admitido no Curso Especial de Arquitetura na ESBAL, porém descontente com o ambiente de ensino e a proximidade da instituição ao regime político, solicita, no ano seguinte, transferência para a Escola do Porto.[07]

"Entrei para o primeiro ano, e a Escola do Porto, então era completamente diferente da Escola de Lisboa, porque na Escola de Lisboa havia uma suspeição por causa do aspeto político, e havia um certo receio entre os alunos e os próprios professores. No Porto, a coisa era totalmente diferente, era um ambiente de camaradagem perfeita, e (...) de compreensão entre alunos e professores (...)" [08]



fig. 15. Projeto da "Casa de um Pilar" na capa da revista Arquitetura. fonte: Arquitectura n°30, 1949.

Frequentou a ESBAP entre 1941 e 1951, e foi premiado inúmeras vezes pelas suas competências e projetos manifestamente modernistas. Entre outros, destacam-se o projeto para o Mercado de Vila Real de Santo António (1945), – obteve a 1ª Medalha de Mérito e 20 valores - e o projeto da 'Casa de Um Pilar"(1949), obteve a 2ª Medalha de Mérito, 17 valores, – que foi exposto na IV Exposição Geral de Artes Plásticas (1949) e publicado na revista Arquitetura: Revista de Arte e Construção, n°30 (1949). Ambos os projetos foram feitos para a disciplina "*Projectos de Grande Composição*", lecionada por Carlos Ramos[09], cujo método de ensino, – que passava por incentivar o aluno a desenvolver a sua individualidade, – abriu caminho para o moderno em Portugal. Este mesmo meio formou arquitetos como Fernando Távora, Manuel Laginha, Vicente Castro[10], entre outros.

---

07 FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, Évora: Universidade de Évora, 2018, p. 30.

08 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas*) – *Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 4.03 - 4.29min.*

09 Carlos João Chambers de Oliveira Ramos (1897-1969) foi um arquiteto e urbanista português e professor da ESBAP na década de 1950.

10 Manuel Laginha (1919-1985) e Vicente de Castro (1920-2002) foram arquitetos contemporâneos de MGdC, formados na ESBAP e estabelecidos em Loulé e Portimão, respetivamente. Ambos tiveram um papel importante no desenvolvimento da arquitetura moderna do Algarve.



C



D

Os últimos anos do Curso Superior foram atribulados para Gomes da Costa. A nível pessoal, casou-se (1947) e constituiu família com Custódia da Encarnação, que conheceu nas reuniões da Movimento de Unidade Democrática (MUD) Juvenil que frequentava em Vila Real de Santo António. A nível profissional, começou a colaborar com o arquiteto Jorge de Oliveira em Faro (1945-50), e com o arquiteto Fernando Silva em Lisboa (1950) e iniciou o período de tirocínio no atelier de Manuel Laginha (1951-53), também em Lisboa.[11] Não conseguindo conciliar a agenda de início de carreira em Lisboa com a de fim de curso no Porto, pediu transferência para a ESBAL para concluir as duas disciplinas em falta e iniciar o projeto para o CODA. Em 1953, o seu projeto para o CODA, "Um Clube Recreativo e Cultural", foi aprovado com 16 valores – "nessa altura na Escola de Lisboa não davam mais de 12 valores aos alunos que vinham do Porto (...) mas como as minhas classificações eram muito altas, lá consegui fugir à média (...)"[12] – e a Cooperativa Agrícola de Santa Catarina da Fonte do Bispo veio a ser construída em 1956. Após a breve passagem pela cidade de Lisboa, regressou ao Sul para se estabelecer em Faro, onde permaneceu até falecer com 95 anos de idade.[13]

Nos seus 50 anos de carreira, projetou quase quatrocentas obras de arquitetura na região do Algarve[14], metade destas na cidade de Faro[15]. Apesar da papel que teve na história da arquitetura do Algarve, à exceção da publicação e exposição de alguns projetos no início de carreira, a obra de Manuel Gomes da Costa só começou a ser explorada depois de ter posto um ponto final na sua carreira em 2002, quando começou a perder a visão por causa de uma doença degenerativa que tinha.[16]

---

11 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas) – Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 9:11 - 10:23 minuto.*

12 VARGAS, Gonçalo – *Arquitecto Manuel Gomes da Costa In* Revista VRSA n°2, Vila Real de Santo António: Câmara Municipal de Santo António, 2010, p. 42.

13 FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus (entrevistador) – *Entrevista não-estruturada feita ao filho mais velho do arquitecto, Alexandre Gomes da Cost, no dia 20 dde Dezembro de 2016.* Referida em: FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, Volume II, Anexo 3, Évora: Universidade de Évora, 2018, p. 19.

14 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965.* Porto: Dafne, 2023, p. 352.

15 FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, Évora: Universidade de Évora, 2018, p. 238

16 FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus (entrevistador) – *Entrevista não-estruturada feita ao filho mais velho do arquitecto, Alexandre Gomes da Cost, no dia 20 dde Dezembro de 2016.* Referida em: FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, Volume II, Anexo 3, Évora: Universidade de Évora, 2018, p. 19.

01.3. Cronologia dos estudos sobre a obra de Gomes da Costa.

1949
1950
1953
2005
2006
2009
2010
2013
2016
2017
2018
2023

• "*Casa de um Pilar*", Arquitectura n°30, 1949. [revista]

• *IV Exposição Geral de Artes Plásticas,*1949 e *V Exposição Geral de Artes Plásticas,*1950. [Exposições]

• "*Milagre em Loulé.* [Faro] Moradia pelo Arquitecto Gomes da Costa", A arquitectura portuguesa e cerâmica e edificação - habitação e artes domésticas n° 3 e 4, 1953. [revista]

• José Fernandes e Ana Janeiro – *Arquitectura no Algarve. Dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese*, 2005. [publicação]

• José Fernandes –"*De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa. Dois autores e duas concepções da arquitetura no século XX em Faro",* Monumentos 24. [publicação]

• *"Moderno ao Sul",* Faro 2009, *VRSA* 2010, *Aljezur* 2011. [Exposições]

• "*Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul*", 2009. [Documentário]

• Ana Tostões – "Casa de vacaciones en la Isla de Faro" e "Vivienda y estudio Gomes da Costa", La vivenda moderna Registro DOCOMOMO Ibérico 1925-1965, 2009. [publicação]

• "*Igreja Matriz de Santa Luzia"* e "*Casa do Povo de Moncarapacho", Registo* DOCOMOMO Ibérico, acessado a: https://t.ly/mt2Ay. [website]

• Ana Tostões –*"Manuel Gomes da Costa: arquitecto da causa moderna entre local e global"*, Homenagem a Gomes da Costa, 2010. [apresentação]

• Gonçalo Vargas –"Arquitecto Manuel Gomes da Costa", Revista VRSA n°2, 2010. [revista]

• Gonçalo Vargas –"*Arquitecto Manuel Gomes da Costa. Milagre do Algarve", Al-Rihana: Revista Cultural do Município de Aljezur,* 2013. [revista]

• Miriam Gutiérrez –"Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro", Arquitectura, Patrimonio y Ciudad, 2016. [congresso]

• Miriam Gutiérrez –"Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos", 16° Congreso Internacional EGA, 2016. [congresso]

• Miriam Gutiérrez –"De la mirada documental a la mirada artística Siete en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa", Congreso Internacional Inter: fotografía y arquitectura, 2016. [congresso]

• Ricardo Agarez – Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965, 2016. [publicação]

• José Joaquín Bañón –"Principios Arquitectonicos de Manuel Gomes da Costa", "Cuatro Casas de Sección Trapezoidal", "Manuel Gomes da Costa: Arquitectura Residencial en Tavira", "Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa", ACCA 015, 2016. [congresso]

• Rogério Gomes –"*Gomes da Costa. Casa Alfredo Gago, Faro (1955-1956)"*, in O Moderno Português na sua Expressão Tectónica. Anatomia construtiva aplicada à habitação unifamiliar em Portugal, 1948-1955, 2017. [doutoramento]

• Filipa Alves –"*Manuel Gomes da Costa: o Arquitecto e a obra"*. [dissertação]

• Gonçalo Vargas –"Manuel Gomes da Costa (1921-2016), o impulsor da arquitectura moderna em Faro", Anais do Município de Faro, 2018. [revista]

• José Joaquín Bañón –"Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna", X Congreso DOCOMOMO Ibérico, 2018. [congresso]

• Vitor Hugo Faustino – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, 2018. [dissertação]

• Ricardo Costa Agarez – A Construção do Algarve. Arquitetura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal 1925-1965, 2023. [publicação]

• "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada, 2023.



01.4. Faro, cidade e legado arquitetónico.

Aquando da chegada do arquiteto Manuel Gomes da Costa a Faro, no começo da década de 1950, a cidade encontrava-se em vias de reestruturação e expansão. O planeamento urbano da cidade, idealizado e impulsionado pelo Estado, com projetos como o Ante-Plano Geral de Urbanização de Faro, de João António de Aguiar (1945), procurava assegurar os interesses nacionais para a província. No entanto, o Município de Faro e respetivas entidades, que queriam garantir respostas adequadas às necessidades locais, foram os principais responsáveis pela reformulação da imagem da cidade. O tecido urbano que outrora refletira a *"estrutura socioeconómica e produtiva da região"*, passou a ser valorizado por conta de investimento público em equipamentos de assistência à população e investimento privado na urbanização dos terrenos adjacentes.[17]

O conjunto urbano que une o Mercado Municipal ao Liceu de Faro e integra a casa Gago Rosa representa devidamente o planeamento urbano previamente mencionado. O seu valor arquitetónico, face ao ambiente construído entre os anos de 1940 e 1960, confirmou-se em agosto de 2020 quando o *Conjunto Urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária João de Deus*[18] foi classificado como Conjunto de Interesse Municipal e, em dezembro de 2023, foi prolongado para integrar a Escola Secundária João de Deus e parte da Rua de Berlim[19].

Visto que a classificação do conjunto refere "critérios relativos ao seu interesse como testemunho notável do seu valor estético, técnico e material intrínseco, conceção arquitetónica, urbanística e paisagística, à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória coletiva (...)"[20], utilizá-lo como ponto de partida para a contextualização do panorama arquitetónico de Faro desta altura é adequado, já que facilita a aprendizagem do contexto urbano que a obra de Gomes da Costa integra e permite conhecer o impacto que esta teve na cidade.

A análise passa por, numa fase inicial, tabelar informação que facilita o reconhecimento de padrões no ambiente construído da cidade e, simultaneamente, permita compreender o conjunto que o objeto de estudo integra, nomeadamente: o cliente, enquanto promotor público ou privado; o arquiteto ou engenheiro civil responsável; a data de conceção do projeto; a arquitetura; o nível de proteção atribuída pelo município ao edifício.

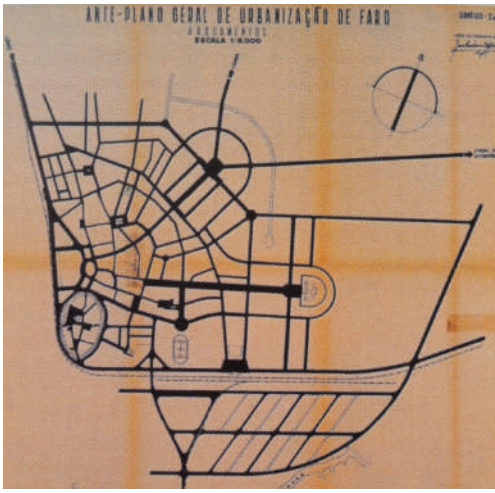


fig. 16 Vista panorâmica da cidade de Faro, desde o mercado ao liceu.
fonte: Museu Municipal de Faro
fig. 17 Ante-Plano Geral de Urbanização de Faro, plano geral, 1945.
fonte: Catálogo da exposição "Faro, Marcos de Urbanismo"

17 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitetura moderna, regionalismo e identidade no Sul de Portugal, 1925-1965*, Porto: Dafne Editora, 2023, p. 309.

18 *"Conjunto urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária João de Deus, constituído pelas Ruas General Humberto Delgado; Praceta Coronel Pires Viegas e Praceta Eng.º Duarte Pacheco (...)"* – DR n.º 161/2019, Série II de 2019-08-23, Edital 968/2019, Parte H, Município de Faro, p. 309 - 314.

19 *"Prolongamento do conjunto urbano classificado (entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária João de Deus) incluindo a Rua de Berlim e a Escola Secundária João de Deus, constituído pelas: Av.ª 5 de Outubro (entre os nºs 67 a 85 e, 204); Av.ª Dr Júlio Almeida Carrapato (entre os nºs 97 aos 117) e, Rua de Berlim (entre o nºs 5 aos 63), (...)"* – DR n.º 233/2023, Série II de 2023-12-04, Edital n.º 2048/2023, Parte H, p. 376 - 381.

20 DR n.º 233/2023, Série II de 2023-12-04, Edital n.º 2048/2023, Parte H, p. 376

Obra	Cliente			Arquiteto/Engenheiro			Arquitetura			Processo + data de construção	Proteção		
	Púb.	Priv.	Nome	Engº	Arq.	Nome	M	C	H		I	E	S/
1-3		X	Amadeu André	X		Humberto Carrapato		X		1952		X	
4		X	Manuel Milreu	X		Humberto Carrapato		X		1954		X	
5		X	Marçala Chagas	X		Joaquim Belchior		X		1952		X	
6								X				X	
7													X
8		X	Eduardo Contreiras		X	Jorge de Oliveira		X		1955	X		
9		X	Manuel Rodrigues		X	Jorge de Oliveira		X		1954	X		
10		X	Manuel Pereira		X	Jorge de Oliveira		X		1954	X		
11								X				X	
12		X	Manuel Mendonça	X		Humberto Carrapato		X		1954		X	
13		X	Rosa Correia	X		Humberto Carrapato		X		1952		X	
14		X	Eduardo Contreiras	X		Joaquim Belchior		X		1952		X	
15		X	Alfredo Gago Rosa		X	M. Gomes da Costa	X			1955	X		
16		X	Rosa Correia	X		Humberto Carrapato		X		1952		X	
17		X	José Pinto	X		Joaquim Belchior		X		1953		X	
18		X	Arminda e Ermelinda Filipe	X		Humberto Carrapato		X		1952		X	
19		X	José Afonso		X	M. Gomes da Costa	X			1959	X		
20		X	Joaquim P. Fundado			José J. Lopes	X			1939	X		
21-22								X				X	
23-25								X				X	
26		X	Ernest Henzler	X	X	Humberto Carrapato, Jorge de Oliveira		X		1955		X	
27-28	X		DGSU	X		Manuel Carrapato		X		1946		X	
29-30		X	António Balão Junior	X		Joaquim Belchior			X	1958		X	
31-32		X	João Viegas Junior	X		Fernando Mendonça			X	1960		X	
33													X
34	X		Município de Faro		X	Jorge de Oliveira		X		1944	X		
35								X				X	
36		X	C. Mascarenhas	X		Humberto Carrapato		X		1951		X	
37-40		X	Amadeu André	X		Humberto Carrapato		X		1951		X	
41	X		Município de Faro		X	M. Gomes da Costa	X			1960	X		
42		X	Manuel Contas, Veríssimo Gonçalves	X		Humberto Carrapato		X		1952		X	
43		X	Amílcar Fazenda	X		Humberto Carrapato		X		1954		X	
44-45		X	Augusto da Costa	X		Vitor Manuel Viegas		X		1950		X	
46-47		X	Eduardo Contreiras	X		Joaquim Belchior			X	1957		X	
48	X		Diocese do Algarve			M. Gomes da Costa	X			1957	X		
49-52		X	Amadeu André			Humberto Carrapato		X		1950		X	
53		X	Pedro Magalhães			Jorge de Oliveira		X		1949	X		
54								X				X	
55		X	Carlos Filipe Patrício	X		Carlos Filipe Patrício	X			1939		X	

Obra	Cliente			Arquiteto/Engenheiro			Arquitetura			Processo + data de construção	Proteção		
	Púb.	Priv.	Nome	Eng°	Arq.	Nome	M	C	H		I	E	S/
56		X	António Guerreiro	X		António Teixeira		X		1946		X	
57		X	João Vieira Branco	X		António Teixeira		X		1946			
58		X	Francisco Pereira	X		José Apolónia Correia			X	1957		X	
59-61													X
62		X	Francisco Pereira	X		Humberto Carrapato		X		1956		X	
63		X	José Pires Neves	X		Humberto Carrapato		X		1954		X	
64	X		Maria Luísa Cavaco	X	X	Mário Lima		X		1954		X	
65									X			X	
66		X	Valêncio Dias Bexiga	X	X	Mário Lima		X		1954		X	
67-69		X	Mendonça e Viegas			Humberto Carrapato		X		1952		X	
01		X	Manuel Mendonça, José Pereira	X		Joaquim Belchior			X	1958		X	
02	X		Programa 1933 - Casas Económicas	X		Jorge Albuquerque			X	1958		X	
03		X	Aníbal Rosa da Silva José Brandão Pinheiro		X	M. Gomes da Costa	X			1965		X	
04		X	António Pinheiro Brandão		X	M. Gomes da Costa	X			1957		X	
05			-	X		Humberto Carrapato		X		1955		X	
06-07		X	Manuel Mendonça	X		Humberto Carrapato		X		1951		X	
08	X		Estado			João Reis		X		1979		X	
09	X		Estado			João Costa e Silva		X		1958	X		
10		X	Aníbal Guerreiro		X	M. Gomes da Costa				1960	X		
11		X	José Mateus Horta		X	M. Gomes da Costa	X			1970	X		
12		X	António Pinheiro Brandão		X	M. Gomes da Costa	X			1959	X		
13		X	António Pinheiro Brandão		X	M. Gomes da Costa	X			1959	X		
14 - 16								X				X	
17		X	José Faria Júnior	X		Joaquim Belchior	X			1959	X		
18			-		X	M. Gomes da Costa	X				X		
19		X	Ohmar Szymanski		X	M. Gomes da Costa	X			1960	X		
20								X				X	
21		X	José Gregório Silva			-		X		1968	X		
22		X	Hermenegilo Paiva		X	M. Gomes da Costa	X			1960	X		
23		X	Orlando A. Silva		X	M. Gomes da Costa	X			1960	X		
24		X	-		X	M. Gomes da Costa	X			-	X		
25		X	Aníbal Guerreiro		X	M. Gomes da Costa	X			1964	X		
26		X	Eusébio Lopes, José M. André		X	M. Gomes da Costa	X			1962	X		
27													

CLIENTES
- Púb. - Público
- Priv. - Privado

ARQUITETURA
- M - Moderno
- C - Conservador
- H - Híbrido

PROTEÇÃO MUNICIPAL
- I - Integral
- E - Estrutural

- s/ informação
- s/ proteção
- edifício classificado

CIM 2020
- proteção integral
- proteção estrutural

CIM 2023
- proteção integral
- proteção estrutural

- Encomendas de emigrantes na A. Latina

tab.01 Análise de dados relativos aos Conjuntos de Interesse Urbano 2020 e 2023. Cliente, Arquiteto, Tipo de arquitetura, Data de construção/Registada em processo e Categoria de proteção garantida pela Câmara Municipal de Faro.
fonte: Autora (2024)

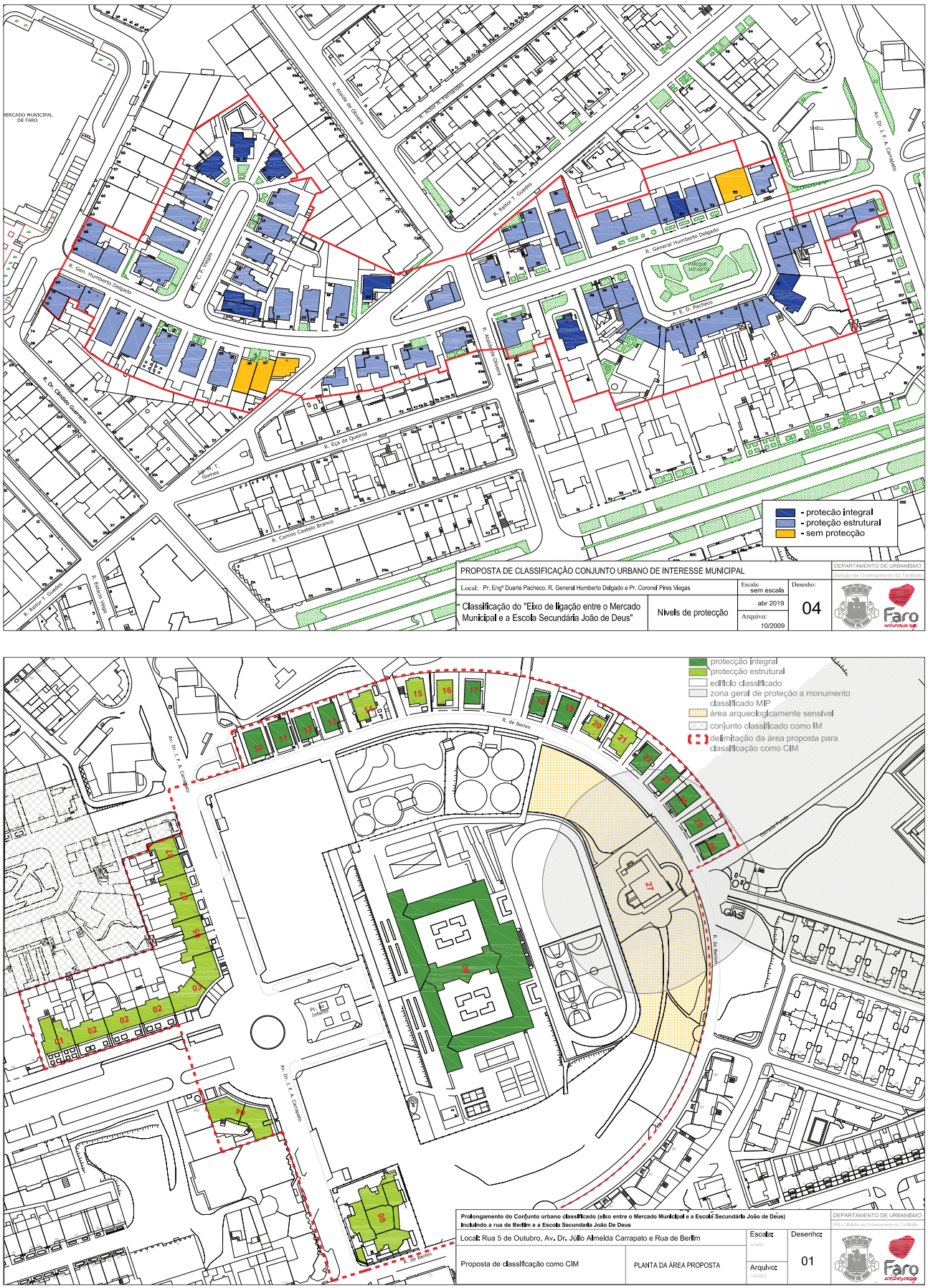


fig. 18 A. Conjunto Urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária João de Deus. **B.** Prolongamento do Conjunto Urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária para incluir a Rua de Berlim e a Escola Secundária João de Deus.
fonte: DR n.º 152/2020, Série II de 2020-10-06, Edital 865/2020, p. 235, e n.º 233/2023, Série II de 2023-12-04, Edital 2048/2023, p. 381.
fig. 19 Algumas das obras do Conjunto de Interesse Urbano e a sua categorização em arquitetura Modernista, Conservadora ou Híbrida.
fonte: Fotografias da autora (2023)














Modernista	**Conservador**	**Híbrido**
Arq. **Manuel Gomes da Costa** e des. José J. Lopes	Arq. **Jorge de Oliveira** e Engª. **Humberto Carrapato**, etc.	Engª **Joaquim Belchior**, Engª **Humberto Carrapato** e Engª Mário Lima.
CIM 2020 (15,19, 20) e CIM 2023 (22-26)	CIM 2020 (34, 49-52, 53) e CIM 2023 (15)	CIM 2020 (58, 65, 29-30) e CIM 2023 (2)

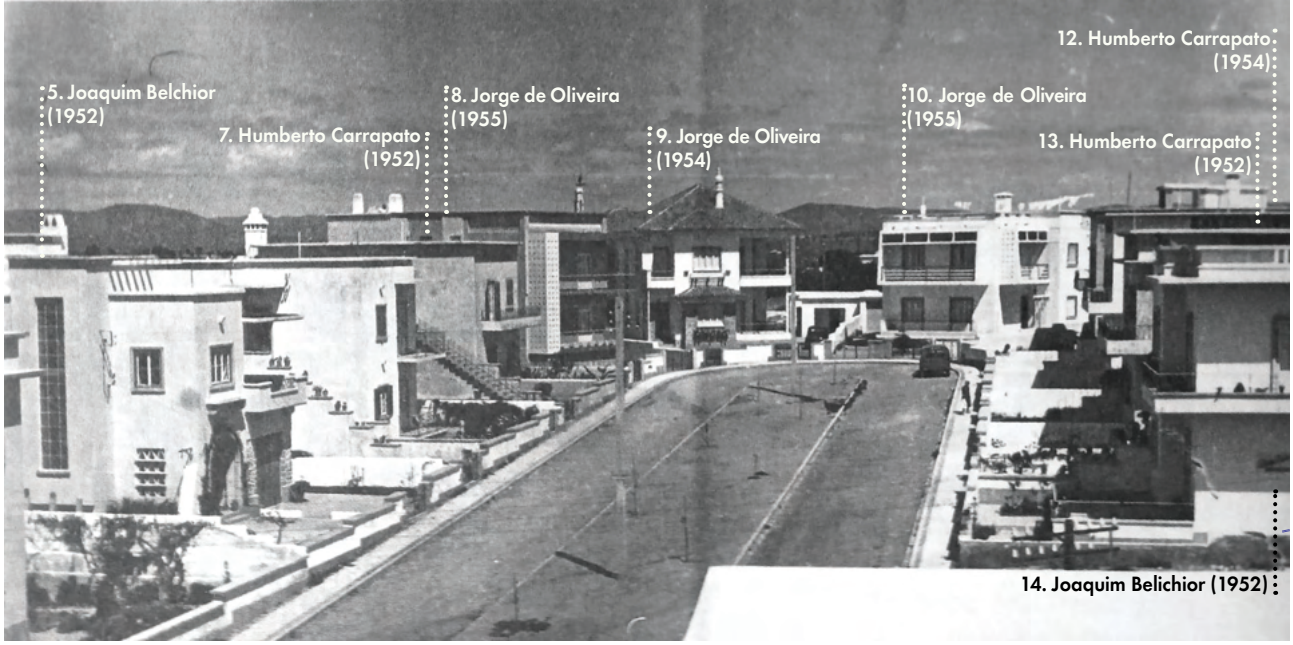


fig. 20 Praceta Coronel Pires Viegas antes da casa Gago Rosa, 1955. Integra o CIM 2020.
fonte: Museu Municipal de Faro. Editada pela autora (2024).

Este exercício elucida-nos, de forma sucinta, sobre a realidade da construção do Algarve nas décadas de 1940 e 1950. Numa fase inicial, pareceu-nos curioso que estivéssemos perante um conjunto urbano de "*amplo leque de opções formais e inclinações estéticas, (...) ilustrando não apenas as posições extremas, (o nacionalismo de coruchéu telhado e esfera armilar e o moderno da grelha estrutural como valor plástico) como também as múltiplas posições intermédias*"[21], já que, desde cedo, se tenha reconhecido que o intervalo de tempo entre edifícios era, muitas vezes, insignificante. Esta realidade foi rapidamente esclarecida quando se confirmou aqui, assim como no ambiente geral, que a construção era idealizada por quatro tipos de figuras: o engenheiro civil que dominava o panorama, como Humberto Carrapato e Joaquim Belchior; o arquiteto manifestamente modernista, como Manuel Gomes da Costa; o arquiteto de temperamento conservador, como Jorge de Oliveira; e o cliente, com respetivas ambições e circunstâncias. Posteriormente, decidiu-se integrar neste cruzamento de informação o nível de proteção do edifico por parte do município que permite valorizar e assegurar o futuro da herança arquitetónica.

A classificação do nível de proteção do edificado foi estabelecida tendo em conta vários fatores. Ainda assim, tendencialmente, os edifícios com proteção integral correspondem aos desenhados por arquitetos e aos que se encontram em bom estado de conservação. Já os que têm proteção estrutural são geralmente os associados a engenheiros. Estes dois níveis garantem que no futuro não se permita qualquer alteração significativa na expressão do edifício. Para além disto, a proteção integral exige que as futuras intervenções nestas obras sejam feitas em acordo com o projeto original do autor, condição que abrange a arquitetura, o paisagismo e a vegetação.

O exemplo da casa Gago Rosa, desenhada por um arquiteto em 1955, é abrangida pelo nível máximo de proteção. Assim, as futuras obras de conservação terão de ter em conta os desenhos originais de Gomes da Costa para o edifício, considerando aspetos que se estendem até aos materiais, acabamentos e cores, aos pormenores de caixilharias e guardas, tal como ao carácter do espaço exterior, entre outros; aspecto pelo qual um registo pormenorizado destes elementos contribuirá sempre para uma proteção informada do património arquitetónico.

21 DR n.º 152/2020, Série II de 2020-10-06, Edital 865/2020, Município de Faro, Parte H, p. 230-235. e DR n.º 233/2023, Série II de 2023-12-04, Edital n.º 2048/2023, Município de Faro, Parte H, p. 376 - 381

01.5. Da América Latina ao Algarve. Os clientes e a arquitetura entre 1940 e 1950.

A imagem da casa Gago Rosa é, evidentemente, influenciada pela produção arquitetónica latino-americana experienciada por Alfredo Gago Rosa, enquanto emigrante na Venezuela, e (re)conhecida por Manuel Gomes da Costa, enquanto eterno aluno dos mestres da arquitetura modernista. Ainda que constitua um exemplo singular de arquitetura, - face ao conjunto urbano que integra e ao ambiente construído de Faro, à data e atualmente - a dinâmica que a gerou, de cliente emigrado na América Latina e arquiteto que constrói na sua cidade natal, está presente em alguns dos projetos de arquitetura confiados a Manuel Gomes da Costa nos anos de 1950, em Faro.

Qualquer algarvio emigrado no Brasil, Argentina e Venezuela na década de 1940, teve oportunidade de presenciar o nascer do modernismo latino-americano do pós-guerra e de se familiarizar com a linguagem adjacente ao movimento. Os que tiveram o privilégio de regressar ao Algarve nas décadas seguintes, com poupanças acumuladas, novas expectativas e uma imagem de modernidade formada, acabaram por investir na construção, muitas vezes sob a condição de que esta devia espelhar o que viram crescer no estrangeiro.[22] Empresários, como Alfredo Gago Rosa e António Pinheiro Brandão e família, são exemplo de profissionais que encontraram, no outro lado do Atlântico, oportunidades de trabalho irrefutáveis e que, ao retornarem na década de 1950, incentivaram a entrada do movimento internacional no quadro edificado da cidade, que, na época, era tendencialmente conservador.

Ao analisar os projetos de Gomes da Costa referentes ao Conjunto de Interesse Urbano podemos perceber que, numa fase inicial, a arquitetura modernista em Faro era, de facto, sinónimo deste tipo particular de cliente, - endinheirado, viajado e conhecedor do ambiente estrangeiro. No entanto, fruto da inserção destas primeiras soluções num espaço central da cidade, começou a observar-se uma democratização da linguagem modernista por entre a elite cultural farense[23] e uma crescente procura por soluções modernas ou que integrassem aspetos adjacentes ao moderno.

22 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitetura moderna, regionalismo e identidade no Sul de Portugal, 1925-1965,* Porto: Dafne Editora, 2023, p. 388.

23 VARGAS, Gonçalo –*Manuel Gomes da Costa (1921-2016), o impulsor da arquitectura moderna em Faro* In Anais do município de Faro, Vol: 40, Faro, 2018, p. 316.

fig. 21 Edifício Silva-Pinheiro.
fig. 22 A. Casa Brandão e Casa Dias Brandão. **B.** Edifício Brandão.
fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas







Identificar o que era feito na América Latina, na década de 1940 e 1950, expõe-nos à arquitetura que influenciou o projeto para a casa Gago Rosa – possivelmente o primeiro instante de parceria entre os panoramas Farense e Latino-Americano – e que marcou as primeiras obras de Gomes da Costa. Facilita também o reconhecimento de elementos-chave do movimento apropriados por diversas figuras influentes na construção e possibilita o entendimento generalizado da cidade nesta época. De modo a apresentar, com brevidade, exemplos representativos da arquitetura latino-americana à data, escolheu-se analisar as obras documentadas na exposição *"Latin American Architecture since 1945"* apresentada no MOMA Nova Iorque, entre 1955 e 1956.

"A colorida e dramático conquista arquitetónica que emergiu do maior boom construtivo a nível mundial na América Latina vai ser apresentado na grande exposição "Latin american architecture since 1945", no Museum of Modern Art, (...) entre 25 de novembro e 19 de fevereiro. [As obras apresentadas foram selecionadas] por Henry-Russell Hitchcock, o conhecido historiador de arquitetura moderna, e a memorável instalação é de Arthur Drexler, curador do Departamento de Arquitetura e Design. Os murais fotográficos em grande escala, as plantas e os slides coloridos tridimensionais em mostradores individuais são usados de modo a ilustrar as recentes e notáveis conquistas de arquitetos latino-americanos, cujo trabalho, diz Hitchcock, em tempo recente supera a construção europeia e corresponde ao alcance e vitalidade da arquitetura moderna deste país. (...) Para coincidir com a abertura da exposição, o livro "Latin american architecture since 1945", escrito por Henry-Russell Hitchcock, e que inclui as fotografias das obras apresentadas é publicado pelo museu."[24]

Cinquenta e seis arquitetos e mestres de arquitetura, onze países da América Latina, quarenta e nove de obras com programas, escalas e contextos variados, reunidos a fim de dar a conhecer o que estava a ser construído na região entre 1945 e 1955. Os países que escolhemos destacar nesta análise, Venezuela e Brasil, representam os principais destinos de emigração dos algarvios e, por isso, relevam-se particularmente importantes para evidenciar a experiência específica do cliente Alfredo Gago Rosa, – que assistiu a um grande "boom" construtivo enquanto esteve na América Latina – e do arquiteto Manuel Gomes da Costa, – cujas referências arquitetónicas eram, entre outros, os mestres brasileiros como Affonso Eduardo Reidy, Óscar Niemeyer e Lúcio Costa.

fig. 23 Fotografias da instalação da Exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56. fonte: Arquivo de exposições e eventos do MoMa, em moma.org/calendar/exhibitions/2436







24 n/a, *Latin American Architecture since 1945* (press release, 22 nov. 1955) n. 96, Nova Iorque: The Museum of Modern Art.

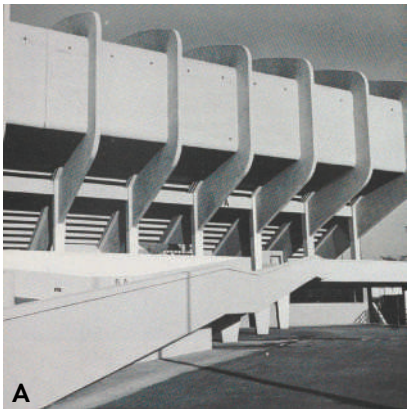
Com intuito de reunir um conjunto de exemplos que retratem a expressão arquitetónica característica desta região, selecionou-se um conjunto fotográfico das obras apresentadas por arquitetos venezuelanos – seis obras de arquitetura, todas situadas na cidade de Caracas – e por arquitetos brasileiros – oito obras de arquitetura espalhadas pelo Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo e São José dos Campos.

"Segundo Hitchcock, enviado por parte do museu para a América Latina para conduzir este inquérito, as principais características da arquitetura latino-americana são: 1) O uso generalizado do betão na construção de gaiola convencional e formas de casca fina, devido à falta de madeira estrutural ou aço: 2) Os inúmeros dispositivos, herdados ou recentemente desenvolvido, para controlar o calor excessivo e o brilho do sol: 3) Maior uso da cor, em reboco pintado ou mosaico, etc., do que em qualquer outro lugar do mundo."[25]

25 n/a, *Latin American Architecture since 1945* (press release, 22 nov. 1955) n.ª 96, Nova Iorque: The Museum of Modern Art.

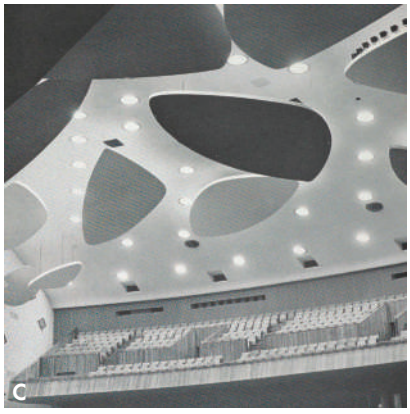
fig. 24 A. Estádio Olímpico, 1950-1951, Carlos Raúl Villanueva **B.** Edifício Polar, 1952-1954, Martín Vegas Pacheco e José Miguel Galia. **C.** Praça coberta, 1952-1953. Carlos Raúl Villanueva **D.** Aula Magna, 1952-1953, Carlos Raúl Villanueva **E.** Unidad de Habitación, 1951-1954, Guido Bermúdez **F.** Multicelulares, Cerro Piloto, 1954, Guido Bermúdez **G.** Edifício Montserrat, 1950, Moisés Benaceraff, Carlos Guinand Baldó.
fonte: Catálogo da exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56.

VENEZUELA

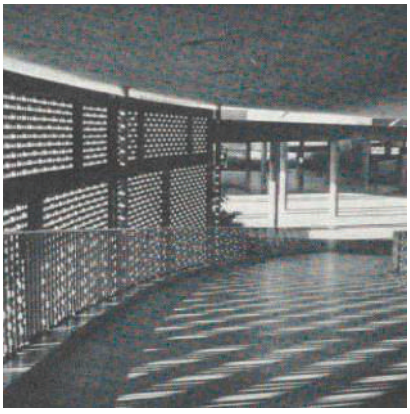




















BRASIL

fig. 25 A. Conjunto de Apartamentos, Pedregulho, 1948-1950, Affonso Eduardo Reidy. **B.** Escola Primária e Ginásio - Pedregulho, 1948-1950, Affonso Eduardo Reidy. **C.** Ministério da Educação e Saúde, 1937-1942, Lúcio Costa. **D.** Edifício Nova Cintra, Bristol e Nova Caledônia, 1947-1953, Lúcio Costa. **E.** Casa para funcionários, Centro Técnico de Aeronáutica, 1947-1948, Óscar Niemeyer. **F.** Igreja de S. Francisco, 1943, Óscar Niemeyer. **G.** Casa para o arquiteto, 1953-1954, Óscar Niemeyer.
fonte: Catálogo da exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56.

A arquitetura da América Latina do pós-guerra, aqui reduzida a uma recolha fotográfica, é resultado direto da evolução contextual e cultural do movimento moderno de arquitetos europeus como Le Corbusier, Walter Gropius, Jap Bakema e Giuseppe Terragni. Assim, é evidente que estes façam parte do leque de referências de Gomes da Costa e que tenham influenciado, tanto o projeto da casa Gago Rosa quanto as restantes obras do arquiteto no Algarve.[26] Na obra de Le Corbusier apresentada na exposição, a Casa Curutchet em La Plata, Argentina, concluída em 1955, presenciamos um mestre do Movimento Moderno a adaptar a sua arquitetura ao contexto latino-americano, o que resulta numa obra com uma leitura semelhante à da casa de Gomes da Costa que poderia ser dada como uma fonte de influência direta se não fossem tão contemporâneas.

26 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas) – Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 07:40 - 08:12 minuto.*



fig. 26 A. Brazil Builds, 1943. **B.** Brazil, The Architectural Review, 1944 **C.** Brésil, L'Architecture d'Aujourd'hui n°13-14, 1947. **D.** Urbanisme en Amérique Latine, L'Architecture d'Aujourd'hui n°33, 1950. **E.** Brésil, L'Architecture d'Aujourd'hui, n°42-43, 1952. **F.** Catálogo Latin American Architecture since 1945 by Henry-Russell Hitchcock, 1955.

01.6. As revistas e a propagação da arquitetura modernista.

Conhecidos os principais agentes do projeto para a casa Gago Rosa, o arquiteto e o cliente, e os panoramas arquitetónicos aos quais estão associados, Algarve e Venezuela, respetivamente, precisamos de clarificar: *como é que a arquitetura construída para além do Atlântico influenciou Manuel Gomes da Costa, que nunca havia saído de Portugal?*

As revistas de arquitetura foram o principal meio de difusão do movimento nesta altura, já que comunicar os feitos arquitetónicos internacionais para o meio europeu era, de outra maneira, difícil. Para Manuel Gomes da Costa, as publicações de arquitetura, revistas e catálogos, foram, assim como as periódicas exposições que frequentou, a melhor forma de se manter informado sobre o panorama arquitetónico internacional da década de 1940 e 1950 e, possivelmente, o principal contribuinte para a realização de obras como a casa Gago Rosa, cujas raízes são essencialmente latino-americanas, mas adaptadas ao Algarve.

Não surpreende que Manuel Gomes da Costa conhecesse bem o que se construía lá fora, a sua arquitetura revela-o, mas o que leu e viu ao certo nunca foi confirmado. Ainda assim, sabemos que "Gomes da Costa tinha por hábito adquirir revistas francesas e italianas e arquivar, na memória, os projectos publicados,"[27] e que "Costa era leitor ávido de revistas como a L'Architecture d'Aujourd'hui, onde viu o modernismo "pesado" de Le Corbusier transformar-se em algo mais "leve e arejado" no Brasil."[28], então, podemos presumir quais as publicações que foram cruciais para a arquitetura de Gomes da Costa no início da sua carreira em Faro.

Em Portugal, a documentação do panorama latino-americano não constituiu prioridade para as revistas de arquitetura, estando quase omissa nas publicações da década de 1940 e ainda extremamente apagada na década de 1950.[29] Já nas revistas de arquitetura europeias, *L'Architecture d'Aujourd'hui, Architectural Review, Domus,* entre outras, predominavam as edições inteiramente reservadas à arquitetura brasileira e ao urbanismo latino-americano, assim como textos e artigos dedicados a obras e arquitetos cruciais na afirmação do movimento no pós-guerra.

27 AGAREZ, Ricardo Costa – *Manuel Gomes da Costa (1921-2016): o motor da arquitectura moderna algarvia* In *Revista Público, 26 de junho de 2016. https://goo.gl/e7QoKg, visitado a 15/10/2023.*

28 AGAREZ, Ricardo Costa – *Migration Currents and Building Practice Exchanges in the Portuguese Diaspora: From the Algarve to South America and Back* In Architecture Beyond Europe Journal, Dossier: South America, parágrafo 26, 2015.

29 BEISI RAMOS, Tânia, CUNHA MATOS, Madalena – *Recepção da Arquitectura Moderna Brasileira em Portugal: registos e uma leitura*, Docomomo Brasil, 2016.

CAPÍTULO 02



Estudar o processo arquivado, conhecer a obra.

30 de janeiro 2023

Não contava com uma visita ao Departamento tão proveitosa.

Na verdade, a consulta da documentação e recolha da informação não poderia ter sido mais facilitada, estava tudo pronto aquando da minha visita: processo colocado de lado; documentação digitalizada e pronta a ser partilhada.

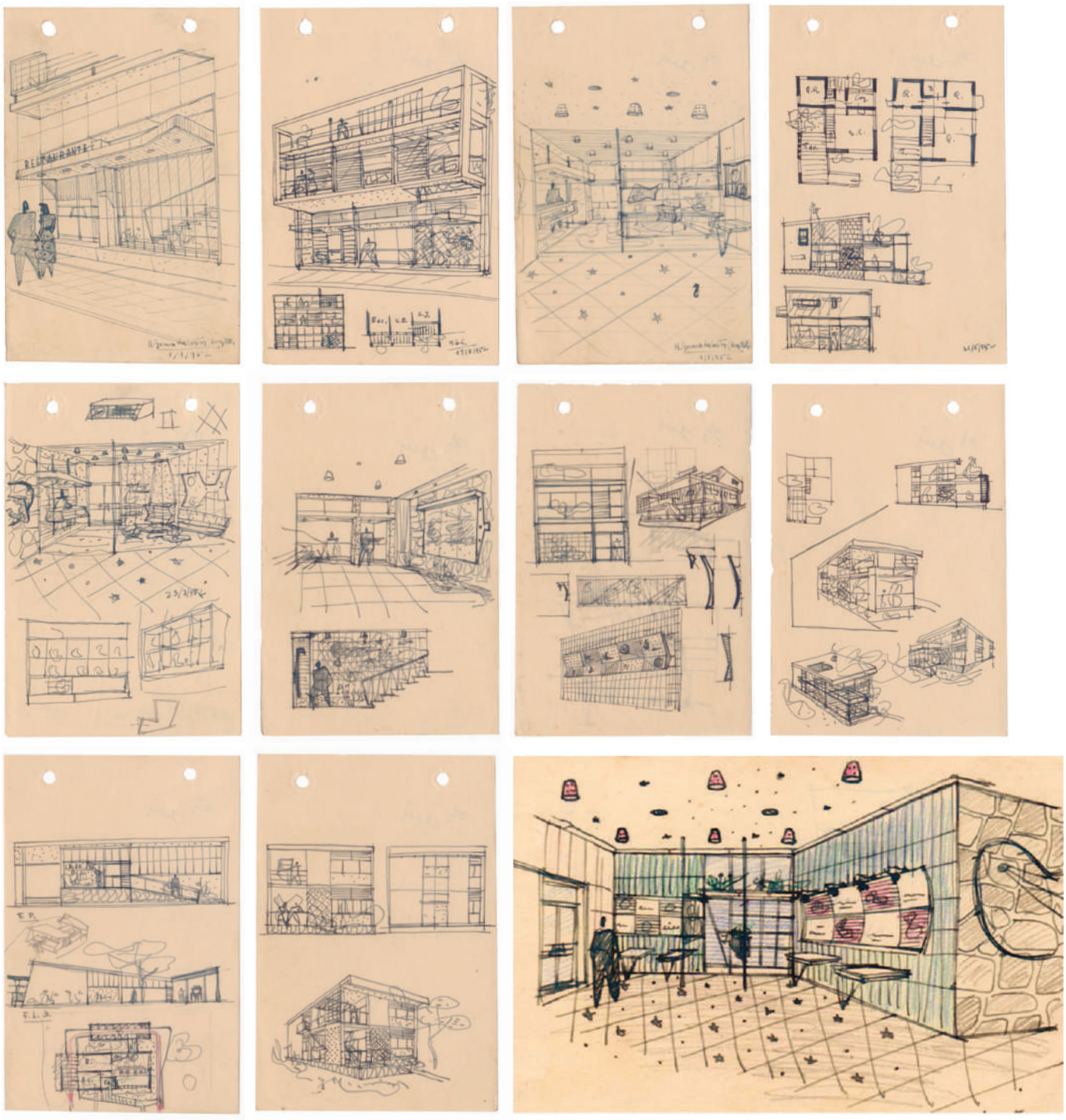
"Ah, a casa Gago Rosa, claro, ali ao pé do mercado?! E o que está a pensar trabalhar com a documentação?"

Assim se desenrolou uma conversa entre arquitetas e moradoras da cidade de Faro sobre a casa, sobre a arquitetura de Manuel Gomes da Costa, sobre o seu impacto na cidade, sobre o património arquitetónico em esquecimento e sobre a desinformação/desconhecimento do povo face a este.

"Sabes, devias falar com o arq. Gonçalo Vargas. Ele foi o último colaborador de Gomes da Costa e o principal responsável pela exposição de 2009. Ele pode ajudar-te. Espera aí, vou-lhe dar um toque." disse a arquiteta.

Não atendeu. Mas 2 minutos depois, por acaso, o arquiteto entrou no gabinete. Uma coincidência feliz que acrescentou um carácter mais pessoal e informado à conversa, enquanto debruçados sobre os desenhos arquivados da casa.

"Estes desenhos são impressionantes... Já repararam que a casa teve uma versão inicial completamente diferente?!"


RESTAURANTE

02.1. Do processo 708-55 à obra. A narrativa arquivada.

O processo 708-55, que encontramos no Arquivo do Departamento de Infraestrutura e Urbanismo da Câmara Municipal de Faro, é um conjunto de documentos escritos e desenhados relativo à casa Gago Rosa. Estes, são o único registo do processo de desenvolvimento do projeto, e, portanto, constituem elementos cruciais para a reconstrução da sua narrativa arquivada e nunca explorada. De facto, os desenhos e memórias descritivas que integram o processo arquivado são os únicos registos da fase de processo projetual a que temos acesso. Assim, analisar esta documentação permite-nos, não só, conhecer a casa, da ideia no papel à obra construída, como também explorar, em parte, o método de trabalho do arquiteto.

"Eu fazia todo o meu trabalho sozinho, todo! Desde o início do estudo do projeto, até ao final, tudo sozinho, e não só isso: ia às obras quando era necessário ir, sempre, fazia os pormenores que fossem necessários e atendia sempre todos os clientes sempre que fosse necessário, diziam-me e eu ia ver, fazer as correções e tudo isso."[30]

Sabemos que o método de trabalho do arquiteto era simples. Ele era o projetista, o desenhador, o fiscal das próprias obras, e só integrava terceiros nos projetos de especialidade, restringindo esta parceria aos poucos que (re)conheciam o seu traço arquitetónico e facilitavam a concretização das suas ideias. A centralização do processo arquitetónico indica que todos as etapas de trabalho, dos esquissos de estudo, aos desenhos rigorosos para licenciamento e desenhos de pormenor de auxílio à obra eram feitos por Manuel Gomes da Costa.

"Na parte dos processos dos meus trabalhos, pois, eu habituei-me a trabalhar sozinho. Ainda experimentei desenhadores, mas só me faziam perder tempo e resolvi eu mesmo fazer todo o meu trabalho desde o princípio ao fim - desde os esboços, desenhar a lápis tudo a limpo e depois, nesse mesmo movimento eu ia fazendo alterações até chegar ao projecto definitivo que era passar à tinta, tudo com o máximo cuidado, vendo todos os pormenores."[31]

Atualmente, o que remanesce do processo de trabalho do arquiteto restringe-se, maioritariamente, a desenhos arquivados nas diversas Câmaras Municipais do Algarve. Além destes, destaca-se o pequeno conjunto de esquissos e pormenores, que, apesar de escassos, representam uma parte importante do seu método, e tornam evidentes temas relevantes na arquitetura de Manuel Gomes da Costa, nomeadamente: a complexidade da composição dos alçados, com inúmeros planos, de diferentes texturas, materialidades e transparências; a organização minuciosa dos espaços interiores e das espacialidades que, com auxílio de mobiliário próprio, materiais expressivos e cor, se traduzem em ambientes característicos; a valorização da arquitetura por meio da integração harmoniosa dos seus vários componentes, entre outros.

30 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas) – Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 19:13 - 19:35 minuto.*

31 *idem, 16:04 - 16:40 minuto.*

fig. 27 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.
fig. 28 Esquissos da autoria de Manuel Gomes da Costa
Fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas

Ano	Imagem	doc.	assinantes	Nome do documento	Escala	O.0.	O.1.	
1955		E	MGdC	Planta de localização	1:2000	44	2	Fase um - proposta um
		E	J. Apolónia Correia	Parecer da submissão de um ante-projeto para apreciação da Câmara Municipal de Faro;	-	40-41	3-4	
		E	MGdC	Memória Descritiva	-	42	5	
		D	MGdC	Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento	1:100	47	6	
		D	MGdC	Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura	1:100	48	7	
		D	MGdC	Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente. e Perfil pela praceta em relação ao prédio do lote 60	1:100	46	8	
		D	MGdC	Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente	1:100	45	9	
		E	J. Apolónia Correia	Parecer de apresentação de um novo ante-projeto para apreciação da Câmara Municipal de Faro.	-	38-39	10-11	
1956		E	MGdC	Memória Descritiva	-	43	12	Fase dois - proposta dois
		D	MGdC	Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento	1:100	33	13	
		D	MGdC	Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura	1:100	34	14	
		D	MGdC	Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente.	1:100	17 e 49*	15-16	
		D	MGdC	Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente	1:100	18 e 32*	17-18	
		E	J. Apolónia Correia	Declaração de responsabilidade pela construção do edificio por parte de José Apolónia Correia	-	30-31	19-20	
		E	-	Repartição das Obras. Importâncias a Cobrar. Construção de um edifício	-	35-36	21-22	
		E	MGdC	Memória Descritiva	-	37	23	
		D	MGdC	Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento	1:100	22	24	
		D	MGdC	Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura	1:100	23	25	
		D	MGdC	Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente	1:100			
		D	MGdC	Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente	1:100			
1957		E	José Santos Silva	Pedido de prorrogação de mais 12 meses da licença de obras de abrigo.	-	29	26	Fase três - Construção
		E	-	Licenças para construção, reconstrução, modificação ou reparação de prédios urbanos. Prorrogação do prazo para a execução da obra, (12 meses).	-	28	27	
1958		E	-	Pedido de prorrogação de mais 3 meses da licença de obras de abrigo.	-	27	28	
		E	-	Licenças para construção, reconstrução, modificação ou reparação de prédios urbanos. 2° prorrogação do prazo para a execução da obra, (3 meses)	-	25-26	29-30	
		E	J. Apolónia Correia	Pedido de aprovoção das alterações feitas ao projeto a ser construção	-	15-16	31-32	
		D	MGdC	Planta de Alterações. Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento	1:100	21	33	
		D	MGdC	Planta de Alterações. Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura	1:100	24	34	
		D	MGdC	Planta de Alterações. Alçado Sul Corte A-B, Alçado Poente	1:100	19	35	
		D	MGdC	Planta de Alterações. Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente	1:100	20	36	
		E	-	Repartição das Obras. Importâncias a cobrar. Ampliação de projeto anterior	-	12-13	37-38	
1969		E	Alfredo Gago Rosa	Pedido de autorização à alteração ao edifício, realização de um quarto de banho	-	10-11	39-40	Fase quatro - Alterações posteriores
		D	MGdC	Planta de Alterações. Planta do 1° pavimento	1:100	14	41	
		E	-	Parecer da Delegação de Saúde do Distritivo de Faro	-	9	42	
		E	MGdC	Memória Descritiva. Àguas e Esgotos	-	6	43	
		D	MGdC	Planta do 1° pavimento. Percurso das àguas, esgotos e esgotos a nível da garagem	1:100	7-8	44-45	
		E	Ronaldo Santos	Serviços Municipalizados de Câmara Municipal de Faro. Passagem da licença requerida.;	-	5	46	
		E	João Branco	Pedido de autorização à alteração ao edifício, realização de um quarto de banho.;	-	4	47	
		E	Álvaro Rebeca	Declaração de responsabilidade pela construção do edificio por parte de Álvaro António Jerônimo Rebeca.	-	3	48	
		E	-	Repartição das Obras. Importâncias a cobrar. Construção de um quarto de banho.	-	2	49	

02.2. Reordenar o processo. Tabelar os dados.

O processo 708-55 inclui os documentos escritos e desenhados no curso do licenciamento e construção da casa Gago Rosa entre 1955 e 1959, e documentação relativa a uma alteração posterior assinada pelo arquiteto, em 1969. O conjunto é composto por trinta e seis documentos, desde requerimentos e declarações que identificam personagens importantes no processo, licenças que facilitam uma linha temporal de eventos e registos de pagamentos que corroboram as sucessivas alterações ao projeto, bem como memórias descritivas associadas às propostas e respetivos desenhos rigorosos, todos da autoria de Manuel Gomes da Costa.

A visita inicial ao Departamento de Infraestrutura e Urbanismo foi o primeiro contacto com todos os documentos relativos à casa Gago Rosa. A leitura ali realizada permitiu identificar aspetos que a visita guiada à obra não facilitou, nomeadamente, a evolução do projeto. Posteriormente, já com o material disponível para realizar uma leitura atenta do processo, reconheceu-se que a documentação, mesmo a que se encontrava datada, não se encontrava em ordem cronológica. Assim, dada a pertinência de ter um processo organizado para analisar os seus conteúdos e a obra arquitetónica em si mesma, decidiu-se reorganizar a documentação e, adicionalmente, atribuir uma identificação a cada documento para que a sua utilização futura fosse facilitada.

Este exercício, além de comunicar a informação base da documentação, permite distribuir a evolução do projeto em quatro fases: a primeira proposta; a segunda proposta; a construção e a alteração posterior. As duas fases iniciais, compreendidas entre setembro de 1955 e fevereiro de 1956, retratam o período de propostas desenhadas para a casa. A terceira fase, entre outubro de 1956 e janeiro de 1959, documenta o período de construção da casa e inclui desenhos rigorosos das alterações que foram sendo feitas em obra. A última fase que o processo documenta é a adição de uma casa de banho num dos apartamentos em 1969.

fig. 29 Capa do processo 708-55.
fonte: CMF/SAO/708-55



tab. 02 Análise de documentação e dados relativos ao Processo 708-55 da C.M. Faro. Ano, Fase do processo, Nome e tipo de documentação, Assinante, Escala e Paginação original e proposta.
fonte: Autora (2024)

DOCUMENTOS	ASSINANTES	ORGANIZAÇÃO
E - ESCRITO	MGdC - MANUEL GOMES DA COSTA	P.0.- PAGINAÇÃO ORIGINAL
D - DESENHADO		P.1. - PAGINAÇÃO REORGANIZADA

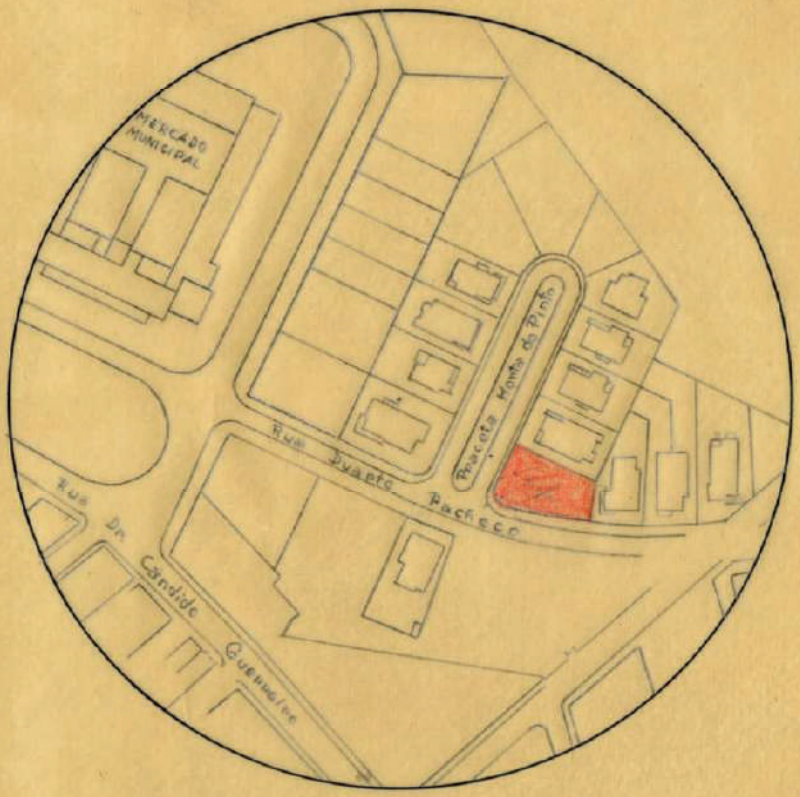
CÂMARA MUNICIPAL DE FARO

PLANTA DE LOCALIZAÇÃO



ESCALA 1:2.000





Paga por guia mod. 7 N.º 304 em 19/9/1955 $-

O Sr. de Alfredo Jorge Rosa

a)

30. A

02.3. Fase um. A proposta arquitétonica inicial, 1955.

O primeiro documento a dar entrada na Câmara Municipal, a dezanove de setembro de 1955, é a planta de localização do terreno de Alfredo Gago Rosa. "Sito no gaveto da Praceta da Horta do Pinto com a Rua Eng. Duarte Pacheco"[32], o terreno, destacado a vermelho, integra uma zona de construção emergente e singular pela proximidade a um dos pontos centrais da cidade, o Mercado Municipal, como explorado no capítulo anterior.

A dez de dezembro do mesmo ano, submete-se o primeiro anteprojeto do arquiteto para a casa Gago Rosa para ser apreciado pela Câmara Municipal. A proposta explícita em quatro posters de desenhos rigorosos e uma memória descritiva é apresentada como um antecedente do projeto definitivo. Ainda assim, estabelece as intenções claras de Manuel Gomes da Costa para o local, e introduz-nos ao parceiro do arquiteto para este projeto, o Eng.° José Apolónia Correia.

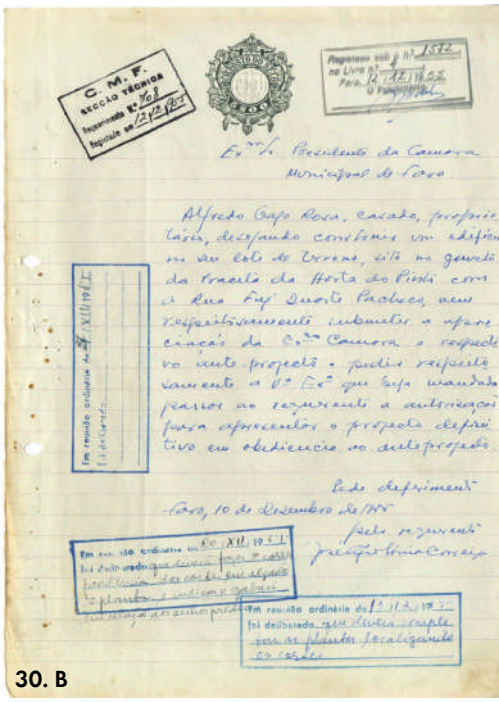
A memória descritiva, não sendo muito esclarecedora sobre as particularidades do projeto, destaca os principais temas e considerações do arquiteto para a casa Gago Rosa: a implantação do volume, a distribuição do programa; a estrutura do edifício; o aspeto arquitetónico desejado e a sua relação com a envolvente; o estudo da orientação solar, iluminação e ventilação naturais na conceção dos espaços interiores e alçados.

O volume proposto pelo arquiteto adota as direções dos limites principais do terreno e a cércea do edifício no lote 60[33]. Nesta proposta inicial, o arquiteto divide o volume ao meio para formar duas habitações organizadas em quatro pisos: garagem; piso social; piso íntimo; cobertura; e para, no espaço exterior, organizar os logradouros associados a cada habitação.

Nas quatro plantas, quatro alçados e dois cortes do anteprojeto, o arquiteto expõe uma casa desenhada através de uma estrutura de betão-armado e vigas simples cuja métrica modela a distribuição interior e a composição dos alçados. A independência dos alçados face à estrutura permite explorar uma solução de grande abertura para o exterior, por meio de grandes panos de vidro nas fachadas a Sul e Poente, que, consequentemente, necessitam de proteção do calor, o que suscita o desenvolvimento de sistema de varandas protegidas por "quebra-soles" e "grelhagens" eloquentes. Os elementos expressivos que notamos nos alçados foram estudados para facilitar iluminação e ventilação naturais controladas, mas abundantes, de todos os espaços interiores. Além disto, a proposta beneficia da tentativa de explorar o aproveitamento da espacialidade interior através da inclusão de mobiliário, fixo e móvel, de autoria do arquiteto.

A natureza integra todos os aspetos da arquitetura de Manuel Gomes da Costa, nos espaços interiores, alçados, coberturas e logradouros. Nesta proposta, o espaço exterior desenvolve-se sobretudo na fração norte-este do logradouro, desenhada para ser farta em percursos pavimentados acompanhados por elementos naturais abundantes e estudados para conviver adequadamente com o programa arquitetónico.

fig. 30 Fase um. A. Planta de localização. **B.** Parecer de apreciação do anteprojeto. **C.** Memória Descritiva. **D.** Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **E.** Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura **F.** Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente **G.** Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente
fonte: CMF/SAO/708-55



30. B

32 *APOLÓNIA CORREIA, José* – «Requerimento de apresentação de um novo ante-projeto para apreciação da Câmara Municipal de Faro» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 1, 1955.

33 *GOMES DA COSTA, Manuel* – «Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 1, 1955.

5$00 PORTUGAL CINCO ESCUDOS

MEMÓRIA DESCRITIVA

Refere-se a presente memória à edificação que o Snr. Alfredo Eng. Rosa pretende levar a efeito na Praceta da Horta do Pinto, em local indicado a vermelho na planta de localização junto.

Esta construção será constituida por um piso baixo (cave), destinado a garagens e por dois pisos superiores. Comportará duas habitações, sendo o seu aspecto exterior de uma vivenda.

A estrutura deste edifício será de betão armado-pilares, vigas e lajes- e de panos de enchimento de tijolo.

Sob o aspecto arquitectonico, ficará sem dúvida integrado no ambiente local, dada a diversidade de fachadas ali existentes.

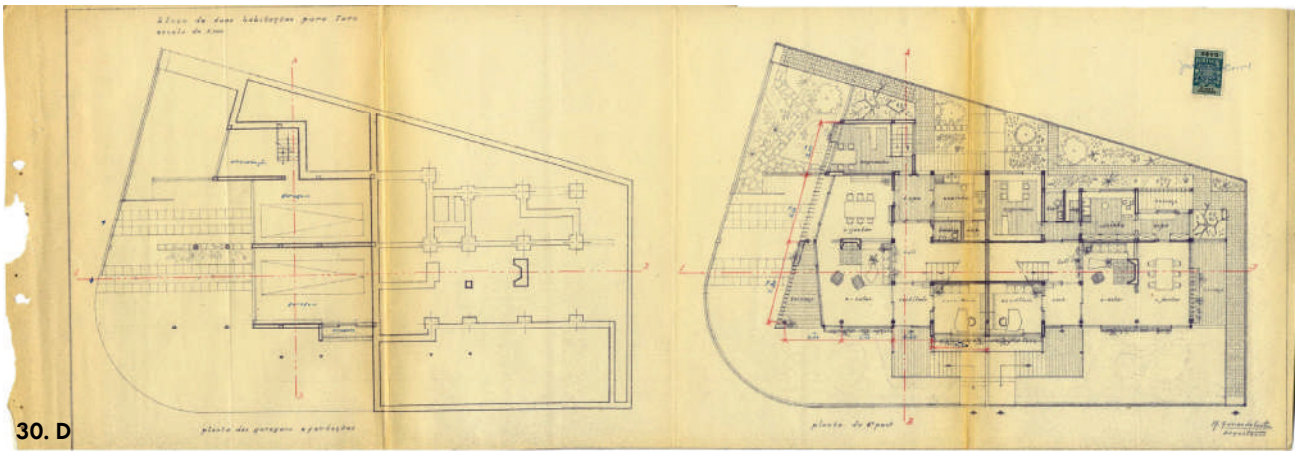
Tendo em atenção a orientação deste edifício, Sul e Poente, procurou-se criar zonas de protecção ao calor, como sejam quebra-sois e grelhagens.

Todos os compartimentos ficarão com iluminação e ventilação abundantes, já porque se trata de uma vivenda isolada, já pela sua posição de edifício de gaveto, factores considerados no estudo da distribuição em planta e na concepção dos alçados.

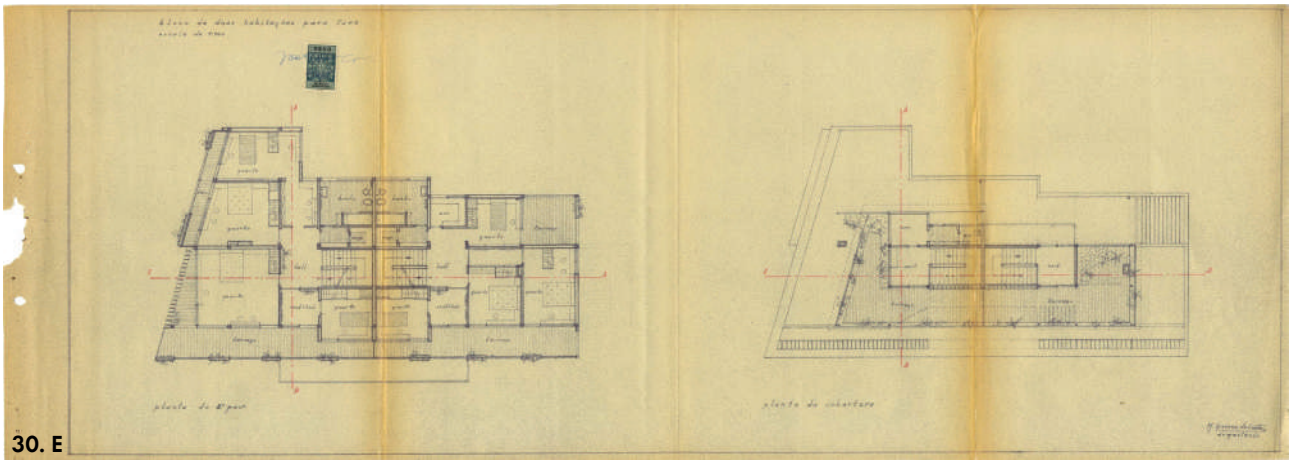
Dentro do lote em que fica integrado este edifício, pareceu-nos a presente solução a mais aceitável, quer em planta quer em alçados. Os seus alinhamentos exteriores serão o prolongamento dos existentes.

José [illegible] Fonseca
E. C.

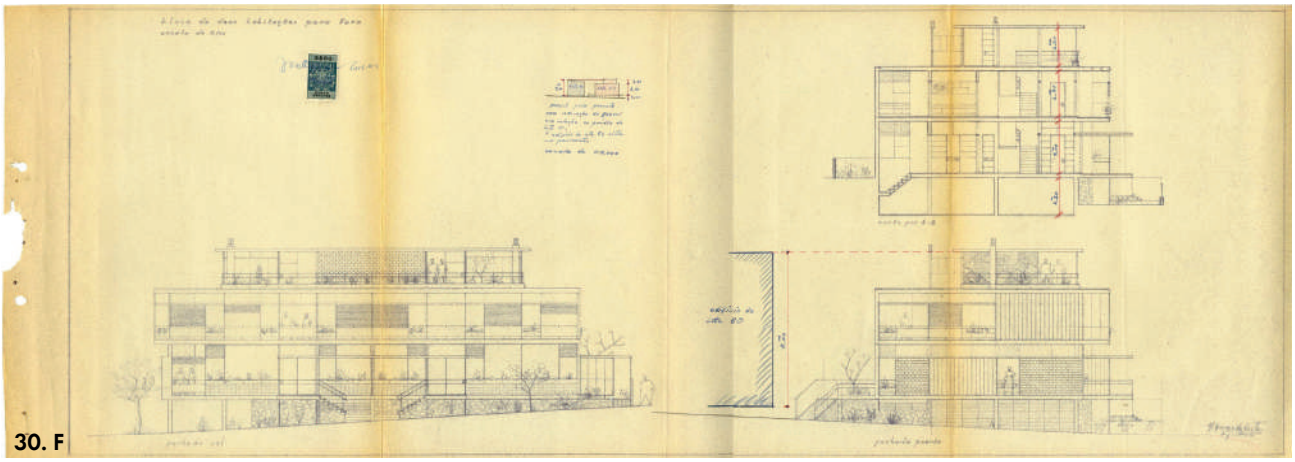
30. C



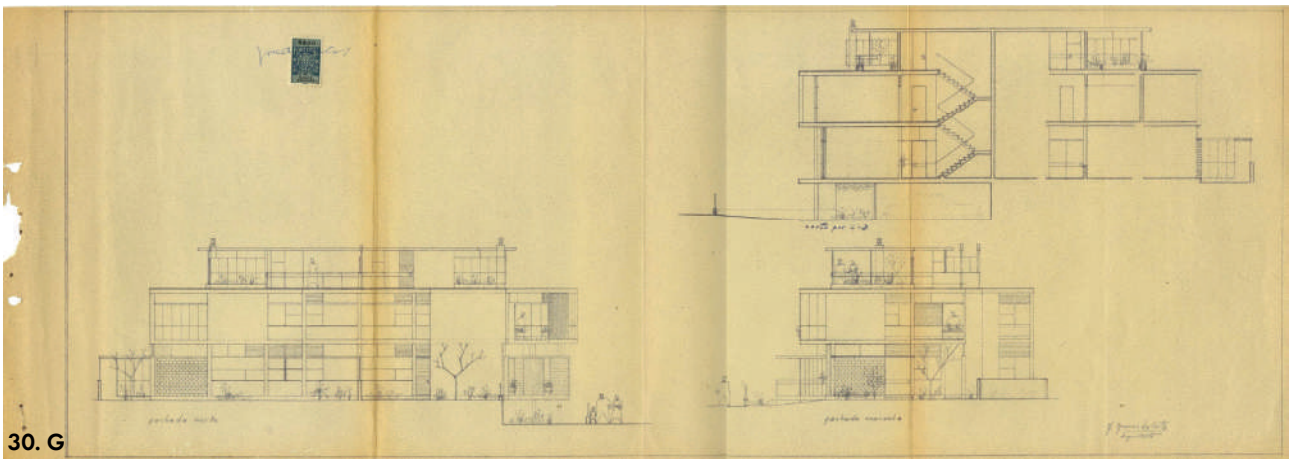
30. D



30. E



30. F



30. G

02.4. Fase dois. Repensar a proposta.

A meados de janeiro de 1956, submete-se o novo anteprojeto para a casa Gago Rosa. A nova proposta, apresentada por meio de uma memória descritiva e quatro folhas de desenhos rigorosos, difere da anterior no modo de associação das habitações que integram o volume: *"cada pavimento [passa] a funcionar como habitação independente"*[34].

Mais do que informar sobre as alterações que o projeto sofreu, esta memória descritiva deixa clara a proximidade da nova proposta aos ideais inicialmente traçados pelo arquiteto para a casa Gago Rosa. Mantêm-se: a proposta volumétrica e a sua implantação no terreno; os alçados, estudados por assegurarem iluminação e ventilação dos espaços interiores enquanto garantem proteção do calor; a estrutura pilar-viga simples; os materiais previamente sugeridos e a linguagem arquitetónica global.

Esta nova solução pensada para a casa Gago Rosa aborda o volume como "um pequeno edifício de apartamentos"[35] que desenvolve as habitações na vertical e associa cada uma a um único piso, reservando a cobertura e as garagens como espaços partilhados de acesso comum. À data, esta sobreposição nunca havia sido explorada em sistema de distribuição por acesso direto, no panorama arquitetónico da cidade de Faro[36], tornando esta associação de fogos e articulação dos espaços domésticos especialmente exemplar. Enquanto que na proposta anterior a diferenciação do programa social e íntimo era feita em altura, agora esta é marcada pela posição do espaço da entrada, desenvolvendo-se, à sua esquerda, os espaços de lazer, e, à sua direita, os espaços de descanso, remetendo os espaços de serviços para a fachada tardoz.

Em conformidade com a proposta anterior, mantêm-se a modelação dos espaços interiores e alçados por meio da métrica imposta pela estrutura pilar-viga. Isto permite que os alçados permaneçam na sua essência inalterados, apesar das modificações consideráveis na distribuição interior. Os alçados, previamente desenhados para iluminar, ventilar e proteger adequadamente os espaços interiores, agora associados a apartamentos que beneficiam do contacto direto com todas as fachadas e quadrantes, garantem um melhor aproveitamento das intenções iniciais.

Aqui, como na proposta anterior, o projeto para o espaço exterior é uma prioridade, e o verde é incluído e estudado em várias dimensões. O logradouro é, tal como a cobertura, um espaço partilhado pelas duas habitações, caracterizado por canteiros e percursos pavimentados que desenham toda a extensão do espaço exterior, dinamizando-o e humanizando-o.

fig. 31 Fase dois. A. Parecer de apreciação de um novo anteprojeto. **B.** Memória Descritiva. **C.** Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **D.** Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura **E.** Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente **F.** Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente
fonte: CMF/SAO/708-55

34 *GOMES DA COSTA, Manuel* – «Memória Descritiva» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 2, 1956.

35 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitetura moderna, regionalismo e identidade no Sul de Portugal, 1925-1965,* Porto: Dafne Editora, 2023, p. 333.

36 *ibidem.*

M. F.
TÉCNICA
Requerimento N.º 52
Registado em 19/1/956

IMPOSTO DO SELO
$500

Registado sob o n.º 123
no Livro n.º 4
Faro, 19/1/1956
O Funcionário,

Ex.mo Sr. Presidente da Camara
Municipal de Faro

Alfredo Lago Rosa, casado, proprie-
tário, residente em Faro, desejando
construir um edifício no seu lote
de terreno sito na Praceta da
Horta do Pinto, vem respeitosamente
apresentar a V.ª Ex.ª um novo an-
te-projecto e pedir se digne man-
dar informar o requerente da pos-
sibilidade da construção, afim de
apresentar o projecto definitivo
Pede deferimento

Faro, 18 de janeiro de 1956

Pelo requerente

José Gabriel Correia

Em reunião ordinária de 20/1/1956
foi deliberado deferido

31. A



MEMÓRIA DESCRITIVA

Consta a presente memória de um edifício que o Snr. Alfredo Gago Rosa pretende levar a efeito no seu lote de terreno, sito na Praceta do Horta do Pinto, em Faro.

Pertence esta memória a um ante-projecto, o qual foi elaborado em condições diferentes do anterior, passando cada pavimento a funcionar como habitação independente.

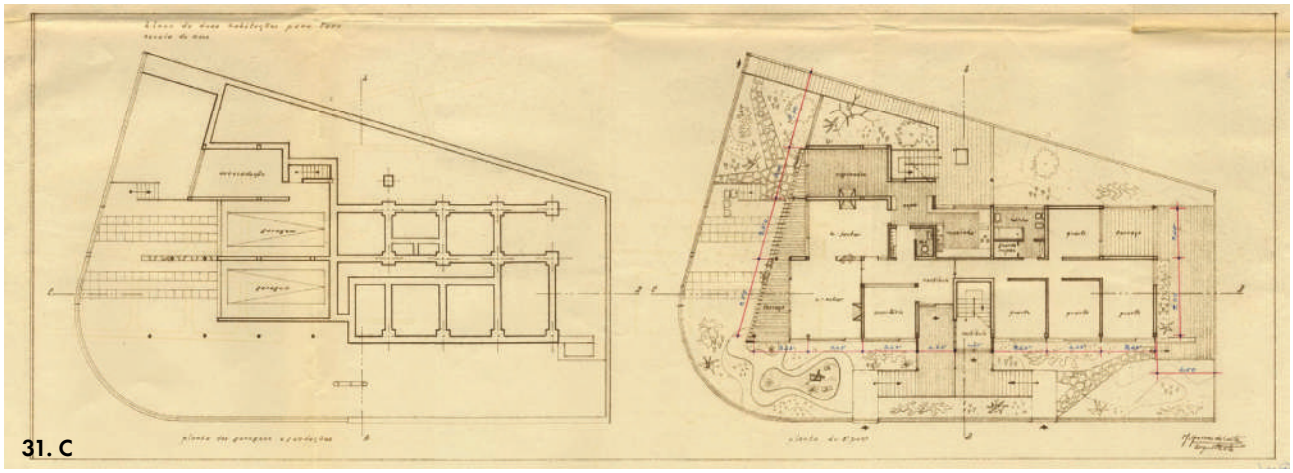
Sobre o aspecto estético apresenta caracteristicas identicas às do anterior ante-projecto.

Sobre os materiais usados na construção também não sofreram qualquer alteração.

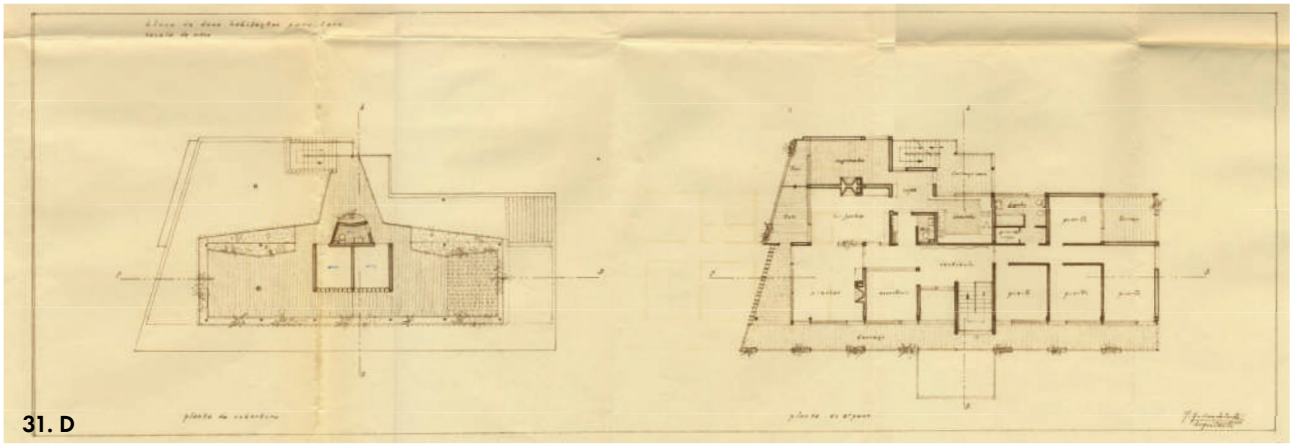
====== 000000 ======

E. C.

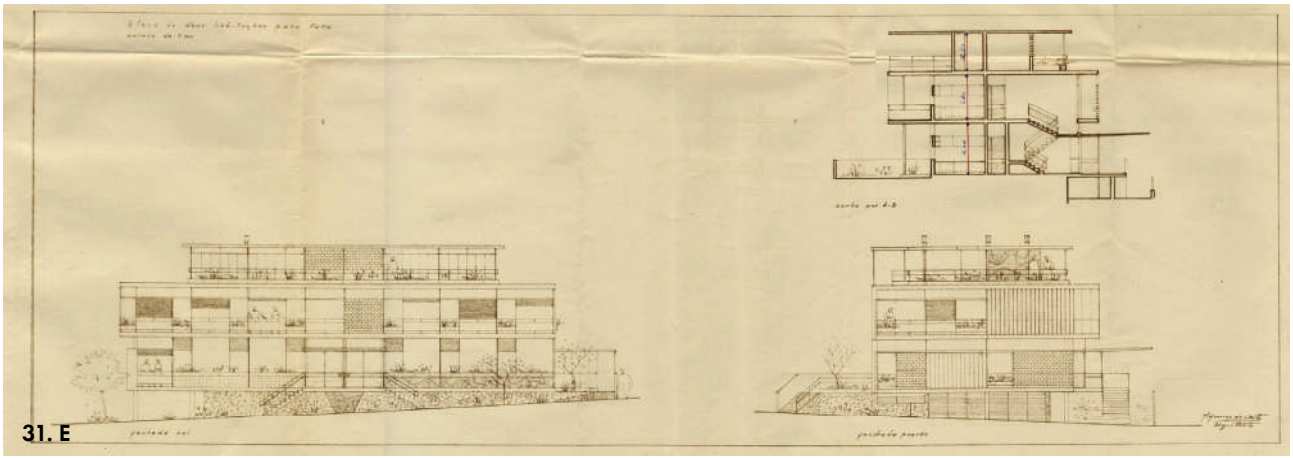
31. B



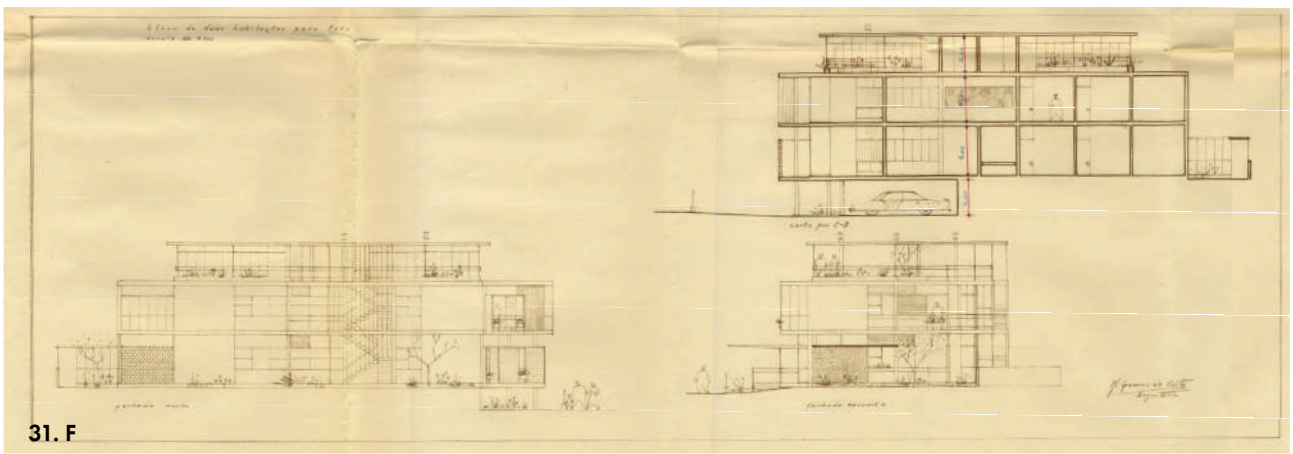
31. C



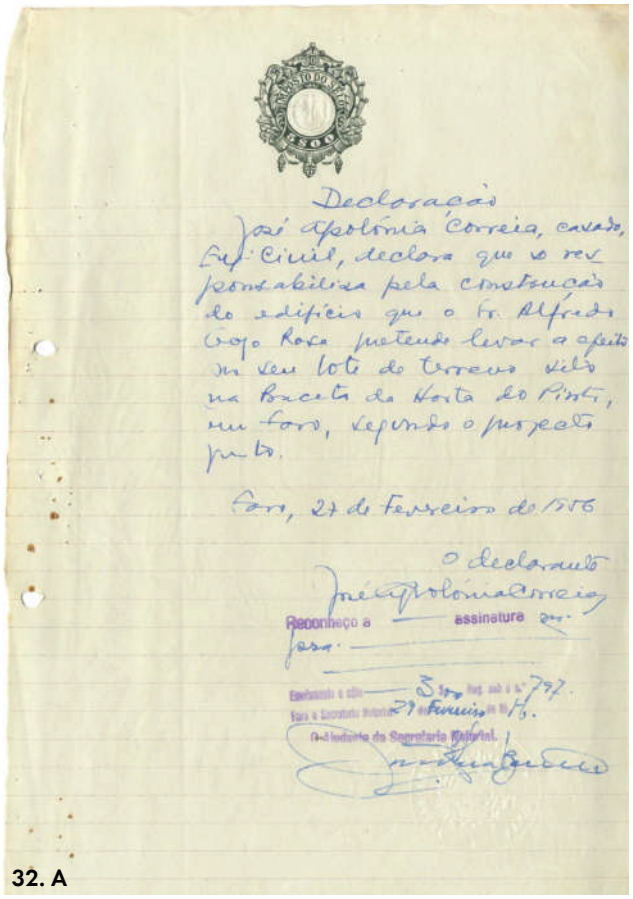
31. D



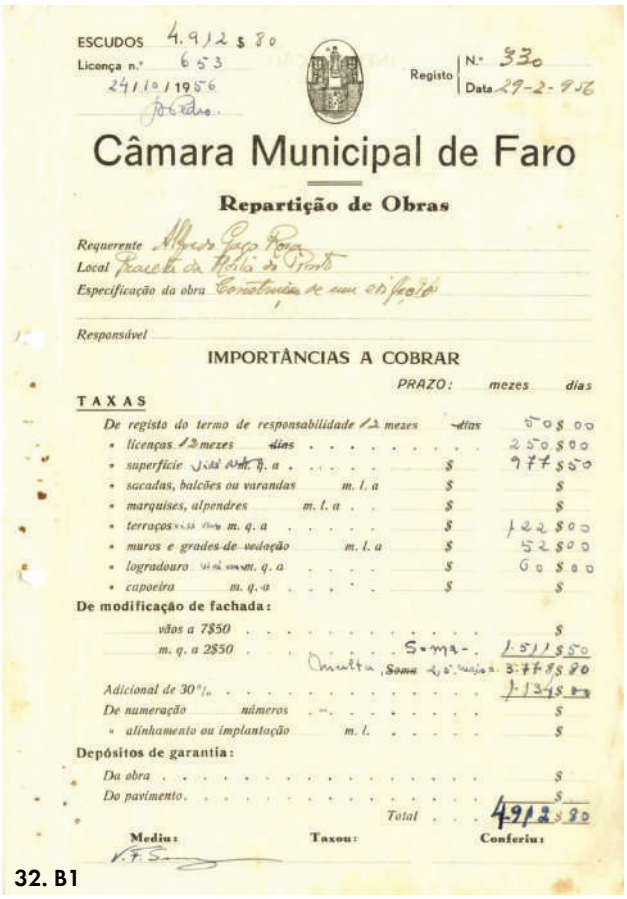
31. E



31. F



32. A



ESCUDOS 4.912$80
Licença n.º 653
24/10/1956
Registo N.º 330
Data 29-2-956

Câmara Municipal de Faro

Repartição de Obras

Requerente Alfredo Gago Rosa
Local Praceta da Horta do Pinto
Especificação da obra Construção de um edifício

Responsável

IMPORTÂNCIAS A COBRAR

TAXAS	PRAZO: meses	dias	
De registo do termo de responsabilidade	12 meses	dias	500$00
• licenças	12 meses	dias	250$00
• superfície	m. q. a	$	977$50
• sacadas, balcões ou varandas	m. l. a	$	$
• marquises, alpendres	m. l. a	$	$
• terraços	m. q. a	$	122$00
• muros e grades de vedação	m. l. a	$	52$00
• logradouro	m. q. a	$	60$00
• capoeira	m. q. a	$	$
De modificação de fachada:			
vãos a 7$50			$
m. q. a 2$50		Soma	1.511$50
		Multa Soma	3.778$70
Adicional de 30%			1.134$00
De numeração	números		$
• alinhamento ou implantação	m. l.		$
Depósitos de garantia:			
Da obra			$
Do pavimento			$
		Total	4.912$80

Mediu: Taxou: Conferiu:

32. B1

fig. 32 Fase três. A. Declaração de responsabilidade, Eng. Apolónia Correia. **B1./B2.** Pagamento das alterações propostas. **C.** Memória Descritiva. **D.** Águas e Esgotos. Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **E.** Águas e Esgotos. Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura.
fonte: CMF/SAO/708-55

02.5. Fase três. Em obra.

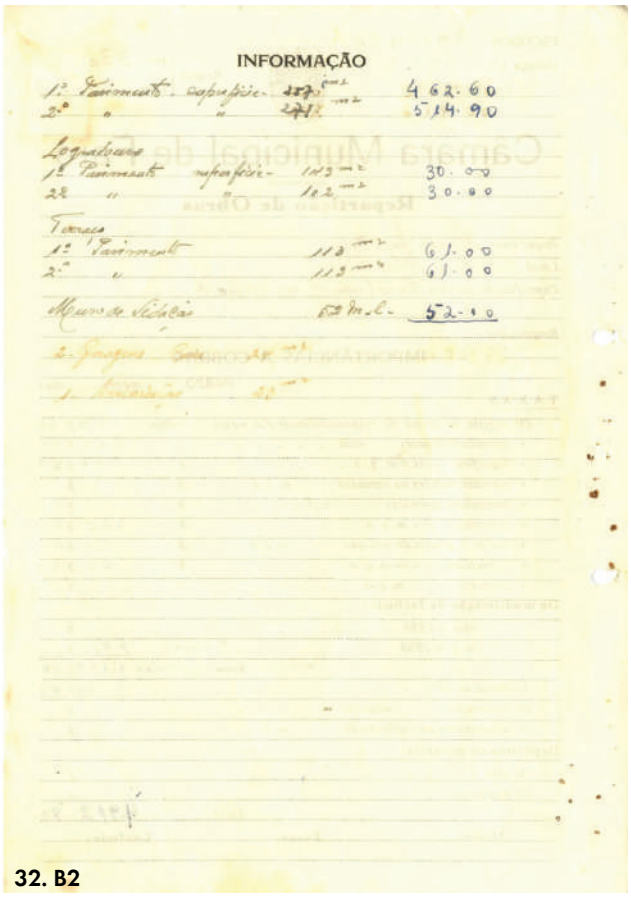
Em fevereiro de 1956, inicia-se a terceira fase do processo: a construção. O conjunto de documentos que a compõe é extenso e detalhado e introduz-nos, não só ao calendário de construção da obra como também aos desenhos de especialidades e registos desenhados das alterações finais, decididas pelo arquiteto em obra e logo concretizadas.

A declaração assinada por José Apolónia Correia, onde este "se responsabiliza pela construção do edifício [do] Sr. Alfredo Gago Rosa (...) segundo o projecto junto"[37], marca o começo desta nova etapa no processo. Isto confirma-se em pagamentos posteriores que registam uma licença a doze meses para a "Construção de um edifício", a ter efeito a partir de outubro de 1956. Além disto, este documento regista as quantias a serem pagas relativas às modificações e áreas atualizadas dos "pavimentos"[38], terraços, logradouros e garagens a serem taxadas, confirmando a definitividade da segunda proposta apresentada à Câmara Municipal.

Ainda em fevereiro de 1956, apresentou-se o projeto de especialidade de águas e esgotos, assinado por Apolónia Correia e aprovado pelo Delegado de Saúde, onde são indicados, a azul e vermelho, respetivamente, os percursos e diâmetros das canalizações associados à distribuição do programa nesta proposta.

37 *APOLÓNIA CORREIA, José* – «Declaração de responsabilidade pela construção do edificio por parte de José Apolónia Correia» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 3, 1956.

38 O arquiteto usa o termo "pavimentos" para se referir os pisos do edifício.



INFORMAÇÃO

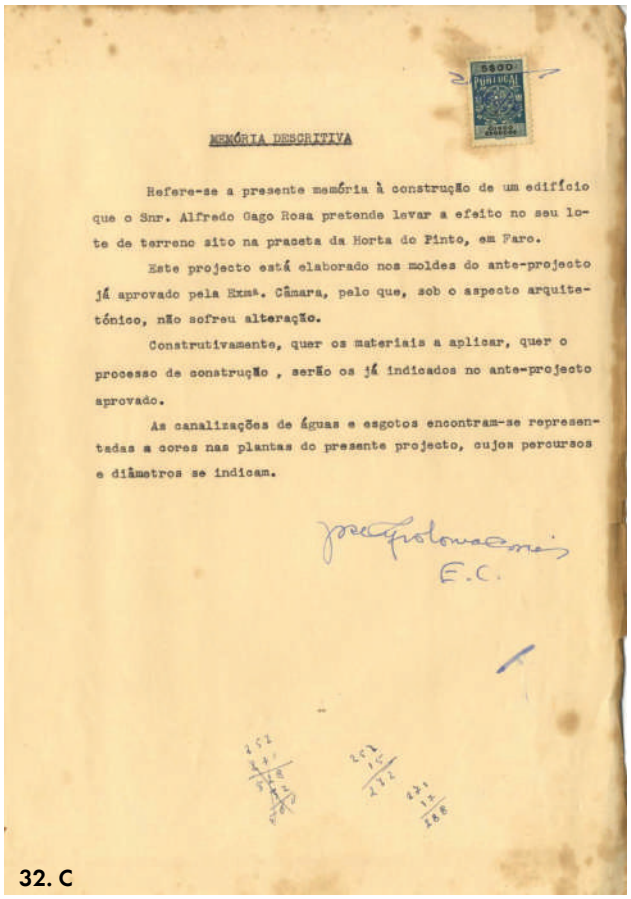
1º Pavimento - superfície - 462.60
2º " " 514.90

Logradouros
1º Pavimento - superfície - 30.00
2º " " 30.00

Terraços
1º Pavimento 61.00
2º " 61.00

Muros de vedação 52.10

32. B2



MEMÓRIA DESCRITIVA

Refere-se a presente memória à construção de um edifício que o Snr. Alfredo Gago Rosa pretende levar a efeito no seu lote de terreno sito na praceta da Horta do Pinto, em Faro.

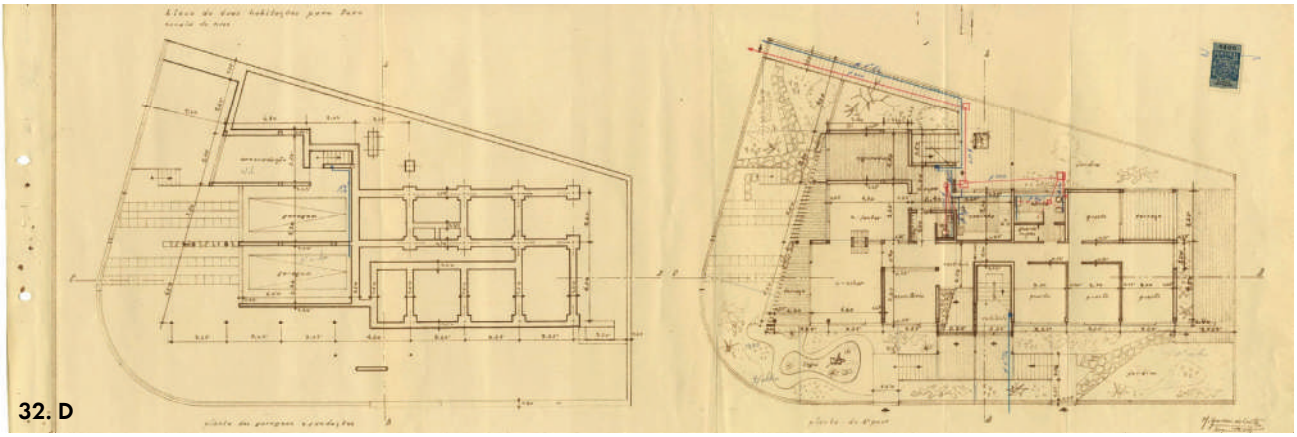
Este projecto está elaborado nos moldes do ante-projecto já aprovado pela Exmª. Câmara, pelo que, sob o aspecto arquitetónico, não sofreu alteração.

Construtivamente, quer os materiais a aplicar, quer o processo de construção, serão os já indicados no ante-projecto aprovado.

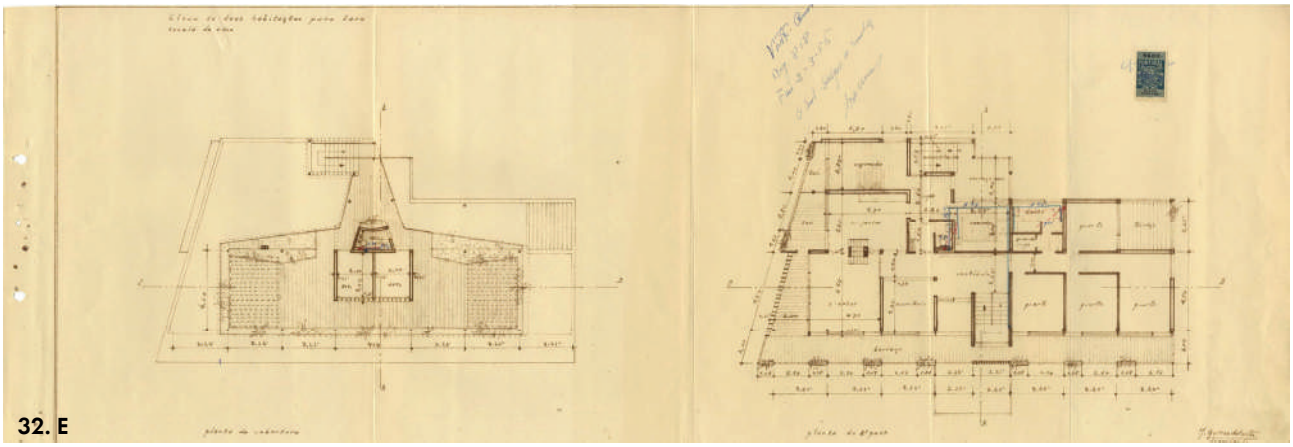
As canalizações de águas e esgotos encontram-se representadas a cores nas plantas do presente projecto, cujos percursos e diâmetros se indicam.

E.C.

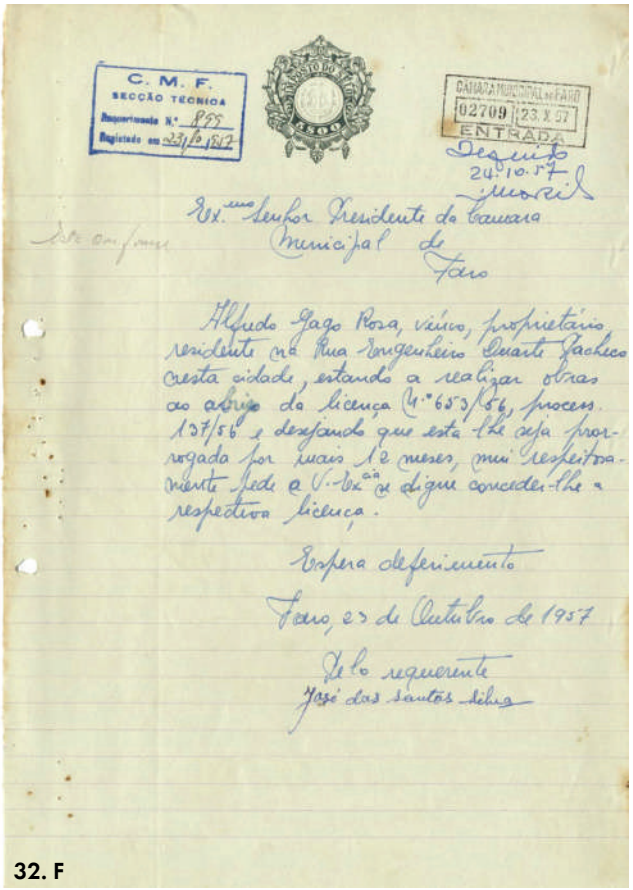
32. C



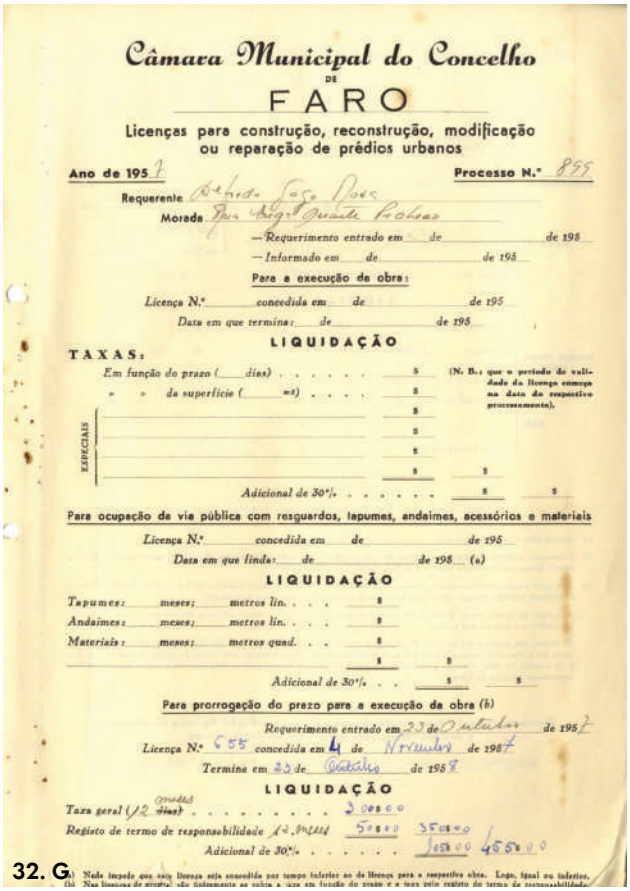
32. D



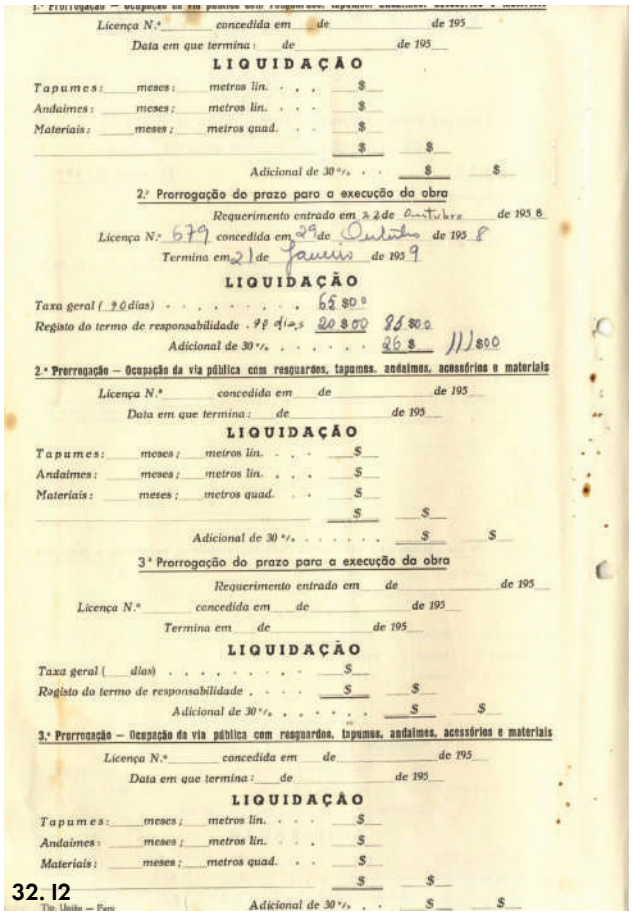
32. E



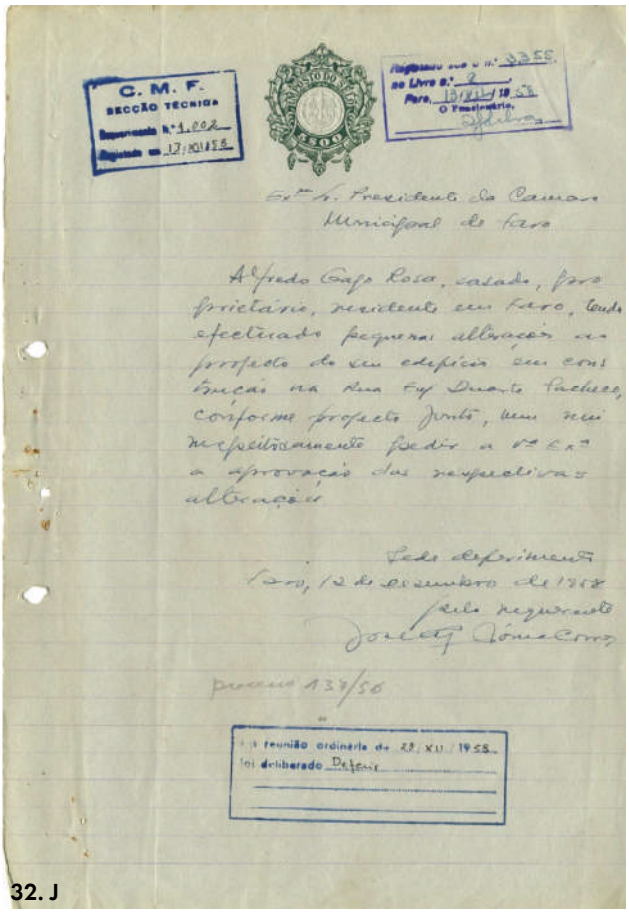
32. F



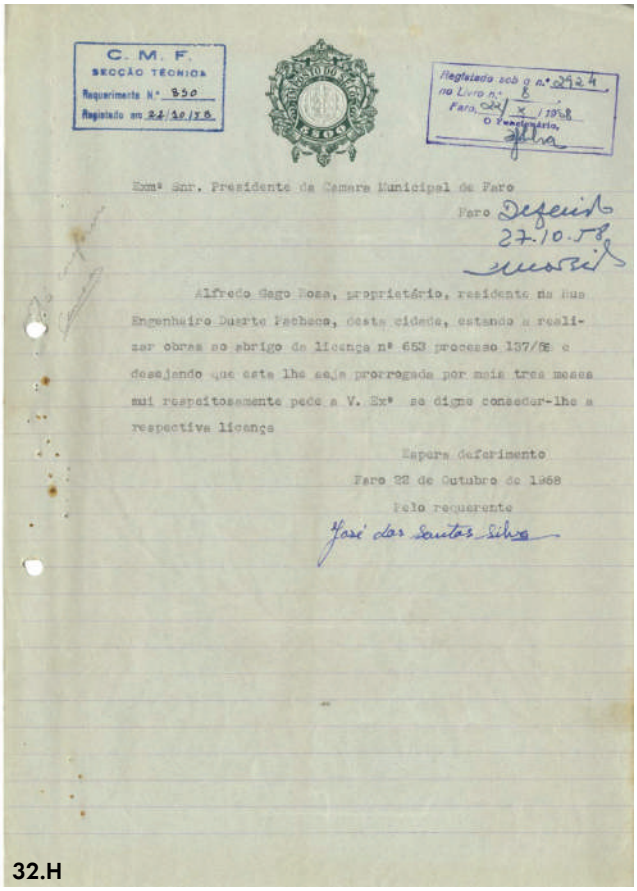
32. G



32. I2



32. J


C. M. F.
SECÇÃO TÉCNICA
Requerimento Nº 850
Registado em 22/10/58

Registado sob o nº 2924
no Livro nº B
Faro, 24 / X / 1958
O Funcionário,

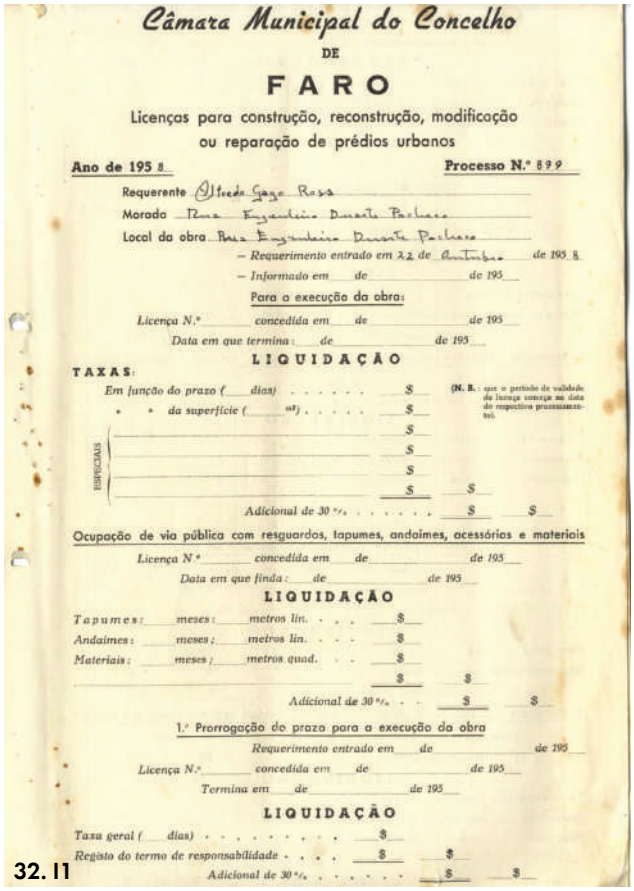
Exmº Snr. Presidente da Câmara Municipal de Faro

Faro Deferido
27.10.58

Alfredo Dago Rosa, proprietário, residente na Rua Engenheiro Duarte Pacheco, desta cidade, estando a realizar obras ao abrigo de licença nº 653 processo 137/58 e desejando que esta lhe seja prorrogada por mais tres meses vai respeitosamente pedir a V. Exª se digne conceder-lhe a respectiva licença

Espera deferimento
Faro 22 de Outubro de 1958
Pelo requerente
José dos Santos Silva

32.H


Câmara Municipal do Concelho
DE
FARO
Licenças para construção, reconstrução, modificação ou reparação de prédios urbanos

Ano de 195 8 — Processo N.º 899

Requerente Alfredo Dago Rosa
Morada Rua Engenheiro Duarte Pacheco
Local da obra Rua Engenheiro Duarte Pacheco
– Requerimento entrado em 22 de Outubro de 195 8
– Informado em de de 195
Para a execução da obra:
Licença N.º concedida em de de 195
Data em que termina: de de 195

LIQUIDAÇÃO

TAXAS:
Em função do prazo (dias) $
da superfície (m²) $
ESPECIAIS $ $ $ $ $
Adicional de 30 % $ $
(N. B. – que o período de validade da licença começa na data do respectivo processamento).

Ocupação de via pública com resguardos, tapumes, andaimes, acessórios e materiais
Licença N.º concedida em de de 195
Data em que finda: de de 195

LIQUIDAÇÃO

Tapumes: meses: metros lin. $
Andaimes: meses: metros lin. $
Materiais: meses: metros quad. $
$ $
Adicional de 30 % $ $

1.ª Prorrogação do prazo para a execução da obra
Requerimento entrado em de de 195
Licença N.º concedida em de de 195
Termina em de de 195

LIQUIDAÇÃO

Taxa geral (dias) $
Registo do termo de responsabilidade $ $
Adicional de 30 % $ $

32. I1

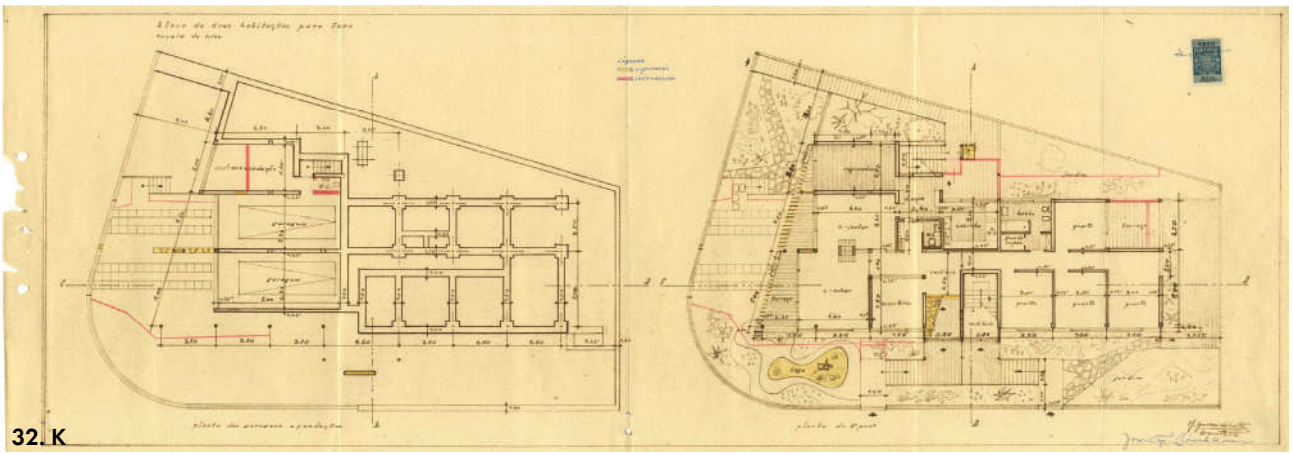
Doze meses depois do início da obra, em outubro de 1957, pede-se que a licença que havia terminado fosse prorrogada por mais doze meses. Em outubro de 1958, solicita-se que a licença fosse prolongada por mais três meses, terminando em janeiro de 1959. Tanto a "Licença para prorrogação do prazo para execução da obra, a doze meses", quanto a "Segunda prorrogação do prazo para execução da obra", a três meses, correspondem também a pagamentos das "Taxas gerais e registos de termo de responsabilidade" associadas à extensão do período de construção da obra.[39]

A proposta final para a casa é apresentada à Câmara Municipal de Faro para aprovação a doze de dezembro de 1958, a um mês do fim da obra. Esta regista as alterações aprovadas em obra por Manuel Gomes da Costa e logo concretizadas pelos empreiteiros, reservando a aprovação das alterações concretizadas para depois do fim da obra.

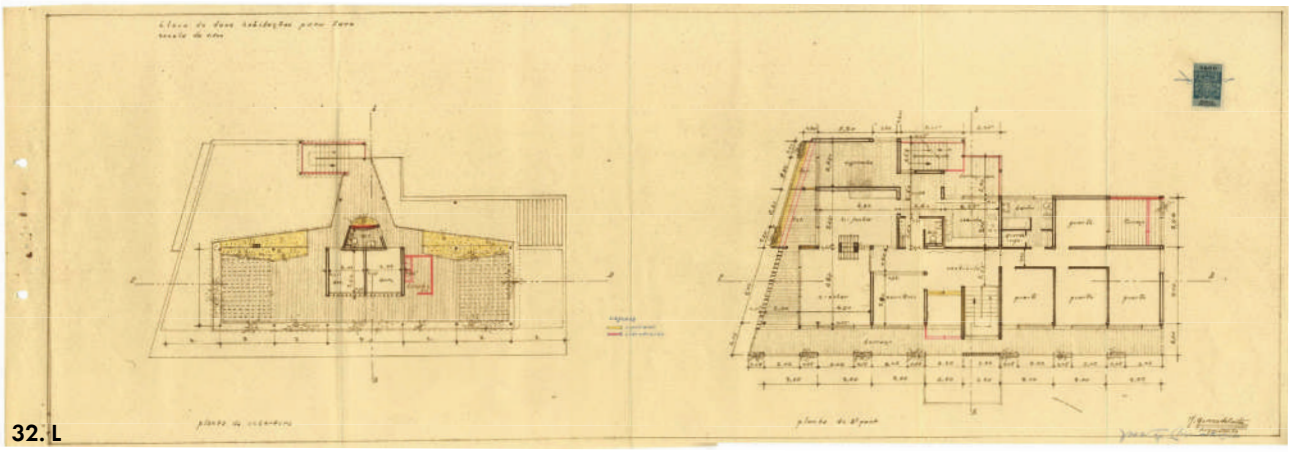
A revisão do projeto evidencia, a amarelo, os elementos da proposta anteriormente apresentada que foram suprimidos e desenha, a vermelho, o que foi introduzido. As alterações apontadas em planta são pontuais, e, fora exceção, resumem-se a mudanças nos alçados. As transformações nos espaços transitórios e exteriores são, no entanto significativas. No logradouro formam-se novos percursos pavimentados, delimitam-se canteiros e retira-se o grande lago.

39 n/a – «Licenças para construção, reconstrução, modificação ou reparação de prédios urbanos. Prorrogação do prazo para a execução da obra e 2° prorrogação do prazo para a execução da obra» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 3, 1957-58.

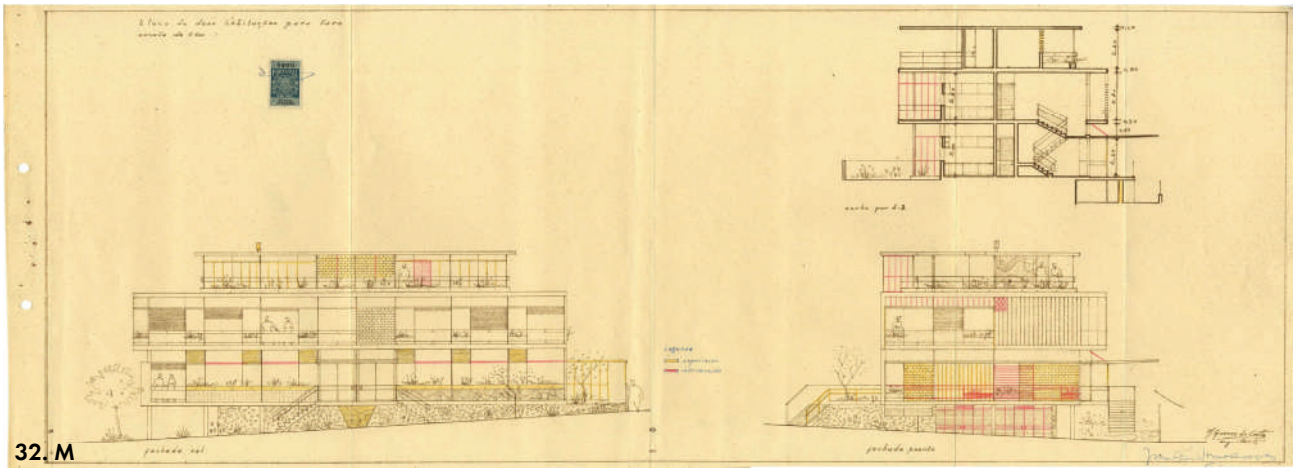
fig. 32 Fase três. F. Pedido de prorrogação (12 meses) **G.** Pagamento da licença de construção. 12 meses. **H.** Pedido de prorrogação (3 meses) **I1./I2.** Pagamento da licença de construção. 3 meses. **J.** Requerimento da aprovação das alterações.
fonte: CMF/SAO/708-55



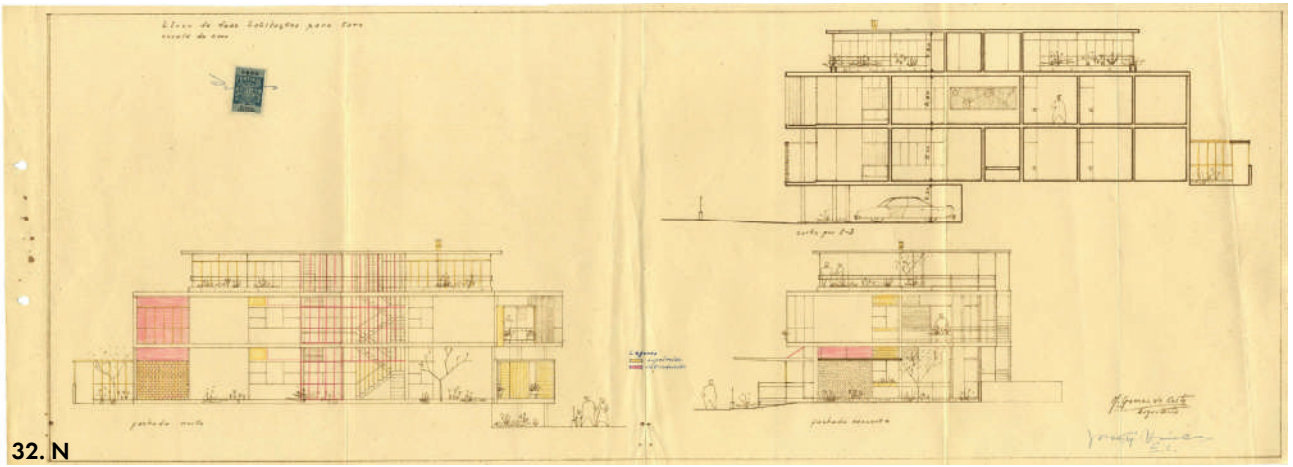
32. K



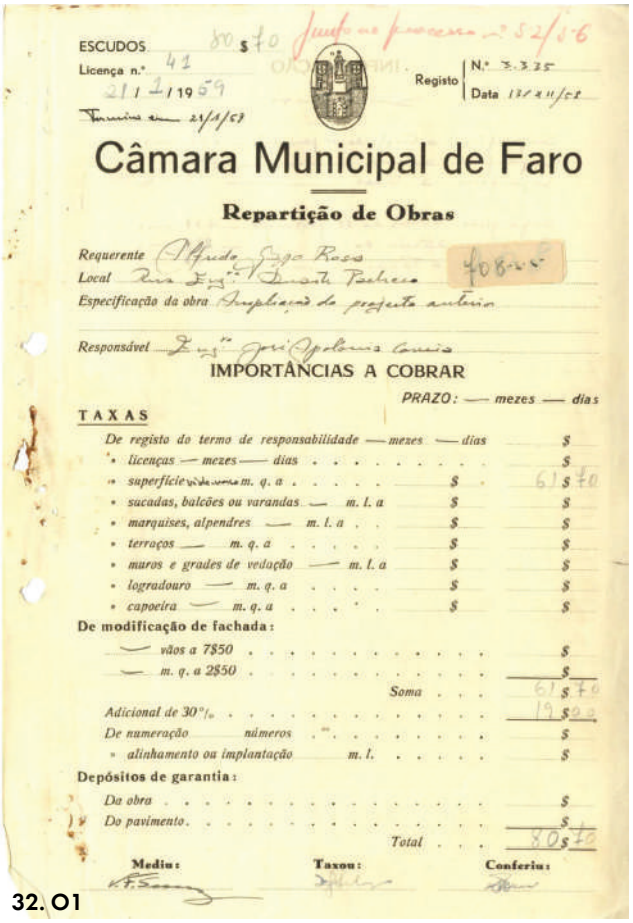
32. L



32. M



32. N



ESCUDOS $ 80$70 Junto ao processo nº 52/56

Licença n.º 41 Registo N.º 3.325

21/1/1959 Data 13/4/11/58

Termina em 21/1/59

Câmara Municipal de Faro

Repartição de Obras

Requerente Alfredo Gago Rosa

Local Rua Dr. Ernesto Pacheco 408-B

Especificação da obra Ampliação do projecto anterior

Responsável Dr. José Apolónio Canais

IMPORTÂNCIAS A COBRAR

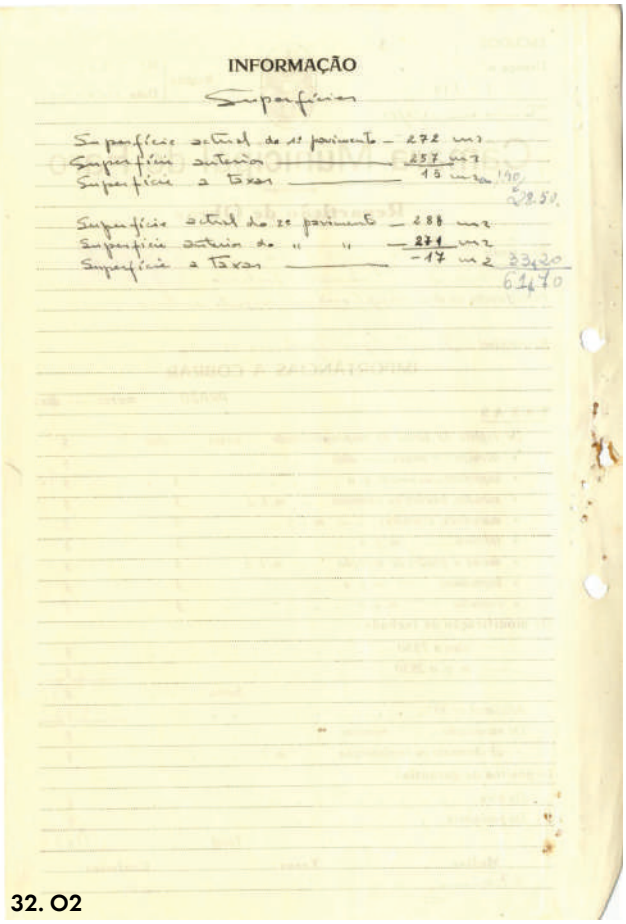
PRAZO: — mezes — dias

TAXAS

De registo do termo de responsabilidade — mezes — dias		$
» licenças — mezes — dias		$
» superficie coberta m. q. a	$	$ 61$70
» sucadas, balcões ou varandas — m. l. a	$	$
» marquises, alpendres — m. l. a	$	$
» terraços — m. q. a	$	$
» muros e grades de vedação — m. l. a	$	$
» logradouro — m. q. a	$	$
» capoeira — m. q. a	$	$
De modificação de fachada:		
— vãos a 7$50		$
— m. q. a 2$50		$
Soma		$ 61$70
Adicional de 30%		$ 18$50
De numeração números		$
» alinhamento ou implantação m. l.		$
Depósitos de garantia:		
Da obra		$
Do pavimento		$
Total		$ 80$70

Media: Taxou: Conferiu:

32. O1



INFORMAÇÃO

Superficies

Superficie actual do 1º pavimento — 272 m2

Superficie anterior — 257 m2

Superficie a taxar — 15 m2 190

28.50

Superficie actual do 2º pavimento — 288 m2

Superficie anterior do " " — 271 m2

Superficie a taxar — 17 m2 33$30

61$70

32. O2

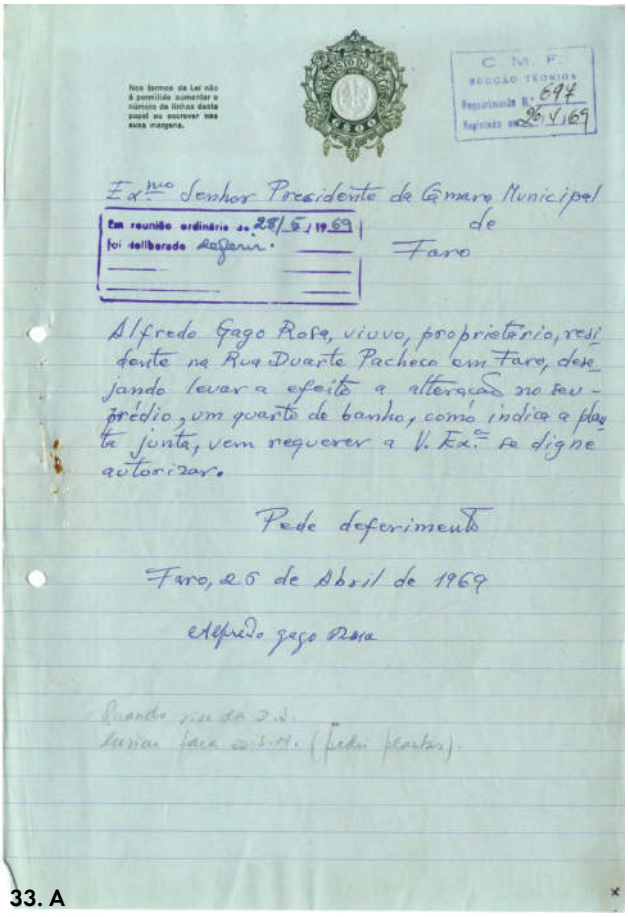
Na cobertura, os canteiros que limitam a área praticável são em parte suprimidos, para que seja introduzida, possivelmente a pedido do cliente, uma espaço de lavandaria partilahdo e aberto, para que não interfera com a simetria de fachada.

Apesar de se ter mantido a essência e identidade da casa, a composição dos alçados e os elementos expressivos que os caracterizam sofrem algumas alterações. Na fachada principal trocam-se alguns dos sombreamentos e floreiras fixas ao primeiro piso por envidraçados ritmados, e convertem-se os cobogós e envidraçados da cobertura num volume associado à nova lavandaria. A fachada poente abre-se mais à rua por meio da troca de alguns cobogós por guardas transparentes adornadas por floreiras, e os portões de garagem opocos são trocados por caixilharias com vidro fosco que proporcionam luz natural ao interior. Aos cobogós que foram mantidos, muda-se a sua expressão. Na fachada tardoz, redesenha-se o envidraçado ritmado que protege a escada comum e fecham-se os planos abertos dos terraços a nascente, agora em parte interiores, ao contário do que acontece na cobertura que passa a a ser um espaço exterior. Na fachada a nascente, excluem-se os elementos de sombreamento e floreiras fixas à fachada, e fecham-se algumas bandeiras das caixilharias.

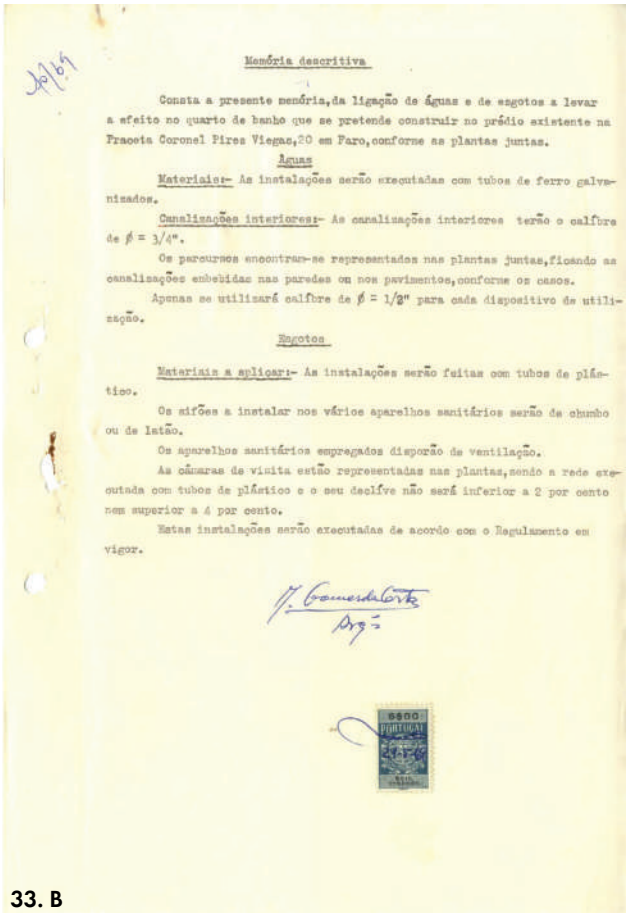
O último documento associado ao projeto para a casa Gago Rosa descreve as importâncias a serem cobradas relativas à "Ampliação do projecto anterior"[40] e respetivas áreas a serem taxadas.

40 *n/a – «Licenças para construção, reconstrução, modificação ou reparação de prédios urbanos. Prorrogação do prazo para a execução da obra e 2° prorrogação do prazo para a execução da obra» In* Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 3, 1957-58.

fig. 32 Fase três. K. Suprimidos e Introduzidos. Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **L.** Suprimidos e Introduzidos. Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura. **M.** Suprimidos e Introduzidos. Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente. **N.** Suprimidos e Introduzidos. Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente. **O1./O2.** Pagamento das alterações propostas. fonte: CMF/SAO/708-55



33. A



33. B

fig. 33 Fase quatro. A. Requerimento para construção de um quarto de banho. **B.** Memória Descritiva. Águas e Esgotos. **C.** Suprimidos e Introduzidos. 1° pavimento. **D1/D2.** Águas e Esgotos. Planta de 1° pavimento.
fonte: CMF/SAO/708-55

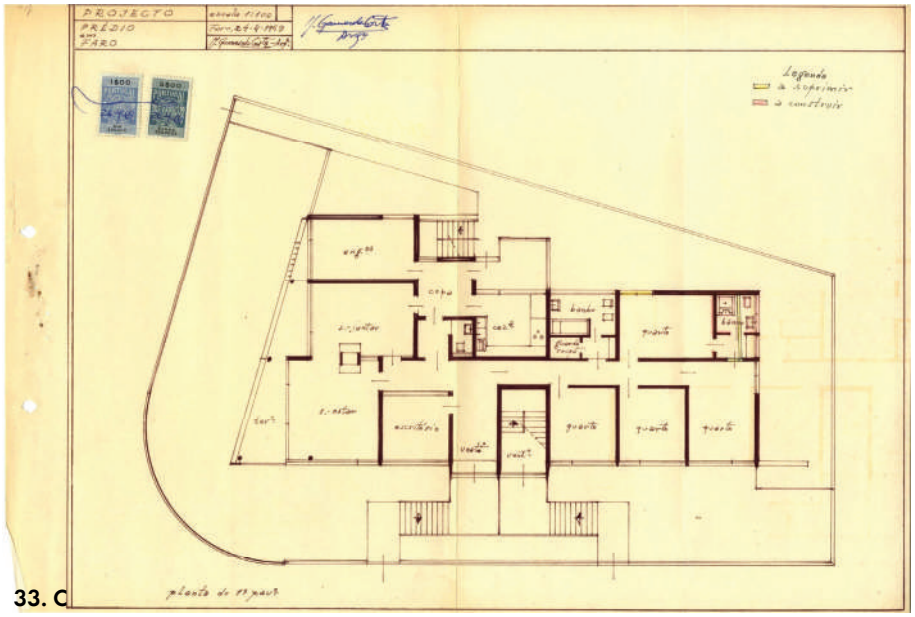
02.6. Fase quatro. Primeira alteração ao edifício.

A última fase registada no processo 708-55 documenta a primeira e única alteração, da autoria de Manuel Gomes da Costa, ao edifício original. Em abril de 1969, dez anos depois da conclusão da obra, Alfredo Gago Rosa pediu que fosse acrescentado um quarto de banho a uma das habitações da sua casa. Para tal, eliminou-se a varanda associada à fachada nascente e abriu-se uma janela para proporcionar luz natural ao quarto e, no seu lugar, desenhou-se uma casa de banho para ser partilhada com os dois quartos mais próximos.

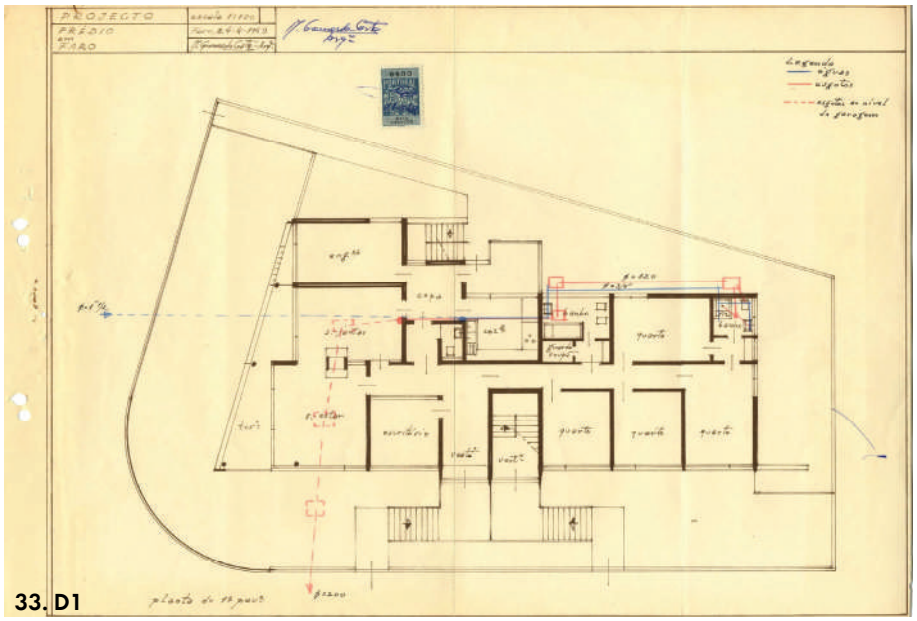
Apesar da simplicidade da intervenção, a memória descritiva e documentos requeridos para a aprovação da alteração são vastos. A memória descritiva relata exaustivamente todos os pormenores relativos às "ligações de águas e esgotos a levar a efeito no quarto de banho"[41] e, nas plantas que a anexam, representam-se os percursos das instalações, as câmaras de visita bem como o calibre das ligações.

Após uma correção por parte da Delegação da Saúde do Distrito de Faro, o projeto foi aprovado e a licença para a "Construção do quarto de banho" foi adquirida. Em junho do mesmo ano, Álvaro António Guerreiro Rebeca, um construtor civil na cidade de Faro, responsabilizou-se pelas obras a serem realizadas conforme o projeto aprovado, e, prontamente, foram anotadas as quantias a serem taxadas referentes aos trinta dias de obra e de registo do termo de responsabilidade e à inserção de um vão numa das fachadas da casa.

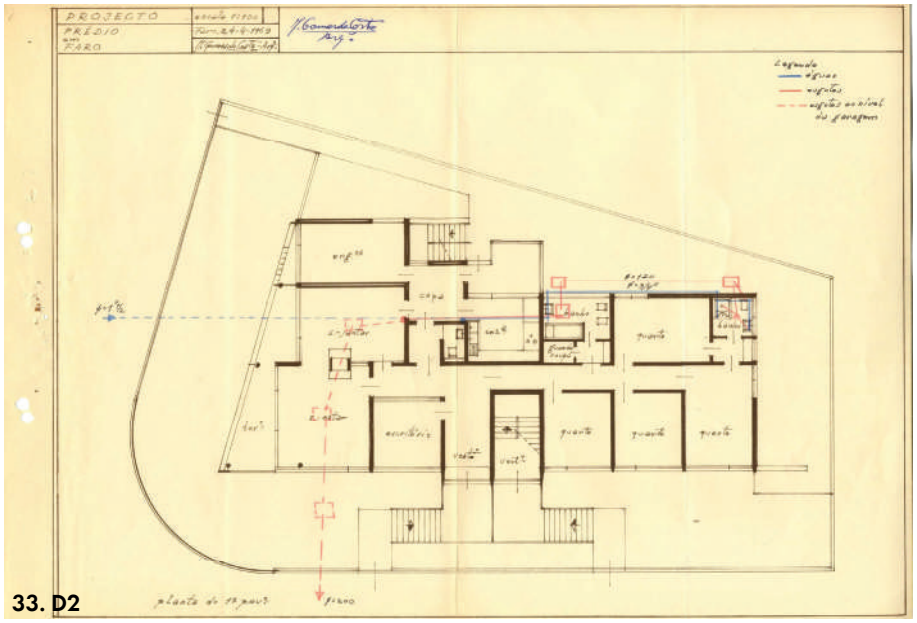
41 *GOMES DA COSTA, Manuel* – «Memória Descritiva» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 4, 1969.



33. C



33. D1



33. D2

fig. 33 Fase quatro. E. Parecer da Delegação de Saúde do Distrito de Faro. **F.** Passagem da licença requerida. Serviços Municipalizados de Câmara Municipal de Faro. **G.** Suprimidos e Introduzidos. 1° pavimento. **H.** Pagamento das alterações propostas. **I.** Declaração de responsabilidade. Álvaro António Jerônimo Rebeca.
fonte: CMF/SAO/708-55

NOVO QUARTO DE BANHO – A SUPRIMIR E A INTRODUZIR E CANALIZAÇÕES, ABR. 1969

ALTERAÇÃO PROPOSTA – DGS, MAIO. 1969

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA
DIRECÇÃO GERAL DE SAÚDE

DELEGAÇÃO DE SAÚDE DO DISTRITO DE FARO

Subdelegação de Saúde do Concelho de XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Processo n.º 697/69 (a) Parecer N.º 93/69 (b)

Proprietário: ALFREDO GAGO ROSA

Residência: Rua Duarte Pacheco em Faro

Prédio novo ☐; Prédio reconstruído ☐; Prédio reparado ☒ (c)

Localização do prédio Rua Duarte Pacheco em Faro

N.º de habitações: 1; N.º de divisões aproveitadas em cada habitação: 6 quarto de banho

N.º de pisos:

Parecer: O sistema de aquecimento de água para o quarto de banho deverá partir do esquentador situado na cozinha.

Faro 9 de Maio de 1969

O Subdelegado de Saúde

100$00 PORTUGAL 20$00 PORTUGAL 5$00 PORTUGAL

Taxa cobrada: 125$00 (nos termos do Cap.º V, N.º 2, alínea da Portaria n.º 23.298, de 6/4/1968).

(a) Número atribuído pela Câmara Municipal do Concelho.
(b) Número atribuído pela Subdelegação de Saúde do Concelho.
(c) Marcar com X o que interessa.

23. E

LICENÇA REQUERIDA, MAIO. 1969

Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Faro

INFORMAÇÃO

Processo nº. 697/69
Requerimento nº. 697, de 26-4-69
Requerente: Alfredo Gago Rosa
Localização: Praceta Coronel Pires Viegas, 20

Não há inconveniente na passagem da licença requerida.

Faro, 24 de Maio de 1969
Pelo Engº. Director Delegado

Rolando Serrano Santos

Mod. 80 — Gráficos Ideal-Agueda
A 4 — 210 x 297 m/m

23. F

PROJETO DEFERIDO, MAIO. 1969

S. R.

CÂMARA MUNICIPAL DE FARO

Ex.mo Sr.

Alfredo Gago Rosa
Rua Engº. Duarte Pacheco
F A R O

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	DATA
		Nº. 2532 P.º.3-5/10.	30-5-1969.

ASSUNTO:

" Alteração a realizar no seu prédio, conforme indica no projecto que apresentou, na R.Engº. Duarte Pacheco-Faro".
PROCº. Nº. 708/55.

Venho comunicar a V. Ex.ª que esta Câmara Municipal, na sua reunião de 28 do corrente mês, deliberou em referência ao assunto em epígrafe, o seguinte:

" DEFERIR ".

FARO, 30 de Maio de 1969.

A Bem da Nação

O Presidente da Câmara,

-João Henrique Vieira Branco-

23. G

4º PAGAMENTO, JUN. 1969

DATA ENTRADA SIG 14/JUN/13

ESCUDOS 65$00
Licença n.º 764
Concedida em 18/6/1969
Termina em 17-7-69

Registo N.º
Data

Câmara Municipal de Faro

Repartição de Obras

Requerente Alfredo Gago Rosa
Local R. Engº. Duarte Pacheco - Faro
Especificação da obra Construção de um quarto de banho
Responsável C.C. Arq.to Aut.º Guimarães Rebocca

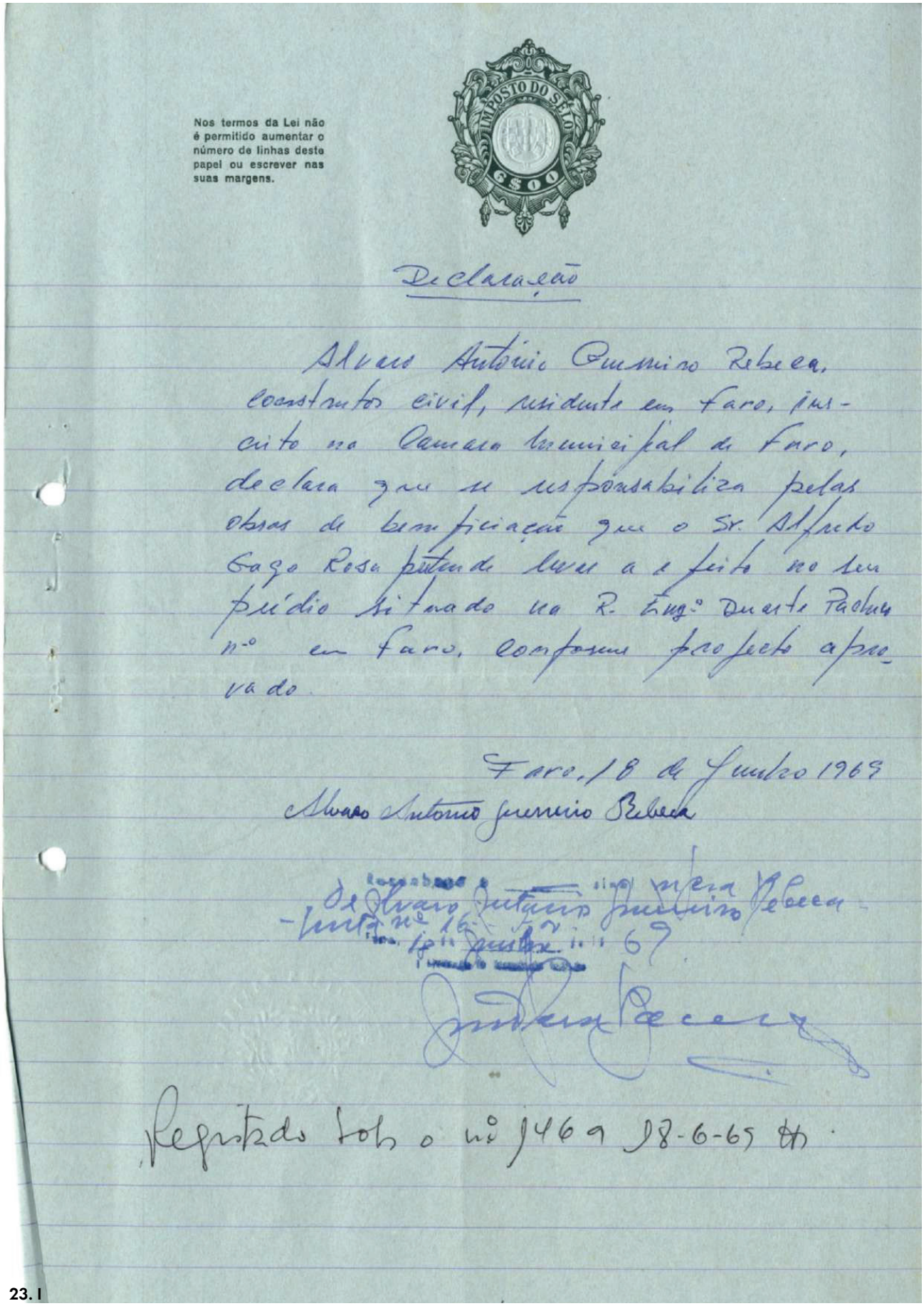
IMPORTÂNCIAS A COBRAR

PRAZO: meses 30 dias

TAXAS		
De registo do termo de responsabilidade ____ meses 30 dias		15$00
» licença ____ meses 30 dias		25$00
» superfície ____ m. q. a	$	$
» sacadas, balcões ou varandas ____ m. l. a	$	$
» marquises, alpendres ____ m. l. a	$	$
» terraços ____ m. q. a	$	$
» muros e grades de vedação ____ m. l. a	$	$
» logradouro ____ m. q. a	$	$
» coqueira ____ m. q. a	$	$
De modificação de fachada:		
1 vãos a 25$00		10$00
____ m. q. a 25$00		$
Soma		50$00
Adicional de 30%		15$00
De numeração ____ números		$
» alinhamento ou implantação ____ m. l.		$
Depósitos de garantia:		
Da obra		$
Do pavimento		$
Total		65$00

Mediu: Taxou: Conferiu:

23. H



Nos termos da Lei não é permitido aumentar o número de linhas deste papel ou escrever nas suas margens.

IMPOSTO DO SELO
6$00

Declaração

Álvaro António Guerreiro Rebeca, constructor civil, residente em Faro, inscrito na Câmara Municipal de Faro, declara que se responsabiliza pelas obras de beneficiação que o Sr. Alfredo Gago Rosa pretende levar a efeito no seu prédio situado na R. Engº Duarte Pacheco nº em Faro, conforme projecto aprovado.

Faro, 18 de Junho 1969

Álvaro António Guerreiro Rebeca

Reconhece a firma de Álvaro António Guerreiro Rebeca - Lista nº 16 - 19 Junho 69

Registado sob o nº 1469 18-6-69

23. I

CAPÍTULO 03



As propostas para a casa Gago Rosa, 1955-69.

maio de 2023

Antes de passar toda a informação do levantamento para o computador preciso de analisar os documentos e desenhos arquivados para reconstituir a história da casa.

Jamais pensaria que a solução inicial para a organização das habitações fosse tão comum. Habitações distribuídas por dois pisos? Logradouros seguem a divisão da organização interior? Difícil de imaginar esta organização associada a fachadas com expressão tão moderna.

junho de 2023

Que outros registos poderão ajudar-me a restabelecer a história e o projeto da casa Gago Rosa?
Será que há fotos da altura que me ajudem nesta descoberta?

julho de 2023

Encontrar tais imagens no arquivo do Forte de Sacavém não foi fácil. Depois de 20 minutos e tentar perceber como se pesquisava qualquer informação naquela base de dados e de várias vezes pedir ajuda, lá encontrei o arquivo fotográfico de Manuel Laginha. Dezenas de pastas e centenas de fotos. Não tive alternativa, tive que abrir as imagens um a um para poder encontrar as que procurava. Mas valeu a pena.


MERCADO
MUNICIPAL
Travessa Morais de Pinho
Rua Duque
Pacheco
Rua Dr.
Candido
Guerreiro

Parte 01 - Cada habitação em dois pisos.
03.1. A primeira proposta.

Manuel Gomes da Costa projetou duas versões para a casa Gago Rosa. Inicialmente, submeteu uma proposta que desenvolve as duas habitações ao longo de quatros pisos e, posteriormente, entregou um projeto em que cada habitação funciona como um piso independente. Ainda que intrinsecamente diferentes, ambas as soluções procuraram responder adequadamente às problemáticas que o local introduz e, assim, compreende-se que partilhem intenções arquitetónicas e, consequentemente, alguma coerência visual.

De facto, a documentação arquivada reflete uma relação de concordância entre a evolução do projeto e as considerações definidas para o local na primeira memória descritiva, nomeadamente:

- *"Esta construção será constituída por um piso baixo (cave), destinado a garagens e por dois pisos superiores. Comportará duas habitações, sendo o seu aspecto exterior de uma vivenda;*
- *A estrutura deste edifício será de betão armado – pilares, vigas e lajes – e de panos de enchimento de tijolo;*
- *Sob o aspecto arquitectónico, ficará sem dúvida integrado no ambiente local, dada a diversidade de fachadas ali existentes;*
- *Tendo em atenção a orientação deste edifício, Sul e Poente, procurou-se criar zonas de proteção de calor, como sejam quebra-soles e grelhagens;*
- *Todos os compartimentos ficarão com iluminação e ventilação abundantes, já porque se trata de uma vivenda isolada, já pela sua posição de edifício de gaveto, factores considerados no estudo da distribuição em planta e na concepção dos alçados;*
- *Dentro do lote em que fica integrado este edifício, pareceu-nos a presente solução a mais aceitável, quer em planta, quer em alçados. Os seus alinhamentos exteriores serão o prolongamento dos existentes."* [42]

Os temas discriminados no documento acompanham todo o processo de desenvolvimento da solução projetual.[43] Assim, revela-se adequado organizar a análise das propostas arquitetónicas a partir da informação destacada no documento escrito e complementá-la com a introdução de temáticas que reemergem na sua obra construída.

Assim, recorreu-se à manipulação dos elementos desenhados do processo 708-55 para dissecar os dois projeto para a casa Gago Rosa, partindo do geral para o particular. Começamos por analisar nas peças desenhadas as temáticas: implantação; relação volmétrica com a envolvente; associação entre habitações; estrutura; orientação do edifício; a relação entre o natural e a arquitetura; a espacialidade e ambiente interior; a apropriação do espaço arquitetónico e o mobiliário; os espaços transitórios como auxílios à entrada e à proteção solar; os alçados e a sua expressão arquitetónica e acabamos por confrontar os desenhos com elementos notórios do léxico arquitetónico de Manuel Gomes da Costa, para auxiliar na compreensão das intenções visuais e expressivas propostas para a obra.

42 *GOMES DA COSTA, Manuel* – «Memória Descritiva» In Arquivo CMF Processo 708-55 Fase 1, 1955.
43 A memória descritiva de 1956, relativa à segunda proposta para a casa Gago Rosa, referencia as considerações introduzidas na memória descritiva de 1955, já que, referem que *"esta memória [pertence] a um ante-projecto, (...).", que, "Sobre o aspecto estético apresenta características idênticas às do anterior ante-projecto.", e que, "Sobre os materiais usados na construção também não sofreram qualquer alteração"* – *GOMES DA COSTA, Manuel* – «Memória Descritiva» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 2, 1956.

fig. 34 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.
fig. 35 Planta de localização.
fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024)

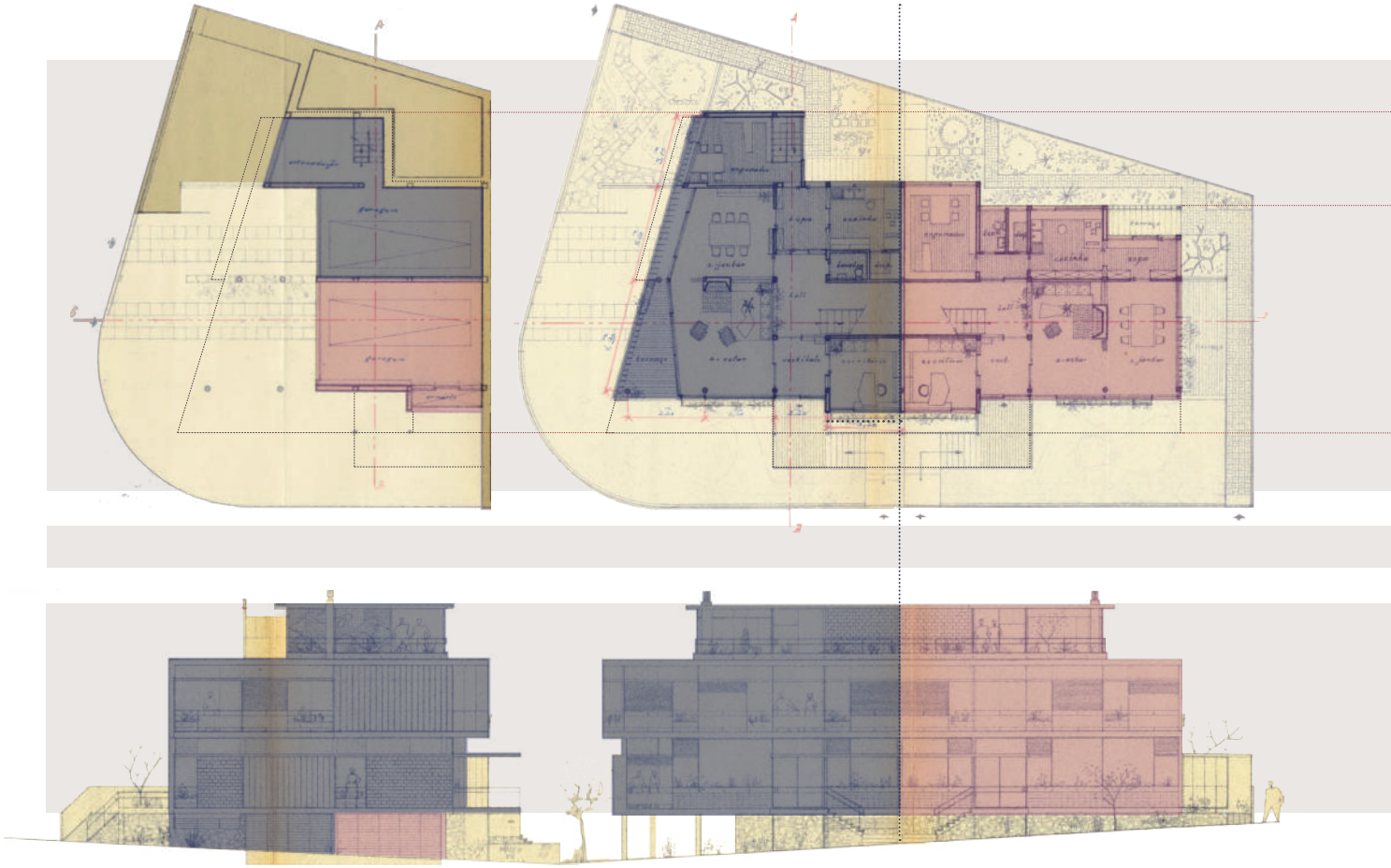


fig. 36 A distribuição das habitações no volume. Plantas e Alçados da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55. Editado pela autora (2024)

1/300 0 1 m 5

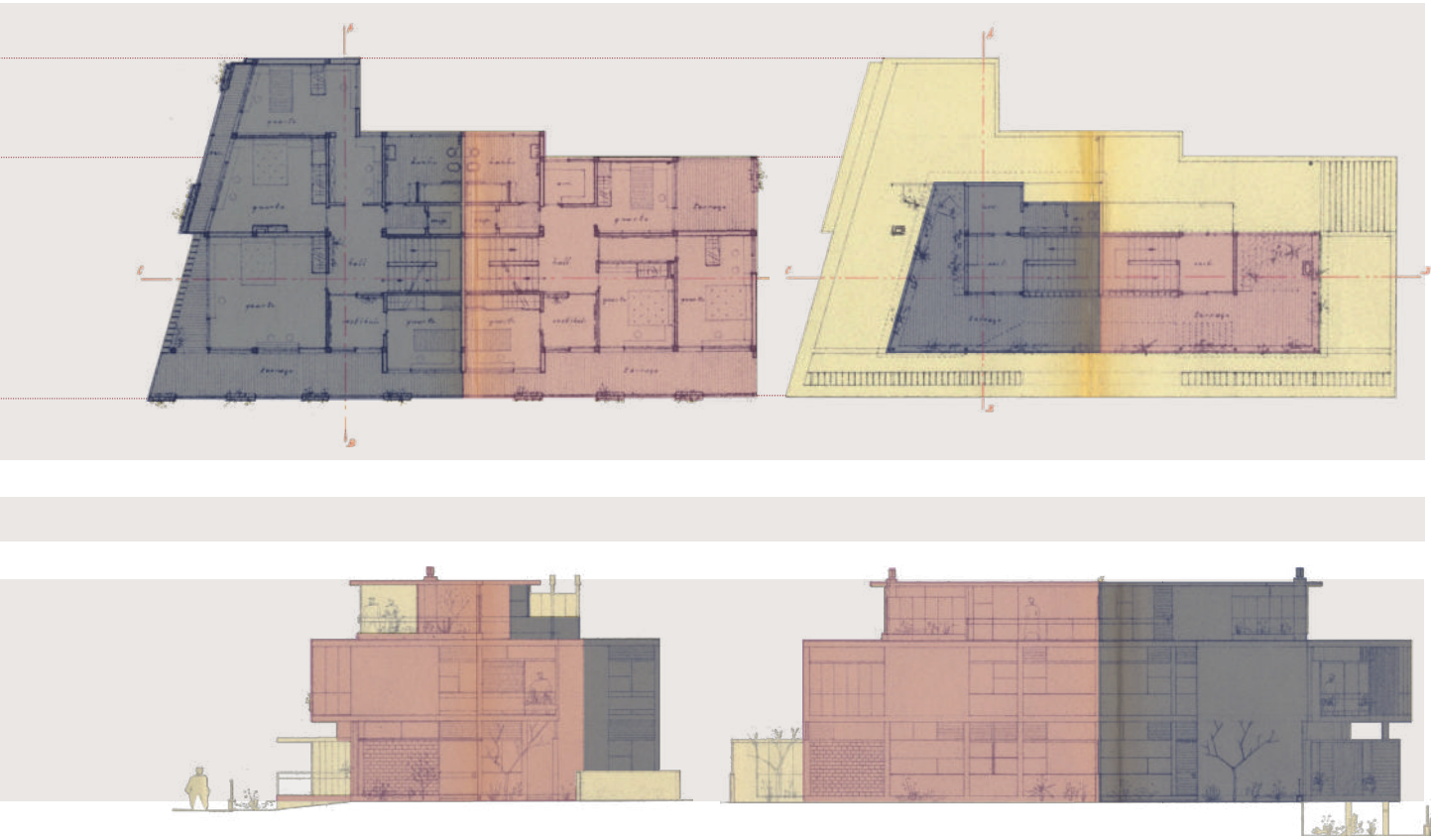
03.2. A distribuição de duas habitações num único volume.

O terreno destinado à casa Gago Rosa integra um gaveto formado pela rua General Humberto Delgado e pela Praça Coronel Pires Viegas e localiza-se numa zona priveligiada da cidade dominada por habitações isoladas de baixa densidade – entre três e quatro pisos. Para o local, Manuel Gomes da Costa projetou um volume que se insere adequadamente na envolvente e que tem em consideração a posição de gaveto e a orientação Sul e Poente de que beneficia.

O volume proposto adota as direções dos limites do terreno e a cércea do edifício no lote vizinho localizado na praça Coronel Pires Viegas. Este foi estudado para comportar duas habitações que se desenvolvem ao longo de quatro pisos: um piso de embasamento que no seu maior pé-direito inclui as garagens (2,2 metros); dois pisos superiores que albergam o programa interior das habitações (6,4 metros); e um piso da cobertura que proporciona espaço de terraço coberto (2,4 metros).

As duas habitações que integram o volume da casa Gago Rosa são aqui definidas por meio de um eixo principal (a) que comanda a planta, os alçados e os logradouros e delimita as áreas interiores, exteriores e transitórias associadas a cada habitação. Assim, define-se uma habitação que beneficia de fachadas a sul, poente e norte (representada a azul) e outra habitação com fachadas orientadas a sul, nascente e norte (representada a rosa) e os seus respetivos logradouros.

Associados a cada logradouro encontramos dois pontos de acesso pedestre – um acesso principal que conecta a rua ao patamar da entrada através de escadas simétricas e um acesso secundário, de serviços, que facilita a conexão da rua com a fachada tardoz – e um acesso para automóveis partilhado pelas habitações, como indicado em planta.



LEGENDA: Hab. 1 Hab. 2

De facto, a primeira solução preza pela simplicidade conceptual de um eixo regulador que orienta a composição. Todavia, fruto desta distribuição, verificam-se discrepâncias em componentes fundamentais da proposta, nomeadamente: a distribuição equilibrada do espaço de logradouro, o acesso entre as garagens e as habitações; e a orientação solar de cada habitação no edifício.

Quando analisamos os espaços exteriores, compreendemos uma grande disparidade entre os logradouros das duas casas. Uma casa beneficia de espaço exterior privado, extenso e devidamente definido, já a outra atribui-se apenas parte da sua fatia de terreno. Isto deve-se à solicitação de grande parte do logradouro para incluir o acesso automóvel partilhado pelos habitantes. Desta solução surgem questões face aos limites entre o espaço partillhado e o espaço privado, e à natureza da comunicação entre uma das garagens e o interior da respetiva habitação, aspectos que não foram totalmente resolvidos.

Além disso, verifica-se alguma distância entre o desenhado e a intenção inicial de valorizar, em projeto, a posição de gaveto e a orientação Sul e Poente do edifício. Por um lado, uma das habitações orienta-se a Sul e Poente e serve-se da amplitude visual e solar característica de um gaveto, mas, a outra habitação orienta-se a Norte e Nascente e olha edifícios vizinhos. No entanto, apesar deste projeto revelar consideração pelos dois aspectos mencionados, já que, foram estudadas grandes aberturas e um sistema de ensombramento complexo para as fachadas Sul e Poente, enquanto que as fachadas Norte e Nascente são mais conservadoras, esta solução revela desequilíbrios consideráveis entre as características de cada uma das habitações.

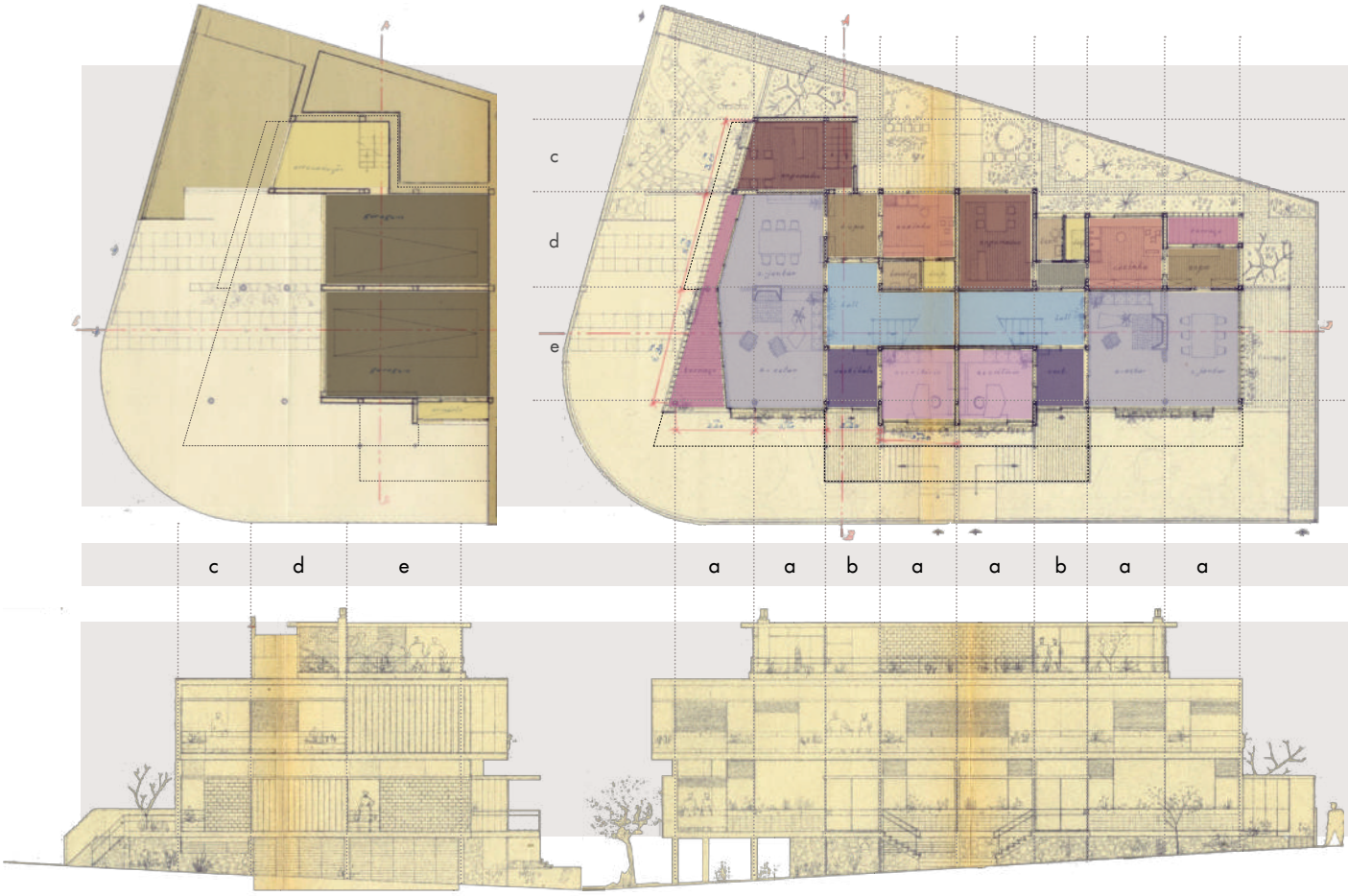


fig. 37 A presença da estrutura e a distribuição do programa doméstico. Plantas e Alçados da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955. fonte: CMF/SAO/708-55. Editado pela autora (2024)

03.3. A estrutura como elemento fundamental de composição.

Na memória descritiva, o arquiteto faz referência à estrutura para esclarecer sobre o sistema construtivo que propõe para a casa Gago Rosa, "betão armado – pilares, vigas e lajes – e (...) panos de enchimento de tijolo"[44]. Esta informação é especialmente relevante quando se pensa no ambiente construído da região naquela época, em que as estruturas leves constituíam uma novidade.

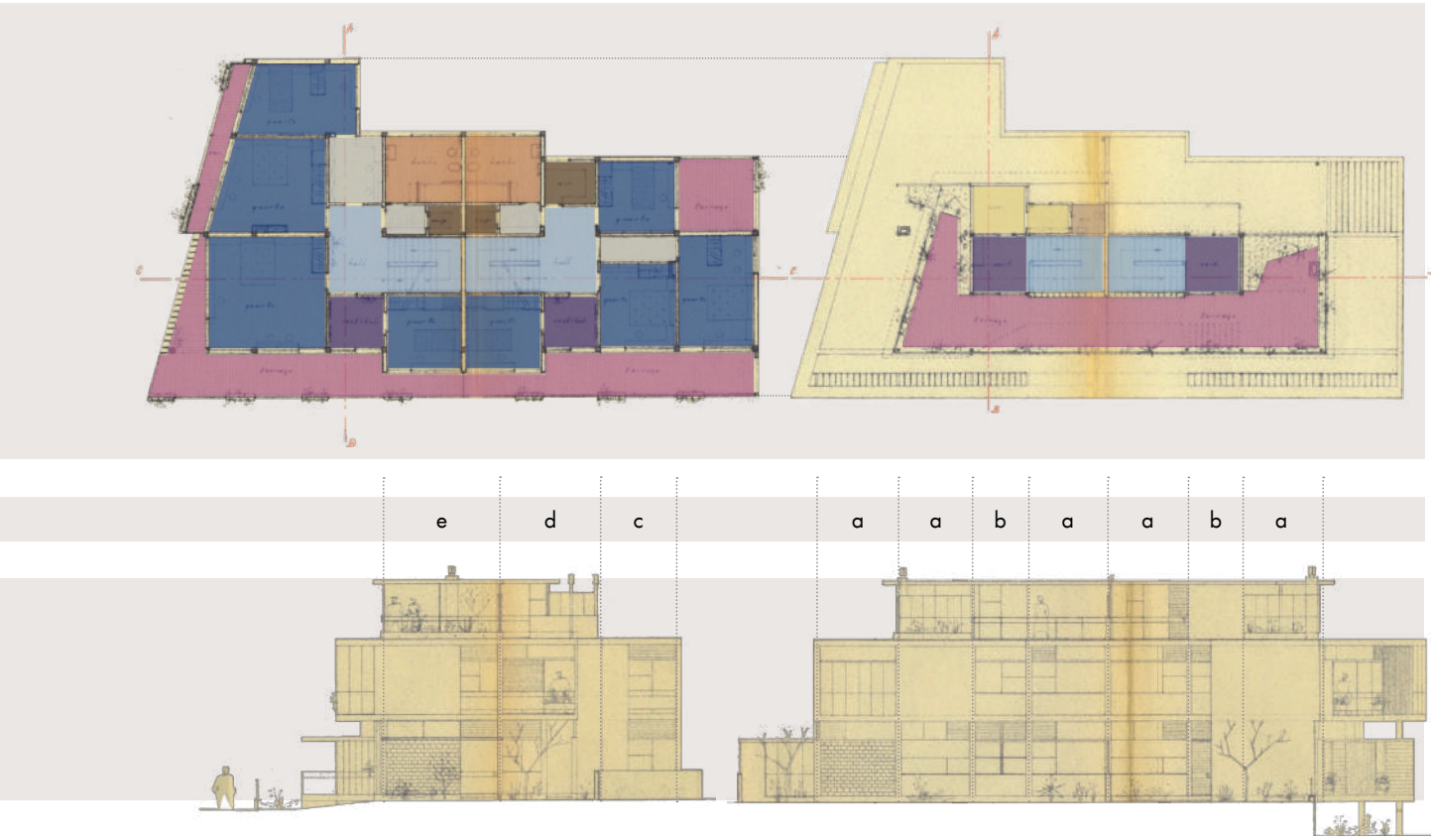
Além disso, neste projeto, estudar a estrutura é particularmente importante por ser usada como um elemento de forte presença expressiva na arquitetura, e por reger a composição e a métrica que modelam a distribuição do programa, a organização das plantas e o desenho dos alçados.

Na orientação Sul-Norte, observa-se um ritmo que assume uma simetria a eixo - aabaabaa - e introduzem-se as medidas de 3,2 metros (a) e de 2,2 metros (b); e na direção Poente-Nascente, adicionam-se as medidas 3,1 metros (c), 4,2 metros (d) e 4,9 metros (e). Relativamente às dimensões estabelecidas entre lajes horizontais, desde o ponto mais baixo do terreno, verificam-se as seguintes medidas: 2,2 metros (a'), 3,0 metros (b'), 2,8 metros (c') e 2,2 metros (d')[45].

Assim, é estabelecida uma relação de simbiose entre plantas e alçados, entre interiores e exteriores, que nos informa sobre a essência do projeto. E, prioriza-se uma verdade construtiva, dando a ver os diversos elementos arquitetónicos que proporcionam ritmo, harmonia, cor, movimento, e, ao mesmo tempo, continuidade e equilíbrio do todo.

44 GOMES DA COSTA, Manuel – «Memória Descritiva» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 1, 1955.

45 GOMES DA COSTA, Manuel – «*Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1º pavimento*» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 1, 1955.



03.4. O programa doméstico.

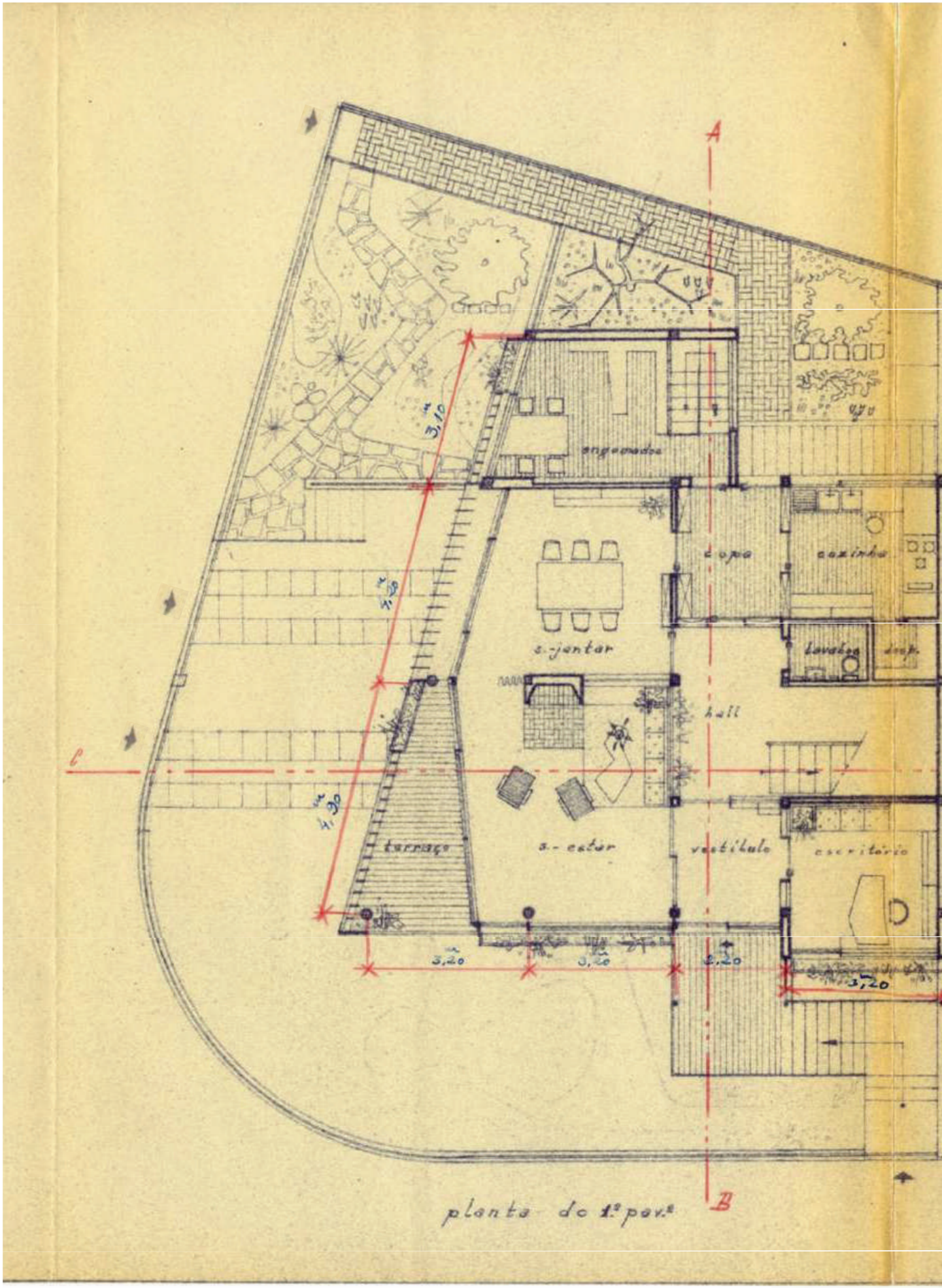


O programa interior da casa é registado diretamente em planta e revela que associado a cada habitação, se encontra:

- uma garagem e um espaço de arrumação no piso inferior;
- um vestíbulo, escritório, hall, lavatório, sala de estar, sala de jantar, terraço, copa, engomadoria, cozinha e dispensa no primeiro piso;
- um hall, vestíbulo, quatro quartos, terraços, banho, guarda-roupa e espaços de circulação no segundo piso;
- um vestíbulo, arrumos, banho e um grande terraço na cobertura.

Esta distribuição programática resulta do distanciamento intencional, físico e estratégico, das àreas sociais, das íntimas e dos serviços. O primeiro piso é partilhado pelo programa social e pelos serviços, mas um associa-se às fachadas principal e laterais, enquanto que o segundo está vinculado à fachada tardoz. O segundo piso é reservado para o programa íntimo.

As habitações beneficiam do mesmo programa interior que varia apenas para acomodar as diferenças na volumetria. Em ambas, a entrada é feita a partir de um vestíbulo que nos conduz ao escritório, às salas ou ao hall de acesso ao piso superior. A sala de estar e de jantar posicionam-se nos topos livres do volume, um topo livre associado a um grande terraço que prolonga o espaço interior e o protege do sol de Sul e Poente, e o segundo associado a um terraço a nascente, descoberto e mais desconectado do interior. Os serviços que englobam a cozinha, dispensa, copa e engomadoria, são acessíveis diretamente pelo exterior, mas mantêm-se conectados com o interior. No piso superior, ao qual se acede através das escadas do hall, encontramos quatro quartos com respetivos terraços, uma casa de banho comum e arrumos. A partir das escadas, se tem acesso à cobertura, formada por um grande terraço coberto, delimitado por canteiros verdes.


A
B
C
3,10
4,30
3,20
3,20
2,20
3,20
s.-jantar
copa
cozinha
lavabos
hall
terraço
s.-estar
vestíbulo
escritório
planta do 1.º pav.º

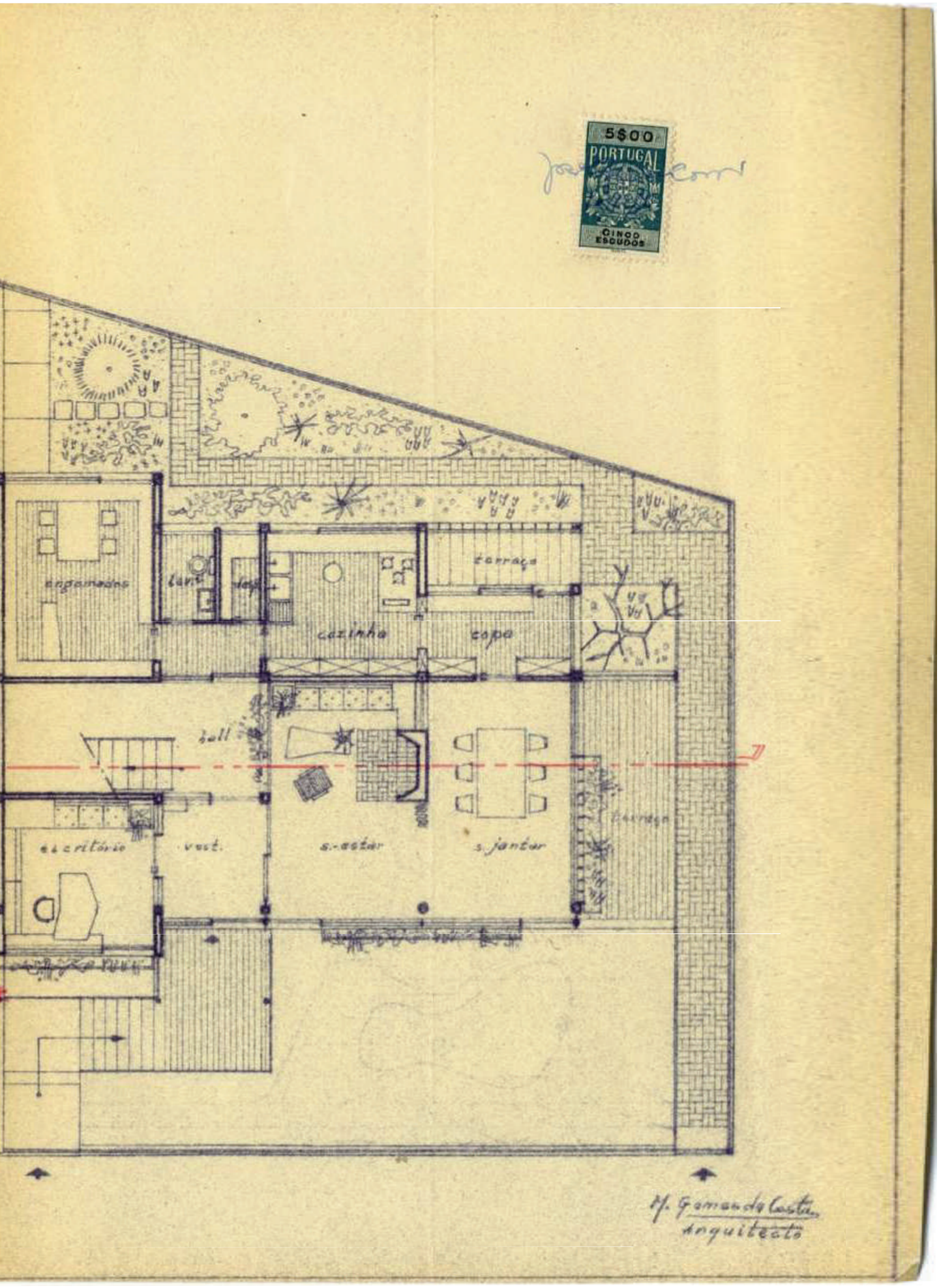

5$00
PORTUGAL
CINCO ESCUDOS
engomadeira
lav.
terraço
cozinha
copa
hall
escritório
vest.
s.-estar
s. jantar
H. Gomes da Costa
arquitecto

fig. 38 Planta do primeiro piso da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55.

1/100 0 1 m 2

03.5. Uma análise aproximada do projeto desenhado.

Um olhar aproximado sobre os elementos desenhados do processo arquivado permite-nos apreender e aprofundar conceitos determinantes da solução arquitetónica que não foram evidenciados nas memórias descritivas. Os que destacamos aqui são princípios que reemergem na arquitetura de Manuel Gomes da Costa e que são pertinentes na proposta inicial da casa Gago Rosa. Estes são:

a) O natural como elemento integrante da arquitetura.

"No aspecto ambiental, uma preocupação que sempre tive foi integrar nos meus projectos, no exterior, flores e elementos vegetais. Sempre tive [esse cuidado] em todos os projetos que fiz, tornava as coisas mais humanas, não tornava as coisas secas (...)"[46]

Os elementos naturais estão presentes nas várias dimensões das suas obras, e assim, integram não só os logradouros e àreas exteriores, como também os espaços transitórios, terraços, fachadas e espaços interiores, e assumem um papel crucial na imagem e na atmosfera associada à sua arquitetura. Estes aparecem na forma de: canteiros que desenham os espaços exteriores e delimitam os grandes terraços; floreiras que integram a composição e expressão dos alçados; e peças de mobiliário desenhadas para auxiliar a definição dos espaços interiores e a introdução de elementos naturais no ambiente doméstico.

A casa Gago Rosa mantém esta abordagem face à integração de elementos naturais na arquitetura. Na fase inicial, o desenho paisagístico que acompanha a proposta é um projeto incompleto, reservado às plataformas norte e nascente do terreno. Aqui, privilegia-se o desenho rigoroso e minucioso de percursos pavimentados e canteiros. Os trajetos desenhados no terreno conectam os acessos exteriores secundários às entradas de serviço na fachada tardoz e prolongam-se pelas plataformas para formar outros espaços exteriores de apoio aos afazeres domésticos. Associado a estes percursos ortogonais, desenham-se diferentes canteiros com uma variedade de àrvores, arbustos e plantas que diversificam o ambiente dos logradouros e valorizam o projeto arquitétonico.

A sul e poente do terreno, vinculados às fachadas principais, não se registam no desenho paisagístico, a materialidade ou a vegetação de forma detalhada, mas, alude-se para a integração de traços mais orgânicos no desenho dos logradouros. Nestes, o arquiteto esboça dois pequenos lagos e percursos pedonais que os ladeiam, cuja abordagem expressiva certamente se assemelharia à da plataforma poente, onde se procura reproduzir a fluidez, irregularidade, a dimâmica e a materialidade dos espaços naturais.

fig. 39 Aproveitamento interior das habitações e registos altimétricos. Cortes tranversal e longitudinal da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55

1/300 0 1 m 5

46 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas*) – *Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 17:45 - 18.05 minuto.*



b) Projetar o espaço doméstico como um todo.

Como anteriormente demonstrado, o programa doméstico para as habitações é simples e a sua distribuição pelo volume é racional. Dado que se favorece a clarificação das zonas social, íntima e de serviços, a articulação entre espaços é lógica e a dissociação entre funções é evidente. Adicionalmente, estabelecem-se diferentes prioridades para as ambiências consoante o programa associado. Assim, projeta-se transparência, abertura e fluidez para os espaços comuns e discrição, privacidade e familiaridade para os espaços íntimos e de serviços.

Quando analisamos as plantas e cortes do projeto inicial, somos confrontados com a materialização destas intenções e a utilização pensada para os espaços interiores transmitida pelo mapeamento das peças de mobiliário, que nos informam sobre as intenções do arquiteto para a caracterização do espaço doméstico.

Ambas as habitações beneficiam da liberdade espacial que o sistema de planta e fachada livre[47] facilita, e assim é possível explorar abordagens que asseguram *que "todos os compartimentos fiquem com iluminação e ventilação abundantes"*[48]. A abordagem mais evidente em desenho é a diagonalização dos espaços que permite estabelecer relações espaciais e visuais entre compartimentos, garante a filtração da luz solar e a circulação do ar, ao mesmo tempo que preserva a definição dos espaços. Quando pretende proporcionar amplitude e perceptabilidade, opta por delimitar os espaços através de peças de mobiliário, paredes divisórias e carpintarias desenhadas para garantir contacto visual e iluminação homogénea no interior. Exemplos disto são as lareiras que dividem as salas em zona de estar e de jantar, e as floreiras que permitem a comunicação e a iluminação entre compartimentos interiores, sendo estas estratégias de projeto a que o arquiteto recorre com frequência.

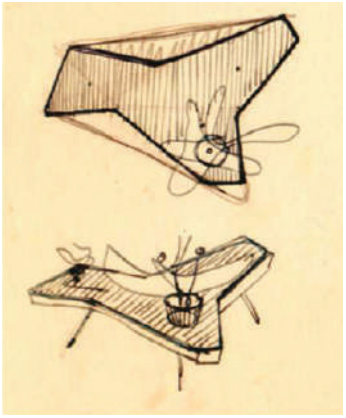
Estes elementos decorrem do estudo atento das problemáticas mais comuns na sua arquitetura, já as peças de mobiliário, representadas apenas em planta, informam-nos sobre as ideias de Gomes da Costa para a apropriação dos espaços e resultam do "desejo do arquitecto de atuar sobre todos os aspectos da relação do homem com os espaços edificados"[49].

De modo a compreender no global a sua obra, é fundamental reconhecer que a sua atitude modernista se estende ao detalhe construtivo – difícil de compreender à escala utilizada (1:100) – e ao mobiliário que, tanto a sua disposição quanto as suas características, são pensados para serem parte absolutamente integrante do espaço arquitetónico, e são estudados para servirem a arquitetura e os seus utilizadores.

Ainda que inseridas cuidadosamente nesta obra, estas peças integram um catálogo de mobiliário desenhado por Manuel Gomes da Costa para servir os seus demais programas arquitetónicos. A sua simplicidade permite enquandrá-las em qualquer espaço e adaptá-las a qualquer circunstância, estratégia que, tal como a estandardização da pormenorização, facilita a produção de soluções arquitetónicas cuidadas a um ritmo intenso.

figs. 40 e 41 Mobiliário desenhado por Manuel Gomes da Costa.
fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas





47 "Os *Cinco pontos da Nova Arquitetura*" de Le Corbusier: Planta Livre, Fachada Livre, Pilotis, Terraço Jardim, Janelas em fita – publicados pela primeira vez em 1927 na revista *L'Esprit Nouveau* e considerados os cânones da Arquitetura Moderna.

48 GOMES DA COSTA, Manuel – «*Memória Descritiva*» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 1, 1955.

49 VARGAS, Gonçalo – *Detalhes Construtivos. Domínio sobre o pormenor.* in Painel C30 da Exposição Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Outubro/Novembro 2009.

c) Arquitetura do Sol: das fachadas, aos terraços, ao interior.

Dado o clima algarvio, a proteção à incidência excessiva da luz solar e do calor é uma consideração intrínseca aos projetos de Gomes da Costa. Para a casa Gago Rosa, que integra um gaveto orientado a Sul-Poente, o arquiteto explora a integração de um sistema de ensombramento nas fachadas principais. Este propõe a incorporação de terraços profundos que distanciam o exterior e as condições associadas do interior e, ao mesmo tempo, proporcionam um prolongamento do programa interior para o exterior. A presença destes terraços incita à duplicação das fachadas, uma mais interna, projetada para ser uma "parede" envidraçada, e outra mais externa, onde se integram os elementos de proteção do calor, também estudados para assegurar a passagem controlada de luz e facilitar a circulação do ar. As lâminas quebra-sol, as grelhagens cerâmicas, os brise-soleils e as reixas de madeira presentes são elementos de ensombramento típicos do léxico expressivo do modernismo, tanto latino-americano como europeu, e proporcionam à casa uma imagem internacional.

A Norte e a Nascente a presença destes elementos é reduzida por serem desnecessários. Assim, associadas a estas orientações, projetam-se fachadas depuradas, de composições simples que assumem os elementos estruturais e transparecem a organização interior. Ainda assim, em ambas, conjuga-se a presença de pilares e lajes, panos cegos e guardas depuradas, com aberturas ritmadas, envidraçados, guardas transparentes e reixas e, pontualmente, floreiras e grelhagens cerâmicas.

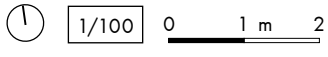
De facto, compreendem-se diferenças consideráveis entre fachadas consoante a orientação a que se associam. A Sul e Poente verifica-se abertura total para o exterior, protegida por terraços em todo o seu comprimento e por uma segunda fachada desmaterializada. A Norte e Nascente não se cria qualquer distância entre o programa interior e o clima, luz e calor exterior, e assim, as fachadas são únicas mas contidas, e os terraços são pontuais.

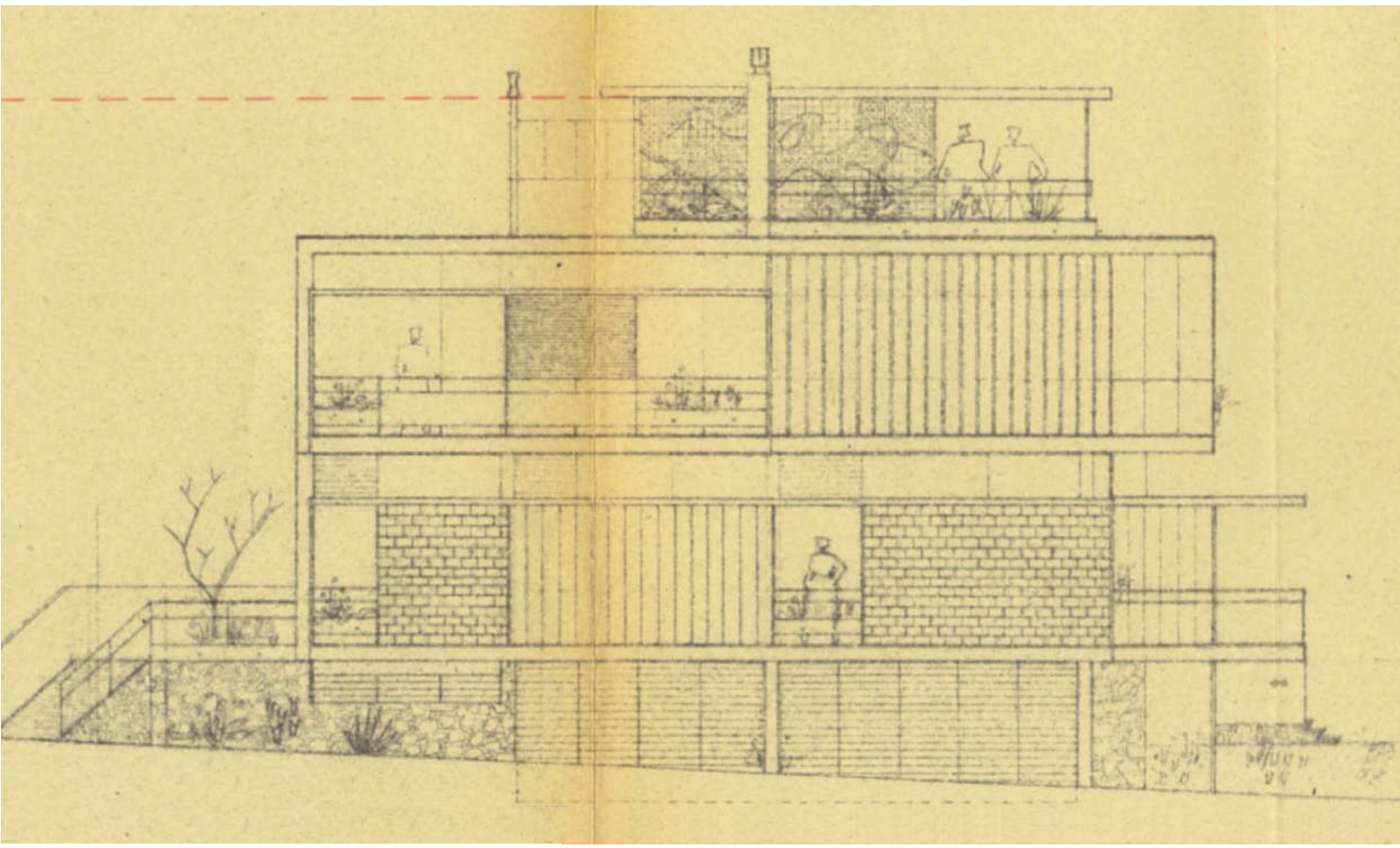
Apesar destas diferenças, reconhece-se homogeneidade, coerência e continuidade entre fachadas devido ao recurso a esquadrias que regulam as composições. Os elementos que compõem as fachadas são cadenciados por guias horizontais e verticais que replicam a métrica dos elementos estruturais do projeto – pilares e lajes – e por repartições ortogonais que facilitam a incorporação da escala humana nas composições.

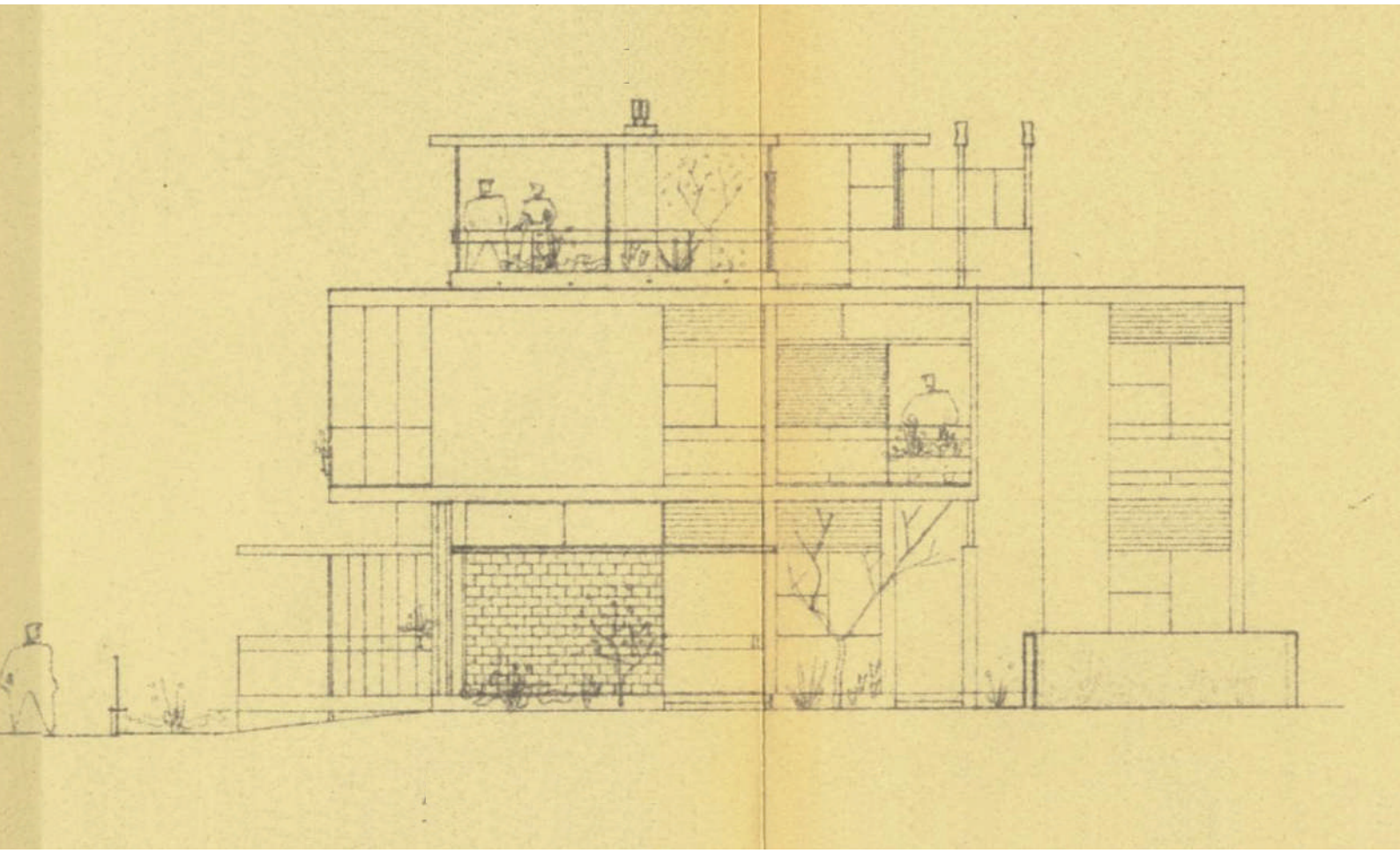
Nesta proposta, como é habitual na obra construída de Manuel Gomes da Costa, as próprias esquadrias são materializadas e introduzidas como elementos horizontais e verticais que, ora têm um papel central no desenho das fachadas, ora se encontram relativamente diluídos. A horizontalidade é dada pelas lajes, palas, guardas e floreiras, por leves perfis de betão, pela segmentação horizontal das janelas e dos envidraçados, pelas reixas de ensombramento e grelhagens cerâmicas. Já a verticalidade é garantida pelos pilares ou pela sua marcação em alçado, por leves perfis de betão, pelas lâminas brise-soleil e guardas, e pela segmentação vertical das janelas e dos envidraçados.

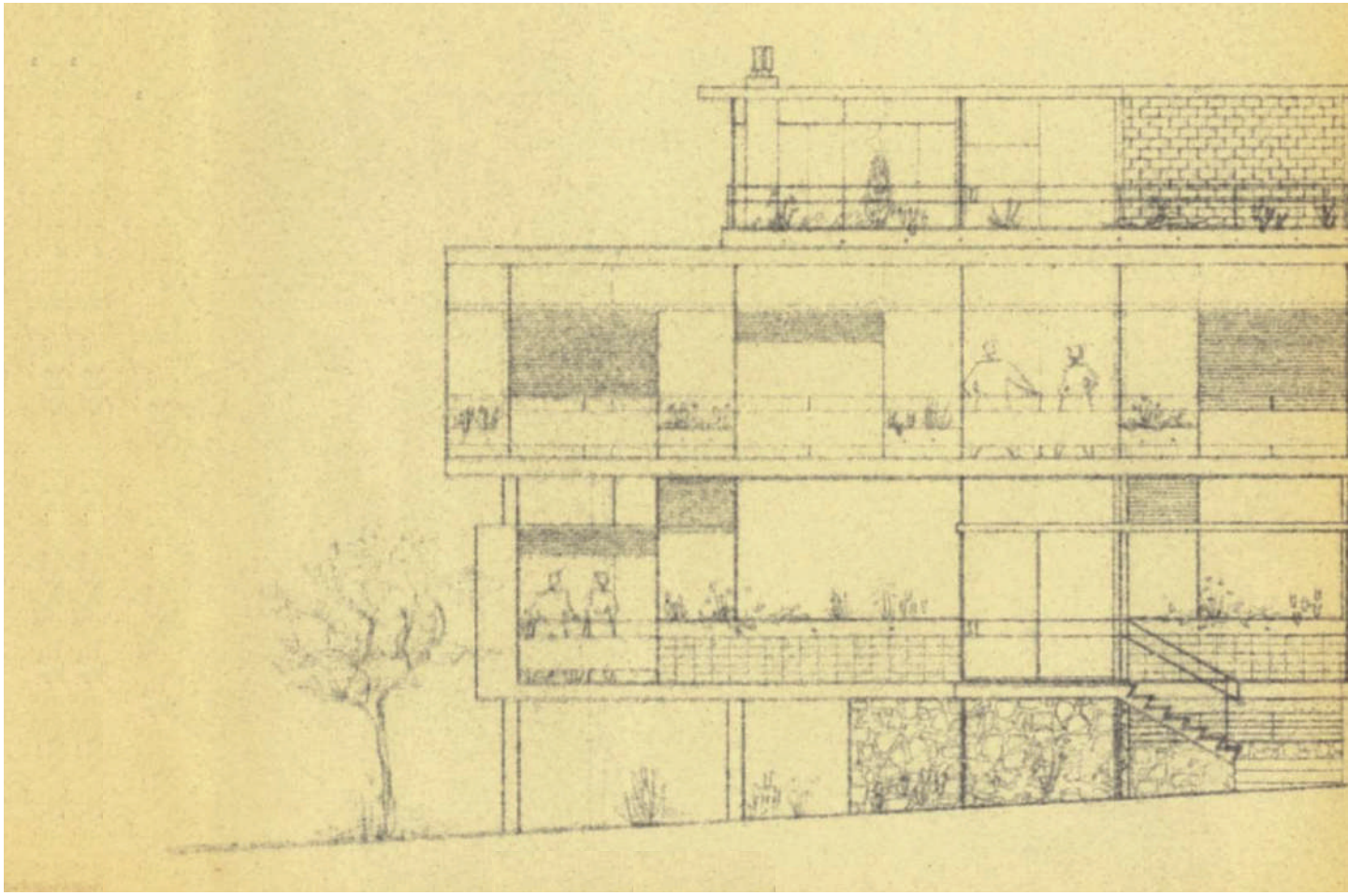
A leveza, movimento e abertura que reconhecemos nas fachadas desenhadas são consequência da abordagem profundamente modernista face à estrutura que permitem incorporar numa casa algarvia os "Cinco pontos da Nova Arquitectura" de Le Corbusier.

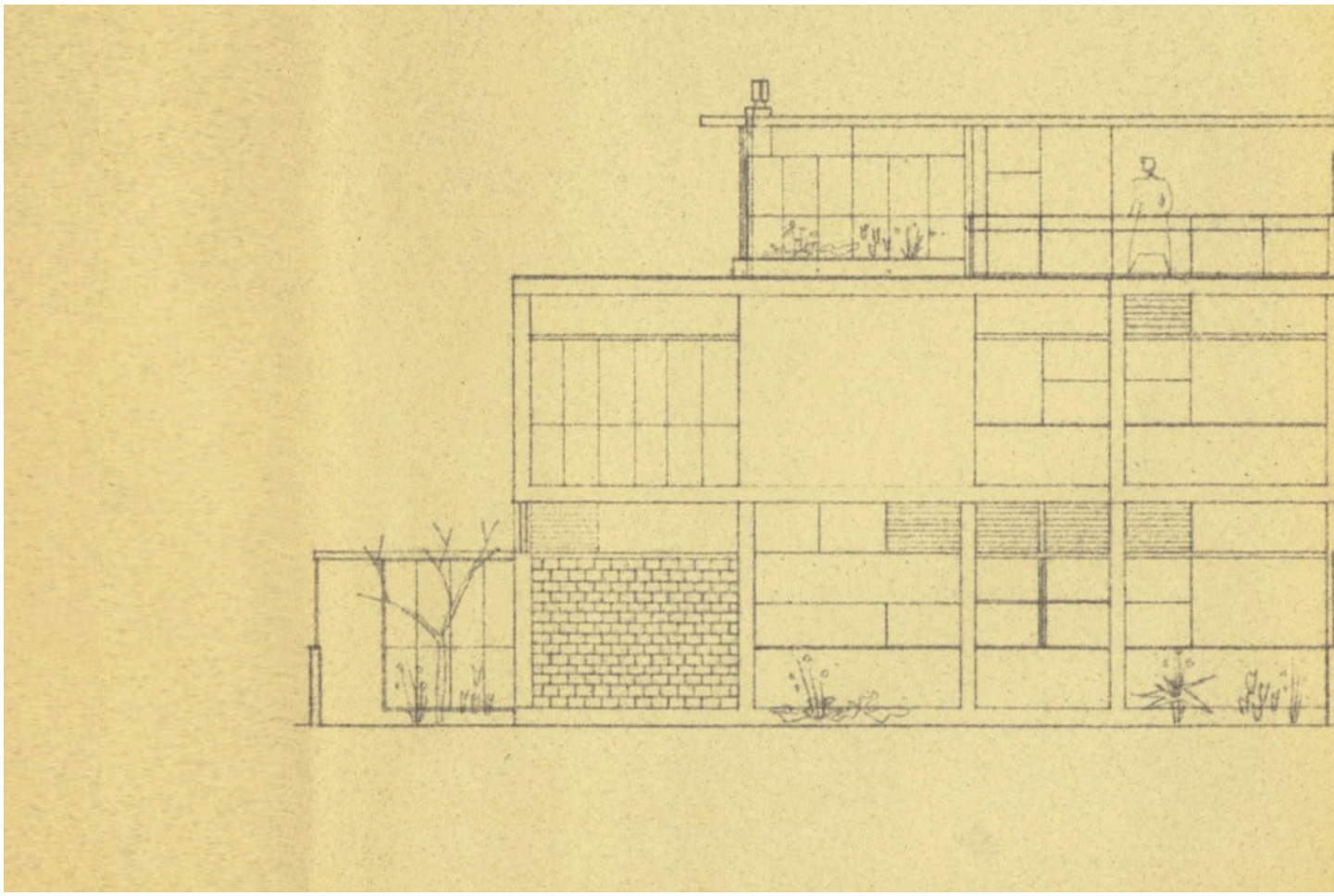
figs. 42 e 43 Alçado Poente e alçado Nascente da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 44 e 45 Alçado Sul e alçado Norte da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55

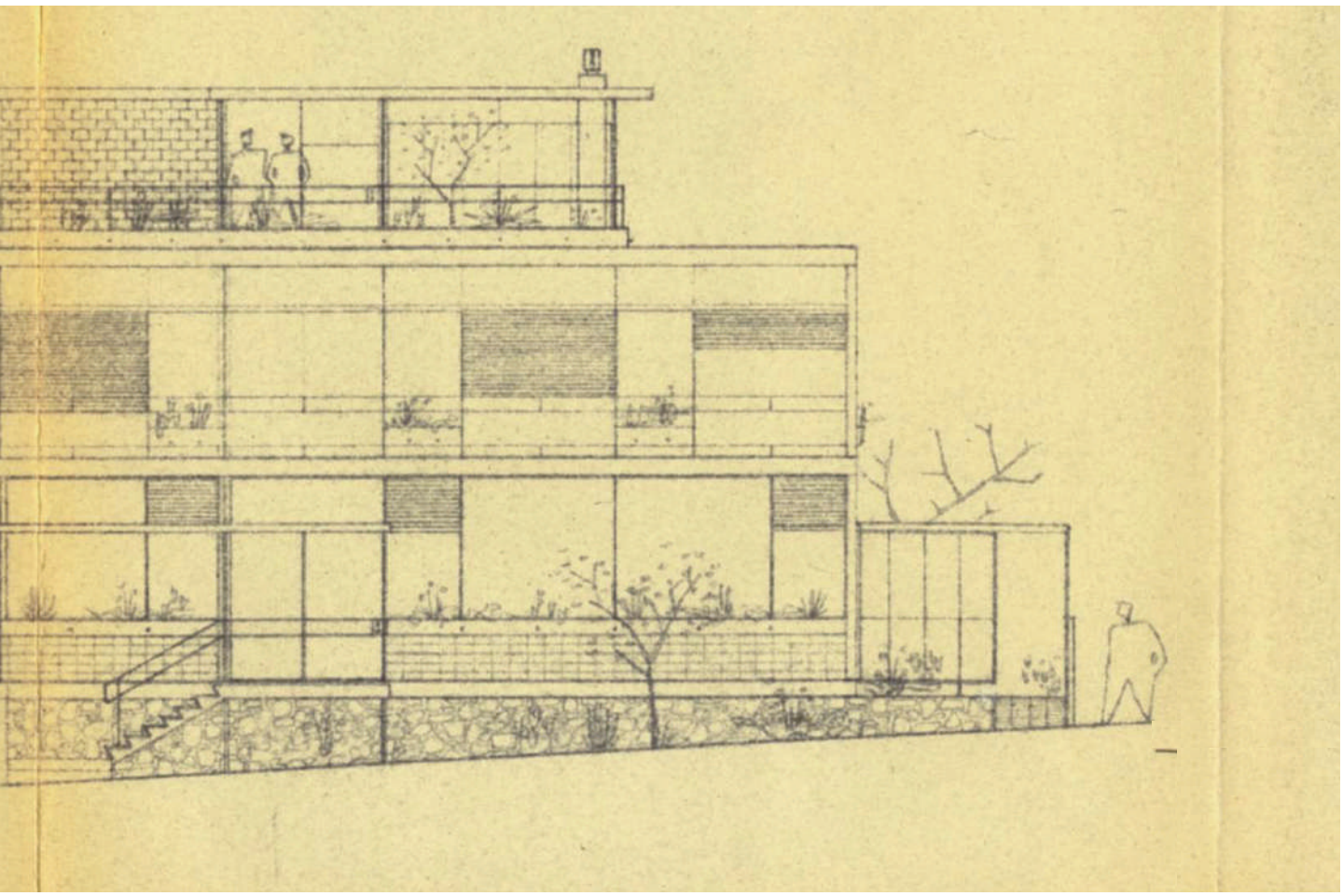


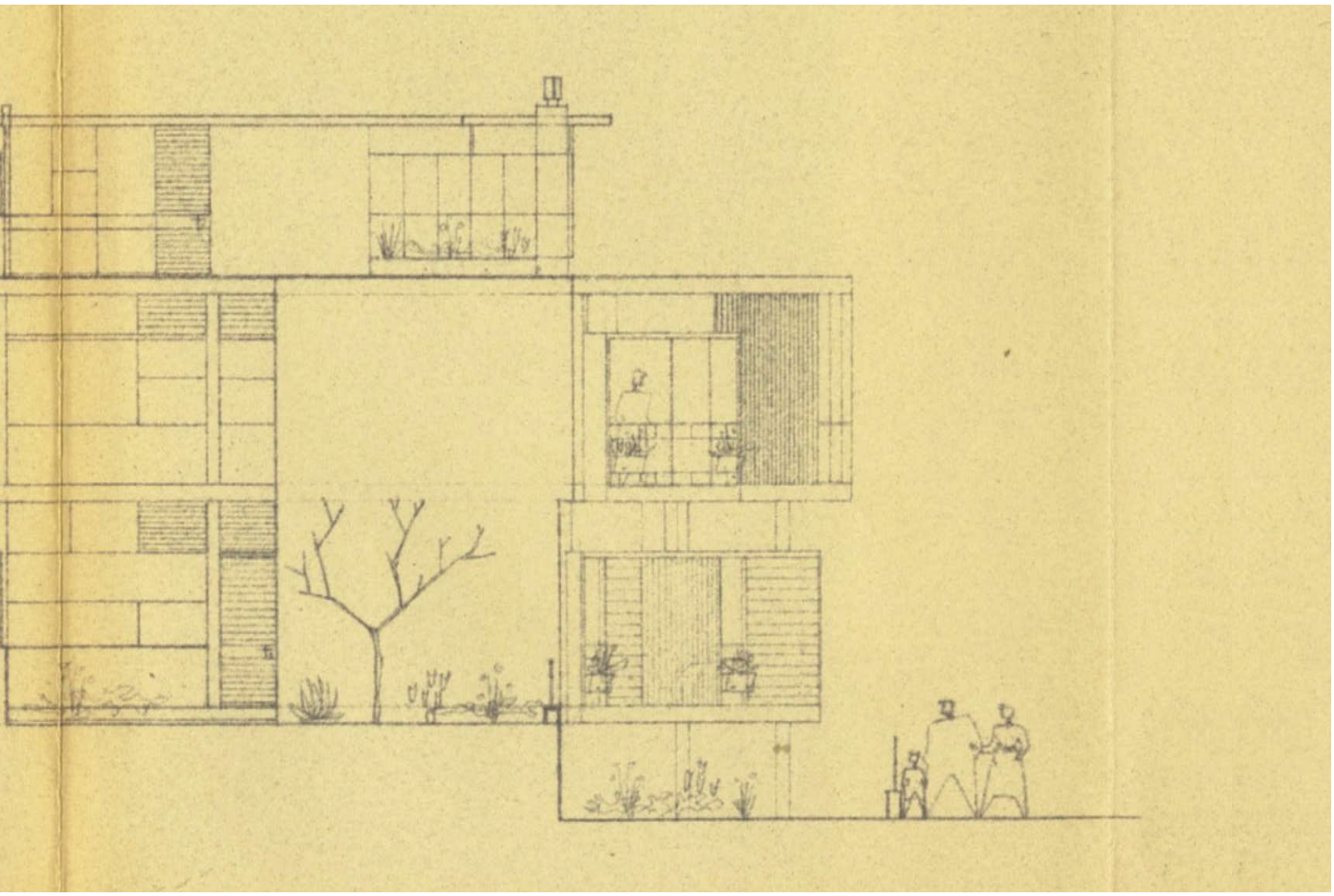












Parte 02 - Uma habitação por piso.
03.6. A segunda proposta.

Se a proposta inicial nos apresenta as vontades do arquiteto para a espacialidade, estrutura, materialidade e expressão arquitetónica da casa, esta versão introduz a organização volumétrica e a distribuição programática apontadas para a obra. A intenção do arquiteto, memorializada em texto e confirmada em desenho, é de preservar o "aspecto estético" da proposta anterior, mas associá-lo a habitações cujo programa se desenvolve num único piso[50]. A natureza evolutiva deste exercício de projeto é confirmada pela reemersão dos princípios previamente explorados como elementos que orientam a nova solução.

Uma vez que a nova proposta incide sobre as mesmas temáticas da anterior, é evidente que as alterações projetadas resultem da instituição de um novo sistema de associação das duas habitações, do estudo de pequenos ajustes da volumetria e da métrica estrutural para solucionar as problemáticas anteriormente identificadas.

Paralelamente, este segundo conjunto de desenhos é a base sobre a qual se traça o projeto de execução e as alterações projetadas pós-construção. Deste modo, as matérias que guiam o estudo das propostas mantêm-se pertinentes nas fases de ajuste da solução, de construção da obra, de modificações posteriores registadas em processo e de todas as fases que as sucedem. Reconhecer as convicções do arquiteto para o desenho da casa, permite-nos analisar esta segunda proposta de forma informada e detalhada, estudando extensamente o processo desenhado e valorizando-o a partir das permissas da primeira proposta.

50 "GOMES DA COSTA, Manuel – «*Memória Descritiva*» In Arquivo CMF Processo 708-55, Fase 2, 1956.

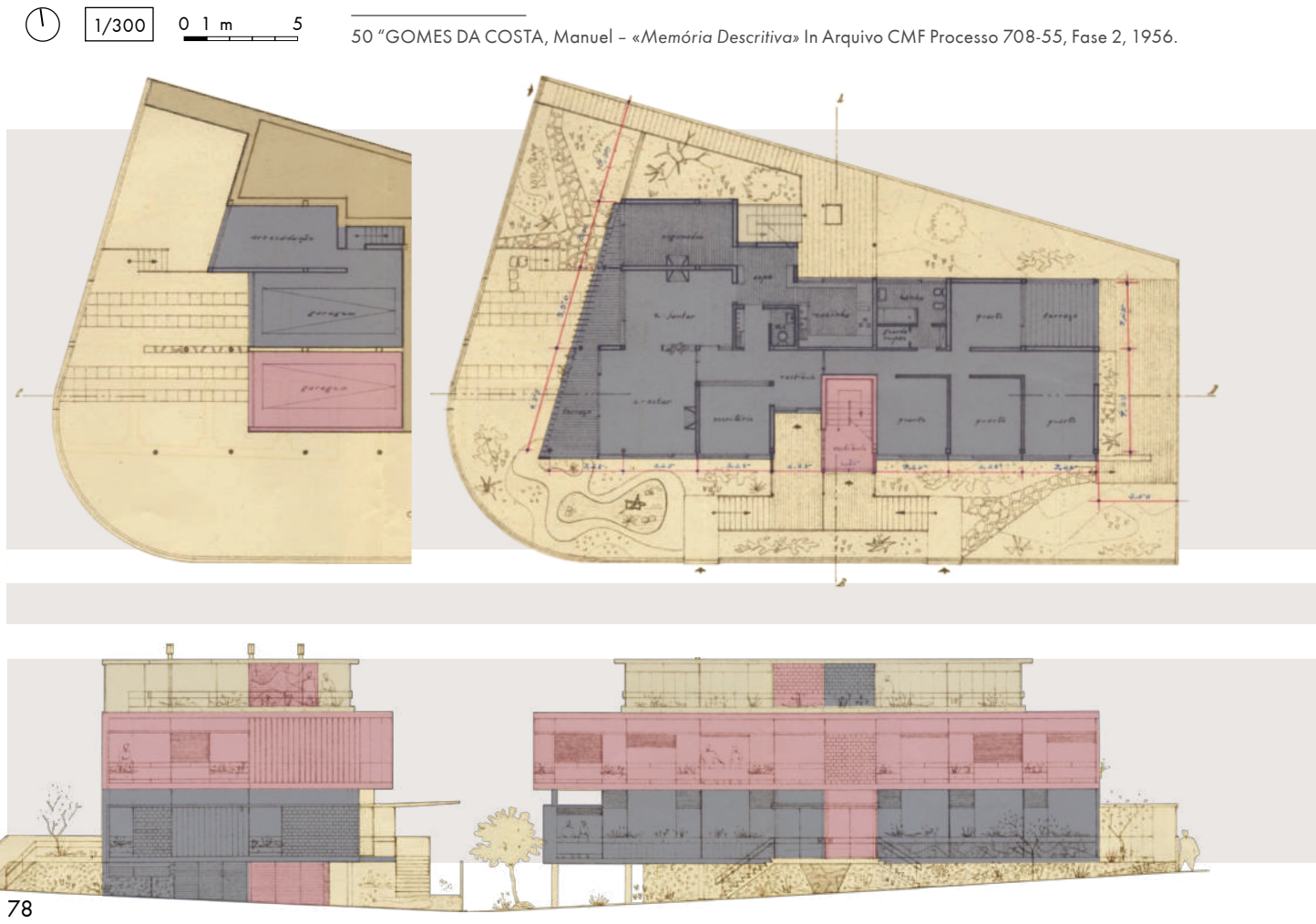


fig. 46 A organização das habitações. Plantas e Alçados da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024).

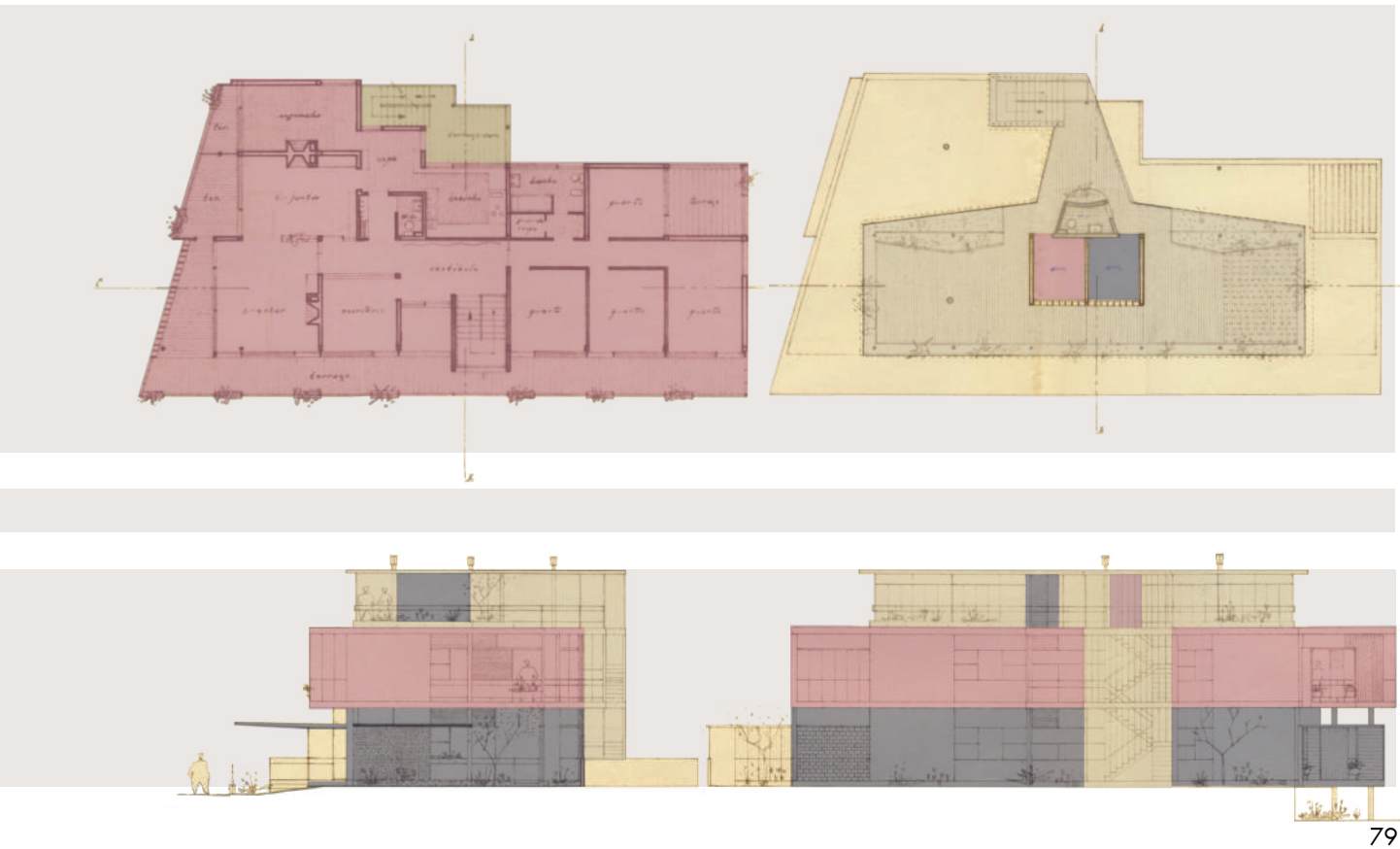
03.7. Cada piso como uma habitação independente.

Esta solução prima por adaptar um novo esquema de organização das habitações no volume proposto à essencialidade da expressão volumétrica e ordenação do terreno apontada para a proposta anterior. Manuel Gomes da Costa explora uma nova ideia: projetar a casa Gago Rosa, uma vivenda isolada de baixa densidade, à semelhança de um edifício em altura cujos apartamentos ocupam a integralidade de cada piso.

Esta estratégia produz uma solução que responde adequadamente às complexidades do local. Agora, ambas as habitações beneficiam da mesma relação com cada uma das fachadas, da mesma vinculação do programa às orientações solares mais favoráveis e da mesma simbiose entre plantas e alçados, interior e exterior. Paralelamente, introduz-se uma maior qualidade coletiva no projeto, explorada por meio do desenho de um logradouro partilhado, de uma escada de serviço comum e de um piso de cobertura acessível para ambas as habitações.

Além de se estudar uma abordagem inovadora para os interiores, explora-se a sua compatibilidade com princípios internos e externos intrínsecos à configuração da proposta anterior, dos quais se destacam: a volumetria que constitui uma extensão das principais diretrizes da envolvente; o programa que se distribui por quatro pisos, o embasamento destinado às garagens (2,2 metros), os dois pisos de programa doméstico (6,4 metros) e a cobertura (2,2 metros); os espaços de logradouros são definidos por patamares a cotas diferentes e o acesso ao terreno é feito a partir de entradas principais conectadas a escadas simétricas, uma entrada secundária partilhada para serviço e uma entrada para automóveis. A sua associação gera uma proposta que atende inteiramente às particularidades do local e cujo desenho paisagístico e arquitetónico materializa as intenções inicialmente idealizadas por Gomes da Costa.

LEGENDA: Hab. 1 Hab. 2



03.8. A verdade construtiva numa solução arquitetónica.

No decurso da sua carreira, Gomes da Costa conserva a "preocupação técnica" de se manter informado sobre qualquer progresso teórico e construtivo, e de assimilar o conhecimento para que o possa considerar em projeto e aplicar em obra. – "*É assim que a própria arquitetura vai evoluindo, vai sendo a expressão dessas novas coisas, das novas necessidades humanas, e das novas capacidades apresentadas pela técnica de construção.*"[51]

O seu compromisso para com o progresso transparece nesta proposta. Aqui, o arquiteto opta por abordar a estrutura à maneira de Le Corbusier e dos arquitetos brasileiros, que a reconhecem como o elemento integrante da arquitetura por facilitar leveza e abertura, e participar na concepção dos interiores e dos alçados.

Dada a presença, ora flagrante ora diluída, da estrutura nas várias dimensões do projeto, a grelha estrutural ordena e inspira todos os desenhos. Na orientação Sul-Norte a estrutura assume uma simetria a eixo - bbbaabbb – e são introduzidas as medidas de 2,25 metros (a) e de 3,25 metros (b), e na direção Poente-Nascente adicionam-se as medidas: 3,0 metros (c), 3,5 metros (d) e 4,5 metros (e). Já entre lajes horizontais as dimensões estabelecidas são: 2,2 metros (a'), 3,0 metros (b'), 2,8 metros (c') e 2,2 metros (d').

Esta estratégia estrutural, agora associada a uma solução que aborda a articulação entre habitações e a distribuição do programa de forma mais racional, permite projetar arquitetura que se apoia na verdade construtiva e na coerência conceptual para explorar equilíbrio e dinamismo.

51 GOMES DA COSTA, Manuel (entrevistado por: *Ana Tostões, Gonçalo Vargas*) – *Manuel Gomes da Costa: Moderno ao Sul, Faro: My Documentary Productions, 2009, 14:18 - 14:32 minuto.*



fig. 47 A presença da estrutura e a distribuição do programa doméstico. Plantas e Alçados da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956. fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024).

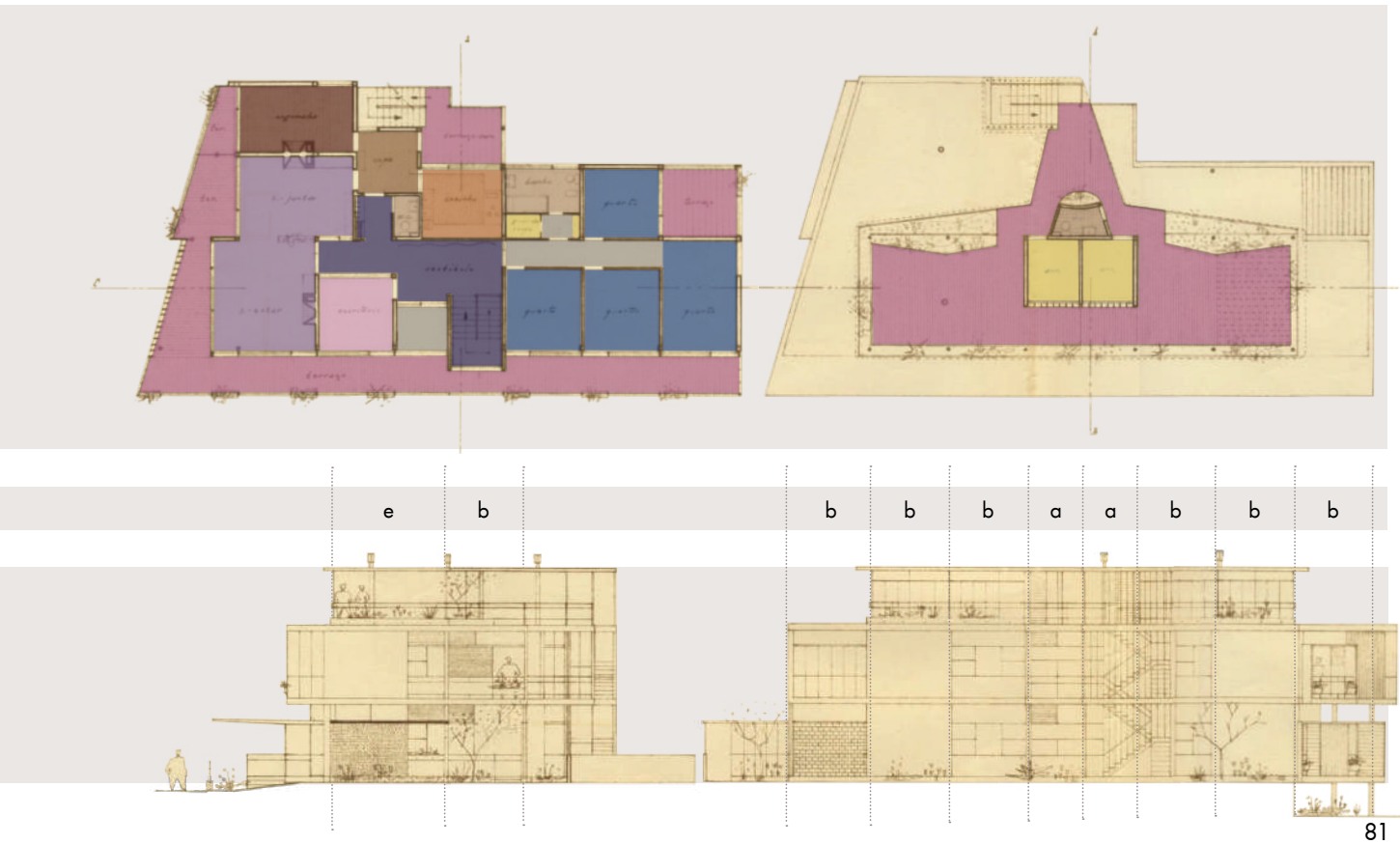
03.9. Uniformizar os interiores. Racionalizar a proposta.

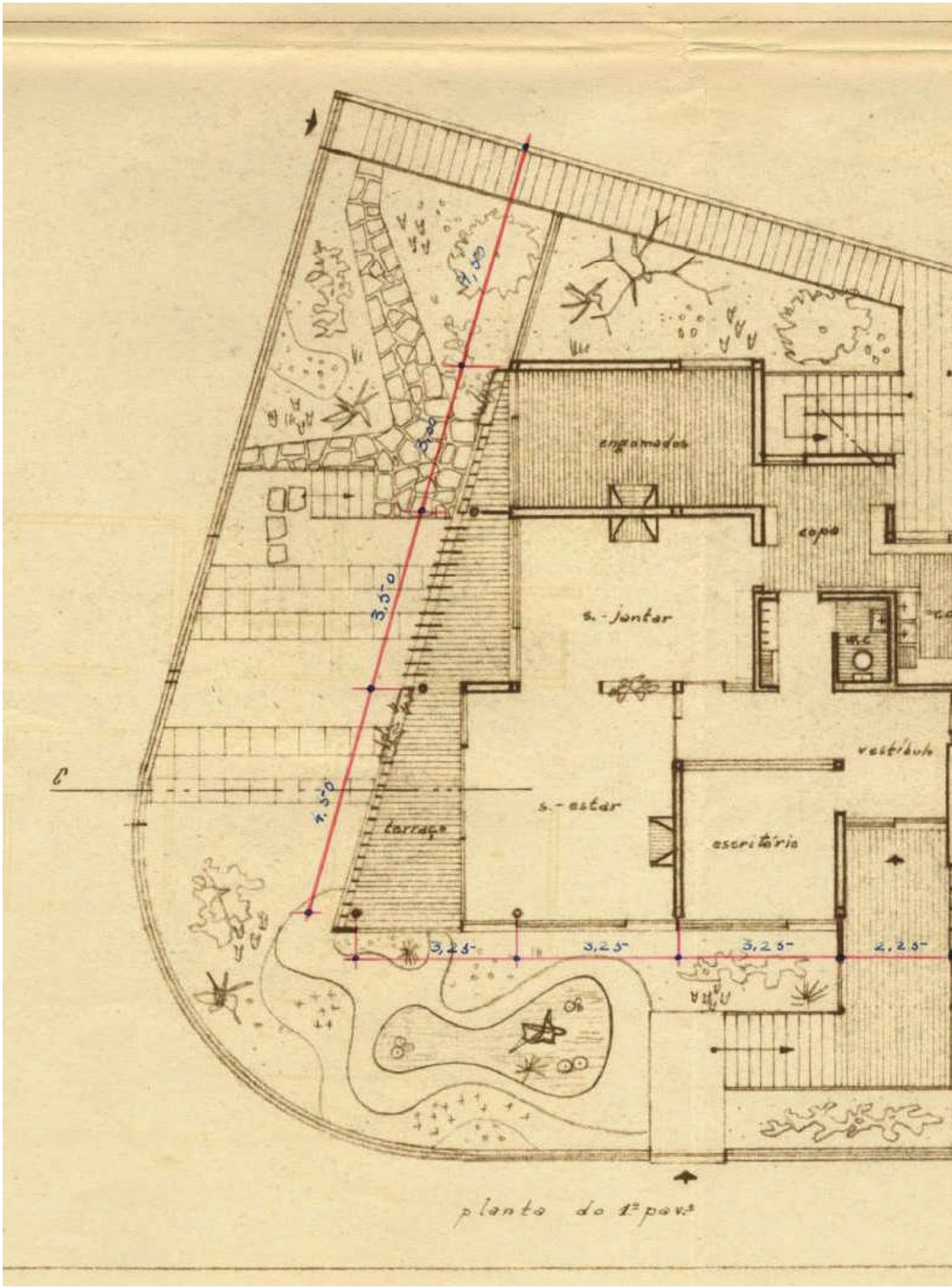
Dada a reconfiguração das habitações para dispositivos de piso único, o arquiteto é levado a rever a organização integral dos interiores. Fruto desta reapreciação nasce uma solução que racionaliza a distribuição do programa, a relação entre espaços domésticos, os ambientes interiores e a sua aliança às fachadas, e que responde de forma adequada às particularidades daquele gaveto.

Esta reorganização permite explorar uma associação harmoniosa entre as funções domésticas, os espaços interiores, as fachadas e as suas orientações. Assim, propõe-se que: as àreas sociais se associem a Sul e Poente, orientações que beneficiam de luz solar direta em grande parte do dia; as àreas privadas beneficiam da luz matinal a Nascente, da luz solar direta a Sul e da luz controlada a Norte, e os serviços se vinculam apenas a Norte, reservando-lhes o máximo de luz difusa.

Esta racionalidade estende-se ainda à articulação dos espaços domésticos desenhada em torno dos vestíbulos e dos espaços de entrada que tanto conectam funções quanto facilitam o seu distanciamento. À sua esquerda desenvolvem-se os espaços sociais e à sua direita desenvolvem-se os espaços privados. Já os serviços são projetados para operarem independentemente do programa principal, mas simultaneamente para garantirem o contacto direto com qualquer um dos outros tipos de espaço.

Ainda que essencialmente homogénea esta solução, marcada pela sobreposição, apresenta exceções que auxiliam o funcionamento geral do edifício: as entradas principais distinguem-se, dando uma acesso imediato ao vestíbulo e a outra às escadas de ligação ao segundo piso; a escada de serviço na fachada Norte é partilhada, permitindo ligar todos os andares; e a varanda Sul do piso superior descola-se do volume principal e paira sobre o terreno oferencendo proteção solar a ambos os pisos.




engomados
copa
s. - jantar
W.C
vestíbulo
s. - estar
terraço
escritório
3,25
3,25
3,25
2,25
3,50
3,50
3,50
C
planta do 1º pav.º

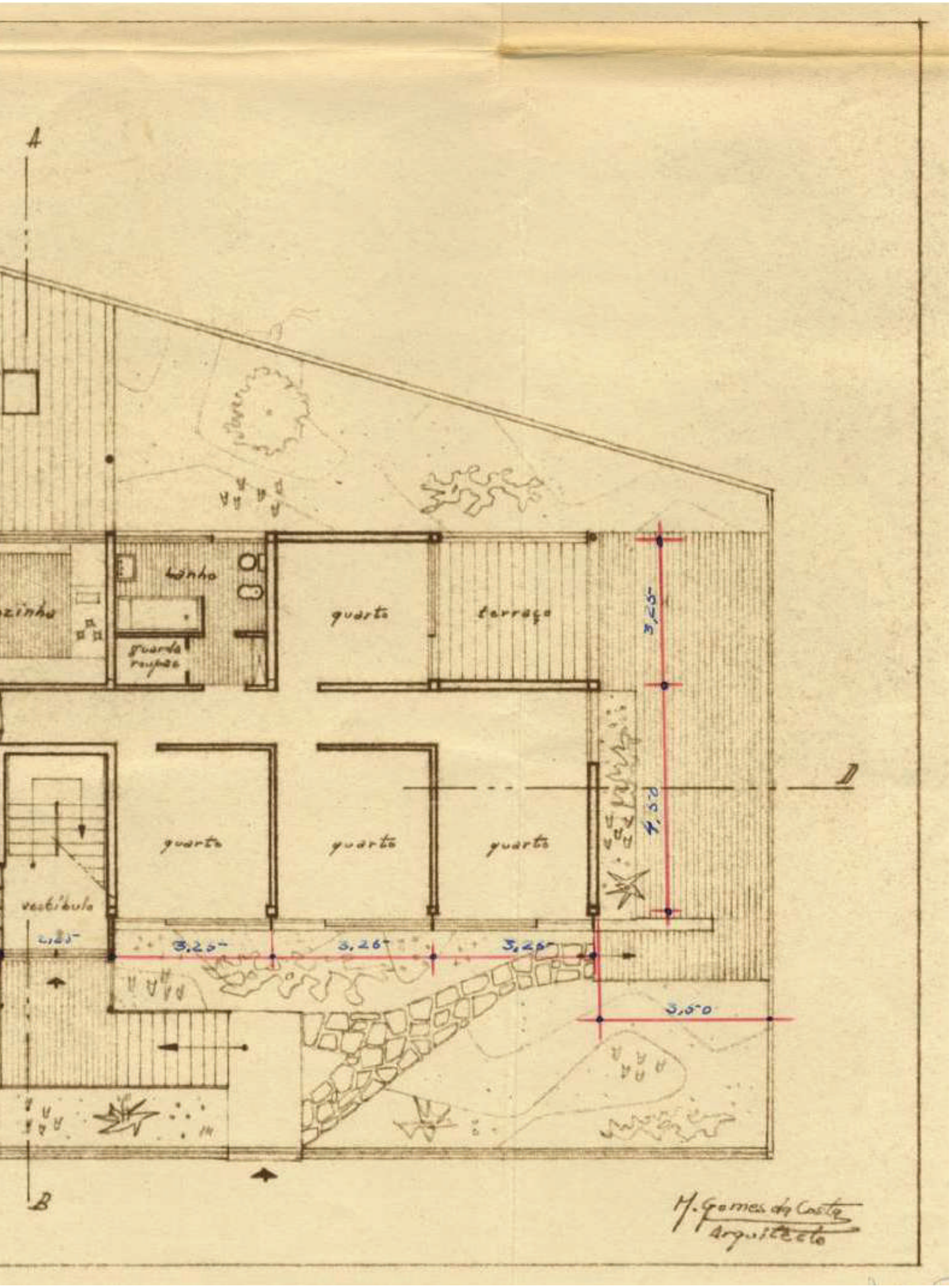

A
banho
guarda roupas
quarto
terraço
3,25
4,50
B
quarto
quarto
quarto
vestíbulo
3,25
3,26
3,25
3,50
B
M. Gomes da Costa
Arquitecto

fig. 48 Planta do primeiro piso da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55.

1/100 0 1 m 2

03.10. Reflexão detalhada sobre o projeto desenhado.

A qualidade evolutiva do processo arquitetónico de Manuel Gomes da Costa explica a importância de reevocar os aspetos anteriormente apontados como determinantes para se proceder com o estudo atento da nova solução. A presente análise versa sobre a materialização destas temáticas e a sua repercussão na conceção do novo projeto paisagístico, na requalificação dos espaços habitacionais e no ambiente doméstico, e na sua adaptação às composições pré-estabelecidas para os alçados.

a) O novo projeto paisagístico para a casa Gago Rosa.

Ao redefinir a tipologia das habitações e reorganizar a sua presença dentro do volume, o arquiteto é forçado a rever o funcionamento geral do logradouro e a explorá-lo como um espaço singular que atende igualmente a ambas as habitações. Associados à nova proposta organizacional, encontramos os parâmetros de concepção projetual previamente conciliados. Assim, mantem-se que: a solução volumétrica e a sua implantação são orientadas pela singularidade do local; a ordenação e arranjos exteriores são conseguidos por meio de plataformas cotadas; os acessos ao terreno são igualmente divididos em principal, secundário e automóvel, e posicionados para acomodar os afazeres associados; os exteriores são definidos e desenhados por trajetos pavimentados que guiam a utilização do logradouro.

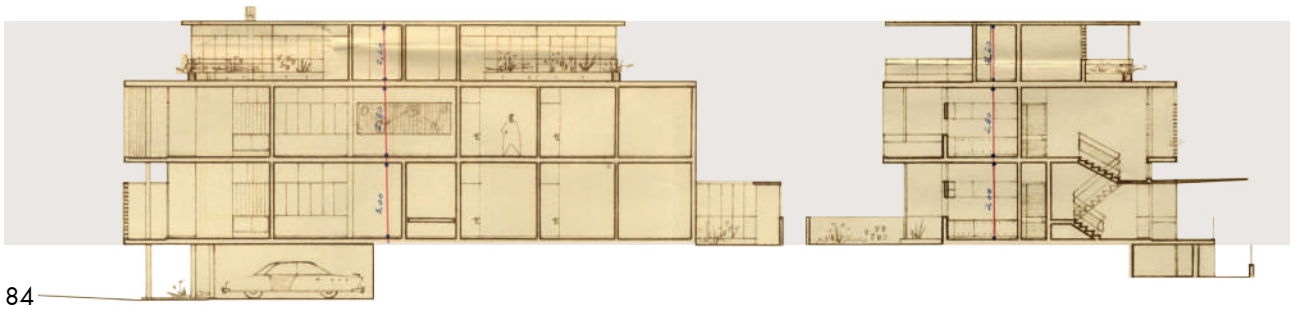
Este projeto paisagístico emerge igualmente da relação simbiótica entre o natural e a arquitetura. Aqui, o natural é explorado como um elemento de projeto que integra ou esboça as demais dimensões arquitetónicas, marcando presença e valorizando tanto os espaços exteriores como os interiores, os espaços transitórios, terraços e alçados.

Neste logradouro, privilegia-se o desenho de patamares simples e ortogonais sob os quais se traçam percursos e canteiros que reproduzem as dinâmicas características dos espaços naturais, - organicidade, fluidez e flexibilidade - e reserva-se a simplicidade geométrica para os espaços associados aos serviços. Aqui, favorece-se a conexão necessária dos acessos exteriores às entradas principais, serviços e garagens, a articulação entre cotas e a comunicação contínua entre espaços, e estabelece-se uma ligação clara entre a utilização e a materialidade.

A expressão conferida aos desenhos do logradouro é indicadora do valor concedido à materialidade e aos elementos naturais para afirmar as composições desenhadas, as estratégias de aproveitamento dos espaços e a atmosfera exterior. Institui-se que a pedra rústica demarca os passeios principais pelo logradouro, que a cerâmica define os trajetos e aos espaços associados aos acessos e às entradas na obra, e que o lago, os diferentes canteiros com uma ampla variedade de árvores, de arbustos e de plantas, contribuem para a diversificação da atmosfera dos exteriores.

fig. 49 Aproveitamento interior das habitações e registos altimétricos. Cortes longitudinal e tranversal da segunda proposta para a casa Gago Rosa.
fonte: CMF/SAO/708-55

1/300 0 1 m 5



b) A figura humana como elemento central do espaço doméstico.

"Estudar a casa para o homem comum, é reencontrar as bases humanas, a escala humana, a necessidade tipo, a função tipo e a emoção tipo."[52]

Os espaços domésticos são um reflexo dos tempos e das necessidades do quotidiano associados. Ainda assim, quando se integram qualidades humanas na conceção dos espaços arquitetónicos e se incorporam estratégias de aproveitamento do meio, facilita-se intemporalidade às propostas para os espaços domésticos.

Nesta proposta, o arquiteto não explora, em desenho, as suas intenções para a apropriação dos interiores. Contudo, ao discriminar em planta os móveis-chave para a utilização das salas, da cozinha, das casas de banho e do hall de entrada, o arquiteto revela consideração pela experiência humana aquando do desenho de espaços arquitetónicos.

A preocupação de manter a figura humana no centro do espaço doméstico leva Gomes da Costa a instituir também estratégias de controlo de escala, tanto nas espacialidades que primam pela transparência, abertura e fluidez, quanto nas que primam pela discrição, privacidade e familiaridade. Uma destas estratégias é a tripartição do pé direito que integra a composição das fachadas e o desenho dos interiores.

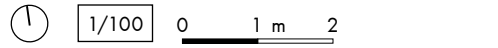
c) Olhar a obra construída para reconhecer a proposta expressiva.

A imagem traçada por Gomes da Costa para esta casa é reconhecida em obras anteriores do arquiteto e é reproduzida em tantas outras posteriores. As composições leves, dinâmicas e vivazes que caracterizam e diferenciam a sua arquitetura do panorama arquitetónico da época são conseguidas por meio da integração habitual de elementos expressivos como as grelhagens, as lâminas brise-soleil, as venezianas, os jogos de perfis verticais e horizontais, as guardas desmaterializadas, entre outros. Estes elementos são referenciados nas duas propostas desenhadas.

A materialidade, textura e cor são aspetos integrantes da sua arquitetura cujo impacto é dificilmente compreensível em desenho. Ainda que a sua participação nas propostas construídas seja identificável até aos dias de hoje, é apenas quando somos confrontados com os poucos registos fotográficos a cores de época que temos perceção do impacto destes elementos na arquitetura.

As fotografias tiradas por Manuel Laginha em 1954 à Casa Tengarrinha, um projeto de remodelação e extensão de um chalé oitocentista de Gomes da Costa, corroboram já a presença recorrente de elementos expressivos, de materialidades contrastantes e de uma palete extensiva de cores na obra construída do arquiteto. Particularmente notáveis nesta remodelação são: as grelhagens cerâmicas que integram as molduras de ensombramento da fachada principal; as venezianas de madeira que integram os vãos; os painéis de azulejo que acrescentam dinamismo às fachadas; as escadas exteriores que fazem o acesso ao piso de cobertura; e a grande pala que marca e protege o espaço de entrada. Estes elementos integram também as propostas desenhadas para a casa Gago Rosa e marcam presença nas outras obras construídas à data pelo próprio.

figs. 50-52 Perspetivas da casa Tengarrinha, 1954.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.
figs. 53-54 Alçado Sul e alçado Norte da segunda proposta da casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55

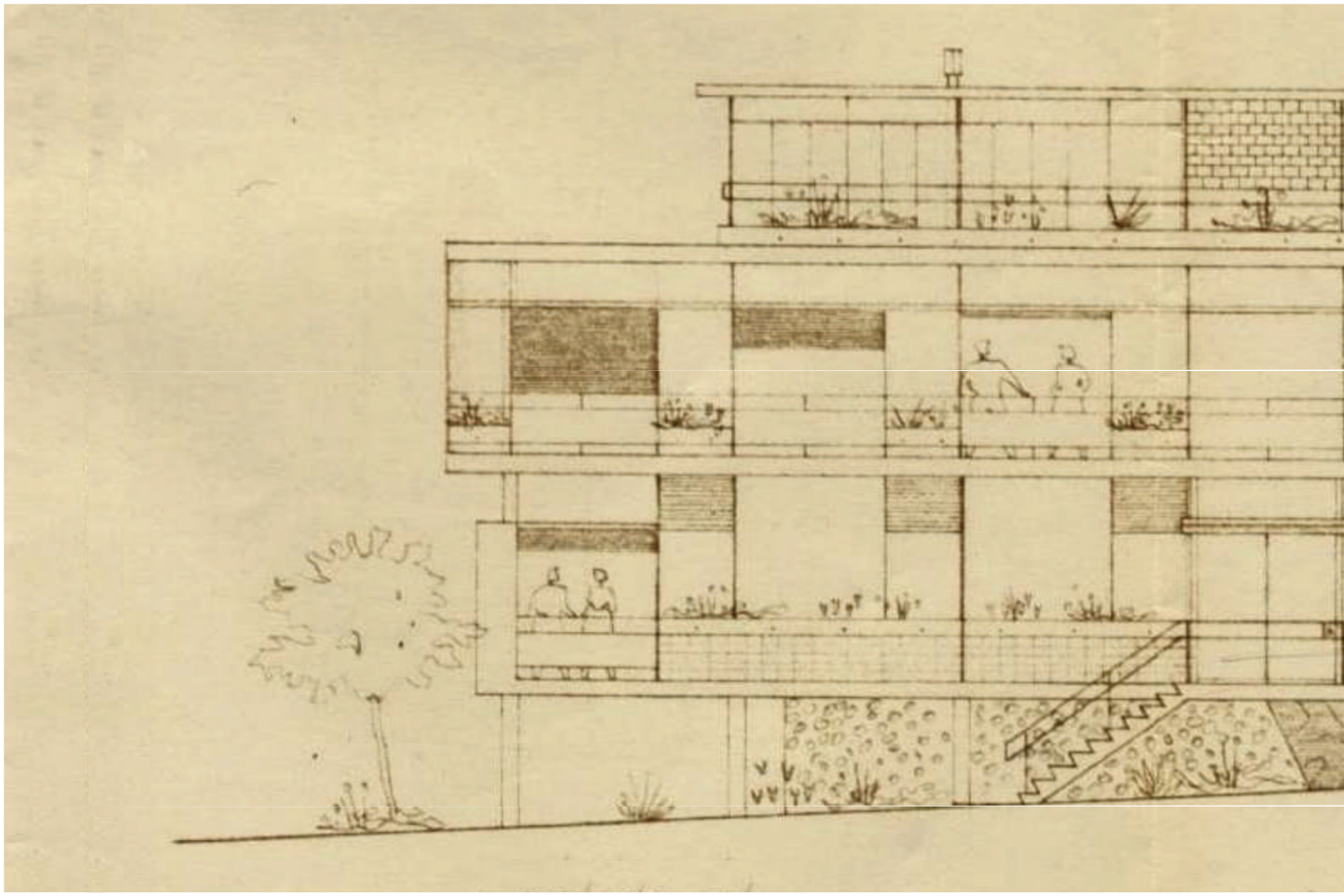


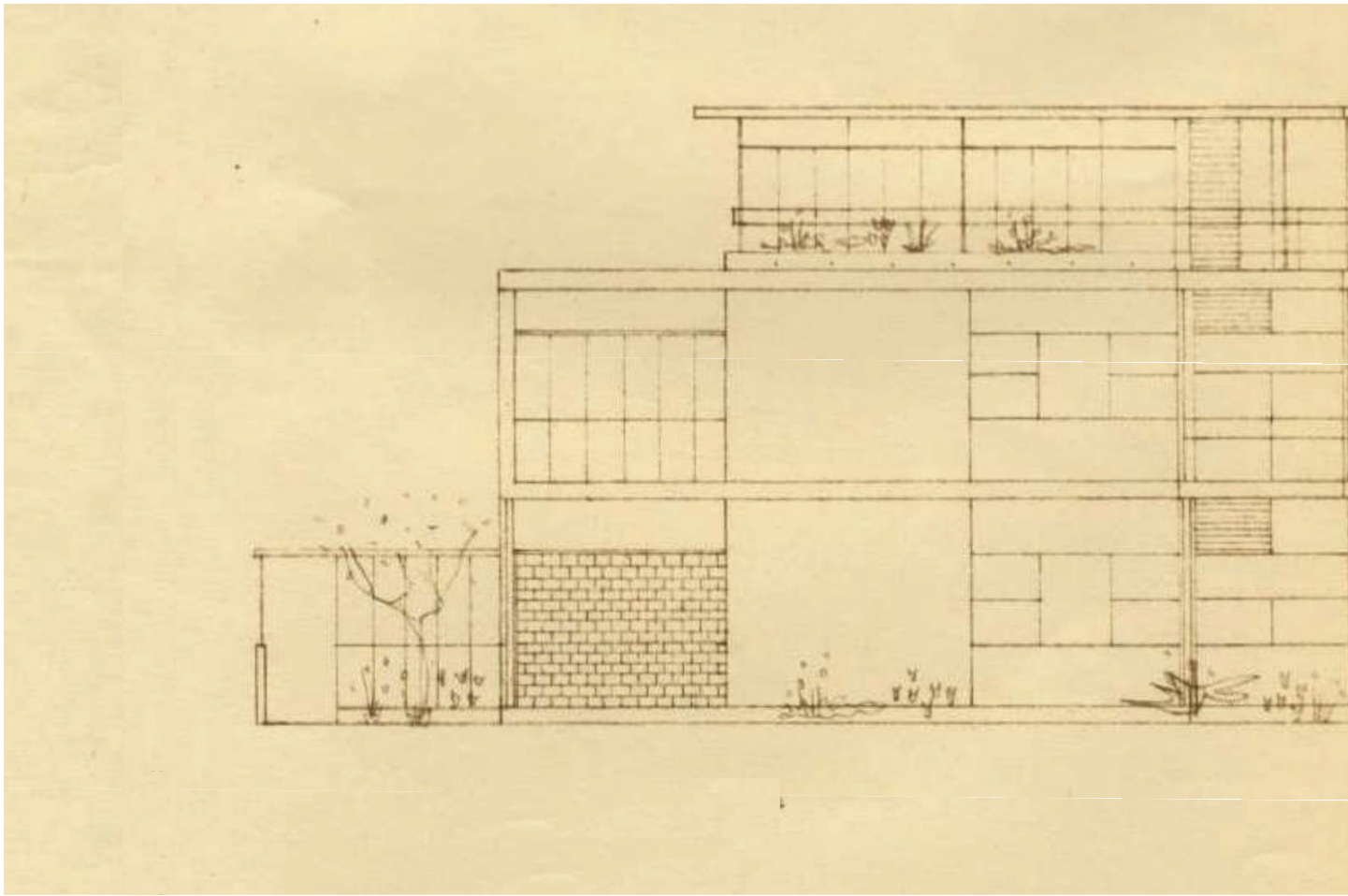


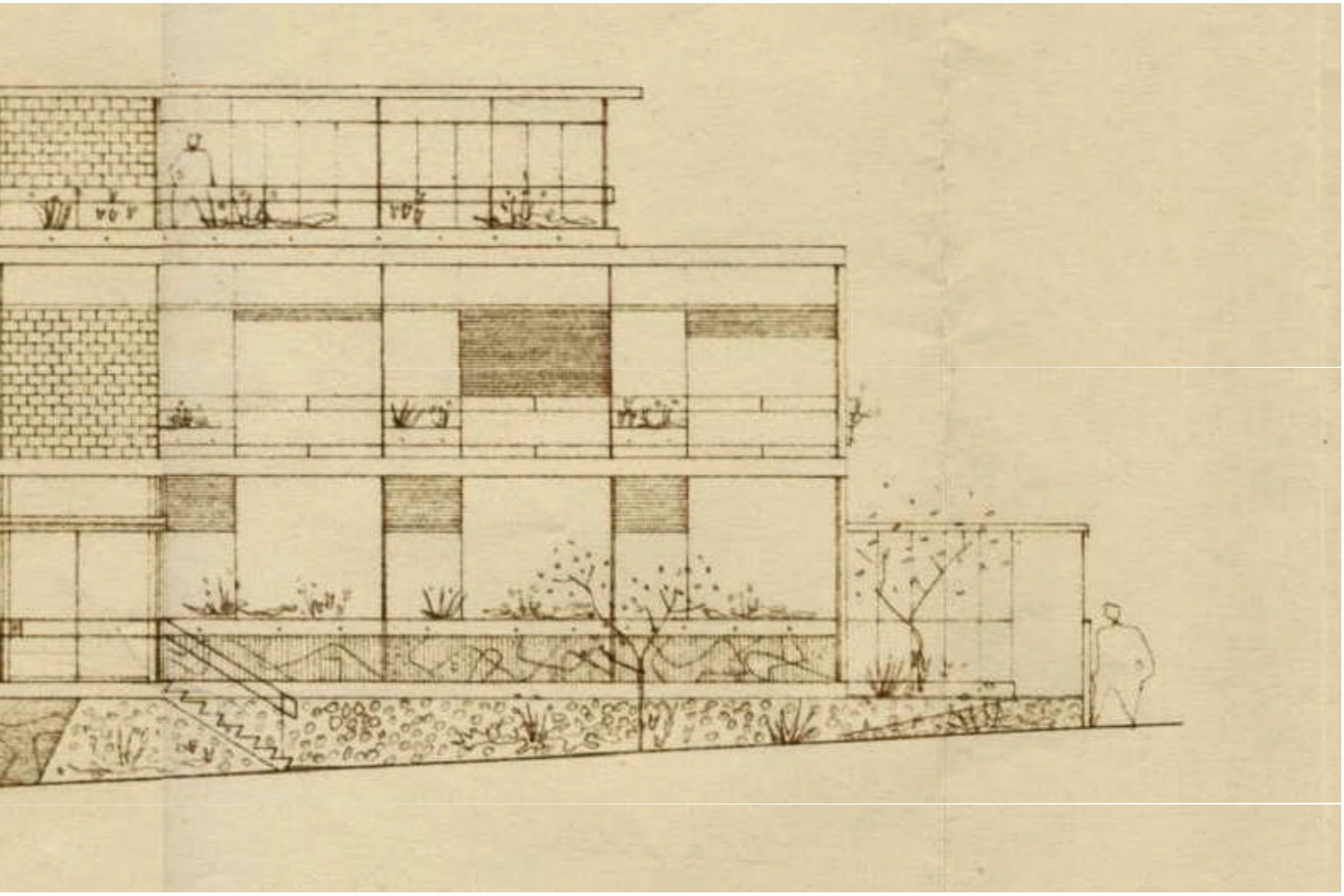


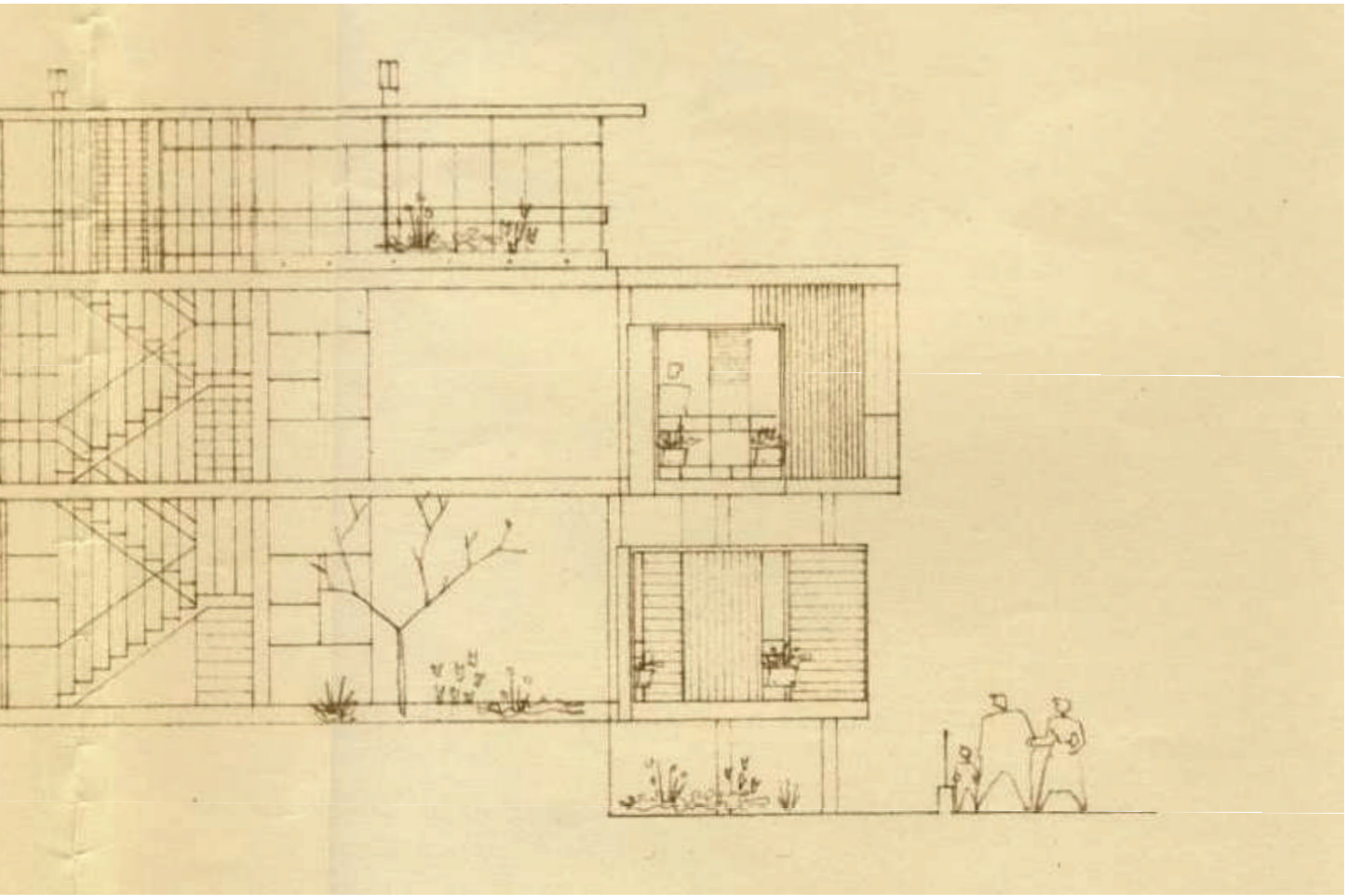


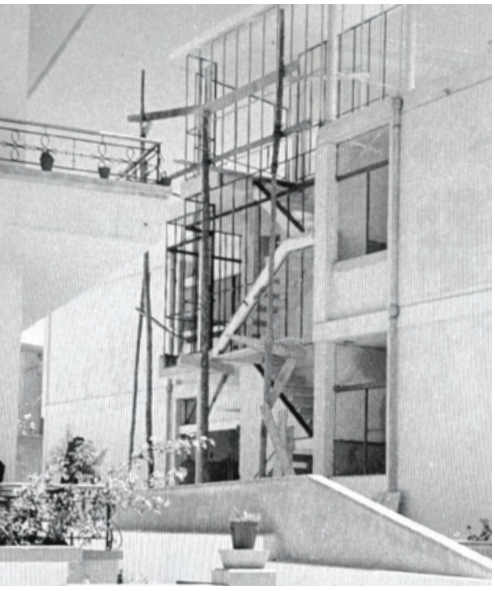
52 Étudier la maison pour homme courant, « tout venant », c'est retrouver les bases humaines, l'échelle humaine, le besointype, la fonction-type, l'émotion-type. - LE CORBUSIER – *Introduction a la seconde édition*, In Vers une architecture, 1923, p. IV.



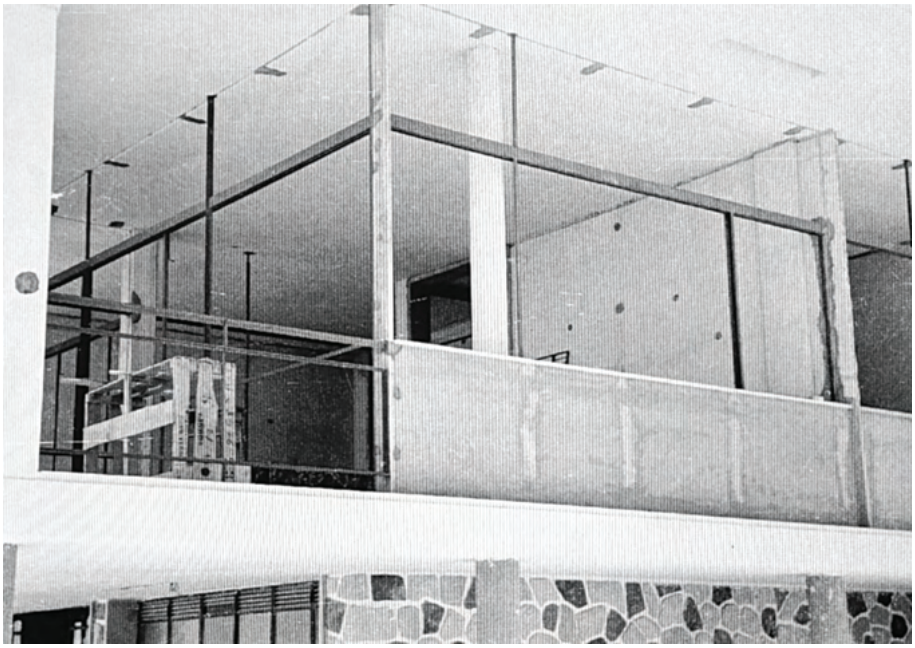








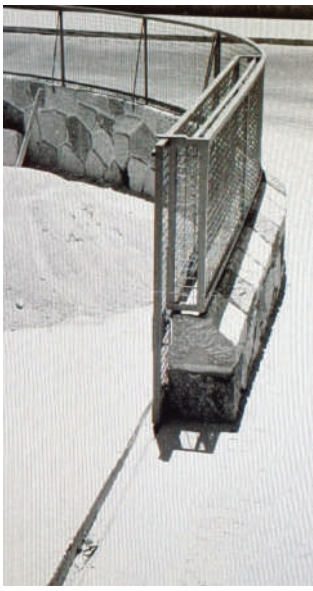






figs. 55-60 Perspetivas e pormenores da construção da casa Gago Rosa, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.





03.11. Os registos de uma obra construída. Entre 1958 e 1969.
a) As fotos da obra em construção e os vermelhos e amarelos.

Como previamente mencionado, a casa Gago Rosa, erguida entre 1957 e 1958, é uma versão modificada da proposta prévia, onde cada habitação ocupa um piso único. Esta, submetida à Câmara Municipal de Faro um mês antes do fim da obra, distinge-se dos outros registos desenhados do processo 708-55 por apresentar uma solução estudada *in loco,* durante o período de construção, a vermelhos e amarelos sobre as plantas, cortes e alçados da proposta anterior.

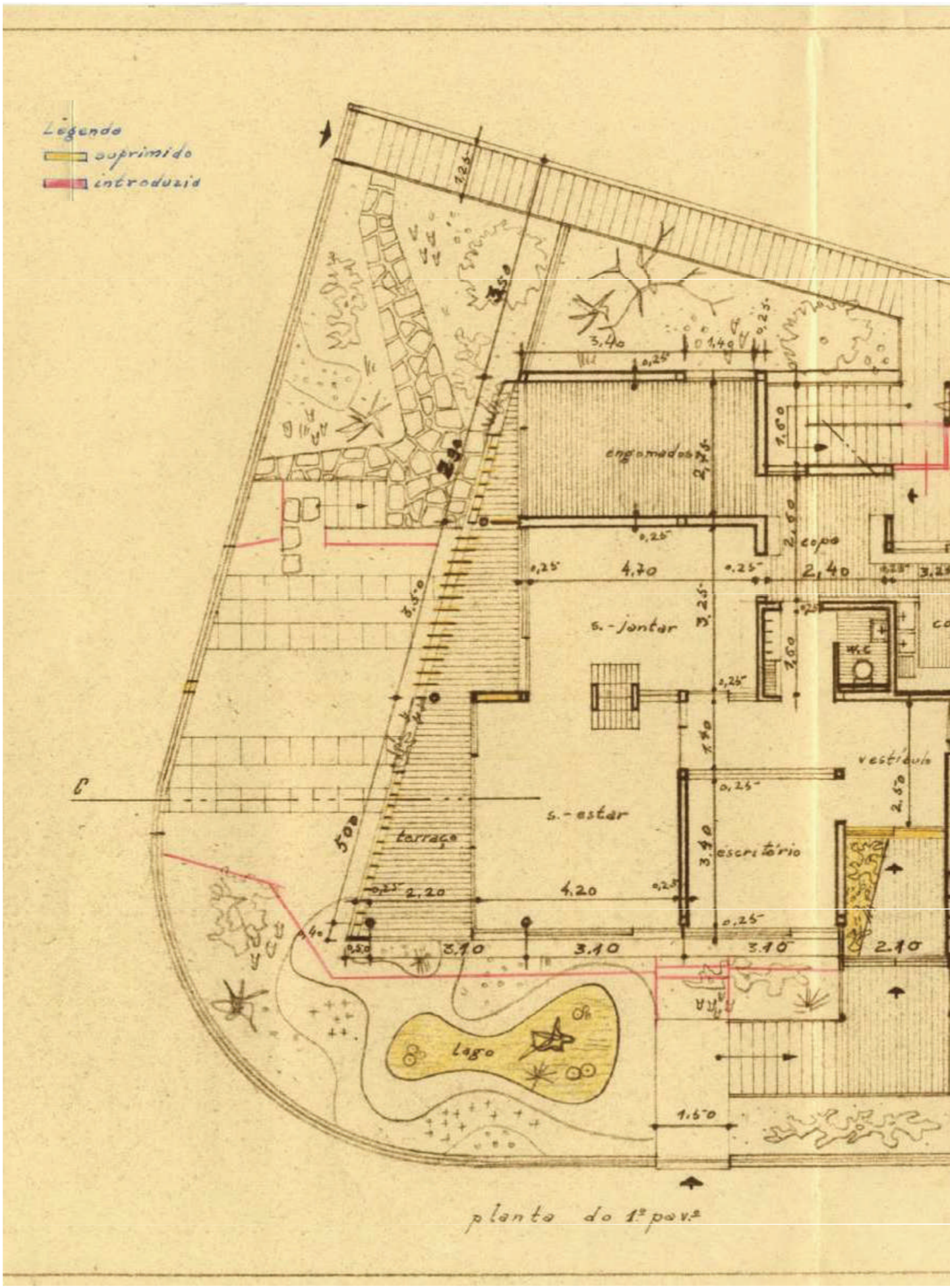
O carácter definitivo desta versão, evidenciado em processo, é confirmado por uma série de fotografias captadas por Manuel Laginha em 1958 que registam a obra numa fase avançada de construção. Ainda que não nos informem sobre a totalidade da obra erguida, as fotos da construção registam rigorosamente a proposta de suprimidos e introduzidos apontados em desenho e permitem interpretá-los apropriadamente.

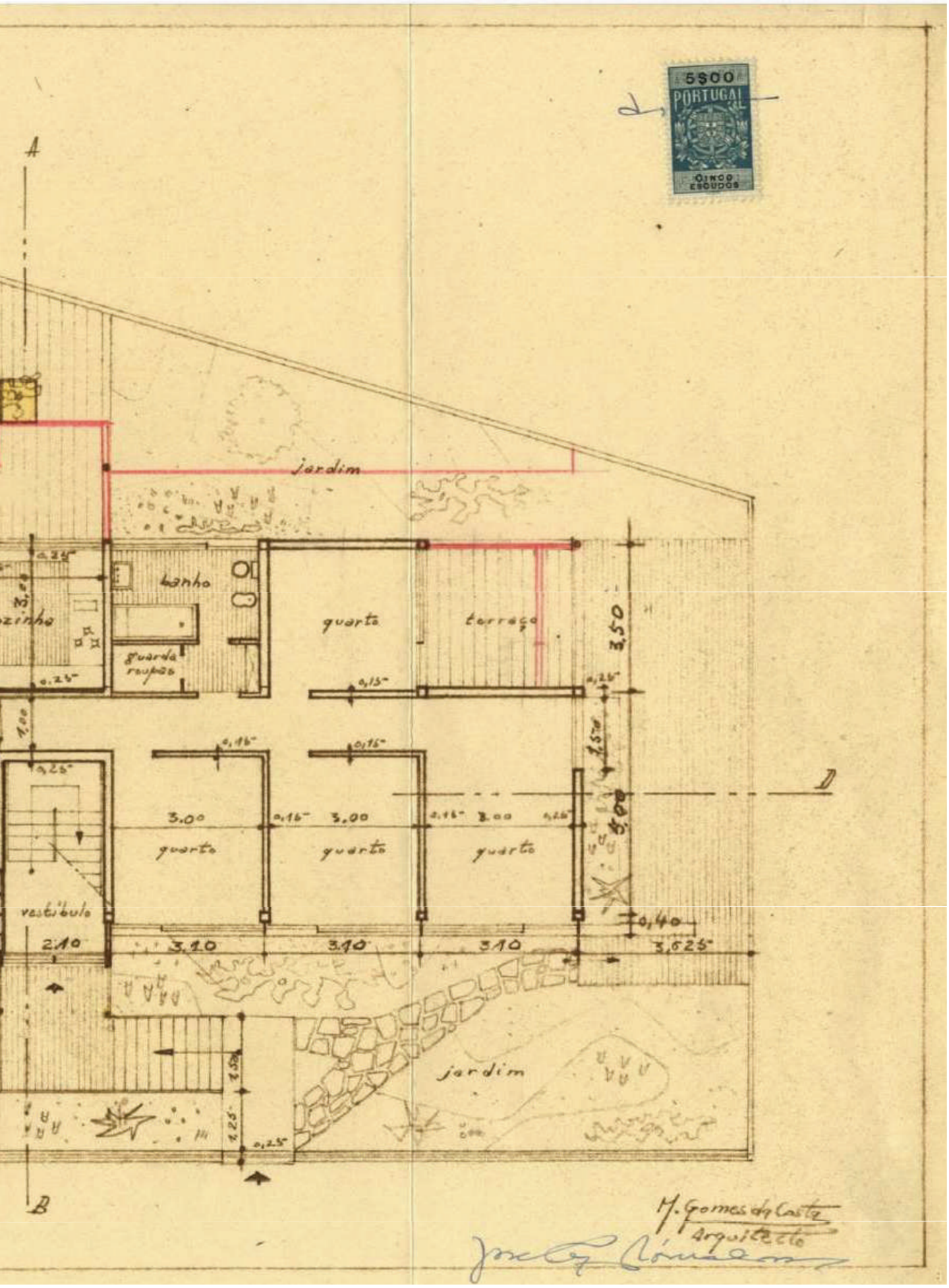
Finalmente, compreendemos que os traços horizontais e verticais que desenham o ritmo das fachadas propostas, além de definidos pelos elementos estruturais, são reforçados pelos esbeltos perfis e molduras de betão, pelos leves caixilhos e guardas metálicas a serem acompanhados de panos de vidro, e pelas floreiras cerâmicas que pontuam as composições. As grelhagens cerâmicas são desenhadas por peças circulares e retangulares e o embasamento, à semelhança dos muros que fazem os limites do terreno, é feito de pedra local de diferentes cores. Já na fachada Norte, a quadrícula dinâmica introduzida para proteger a escada de serviço materializa-se num volume-caixilho metálico leve, mas complexo. Já o piso da cobertura praticável, aberto para a cidade em todas as suas frentes, é delimitado por uma guarda metálica quadriculada e um estreito canteiro verde a toda a volta.

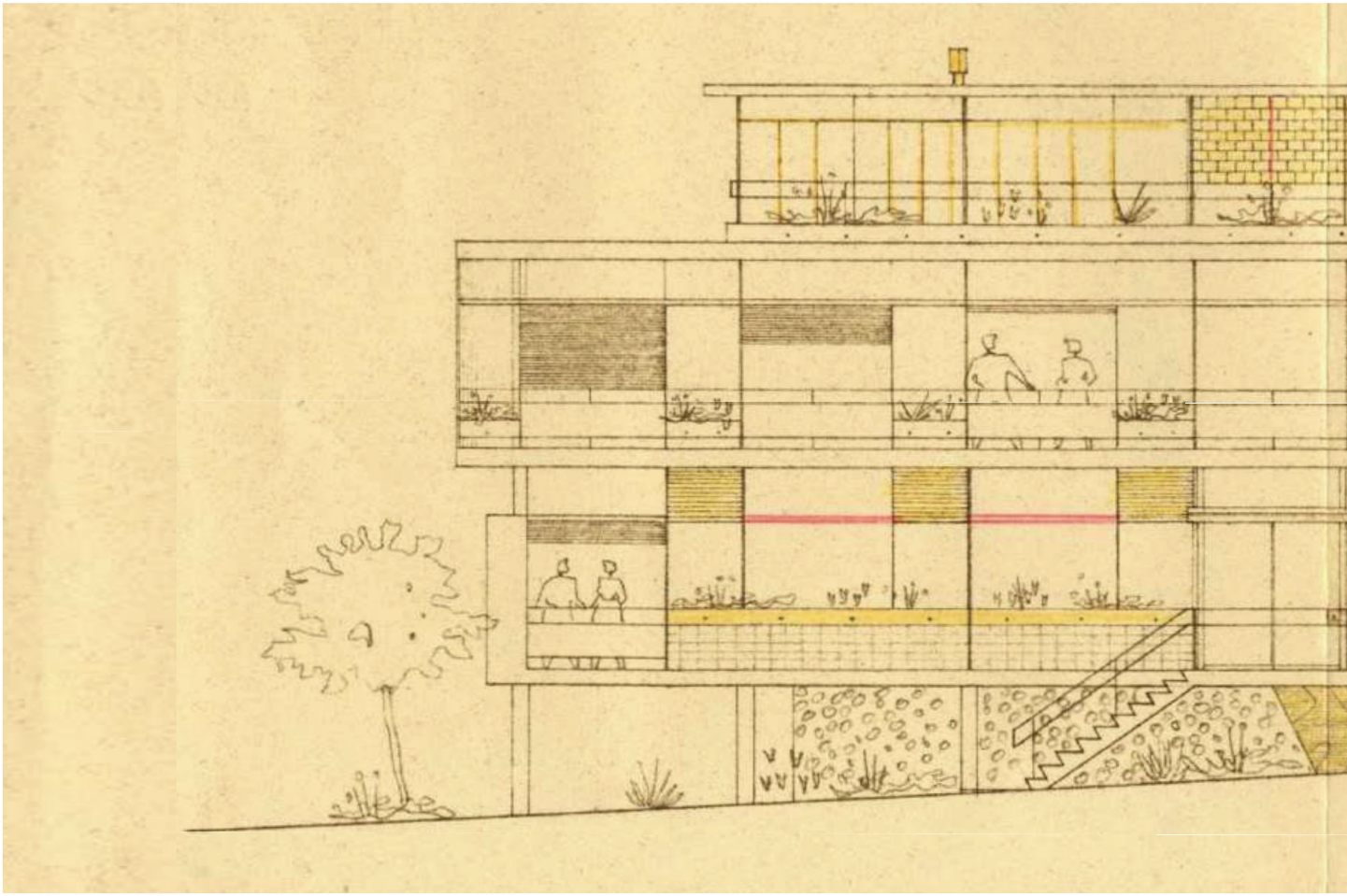
Nestas fotografias, a perceção da proposta interior é limitada, mas captam-se particularidades e materialidades difíceis de compreender em desenho, como: a parede de tijolo de vidro que oferece luz natural à àrea interior do vestíbulo; o móvel que em ambas as habitações faz a divisão das salas; o rodapé elevado que diferencia os espaços interiores de serviço; as portas de madeira que fazem a totalidade do pé-direito das habitações.

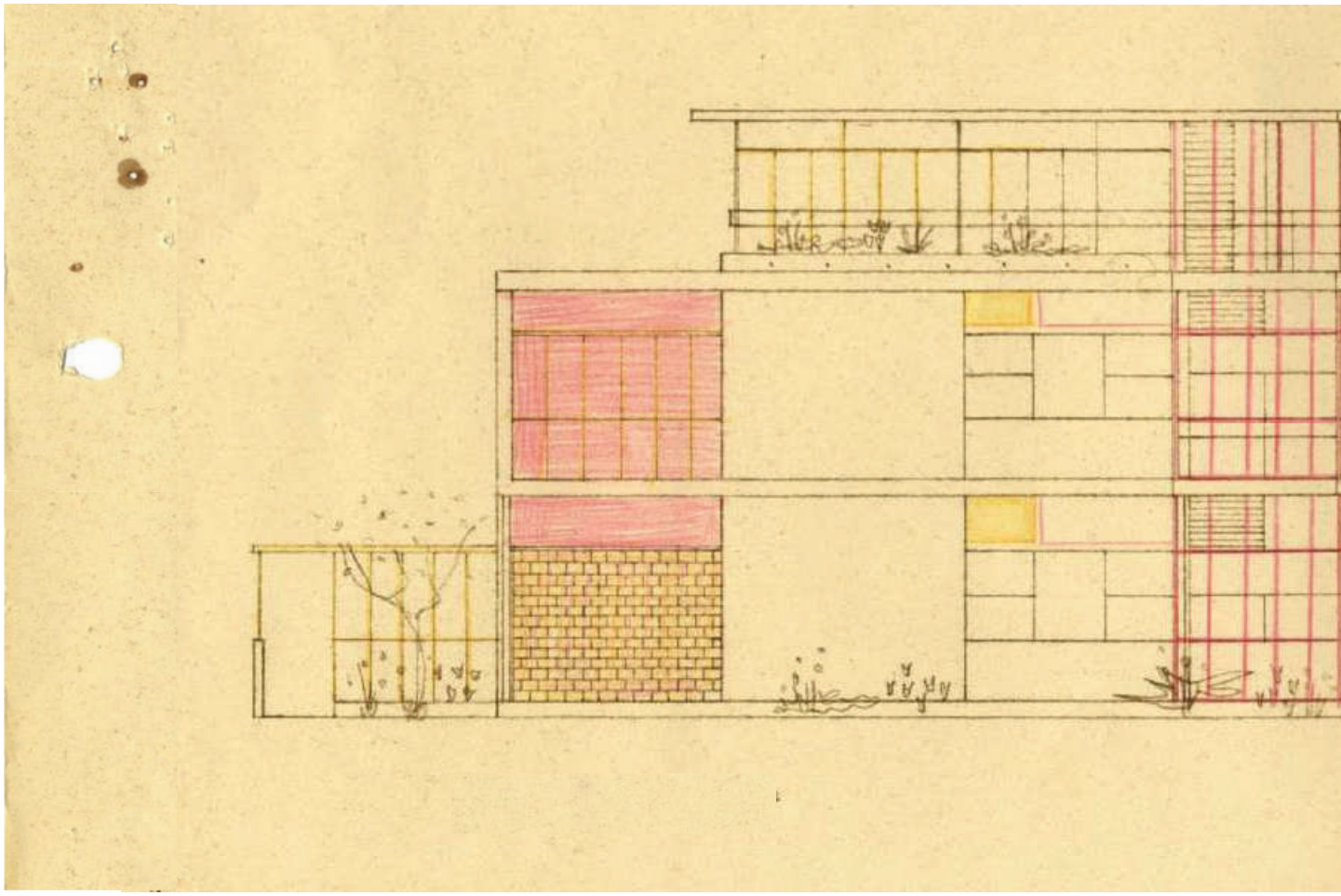
fig. 61 Planta do primeiro piso da proposta construída, 1958.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 62-63 Alçado Sul e alçado Norte da proposta construída, 1958.
fonte: CMF/SAO/708-55

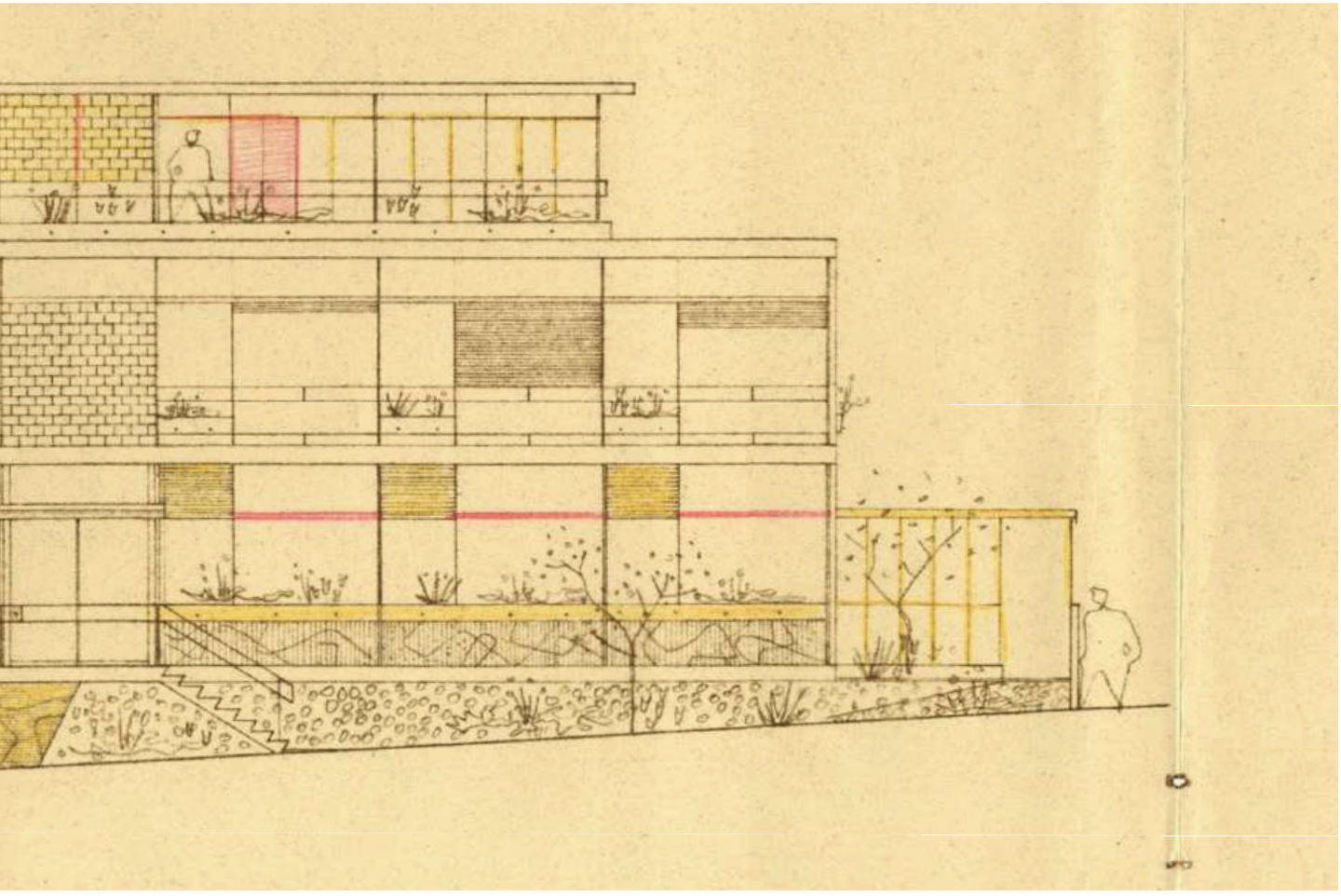
1/100 0 1 m 2

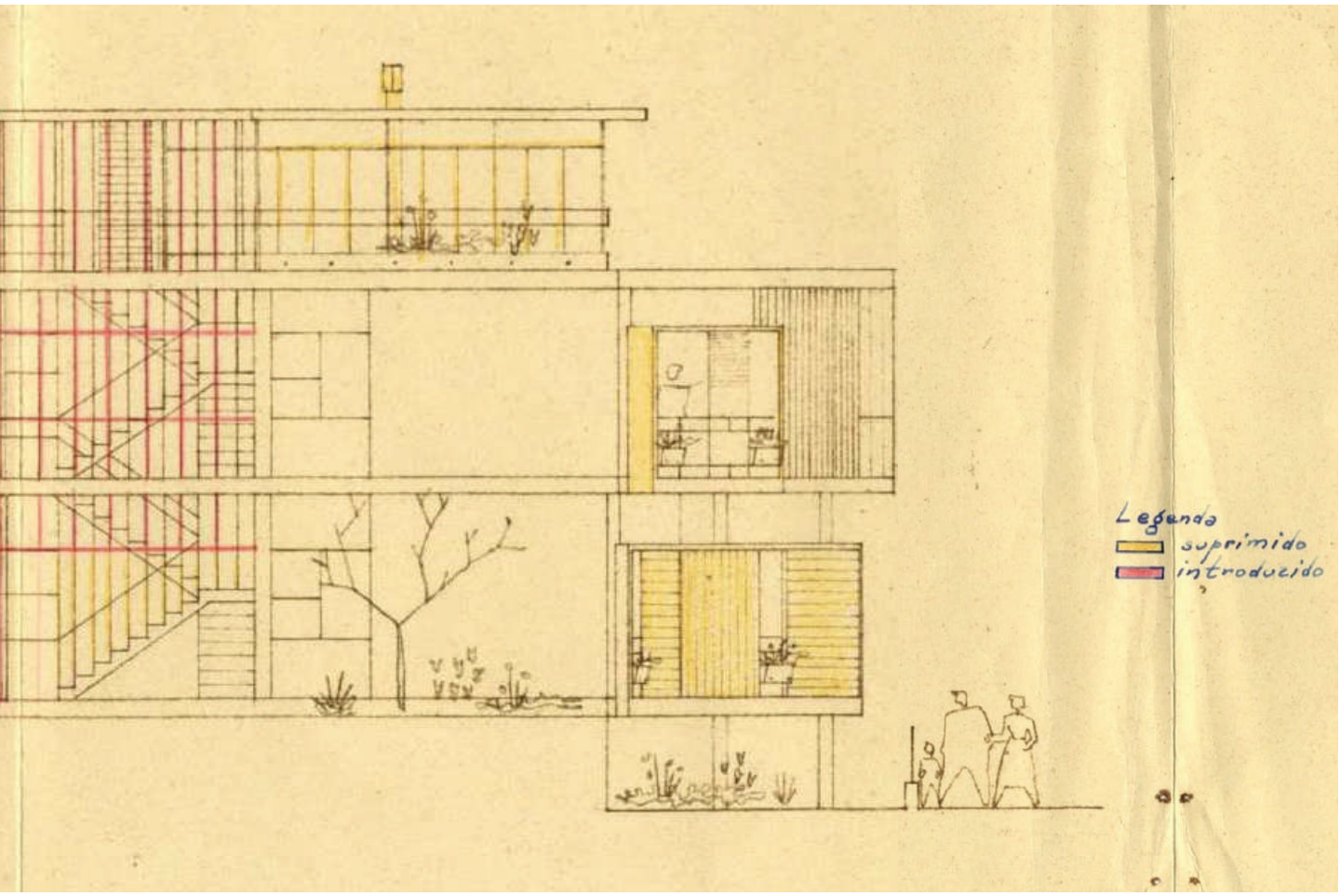

Legenda
suprimido
introduzid
engomados
s.-jantar
s.-estar
terraço
escritório
copa
vestíbulo
lago
3.40
1.40
4.70
2.40
4.20
2.20
3.10
3.10
3.10
2.10
1.60
planta do 1º pav.º

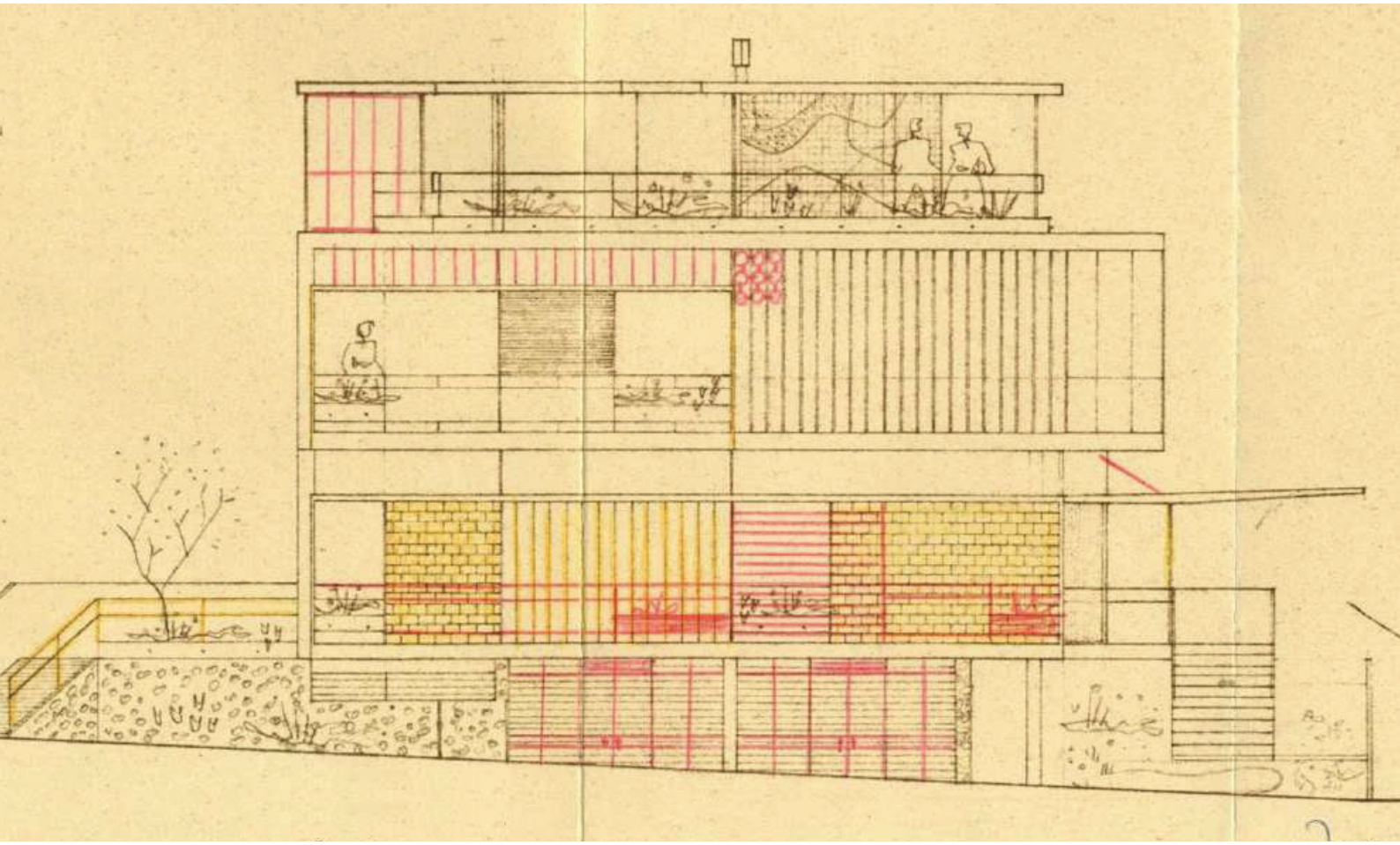

5$00
PORTUGAL
CINCO ESCUDOS
A
B
D
jardim
banho
guarda roupas
quarto
terraço
3,50
0,15
0,25
0,16
3.00
3,00
quarto
quarto
quarto
vestíbulo
2,10
3,10
3,10
3,10
3,625
0,40
4,00
1,50
1,25
0,25
jardim
M. Gomes da Costa
Arquitecto

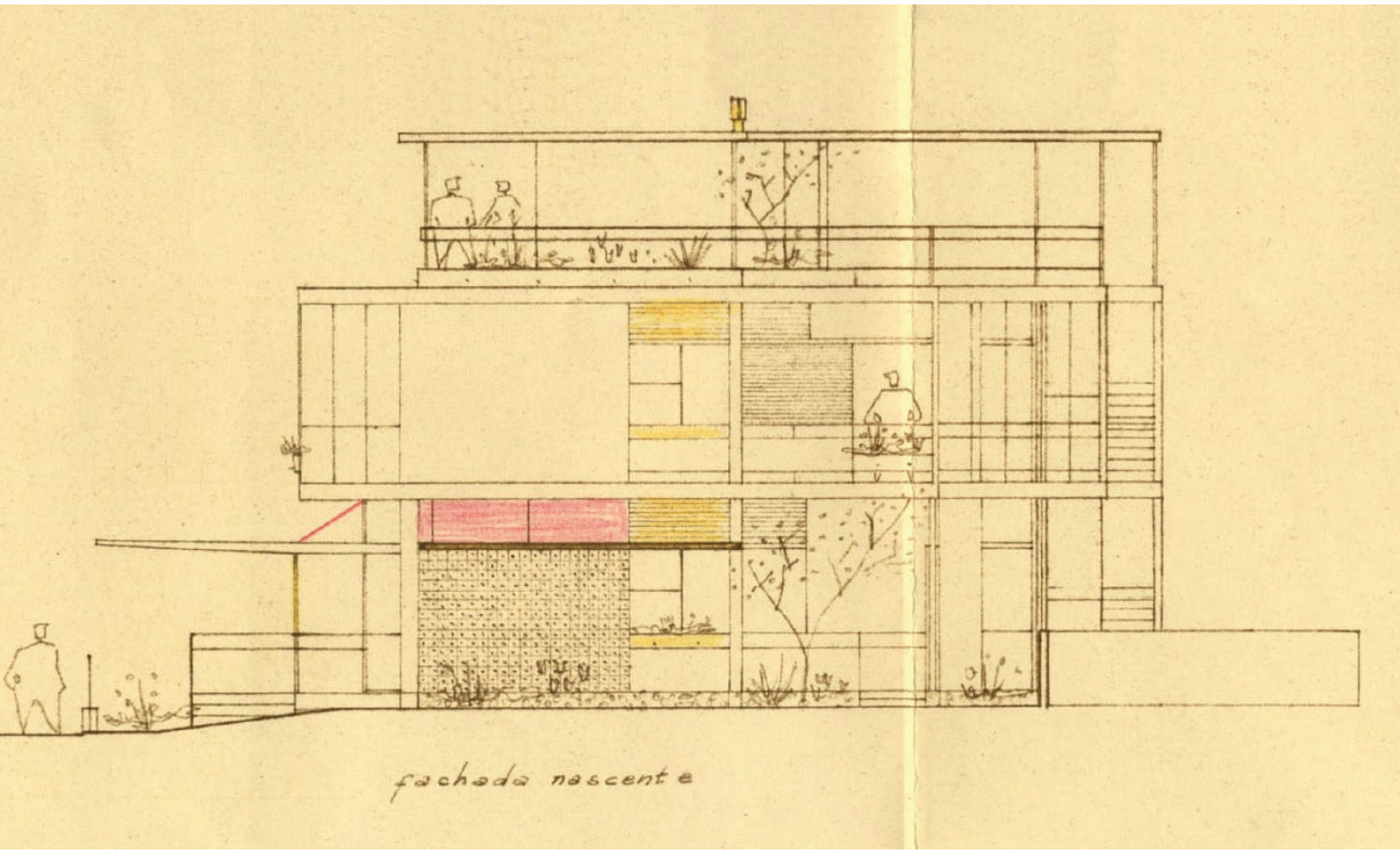







Legenda
suprimido
introduzido





fachada nascente

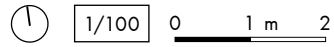
b) Uma alteração pós-construção desenhada pelo arquiteto.

Em 1969, a pedido do cliente, o arquiteto converte a varanda a Nascente do primeiro piso numa casa de banho completa e num espaço de distribuição que permite fazer a ligação direta aos dois quartos que serve.

A planta de vermelhos e amarelos arquivada que regista esta alteração, informa também sobre o novo aproveitamento da zona privativa desta habitação, que passa a beneficiar de duas casas de banho para quatro quartos, e aponta os vãos a serem abertos no quarto Norte, no espaço de distribuição e na nova casa de banho, para que lhes seja garantida luz natural. Dada a ausência de registos desenhados que apontem as alterações feitas em alçado, não podemos afirmar sobre esta vertente da intervenção, mas, face à homogeneidade da solução arquitetónica original para a casa Gago Rosa, podemos assumir que estas aberturas são desenhadas em concordância com os guias horizontais estabelecidos para as guardas e para os caixilhos.

Ao contrário do registo anterior, que pode ser confirmado e esclarecido por meio de registos fotográficos de época, esta intervenção não é captada em fotografia. Assim, é difícil fazer qualquer caracterização sobre a alteração desenhada e a sua materialidade.

figs. 64-65 Alçado Poente e alçado Nascente da proposta construída.
fonte: CMF/SAO/708-55



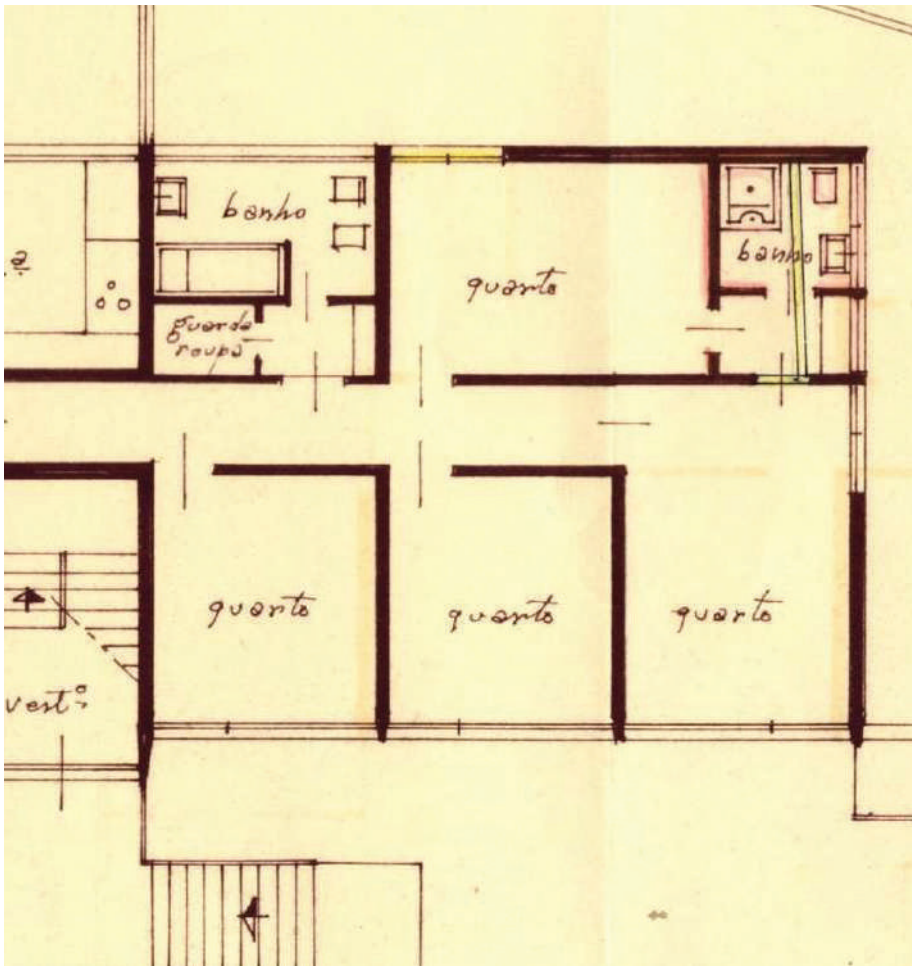
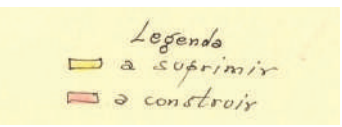
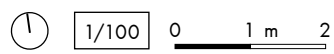


fig. 66 Excerto da planta da alteração na casa de banho, 1969.
fonte: CMF/SAO/708-55





CAPÍTULO 04



O registo exaustivo da casa Gago Rosa, 2024.

2 de fevereiro 2023

Combinei com a arq. Margarida Belchior que estaria à porta da casa Gago Rosa às 14h para lhe fazer algumas perguntas antes de começar o levantamento da sua habitação no primeiro piso.

Desta vez, o foco era conversar sobre as particularidades que não foram esclarecidas na visita anterior e conhecer a história da casa.

"Nos anos 70, quando andava no liceu passava por esta rua todos os dias para ir para o conservatório. Tinha uma paixão por esta casa, sempre tive... Quando regressei a Faro, em 2000, passei por aqui e, por acaso, vi que o primeiro piso estava à venda. Liguei e comprei. Era o meu sonho." disse.

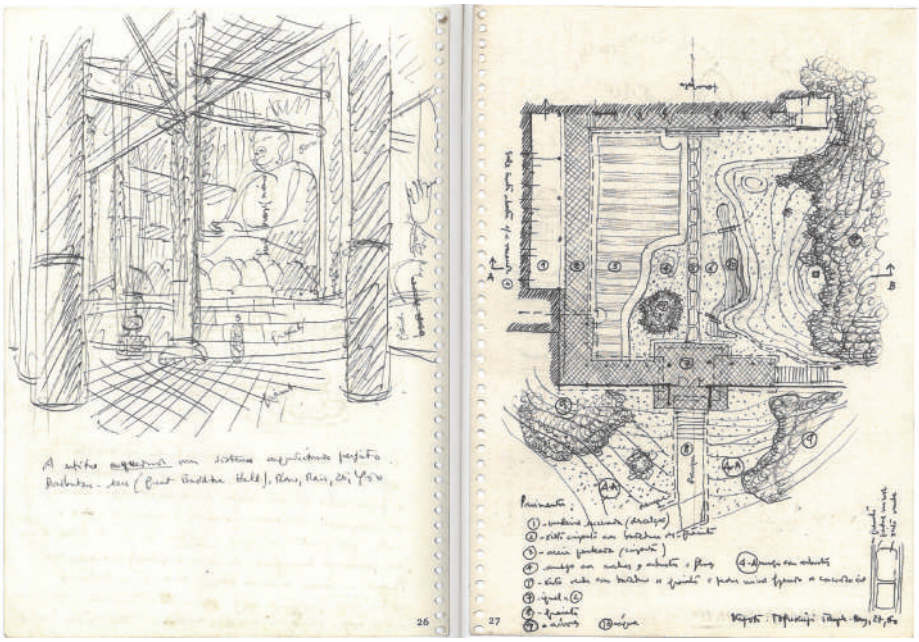
Enquanto partilhava a sua experiência, falou também um pouco sobre a vida da "habitação das varandas", a do piso superior. Sobre o facto deste conservar ainda muito da solução original, sobre as várias pessoas que a habitaram e especialmente, sobre a sua preocupação constante em ter agora uma habitação devoluta e degradada em cima da sua.

Até então, eu não tinha quaisquer informações sobre o outro piso. Antes de começar o registo desenhado e fotográfico da sua habitação da arquiteta, tentei a minha sorte:

"É possível visitar o andar de cima?"

"Claro, vamos as duas." disse a arquiteta. *"Posso até contar mais algumas coisas sobre ele."*

fig. 67 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.



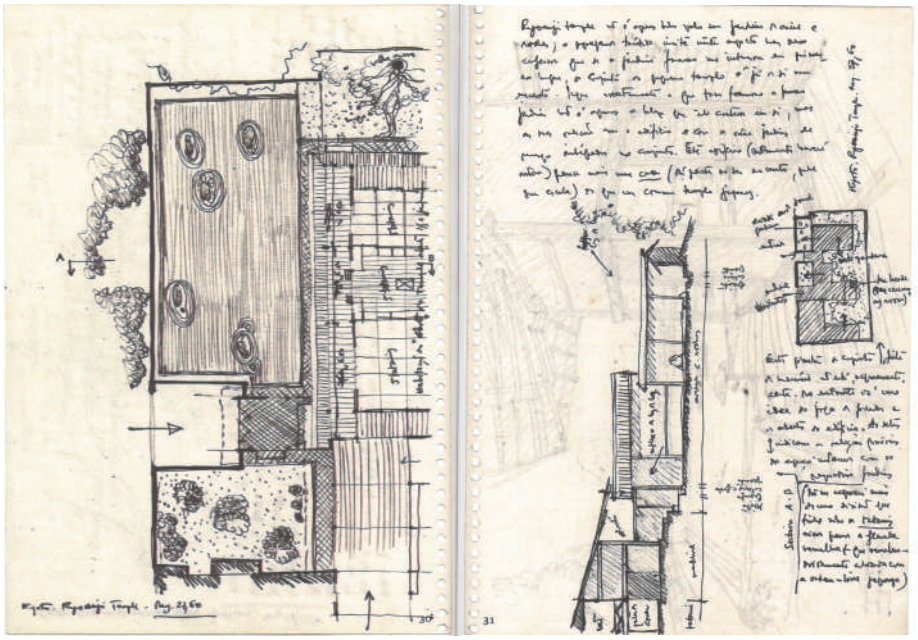
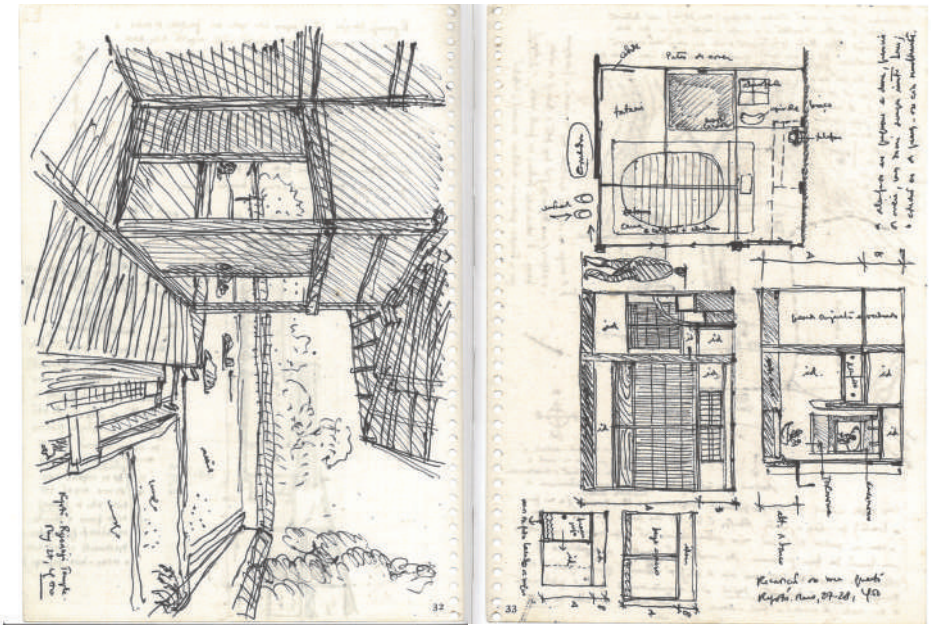




fig. 68 Capa do livro Diário "de Bordo": Fernando Távora, 2012
fig. 69 Esquissos de viagem do arquiteto Fernando Távora a Quioto, no Japão, em 1960.
Desenho 26-27 - Templo Tofukuj em Quioto, Japão.
Desenho 30 a 32 - Templo Kinkaku--Ji em Quioto, Japão.
Desenho 33 - quarto de hotel em Quioto, Japão.
fonte: Diário de Bordo: Fernando Tárvora, Caderno A, 2012.



04.1. O levantamento arquitetónico e o registo fotográfico da obra.

Fruto do método de trabalho de Manuel Gomes da Costa – que consiste em: estudar o projeto em estirador; registar a proposta à escala 1/100 para que seja apresentada à Câmara Municipal; revisitar os desenhos em obra e reconsiderar a proposta para o local; documentar as alterações decididas em obra para serem aprovadas pelas entidades competentes – resultam projetos de execução elementares, a escalas reduzidas, que não permitem qualquer leitura do pormenor arquitetónico.

Uma vez que os desenhos arquivados não comunicam detalhadamente a proposta construída, recorreu-se à casa Gago Rosa na sua condição atual para recolher a informação nunca antes registada, começando por realizar um levantamento minucioso para posteriormente se poder proceder ao seu registo rigoroso.

O levantamento desenhado e o registo fotográfico foram feitos durante a última semana de janeiro e a primeira de fevereiro de 2023. Inicialmente, os registos desenhados foram efetuados sobre cópias das plantas arquivadas, mas dada a dificuldade em apontar todo o conteúdo neste formato optou-se por utilizar um caderno para se prosseguir com o trabalho. Os registos foram feito à medida que a Arq. Margarida Belchior, proprietária da habitação do primeiro piso desde 2000, facilitava o acesso ao interior. Por conseguinte o processo de levantamento resulta numa organização fragmentada, aqui tabelada para interpretação:

dia	descrição do processo	nº de folhas
1º/2º	Estudar e trabalhar sobre os desenhos de arquivo para utilizar como base do levantamento gráfico;	-
3º	Visita guiada à casa Gago Rosa (c/ a Arq. Margarida) - 1º e 2º piso; Medir/desenhar a garagem + registo fotográfico;	1
4º	Medir/desenhar o 1º piso (quartos, corredor de distribuição, sala, varanda, copa, cozinha e portas) + registo fotográfico;	6
5º	Medir/desenhar o volume de escada exterior e 2º piso (cozinha e terraço de serviço) + registo fotográfico;	5
6º	Medir/desenhar o 2º piso (copa, bengaleiro, hall, portas, móvel divisor e casa de banho) + registo fotográfico;	5
7º	Medir/desenhar o logradouro, o 2º piso (escada interior, varandas e alçados) e a açoteia + registo fotográfico;	8

tab. 03 Plano do levantamento e registo fotográfico - janeiro/fevereiro 2023

Por outro lado, a condição atual da casa Gago Rosa não reflete apenas a obra construída até 1969, mas também as intervenções interiores e exteriores posteriores realizadas no primeiro piso e os sinais da passagem do tempo que afetam sobretudo o segundo piso entretanto devoluto.

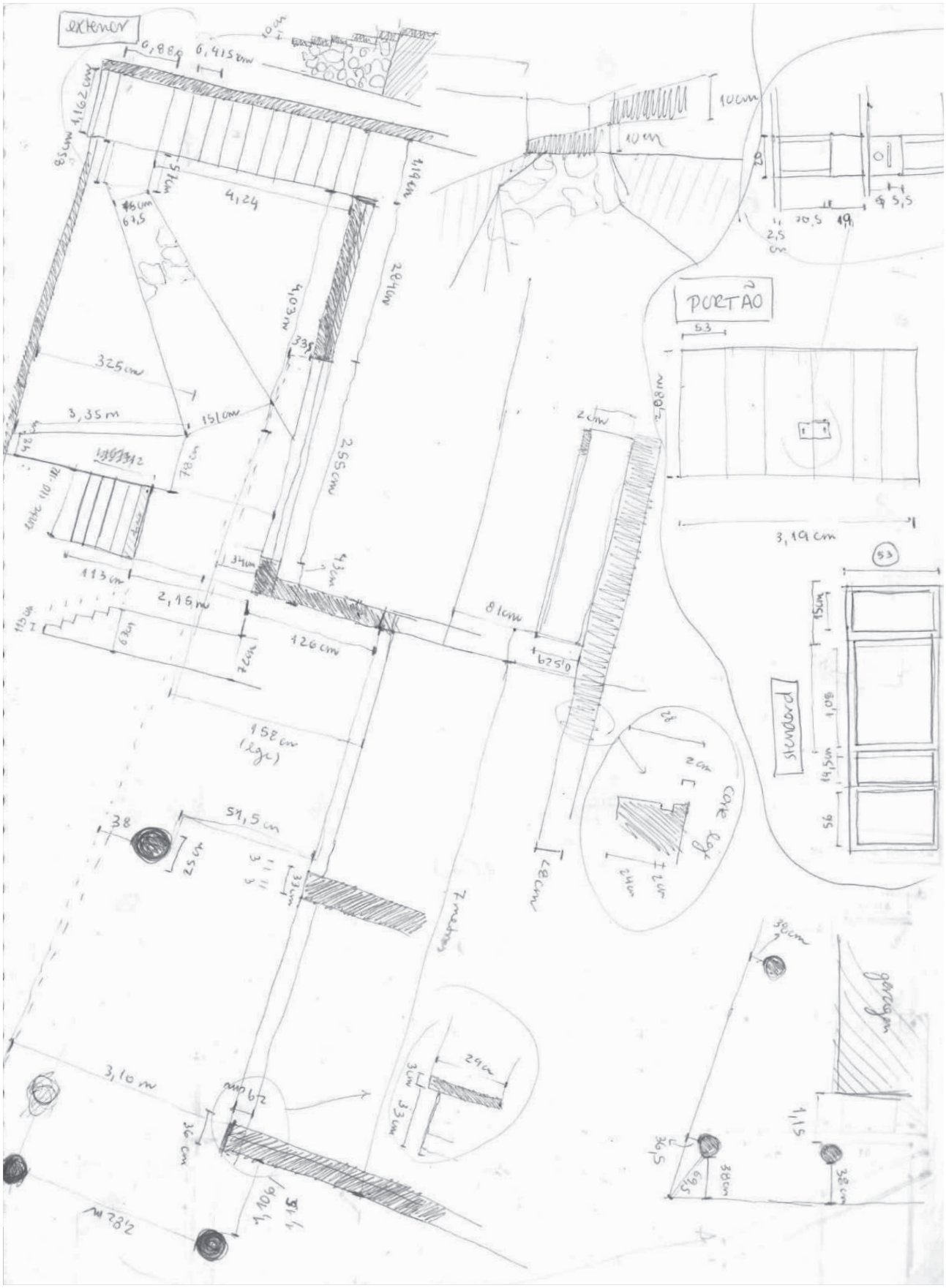
O exercício que aqui se propõe coloca lado a lado desenhos e fotografias dos vários aspetos da obra e procura documentar rigorosamente o estado atual da casa Gago Rosa.

As visitas ao local, a familiarização com a obra, o levantamento arquitetónico e o registo fotográfico aliam-se aos desenhos arquivados, às fotografias da época, ao entendimento do método de trabalho de Gomes da Costa e à sua linguagem arquitetónica, para dar origem a um conjunto documental atualizado capaz de informar futuras análises e intervenções.





fig. 70 A-B Autora a realizar o levantamento gráfico e o registo fotográfico da casa Gago Rosa.
fonte: Pedro Rodrigues (2023)



04.1.1. A Poente. Acessos, plataformas e percursos pavimentados do logradouro.

des. 1 Associado ao acesso secundário a Poente, desenha-se uma plataforma a meia cota que garante a ligação direta ao patamar superior a Norte e assegura a sua associação ao pátio inferior que atende a entrada automóvel e as garagens. Aqui, projeta-se um espaço amplo e parcialmente coberto para facilitar a articulação resguardada entre Poente e Sul dada a necessidade de estabelecer uma ligação entre as garagens e a entrada principal das habitações.

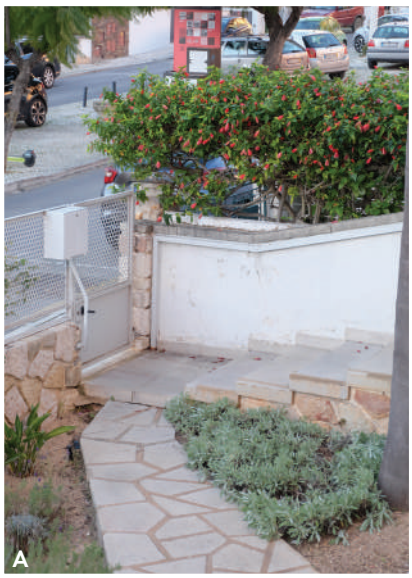










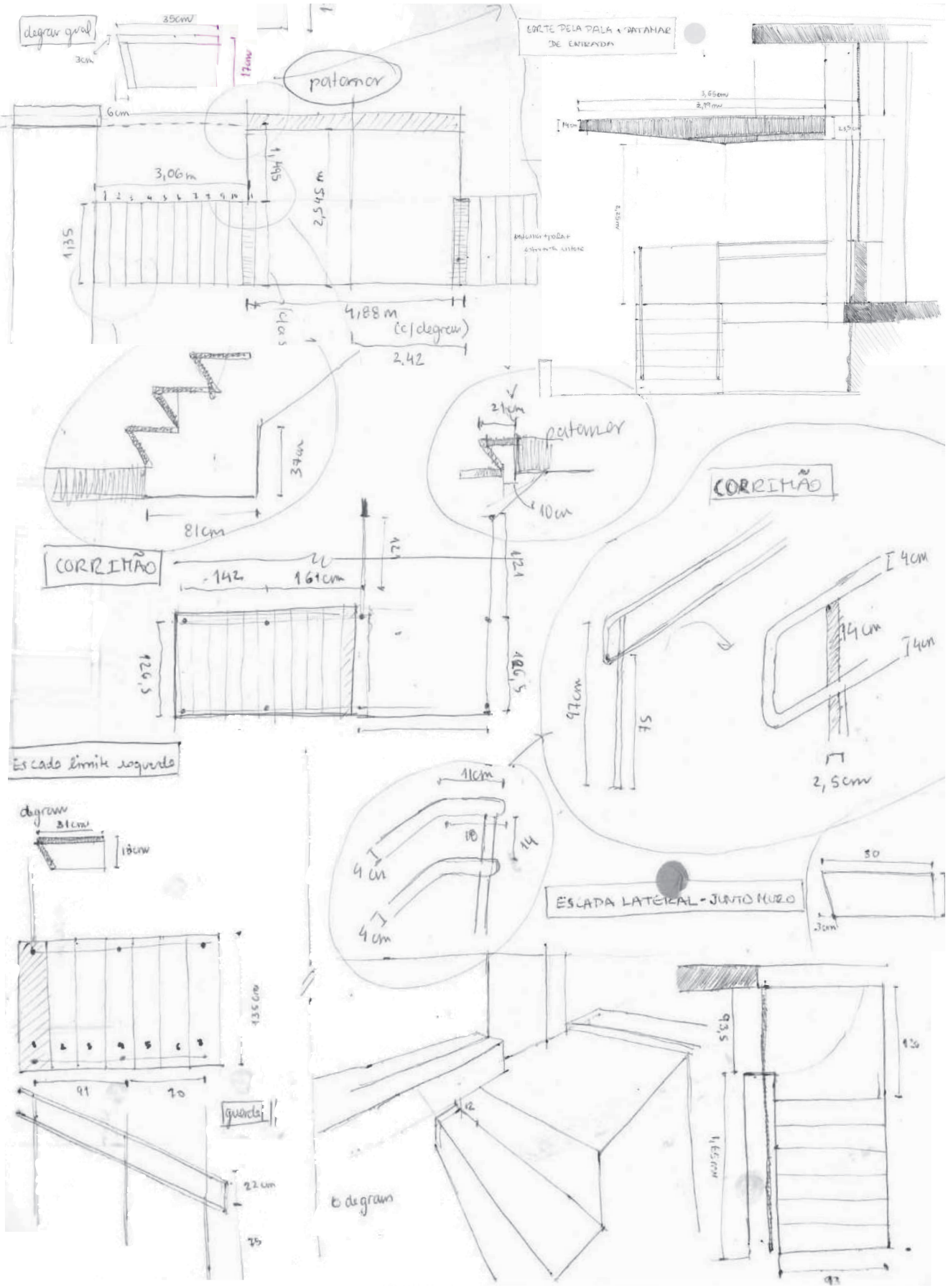






fig. 71 A-E As estratégias de ordenamento do terreno coexistem com uma variedade de materiais e uma diversidade de vegetação que preenchem os canteiros projetados. Todos estes elementos são utilizados tanto para diferenciar o aproveitamento intencional dos percursos pavimentados das outras àreas de circulação pelo logradouro, tanto quanto para estabelecer continuidade entre a arquitetura, o logradouro e os limites do terreno.

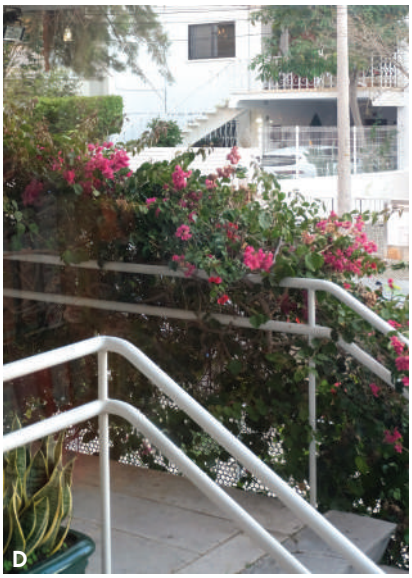
fig. 71 F-G Além da grande presença visual, o embasamento encarrega-se de "fixar" o edifício ao terreno, sendo este recuo o único instante em que a carga é distribuída sobre cinco pilares.



04.1.2. A sul. Do patamar de entrada às rampas, às escadas, aos degraus e aos corrimãos.

des. 2 Dada a pendente das ruas que fazem o gaveto, o arranjo dos exteriores requer a presença de rampas, escadas e degraus para viabilizar a circulação livre pelo logradouro. Estes elementos são pensados como extensões do ambiente a que se associam Assim, quando vinculados ao exterior adotam formas e texturas orgânicas, ao passo que, quando associados à arquitetura, as peças são rigorosas, a pedra é polida e a circulação apoiada por corrimãos e guardas metálicos.







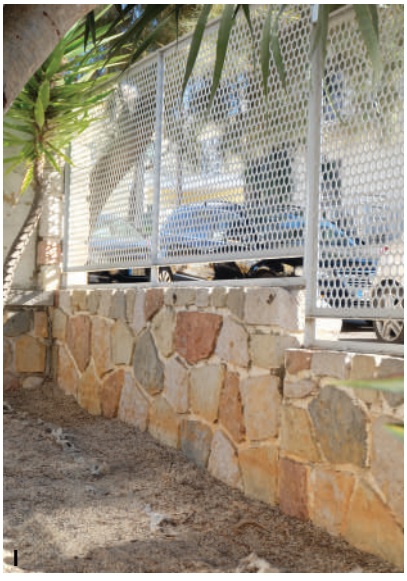








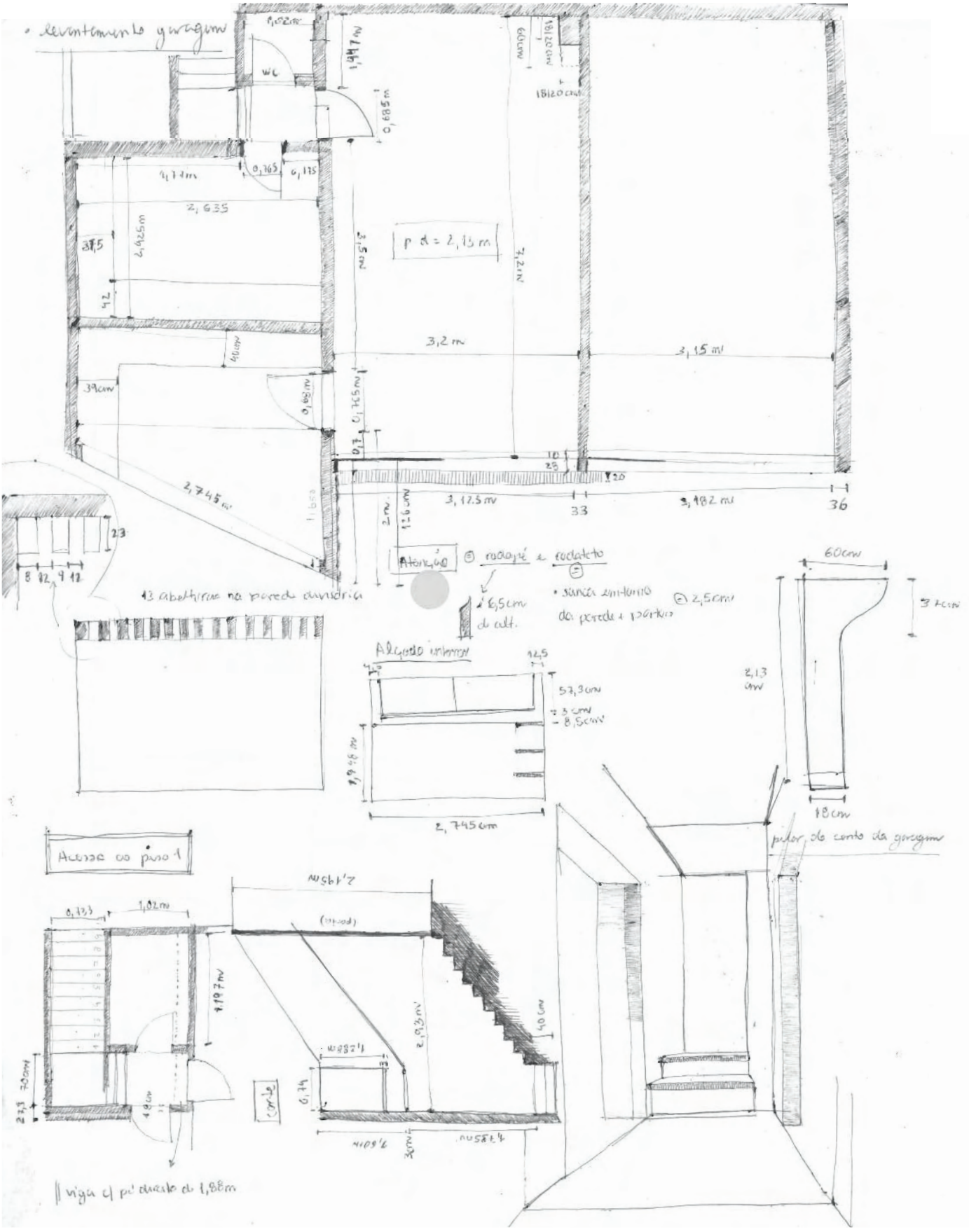




figs. 72 A-C Entrada principal nas habitações, evidenciada pela grande pala horizontal, feita pelo patamar elevado e pelas respetivas escadas simétricas que aparecem como extensões do volume principal.

figs. 72 D-F Corrimãos e guardas metálicas anunciam e delimitam o percurso principal até às habitações. Estas peças integram o catálogo de pormenores a que o arquiteto recorre para completar as suas obras.

figs. 72 G-I Nas escadas do logradouro, os degraus são pedra únicas pousadas sobre planos de extensão do embasamento, que unem a obra arquitetónica ao local e estruturam os espaços exteriores.



04.1.3. Garagens e arrumação. O programa integrado no piso do embasamento.

des. 3 Neste piso inserem-se as duas garagens e os espaços de apoio à habitação do primeiro piso. Dada a simplicidade programática recorre-se ao detalhe para solucionar problemáticas e valorizar os espaços. Exemplo disto são: as prateleiras embutidas que favorecem os arrumos; os recortes na parede que permitem a iluminação do compartimento interior; e o portão original cujos panos de vidro introduzem luz natural na garagem da habitação do segundo piso.









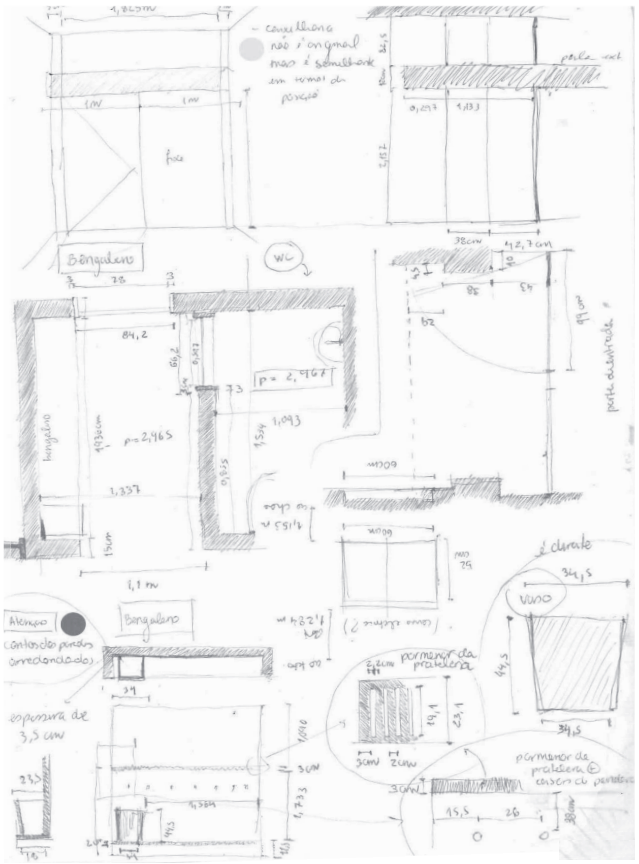


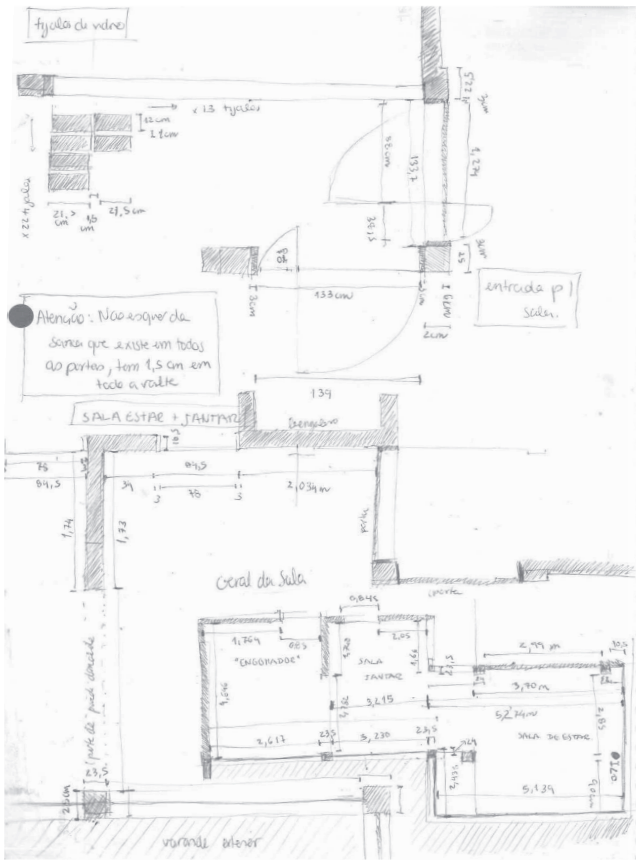


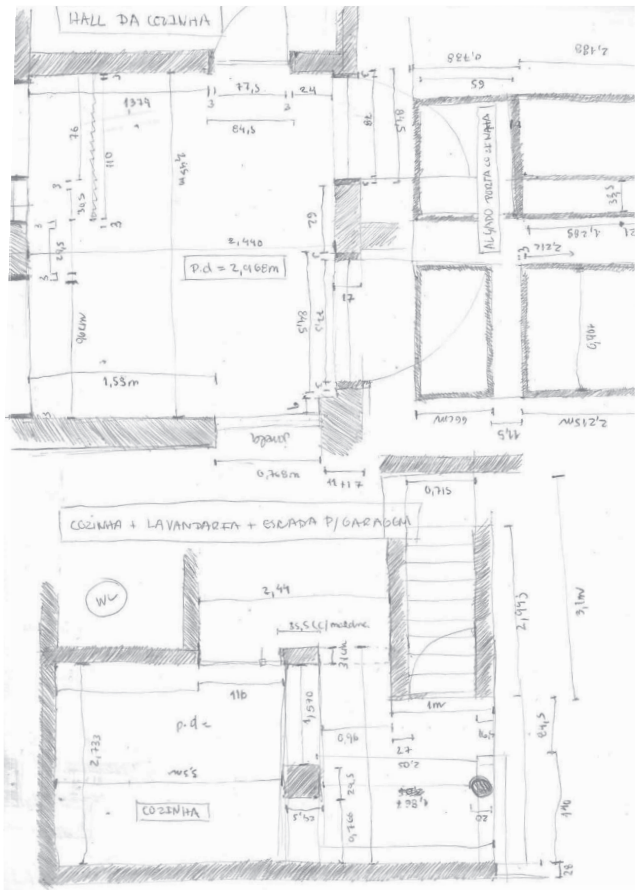
figs. 73 A-C No seu pé-direito máximo, o embasamento alberga o programa das garagens e, no resto da sua extensão, este é apenas a base sobre a qual se desenvolve o edifício e as plataformas exteriores.

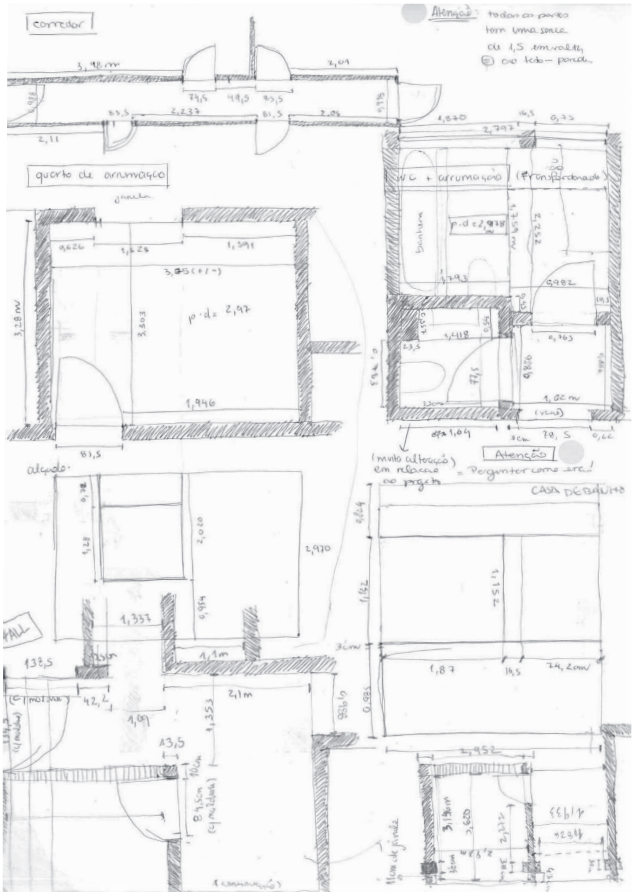
figs. 73 A/C Contraste entre os portões de garagem, - recente (A) e original (C) - relativamente à qualidade do desenho e ao estado de conservação, remete para o debate de preservação da herança arquitetónica.

figs. 73 D-F Os elementos que integram e desenham estes interiores - o pilar de canto, as prateleiras embutidas, os pavimentos, as paredes e os acabamentos - primam pela simplicidade material e expressiva.



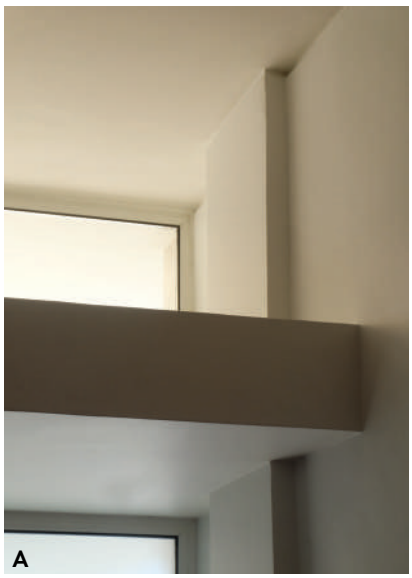






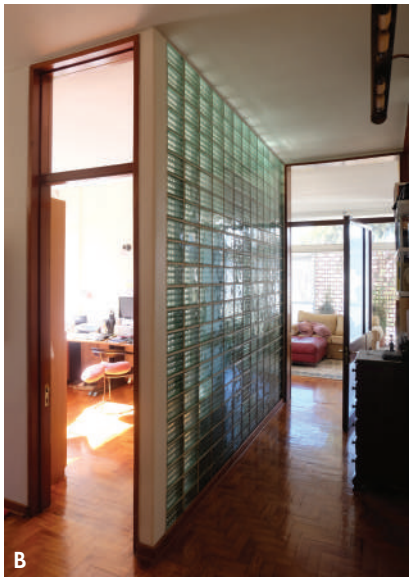
04.1.4. A habitação no primeiro piso. Espaços interiores recuperados ou modificados.

des. 4 Documentar uma obra com rigor passa por registar tudo, inclusive os aspectos nunca integrados no projeto original. As alterações feitas no primeiro piso são consideráveis, mas revelam uma preocupação em salvaguardar a essência e os princípios que guiaram a solução original. As espacialidades interiores foram mantidas e os pormenores originais foram restaurado. As aterações foram reservadas aos caixilhos, as guardas, a cozinha, a lavandaria e a casa de banho.



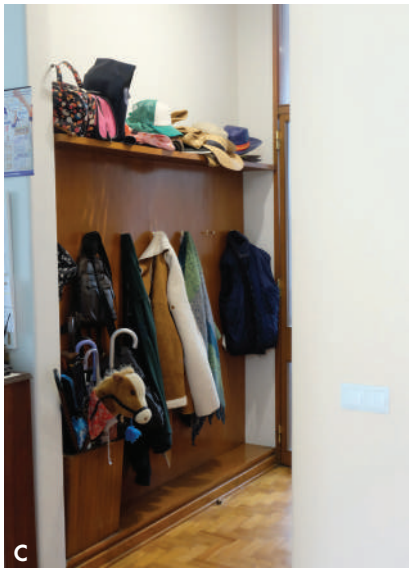




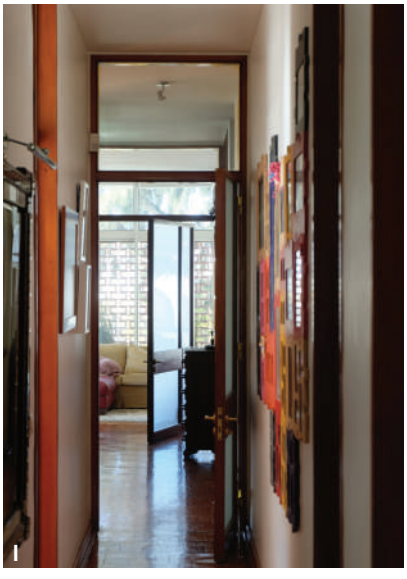








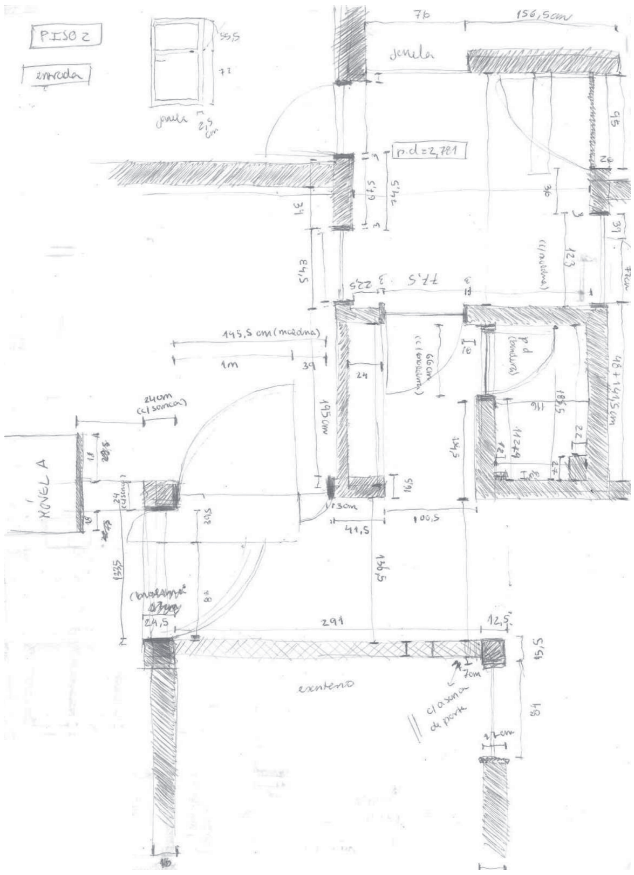


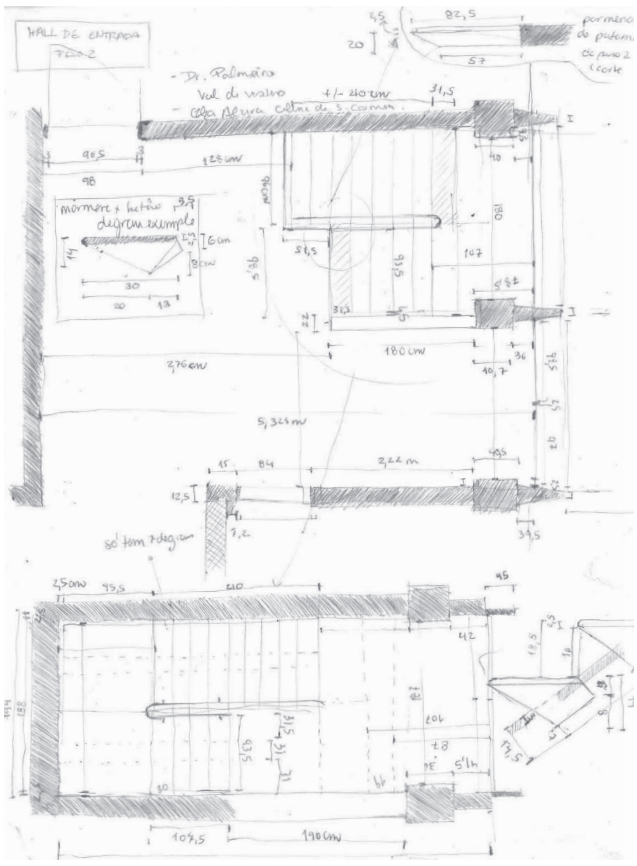


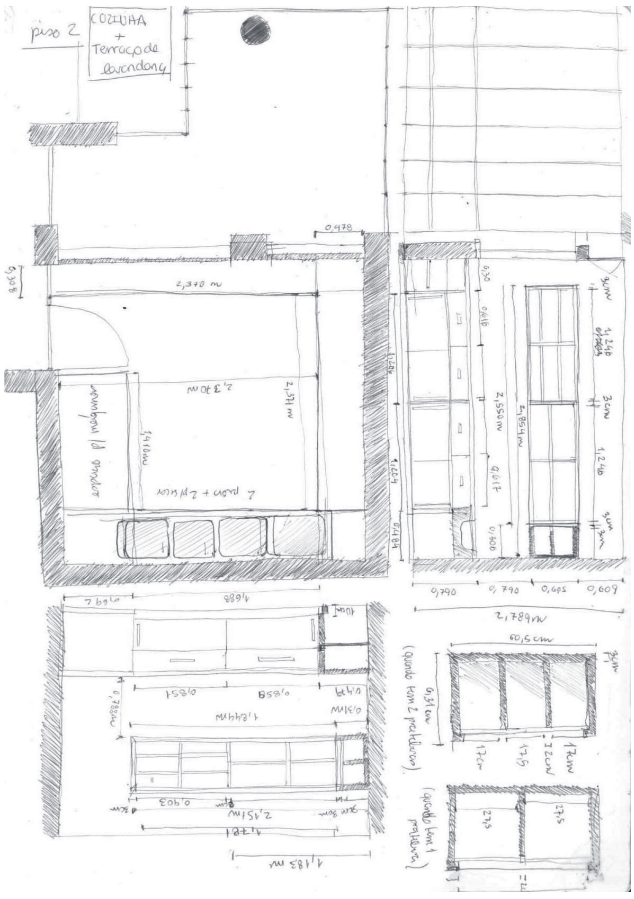
figs. 74 A-C Portas e móveis, pavimentos e paredes: aspectos da obra preservados conservando o ambiente interior inicialmente defenido para as habitações.

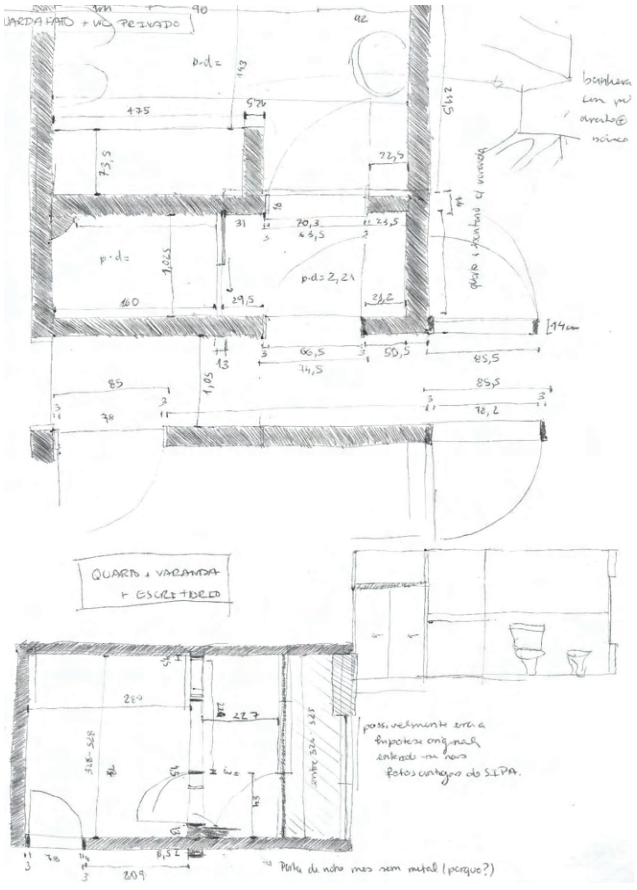
figs. 74 D-F A sala de estar e jantar, ampliadas por inclusão da "engomadora", beneficiam ainda da transparência para o exterior proporcionada pelos grandes panos de vidro e pelo amplo terraço.

figs. 74 G-I Os espaços privados da habitação com àreas mais reduzidas beneficiam igualmente do contacto com o exterior graças à relação visual continua que se estabelece com as fachadas.









04.1.5.A habitação no segundo piso. Uma cápsula do tempo ao abandono.

des.5 Tirando as marcas da passagem do tempo, os sinais de abandono e as pequenas alterações, este piso é uma reprodução exata do projeto final para o espaço doméstico. Assim, somos agora confrontados com elementos centrais ininteligíveis ou nunca registados em desenho da proposta arquitetónica original. Destacam: caixilhos, guardas e serralharias; portas, móveis e carpintarias; materialidade, expressão, textura e cores.





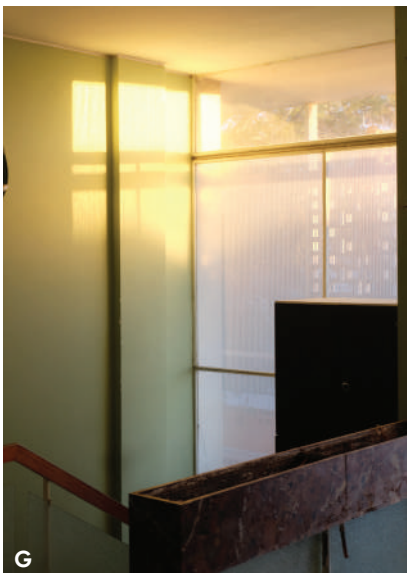










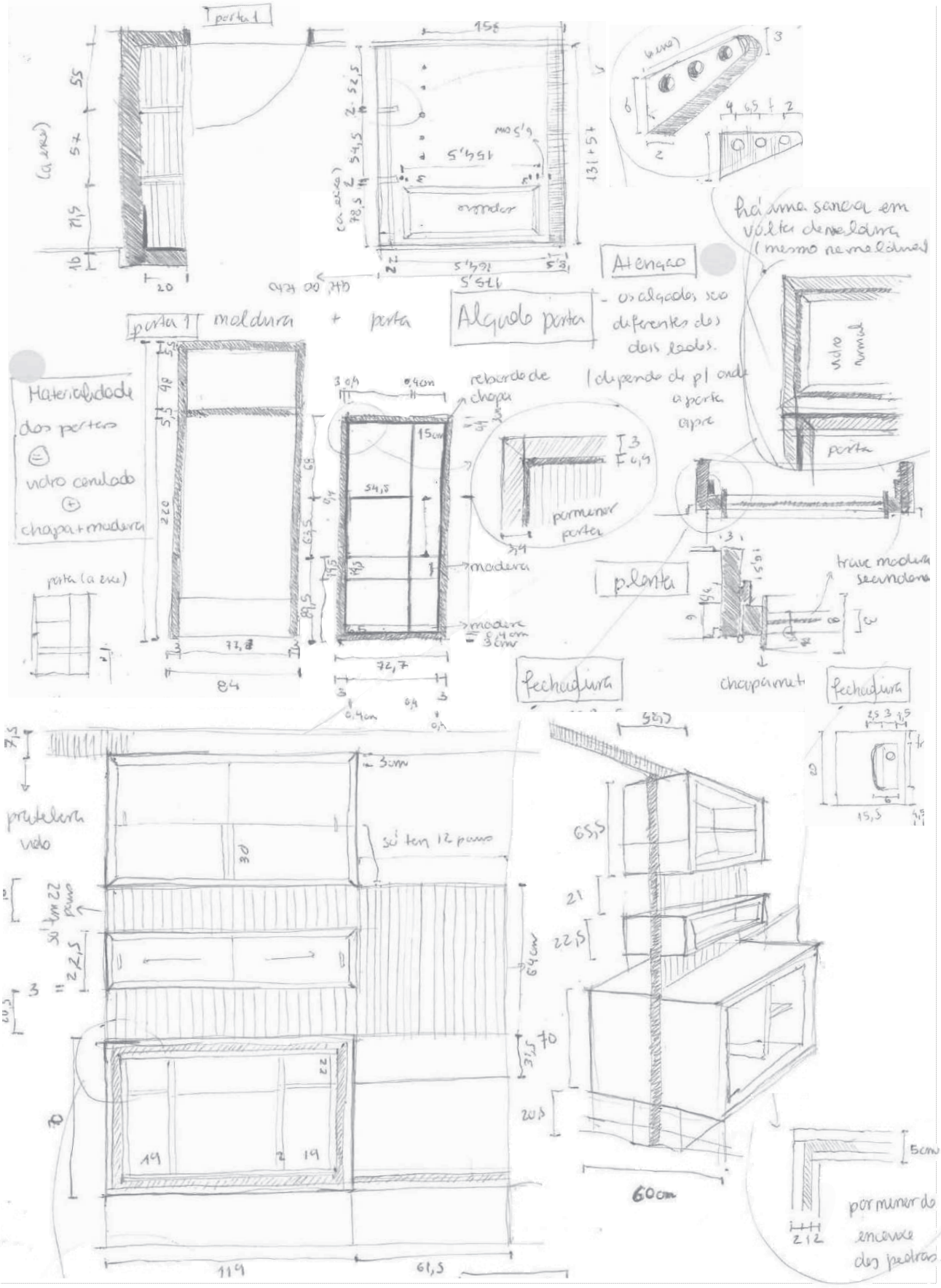




fig. 75 A-C Dada a abertura visual para o exterior e a transparência proporcionada pelo móvel divisor, o espaço da sala de estar e jantar beneficia de amplitude total e iluminação controlada, mas abundante.

fig. 75 D-F Ao desenho simples e funcional proposto para a cozinha, introduz-se expressão e textura por meio da inserção de diferentes materialidades e acabamentos - madeira pintada, vidro picado e pedra.

fig. 75 G-I A estrutura da escada de acesso ao segundo piso confere-lhe uma imagem de leveza e transparência, potencializada pela integração da pedra, da madeira, do vidro picado e da cor.



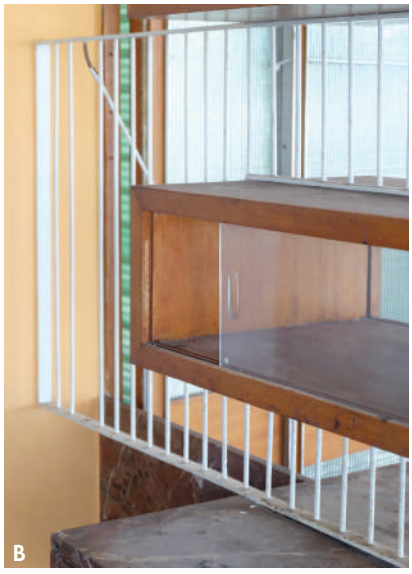
04.1.6. Pormenores originais da habitação do segundo piso. Portas, móveis e carpintarias.

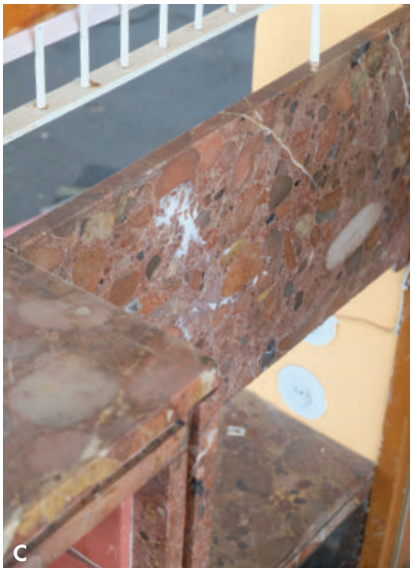
des. 6 Ainda que se destaquem pela sua configuração inovadora, as habitações primam pelo desenho racional e simples. Assim, opta-se por conceder complexidade e detalhe às peças triviais do ambiente doméstico como as portas, os móveis, os caixilhos, as guardas, entre outros. Reforça-se a complexidade e detalhe ao incluir materialidades e texturas como madeira, metal, mármore e vidro canelado, fosco, picado ou riscado.







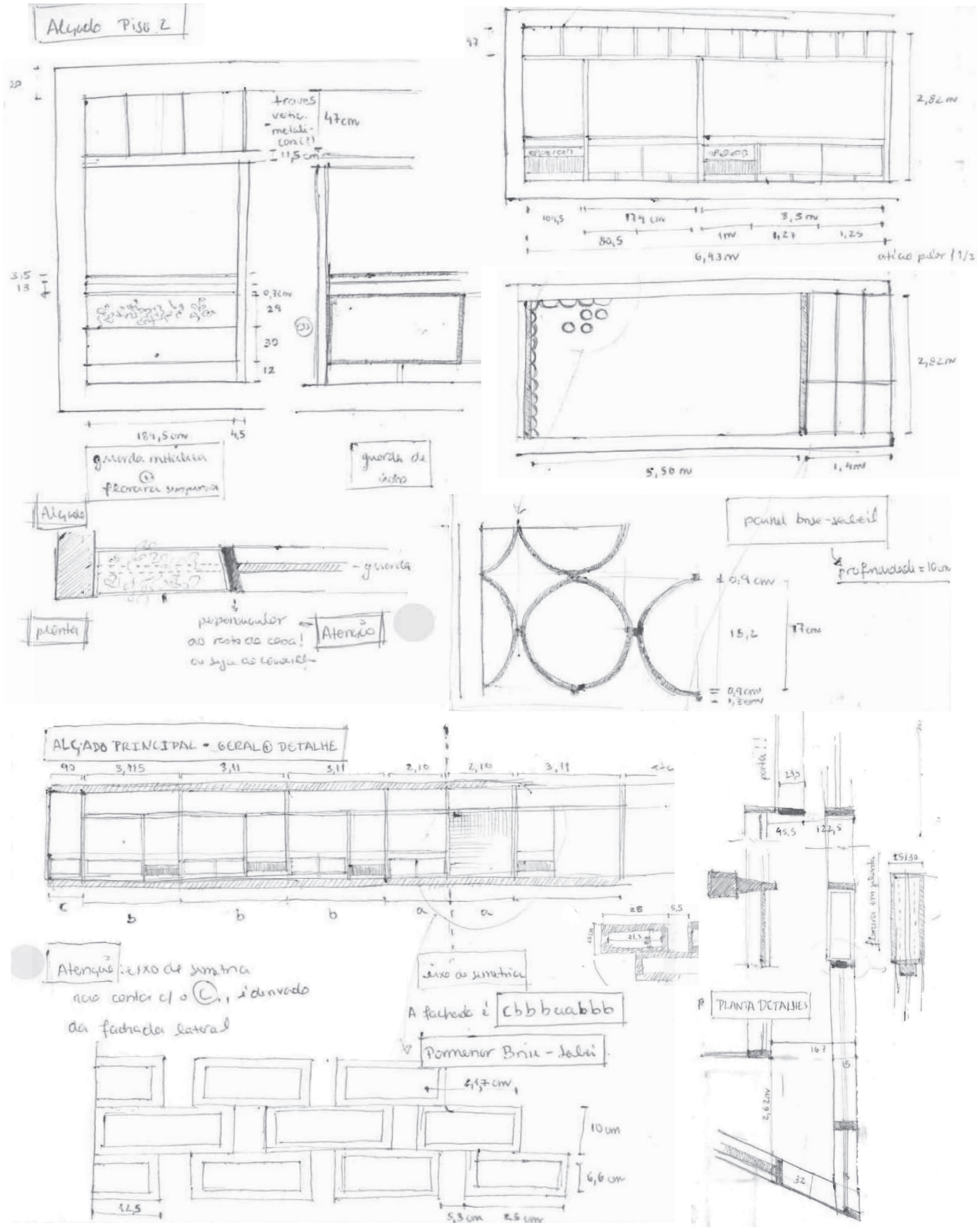






figs. 76 A-B O móvel que separa a sala de estar da sala de jantar é desenhado para definir cada espaço sem o fechar. O desenho do móvel-divisor é regulado por "medidas tipo" e a sua imagem incorpora os materiais usados nos pormenores do interior. Da mesma forma, estas medidas e esta materialidade - à exceção da pedra - são invocadas no desenho e imagem das portas.

figs. 76 D-F As portas interiores são peças de carpintaria de pé-direito total cujo desenho remete para as linhas guia da proposta arquitetónica e cuja composição varia conforme o espaço a que se associam.



04.1.7. Alçados e terraços profundos. A conceção de uma imagem internacional.

des. 7 A imagem desta obra arquitetónica é construída sobre as linhas da estrutura. As lâminas quebra-sol, as grelhagens cerâmicas e os brise-soleils associados aos terraços profundos das fachadas Sul e Poente são também elementos-chave da sua imagem. Todos estes elementos integram o sistema de ensombramento estudado para protegerem as habitações do calor, e para garantirem distanciamento do exterior e privacidade.





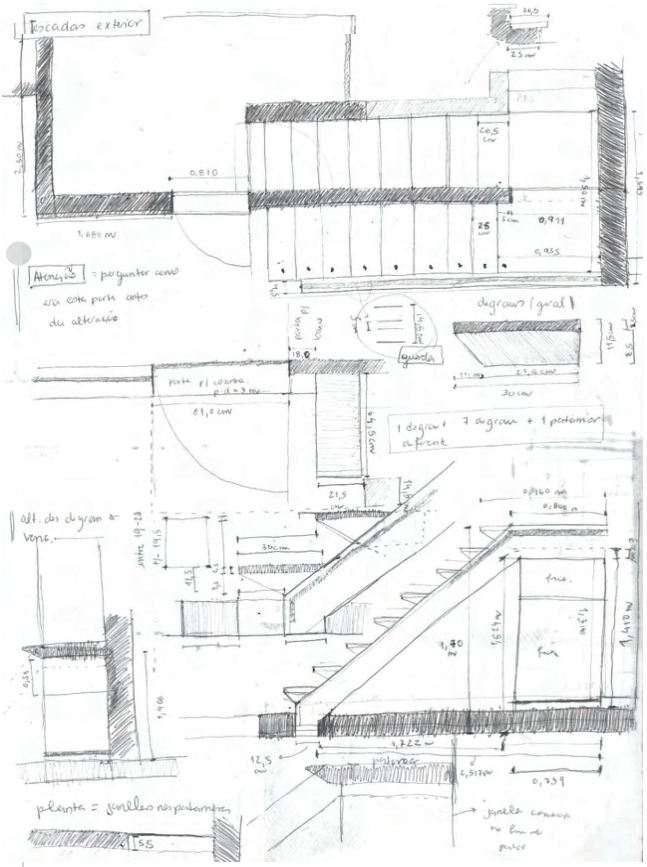
figs. 77 A-B A imagem desta obra arquitetónica traduz leveza, transparência, ritmo e qualidade expressiva. Aqui, a estrutura transparece para integrar a composição dos alçados e conversar com a cor, com a cerâmica das grelhagens, com o metal e vidro das guardas, e com as floreiras e os perfis de betão que ritmam as fachadas.

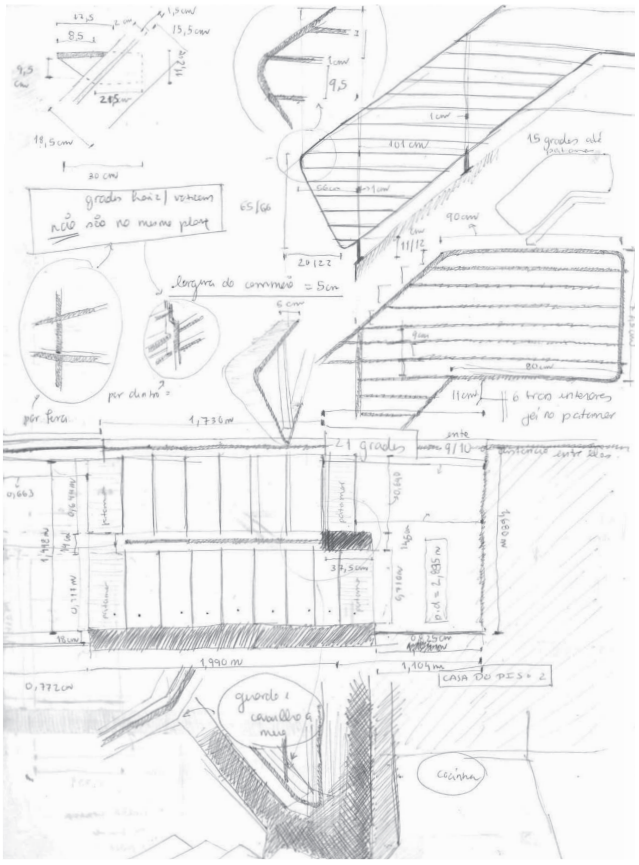


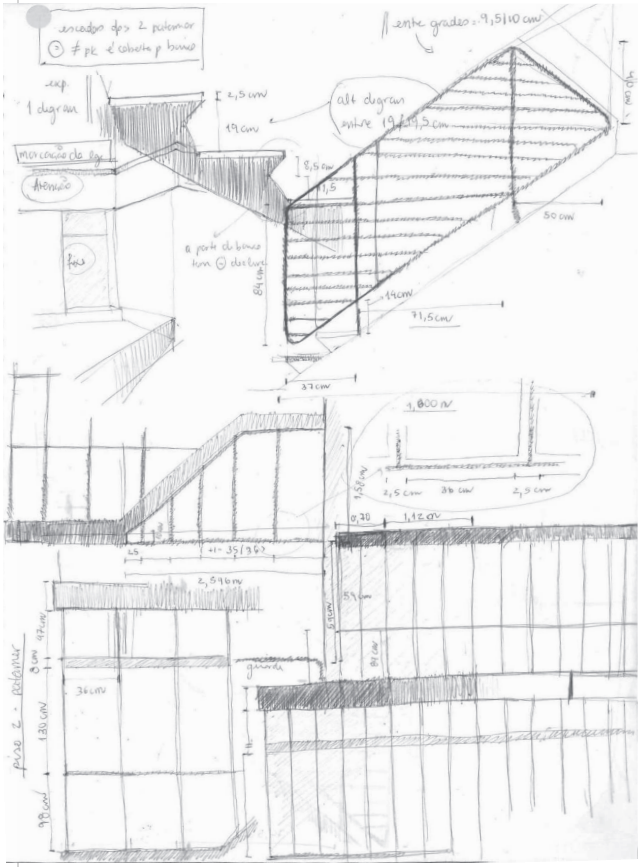


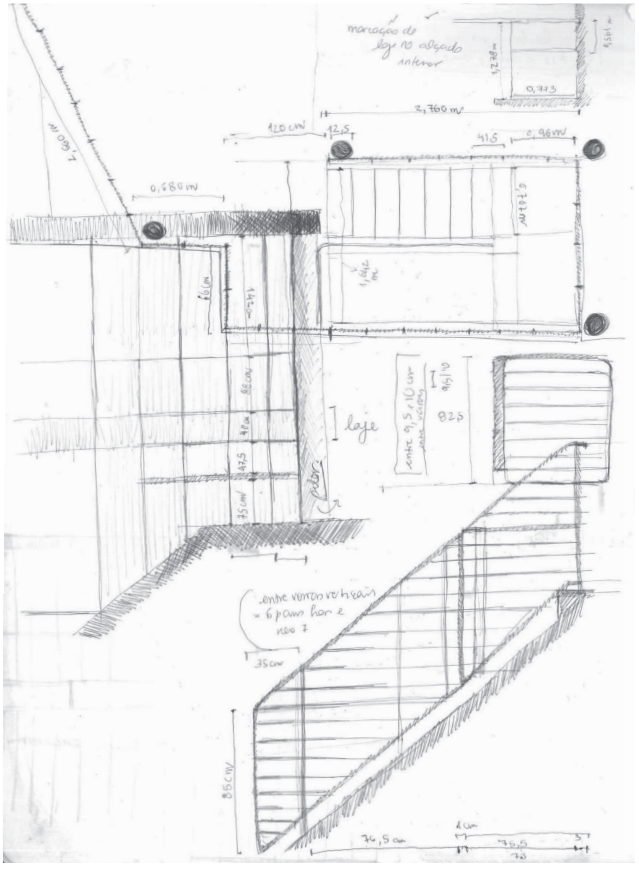


figs. 77 C-E A luz solar é o elemento central desta proposta. Além de desenhar os alçados, definir o posicionamento dos terraços e determinar os arranjos interiores, a luz pinta o espaço arquitetónico ao longo do dia.







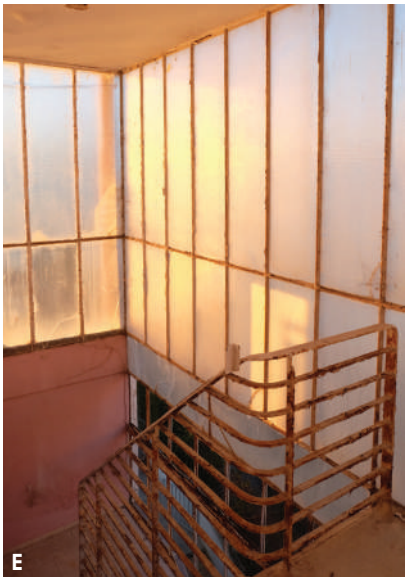


04.1.8. A escada de serviço. Degraus, patamares, terraço, guardas e caixilharia.

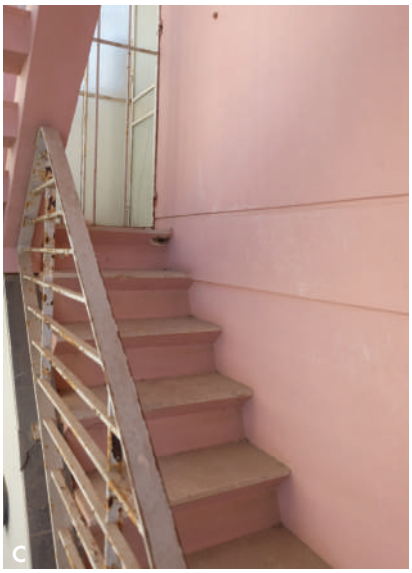
des. 8 Ainda que vinculada a Norte sem relação direta com a rua, a escada exterior é um elemento de destaque na obra por ser a quebra no depuramento da fachada. Inicialmente estudada para garantir o acesso às áreas dos serviços dos quatro pisos, hoje é apenas um acesso secundário às habitações e à cobertura.





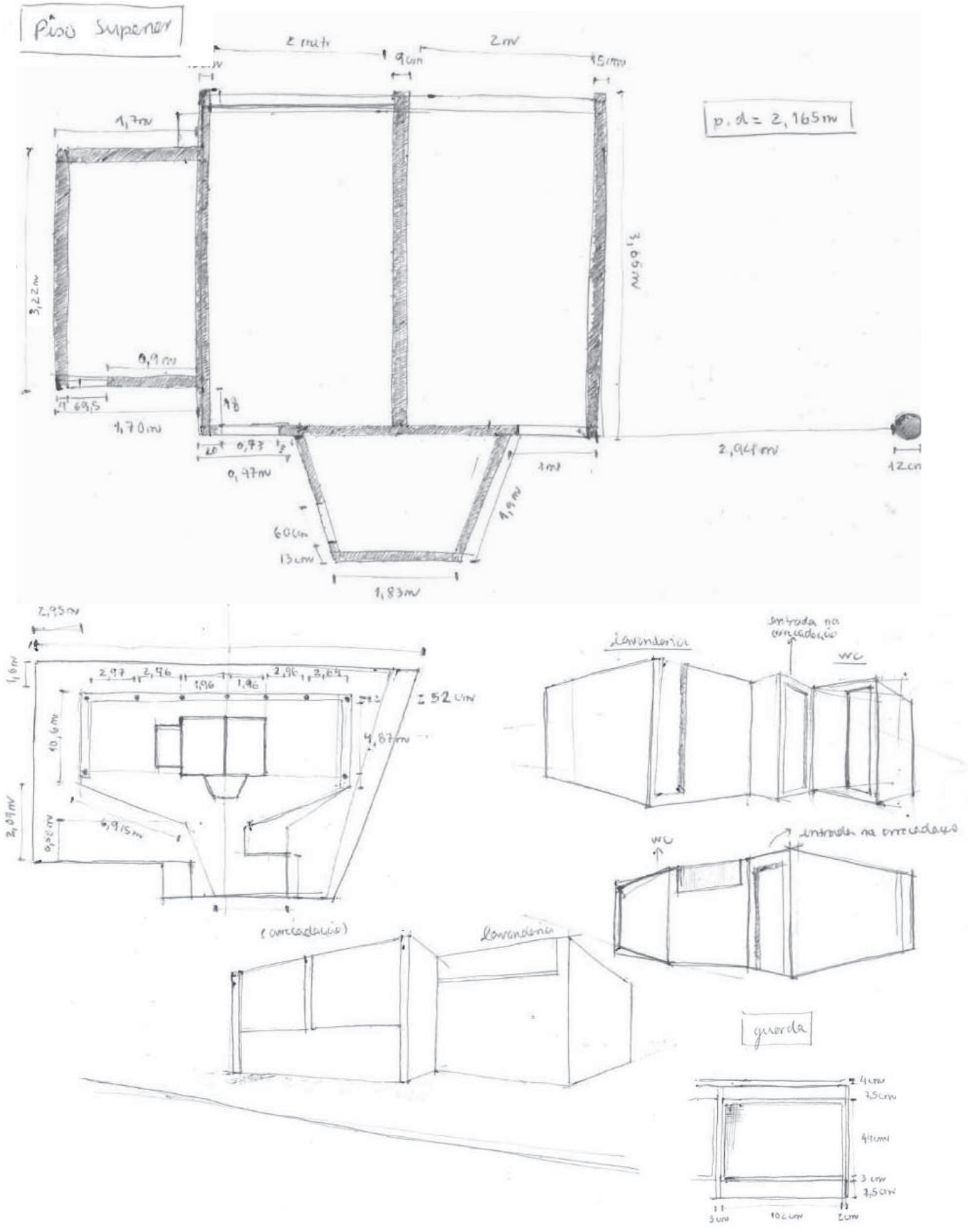








figs. 78 A-F O volume da escada exterior, que inclui também um terraço de serviço no segundo piso, é delimitado por um caixilho leve que o protege do clima exterior e garante iluminação natural. A leveza é uma qualidade transversal a todas as dimensões da escada, desde a estrutura aos degraus, aos patamares e aos corrimões, e é sublinhada pela cor e pela materialidade de todos os elementos que integram o conjunto - betão, metal, vidro e pedra.



04.1.9 A cobertura praticável. Um logradouro elevado sobre a cidade de Faro.

des. 9 O piso da cobertura, outrora usado como apoio aos serviços e para contemplação da cidade, é hoje um espaço exterior coberto pouco aproveitado. O seu acesso é feito através da escada exterior, cujo volume envidraçado envolvente ascende além da fachada Norte para se unir à laje de remate. Esta, apoiada sobre um conjunto de pilares circulares esbeltos e sobre o volume central, além de proteger este espaço do sol, orienta o utilizador para a sua usufruição.













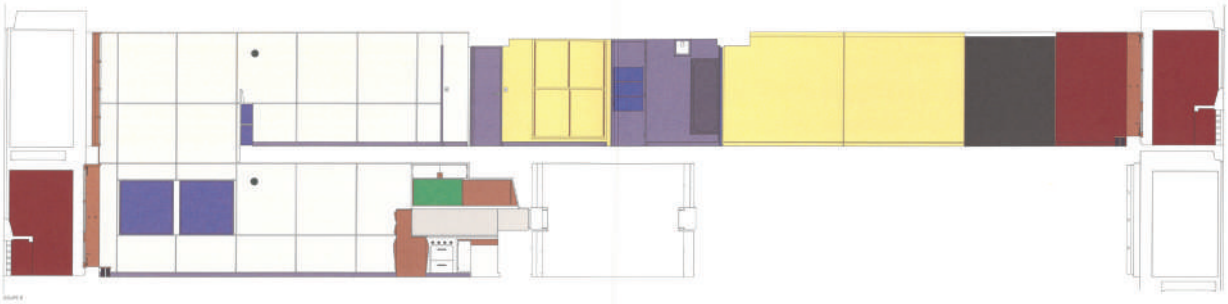


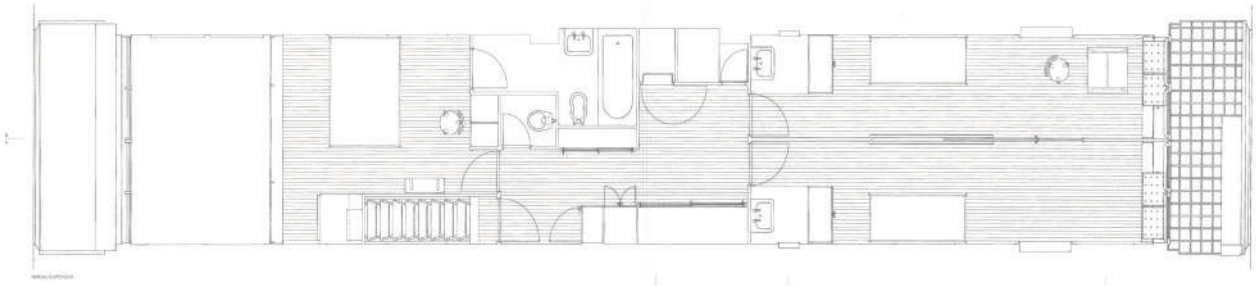




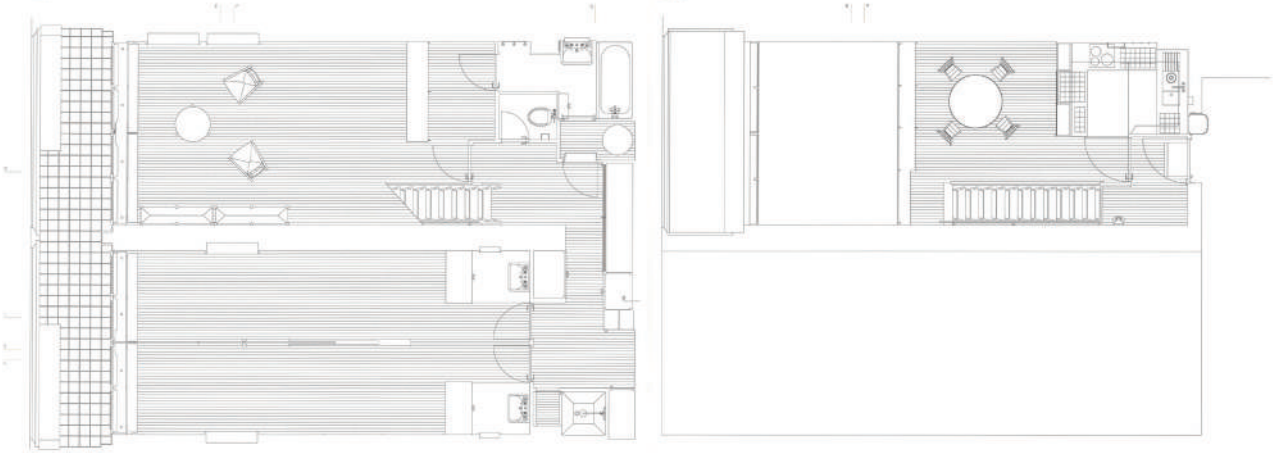
figs. 79 A-F A simetria do piso da cobertura - face à fachada Sul - é quebrada para, através da laje de remate, unir o programa central ao volume de acesso. A laje, recortada a Nascente e Poente, elucida sobre os limites do espaço praticável impostos pelas guardas e pelo patamar sobrelevado que circundam o piso superior.

figs. 79 G-I O piso da cobertura elucida-nos sobre os diferentes desfechos da herança arquitetónica numa estrutura conservada ou na outra não conservada.











04.2 Desenhos rigorosos do estado atual da casa Gago Rosa.

NOTA: Aconselha-se a leitura deste capítulo em página simples.

De forma a consolidar toda a informação recolhida no processo de levantamento e no registo fotográfico, as dimensões, as materialidades, a cor e as espacialidades, transcreveram-se todos os dados para computador por forma a integrar rigorosamente as plantas, os cortes e os alçados da casa Gago Rosa, e a sua reconstrução em 3D.

Neste conjunto documental contextualizam-se os apontamentos dispersos do levantamento desenhado associando-os a um todo com o intuito de registar com clareza e rigor o produto de cinquenta anos de vida de uma obra de arquitetura modernista que desde 2020 é considerada objeto de interesse municipal da cidade de Faro.

Descartando qualquer juízo de valor face à qualidade das intervenções no primeiro piso, aponta-se a atual distribuição interior, os móveis que desenham a cozinha, a lavandaria e as casas de banho, os novos pavimentos, os revestimentos, os acabamentos, a pintura e as transformações feita às fachadas.

Simultaneamente, no piso superior, regista-se as mobílias, as escadas e os detalhes desenhados por Gomes da Costa na década de 60. Toma-se nota também da disposição interior, dos revestimentos, dos pavimentos e dos acabamentos originais que prevalecem sobre os diferentes utilizações dos espaços arquitetónicos – como a instalação de um cabeleireiro na sala de estar e jantar desta habitação antes de ficar desocupada.

Este exercício de registo rigoroso da herança modernista ganha outra dimensão face aos requisitos apontados pelo Município para as intervenções futuras neste objeto arquitetónico.

Assim, este conjunto desenhado além de constituir uma base para verificação do cumprimento das restrições definidas pelo nível de proteção imposto à casa, faculta também as componentes *estruturais, arquitetónicas* e *decorativas* da solução original a serem conservadas ou restauradas segundo técnicas e materiais iguais, idênticos ou compatíveis com os existentes à data da construção. Caso o grau/extensão de degradação não o permita, estes elementos terão de ser reproduzidos.[53]

Estas restrições abrangem: "a volumetria existente; o espaço exterior; os alinhamentos; a cércea; os revestimentos e acabamentos de fachadas como o reboco e as mono massas, os azulejos, as cerâmicas/fingidos de pedra e as pinturas; junto com outros elementos de construção, nomeadamente, serralharias, carpintarias, grelhagens e elementos prefabricados em betão, estores e outros sistemas de obscurecimento, e vedações/portões"[54]. Todos estes aspetos são devidamente registados nas quatros plantas, quatros alçados, cinco cortes longitudinais e sete cortes transversais apresentados neste trabalho para que, futuramente, se possa proceder à sua alteração, à sua conservação ou à sua reprodução

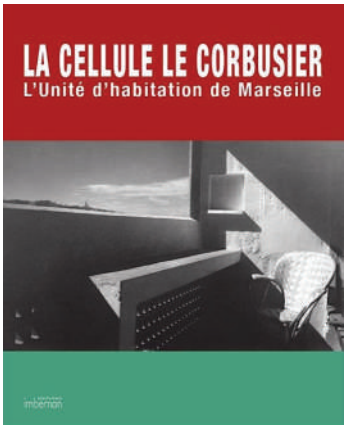
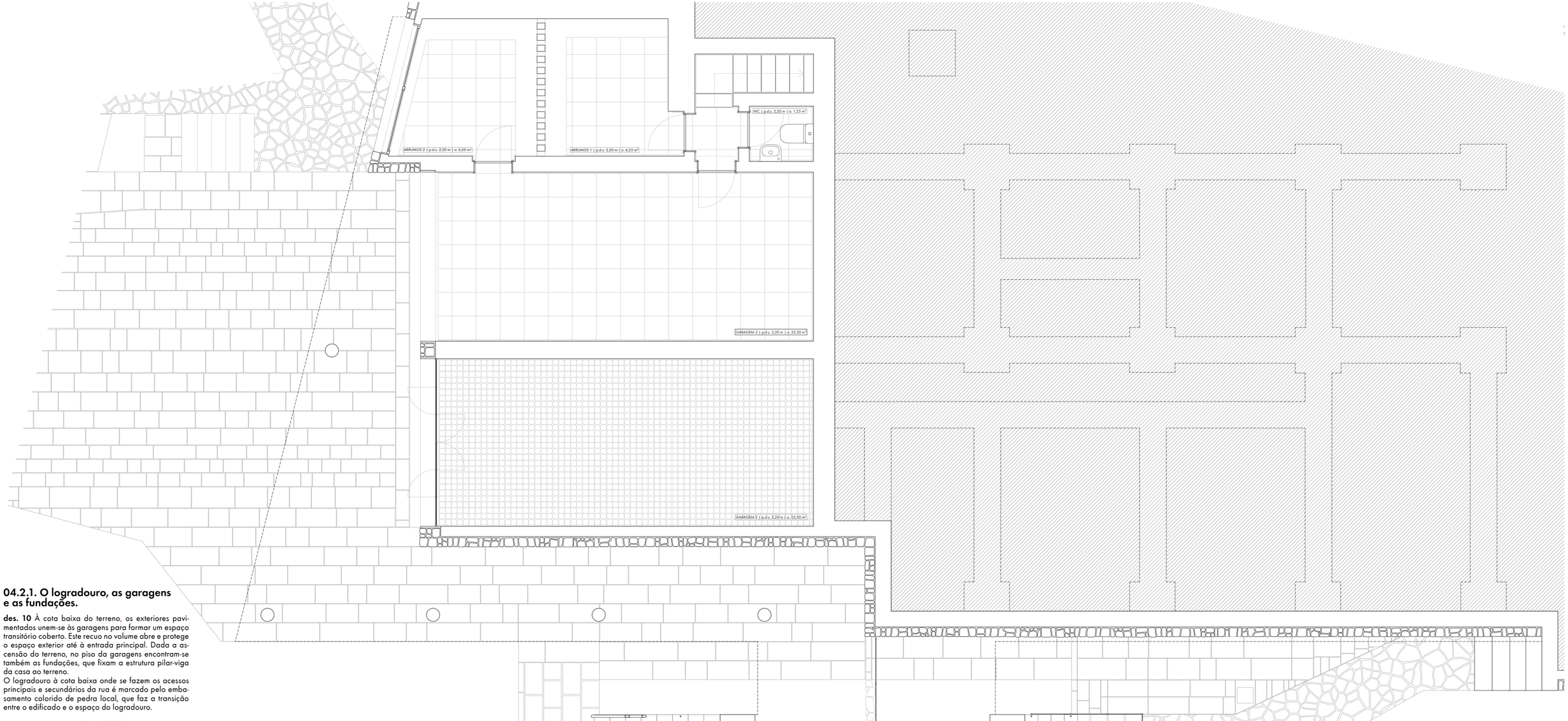


fig. 80 Capa do livro "La Cellulle Le Corbusier" de Jean-Lucien Bonillo, Florence Rougny e Arthur Rüegg, 2013.
fig. 81 Refêrencia para o exercício de registo gráfico rigoroso e para a inclusão da cor
fonte: Jean-Lucien Bonillo, Florence Rougny e Arthur Rüegg (2013)

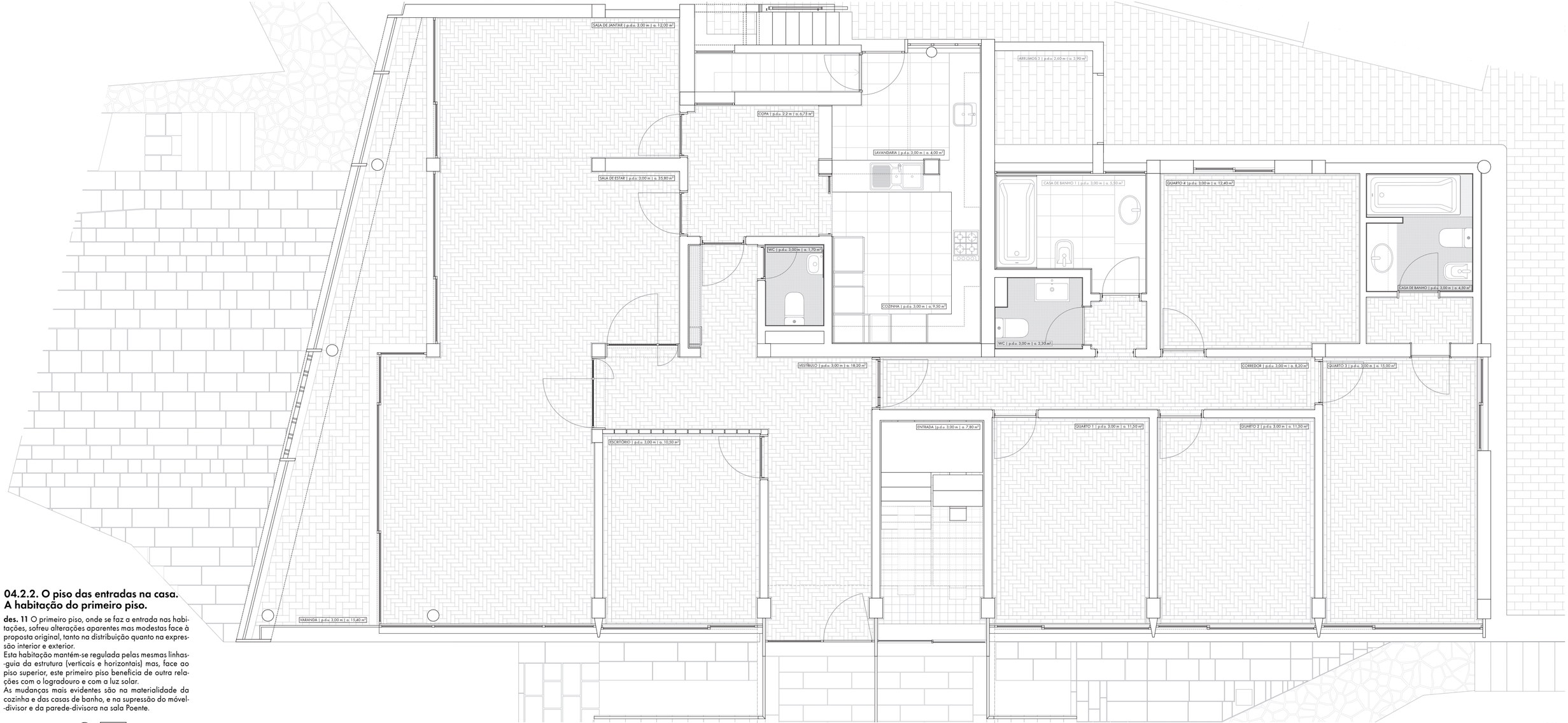
53 DR n.º 152/2020, Série II de 2020-10-06, Edital 865/2020, Município de Faro, Parte H, p. 232.
54 *idem*, p. 231-232.



04.2.1. O logradouro, as garagens e as fundações.

des. 10 À cota baixa do terreno, os exteriores pavimentados unem-se às garagens para formar um espaço transitório coberto. Este recuo no volume abre e protege o espaço exterior até à entrada principal. Dada a ascensão do terreno, no piso da garagens encontram-se também as fundações, que fixam a estrutura pilar-viga da casa ao terreno.
O logradouro à cota baixa onde se fazem os acessos principais e secundários da rua é marcado pelo embasamento colorido de pedra local, que faz a transição entre o edificado e o espaço do logradouro.

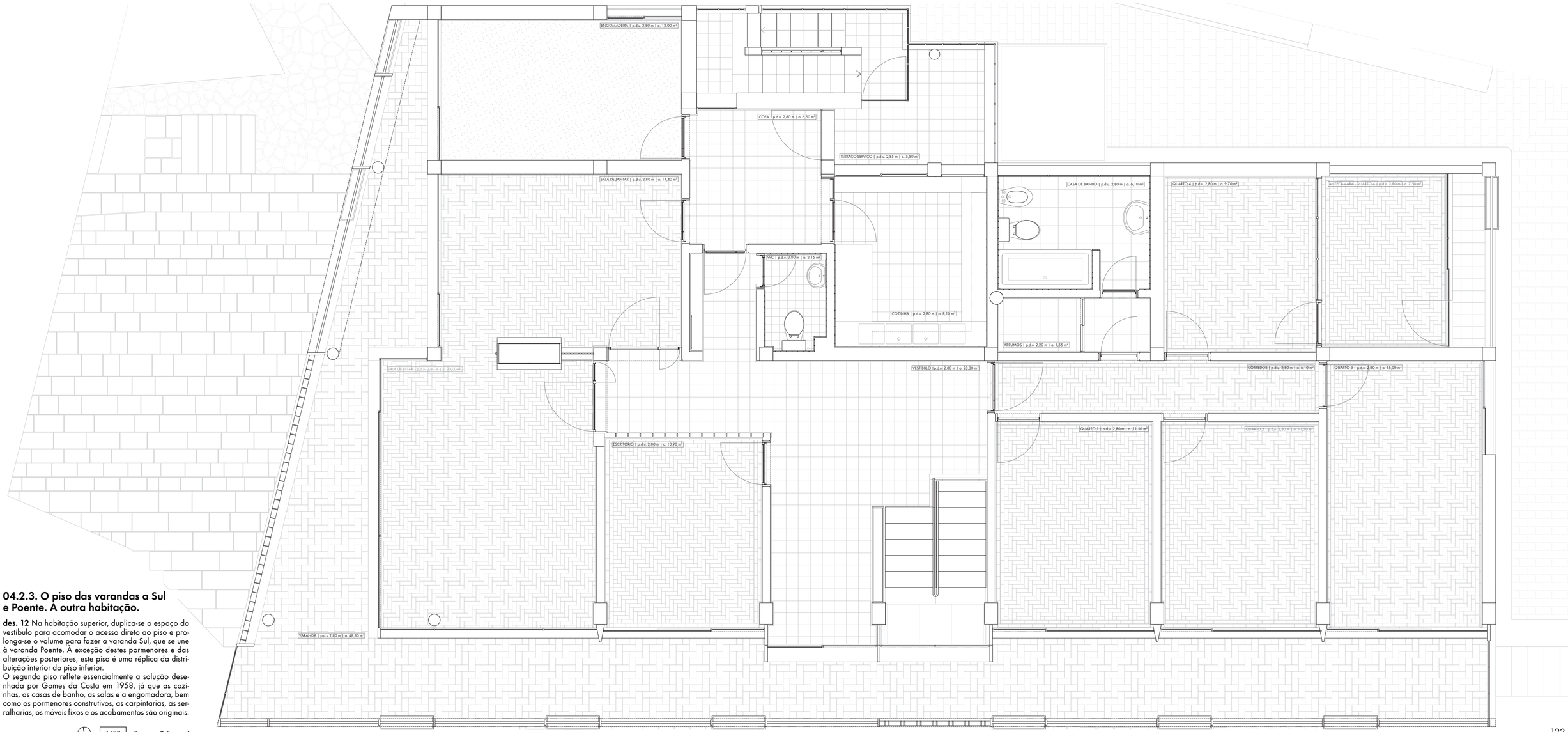
1 1/50 0 0,5 m 1



04.2.2. O piso das entradas na casa. A habitação do primeiro piso.

des. 11 O primeiro piso, onde se faz a entrada nas habitações, sofreu alterações aparentes mas modestas face à proposta original, tanto na distribuição quanto na expressão interior e exterior.
Esta habitação mantém-se regulada pelas mesmas linhas-guia da estrutura (verticais e horizontais) mas, face ao piso superior, este primeiro piso beneficia de outra relações com o logradouro e com a luz solar.
As mudanças mais evidentes são na materialidade da cozinha e das casas de banho, e na supressão do móvel-divisor e da parede-divisora na sala Poente.

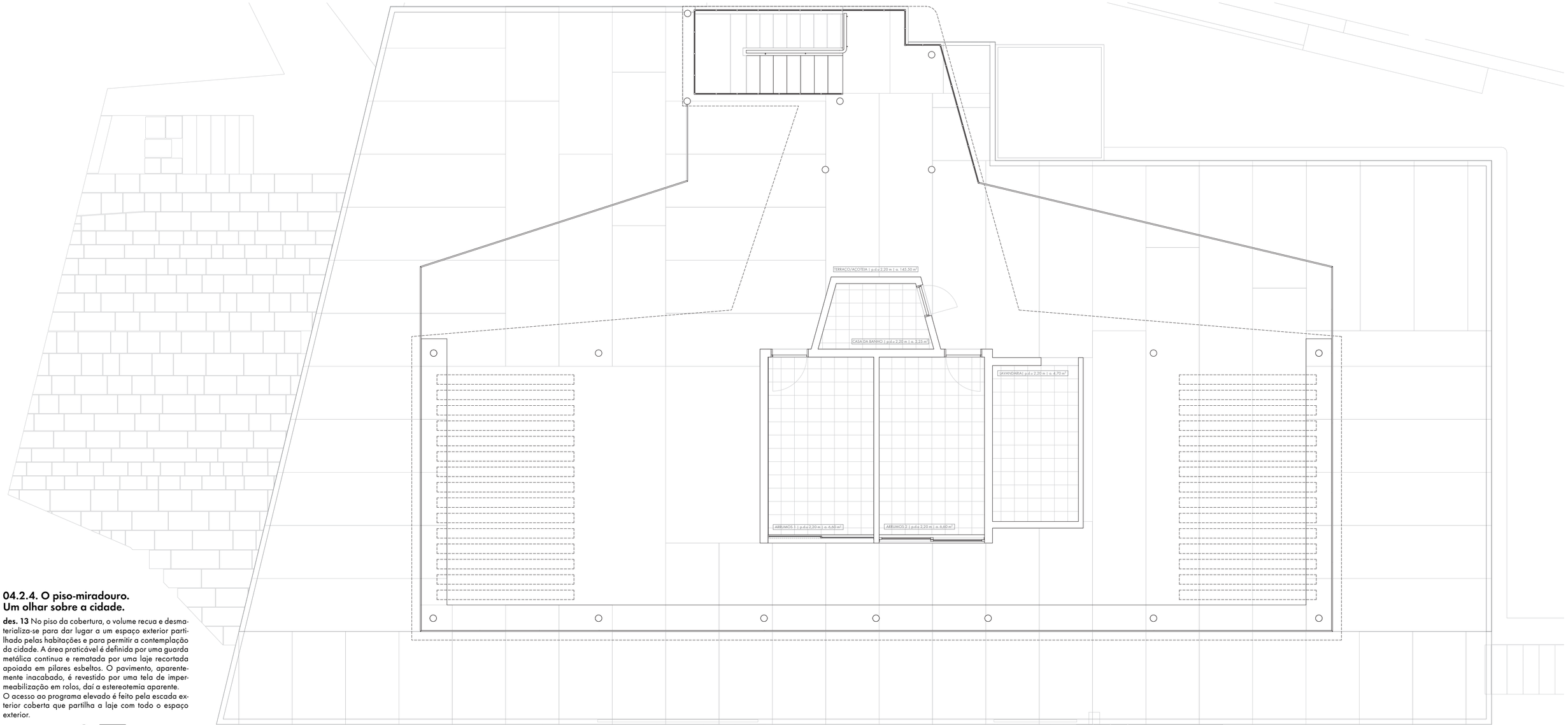
1 1/50 0 0,5 m 1



04.2.3. O piso das varandas a Sul e Poente. A outra habitação.

des. 12 Na habitação superior, duplica-se o espaço do vestíbulo para acomodar o acesso direto ao piso e prolonga-se o volume para fazer a varanda Sul, que se une à varanda Poente. À exceção destes pormenores e das alterações posteriores, este piso é uma réplica da distribuição interior do piso inferior.
O segundo piso reflete essencialmente a solução desenhada por Gomes da Costa em 1958, já que as cozinhas, as casas de banho, as salas e a engomadora, bem como os pormenores construtivos, as carpintarias, as serralharias, os móveis fixos e os acabamentos são originais.

1 1/50 0 0,5 m 1



04.2.4. O piso-miradouro. Um olhar sobre a cidade.

des. 13 No piso da cobertura, o volume recua e desmaterializa-se para dar lugar a um espaço exterior partilhado pelas habitações e para permitir a contemplação da cidade. A área praticável é definida por uma guarda metálica continua e rematada por uma laje recortada apoiada em pilares esbeltos. O pavimento, aparentemente inacabado, é revestido por uma tela de impermeabilização em rolos, daí a estereotemia aparente.
O acesso ao programa elevado é feito pela escada exterior coberta que partilha a laje com todo o espaço exterior.

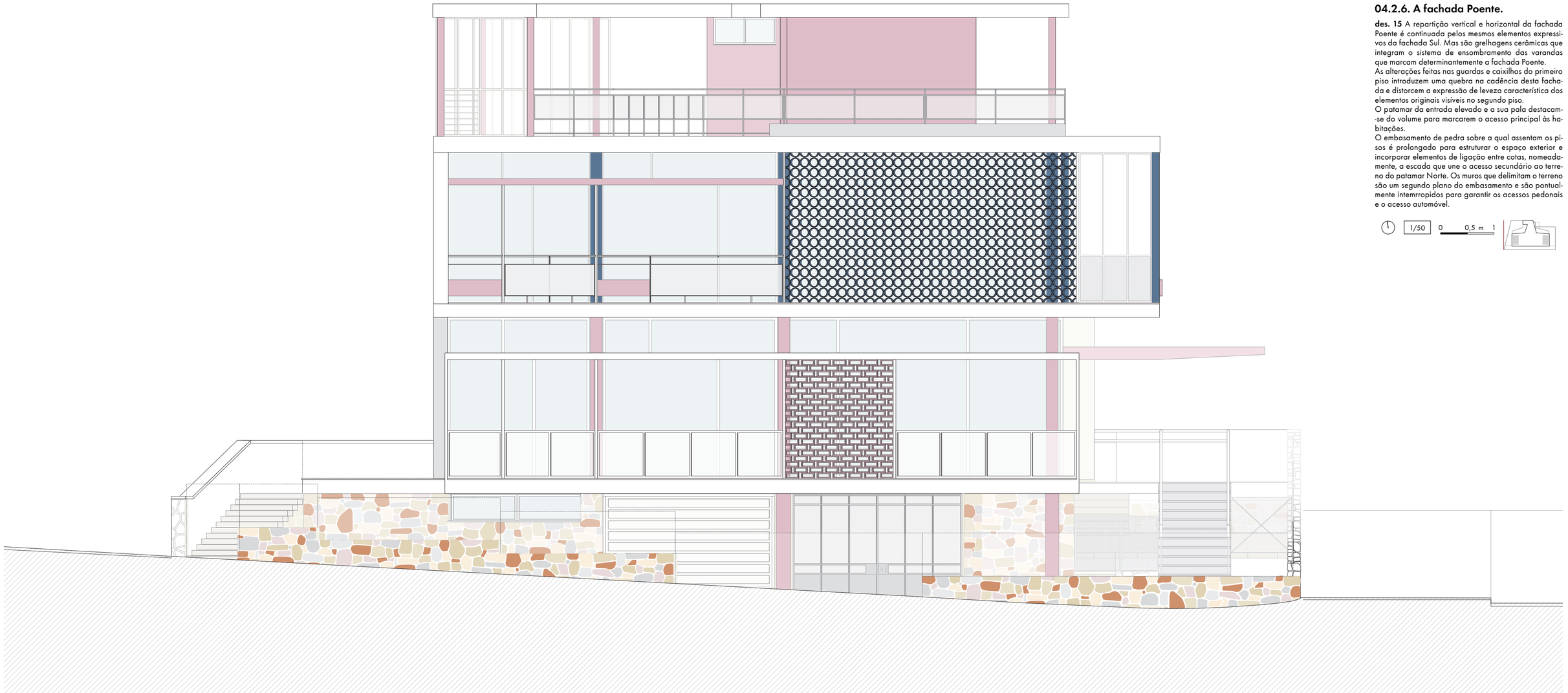
1/50 0 0,5 m 1

04.2.5. A fachada Sul.

des. 14 A estrutura aparente, bem como as linhas definidas pelos caixilhos e perfis de betão que acompanham os vários pisos e marcam o ritmo vertical estruturante da casa - CBBAABBB -, são elementos expressivos da fachada. A acompanhar os elementos verticais tem-se as linhas definidas pelas lajes, perfis de betão, caixilharia, guardas e floreiras que estabelecem a cadência horizontal. Estes elementos horizontais de cotas fixas incorporam a escala humana na composição das fachadas. Estas métricas são integralmente refletidas nos interiores.
As entradas das habitações, que se ligam aos acessos principais no terreno, definem a centralidade da fachada - AA - e facilitam a distribuição do programa interior.



1/50 0 0,5 m 1



04.2.6. A fachada Poente.

des. 15 A repartição vertical e horizontal da fachada Poente é continuada pelos mesmos elementos expressivos da fachada Sul. Mas são grelhagens cerâmicas que integram o sistema de ensombramento das varandas que marcam determinantemente a fachada Poente.
As alterações feitas nas guardas e caixilhos do primeiro piso introduzem uma quebra na cadência desta fachada e distorcem a expressão de leveza característica dos elementos originais visíveis no segundo piso.
O patamar da entrada elevado e a sua pala destacam-se do volume para marcarem o acesso principal às habitações.
O embasamento de pedra sobre a qual assentam os pisos é prolongado para estruturar o espaço exterior e incorporar elementos de ligação entre cotas, nomeadamente, a escada que une o acesso secundário ao terreno do patamar Norte. Os muros que delimitam o terreno são um segundo plano do embasamento e são pontualmente intemrropidos para garantir os acessos pedonais e o acesso automóvel.

1/50 0 0,5 m 1



04.2.7. A fachada Norte.

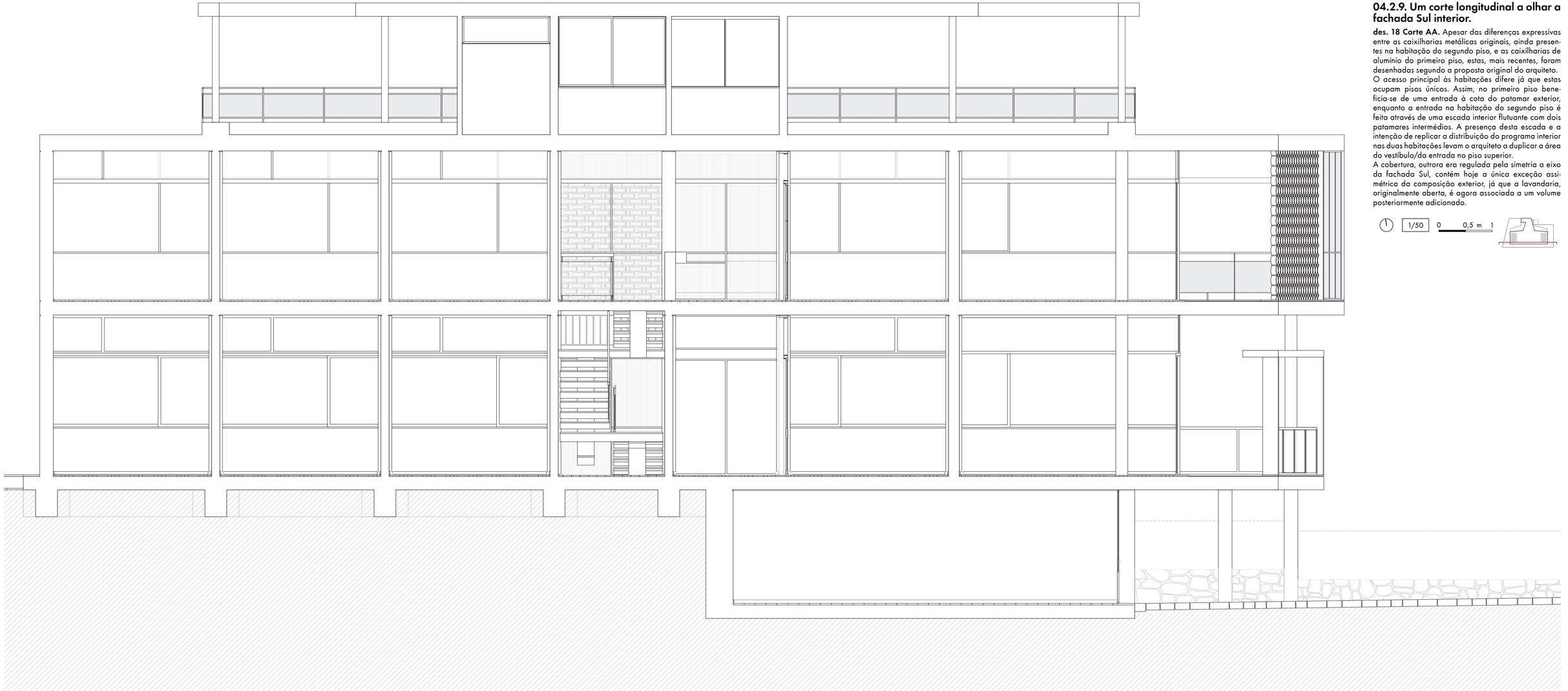
des. 16 A opacidade que caracteriza a fachada foi consequência da orientação a Norte e foi determinante na organização programática. Para equilibrar a opacidade e o peso do betão, recorreu-se à leveza do metal e à transparência do vidro para fazer os caixilhos e o volume que envolve a escada de acesso à açoteia.
O movimento e o ritmo desta fachada é dado, de diferente forma, tanto pelos elementos de transparência quanto pelos elementos de opacidade.
Nos elementos de transparência, a dinâmica é assegurada pela verticalidade dos caixilhos, pela continuação das linhas-guia horizontais e pela guarda da açoteia.
Nos elementos de opacidade, a dinâmica é assegurada pelo ligeiro desfazamento dos panos cegos verticais e pelo destaque dado às lajes.
As alterações feitas no primeiro piso, correspondentes ao vão fechado, ao anexo acrescentado e à mudança dos caixilhos, distorcem a aparência original da fachada.

1/50 0 0,5 m 1

04.2.8. A fachada Nascente.

des. 17 As diferenças na expressão da fachada entre o primeiro e o segundo pisos são o resultado de duas intervenções posteriores à construção.
A primeira, desenhada pelo arquiteto em 1969 para o primeiro piso, traduziu-se na substituição de um espaço de terraço por uma casa de banho privativa, dando origem a um plano vertical e um pequeno vão de abertura.
A segunda, recente e sem autor, acrescenta um anexo e troca os caixilhos originais.
Já o segundo piso traduz a expressão original da fachada. Aqui, a leveza das varandas e vãos é equilibrada pelos panos cegos e pelo destaque dado aos elementos estruturais. O prolongar do volume para fazer a grande varanda Sul é igualmente expressivo.
A açoteia, a escada que lhe dá acesso e a plataforma de entrada principal, em planos secundários desta fachada, são alguns dos elementos da composição que evocam a imagem de abertura e leveza das fachadas Sul e Poente.

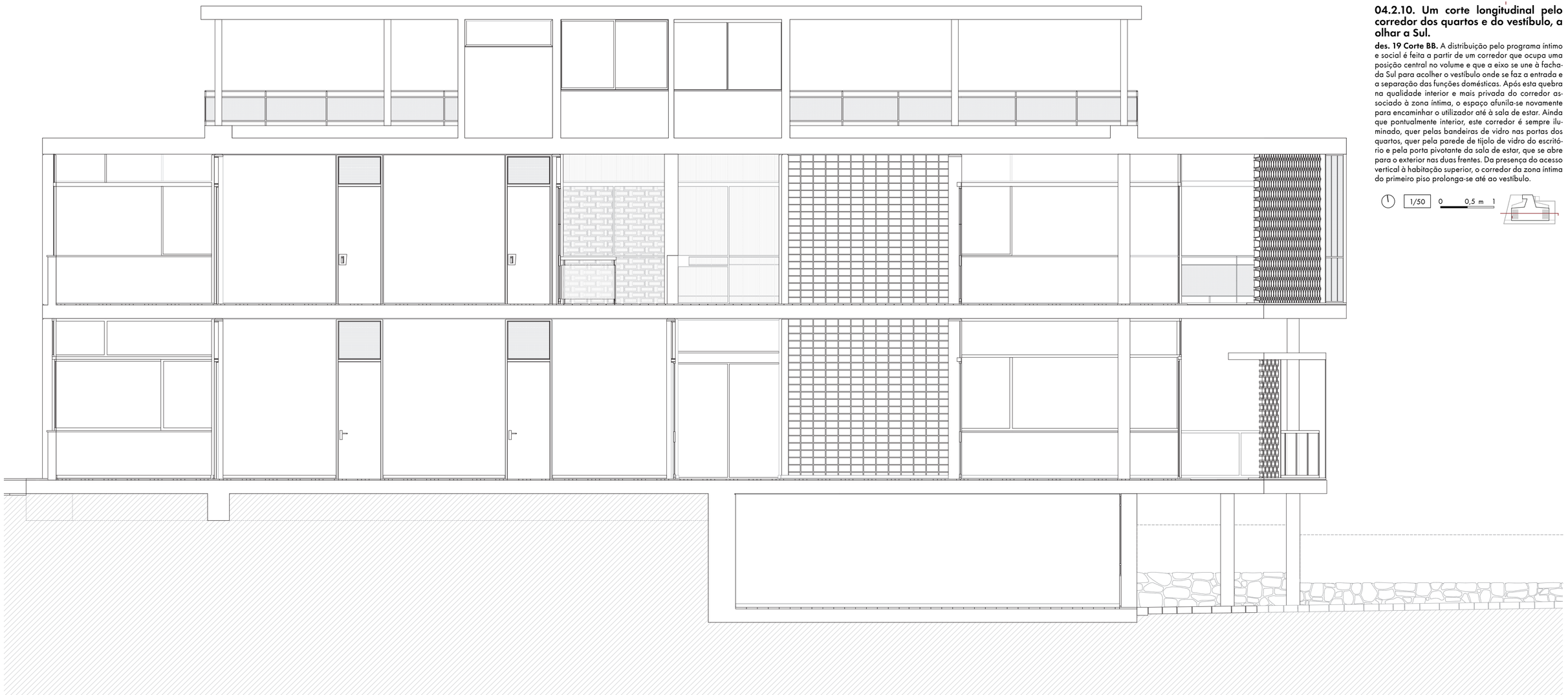




04.2.9. Um corte longitudinal a olhar a fachada Sul interior.

des. 18 Corte AA. Apesar das diferenças expressivas entre as caixilharias metálicas originais, ainda presentes na habitação do segundo piso, e as caixilharias de alumínio do primeiro piso, estas, mais recentes, foram desenhadas segundo a proposta original do arquiteto.
O acesso principal às habitações difere já que estas ocupam pisos únicos. Assim, no primeiro piso beneficia-se de uma entrada à cota do patamar exterior, enquanto a entrada na habitação do segundo piso é feita através de uma escada interior flutuante com dois patamares intermédios. A presença desta escada e a intenção de replicar a distribuição do programa interior nas duas habitações levam o arquiteto a duplicar a área do vestíbulo/da entrada no piso superior.
A cobertura, outrora era regulada pela simetria a eixo da fachada Sul, contém hoje a única exceção assimétrica da composição exterior, já que a lavandaria, originalmente aberta, é agora associada a um volume posteriormente adicionado.

1/50 0 0,5 m 1



04.2.10. Um corte longitudinal pelo corredor dos quartos e do vestíbulo, a olhar a Sul.

des. 19 Corte BB. A distribuição pelo programa íntimo e social é feita a partir de um corredor que ocupa uma posição central no volume e que a eixo se une à fachada Sul para acolher o vestíbulo onde se faz a entrada e a separação das funções domésticas. Após esta quebra na qualidade interior e mais privada do corredor associado à zona íntima, o espaço afunila-se novamente para encaminhar o utilizador até à sala de estar. Ainda que pontualmente interior, este corredor é sempre iluminado, quer pelas bandeiras de vidro nas portas dos quartos, quer pela parede de tijolo de vidro do escritório e pela porta pivotante da sala de estar, que se abre para o exterior nas duas frentes. Da presença do acesso vertical à habitação superior, o corredor da zona íntima do primeiro piso prolonga-se até ao vestíbulo.

1/50 0 0,5 m 1



04.2.11. Um corte longitudinal pelo quarto Nascente, banhos, cozinha e sala, a olhar a Sul.

des. 20 Corte CC. As principais diferenças entre habitações são neste corte evidentes. A casa de banho a Nascente do primeiro piso, onde se verificam diversas alterações, é, no entanto, a única modificação da autoria de Manuel Gomes da Costa em 1969. No primeiro piso encontram-se consideráveis intervenções nas casas de banho e na cozinha, que face às originais do segundo piso, mudam no aproveitamento do espaço, no desenho das peças de mobiliário, nas materialidades e nas cores. Destaca-se ainda a ausência do móvel divisor da sala do primeiro piso, que passa a ser um espaço único. A mudança na espacialidade interior estende-se igualmente a Nascente. No piso inferior encontra-se um quarto orientado a Norte e a respetiva casa de banho, enquanto que no piso superior existe um quarto, uma antecâmara e um pequeno terraço orientados a Nascente.

1/50 0 0,5 m 1

04.2.12. Um corte longitudinal pela sala, bengaleiro e banhos, a olhar a Norte.

des. 21 Corte DD. Além de nos informar sobre as alterações compreendidas no corte anterior (Corte CC), especialmente a Nascente, este apresenta-nos: no segundo piso, o guarda-roupa original vinculado à casa de banho privativa, que no piso inferior passa a ser uma casa de banho simples; a relação visual entre a cozinha original e o terraço de serviço, e a cozinha alterada e o espaço da lavandaria; nos dois pisos, as casas de banho que servem o coletivo e partilham o espaço de distribuição com o bengaleiro de apoio à entrada e com o acesso aos serviços, e que só diferem entre habitações pela materialidade.
O corte evidencia também a intervenção na sala de jantar da habitação inferior que agora se prolonga até ao espaço da engamodaria, ocupando a totalidade da frente Poente. Já no projeto original do piso superior, a sala de jantar partilha o compartimento apenas com a sala de estar.



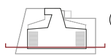
1/50 0 0,5 m 1

2,20
2,80
3,00

3,10 3,10 3,10 2,10 2,10 3,10 3,10 3,10

04.2.13. Um corte longitudinal pela varanda, sala, escritório e quartos, a olhar a Norte.

des. 22 Corte EE. Na solução original, as habitações são essencialmente iguais e variam apenas para acomodar as entradas, as varandas e as respetivas fachadas. Ainda assim, aqui verificamos diferenças consideráveis no interior: o acabamento das paredes, essencialmente original na habitação do segundo piso; o móvel que divide a salas de estar e jantar que no piso inferior foi retirado para formar um espaço único e amplo que vive, sobretudo da varanda Poente.
Já no logradouro, acompanhando o embasamento, encontramos um espaço de circulação estreito e coberto, fruto do recuo do volume principal, que une as entradas principais às garagens. Este espaço estende-se até à entrada das garagens que, por se desligar consideravelmente do plano principal da fachada, é pontuado pelos pilares esbeltos que apoiam a laje. A materialidade desta área coberta prolonga-se pelo logradouro para aparecer associada aos seus diferentes patamares e às escadas que fazem a união entre cotas.



1/50 0 0,5 m 1

04.2.14. Um corte transversal pelos compartimentos a Nascente, a olhar a Poente.

des. 23 Corte FF. Os três quartos observados têm relações diferentes mas equilibradas com o exterior. No piso inferior, cada quarto mantém uma relação visual com o logradouro, que lhes garante afastamento da rua e beneficia da proteção solar que o avanço do volume no piso superior fornece. No segundo piso, a Sul, cada quarto está vinculado à grande varanda que distancia os interiores do clima rígido do Algarve, ainda que não lhes seja garantido acesso direto. Já a Nascente, o quarto abre-se para a antecâmara que, por sua vez, tem uma relação direta com uma pequena varanda. Esta relação foi eliminada do piso inferior pelo arquiteto para introduzir a casa de banho que se mantém até aos dias de hoje, ainda que o seu aproveitamento interior, as materialidades e as respetivas fachadas tenham também sofrido alterações posteriores.



04.2.15. Um corte transversal pelos banos, corredor e quarto, a olhar a Poente.

des. 24 Corte GG. No segundo piso, encontra-se a casa de banho privativa cuja disposição interior, materialidade e cor são compatíveis com a solução construída em 1958. O guarda-roupa que lhe é contíguo é também o original.
As intervenções nesta área, no piso inferior, resultaram da necessidade de atualizar a materialidade destes espaços e são também consequência da pretensão de incorporar programa que acomode as vivências atuais do utilizador. Assim, associada à casa de banho completa tem-se, no lugar do guarda-fatos original, uma segunda casa de banho mais pequena. Associada à sua fachada Norte, existe um espaço de arrumos que condiciona a relação da casa de banho com o exterior e com a luz natural.
Além destas alterações estruturantes, verificam-se divergências entre carpintarias, caixilhos, pinturas e acabamentos, tanto nos espaços anteriormente referidos, como nos corredores, quartos e no piso da cobertura.



1/50 0 0,5 m 1

2,20
2,80
3,00

5,00 3,50 2,90

04.2.16. Um corte transversal pela escada interior e cozinha, a olhar a Poente.

des. 25 Corte HH. O patamar da entrada é um espaço transitório protegido pela pala que marca o acesso principal às habitações. Este elemento é prolongado, em parte, pelo vestíbulo para dar continuidade ao pé-direito exterior. No caso da habitação do segundo piso, a continuidade da pala faz o patamar superior das escadas interiores. A aparente leveza da pala resulta exatamente desta associação à escada, já que a sua estrutura em viga serve também de contrabalanço do seu próprio peso. Igualmente, a ligeireza desta escada, cujos degraus de betão e pedra parecem flutuar, é facilitada pela mesma estrutura de betão pintada de vermelho e preto. Os corrimãos atribuem diversidade material à composição e dão continuidade à materialidade-base que regulou a solução construída – betão, pedra, metal, madeira e vidro.
O grande vestíbulo que comunica diretamente com o escritório e com a sala de estar, estabelece também uma relação imediata com as varandas e com o exterior por meio dos grandes panos de vidro que cobrem a parede Sul.
Já a Norte, as cozinhas mantêm uma relação direta com a lavandaria ou com o terraço de serviços que contactam diretamente com a fachada para beneficiarem de luz natural.



1/50 0 0,5 m 1

04.2.17. Um corte transversal a olhar a fachada Poente interior.

des. 26 Corte II. Tal como a Sul, as salas e a antiga engomadora beneficiam de uma duplicação das fachadas. Estes interiores, que se abrem totalmente para o exterior e avançam parcialmente sobre o logradouro por meio de varandas, dispõem de proteção, privacidade e distanciamento da rua graças aos planos desmaterializados que as delimitam. Assim, estes espaços vivem inteiramente dos componentes das fachadas, dos panos de vidro e caixilhos que fazem o pé-direito total, das guardas, das floreiras e das grelhagens cerâmicas. É aqui que encontramos consideráveis divergências entre as habitações, já que, no piso inferior, o metal dos caixilhos e das guardas originais foi substituído por alumínio, e, consequentemente, a expressão minimalista dá origem a uma expressão mais pesada.
Estas características estendem-se também ao piso das garagens já que os portões das habitações refletem igualmente diferenças expressivas.





04.2.18. Um corte transversal pelas garagens, engomadaria e salas, a olhar a Nascente.

des. 27 Corte JJ. Nos compartimentos que contactam diretamente com a fachada Poente, observam-se dinâmicas espaciais completamente diferentes entre os dois pisos. Um reflete rigorosamente a disposição interior projetada por Gomes da Costa, o outro foi alterado para formar um espaço único. A intenção original, aparente no piso superior, era de definir apropriadamente os espaços para que estes respondessem adequadamente às dinâmicas domésticas. Assim, desenhou-se um espaço partilhado para o programa social destinado às salas de estar e de jantar e a engomadora para apoiar os afazeres domésticos. Já no piso inferior, eliminou-se o móvel divisor e demoliu-se a parede divisória para formar uma sala única que vive e acompanha a totalidade da fachada.

Como previamente mencionado, as portas originais são peças de carpintaria de pé-direito completo, desenhadas ao pormenor para integrarem adequadamente estes interiores e priorizarem a passagem e filtragem da luz natural. Estas, sejam de batente ou pivotantes, são compostas por madeira, metal e vidro canelado, e rematadas por uma bandeira fixa de vidro simples. As portas que integram o primeiro piso resultam tanto do restauro quanto da reprodução de componentes destas carpintarias. Assim, a sua estrutura principal, os aros e as bandeiras originais são mantidas enquanto a folha da porta é uma reprodução da peça desenhada por Gomes da Costa que mantém as linhas principais da sua composição, mas altera, em parte, as materialidades e texturas que a enriquecem.

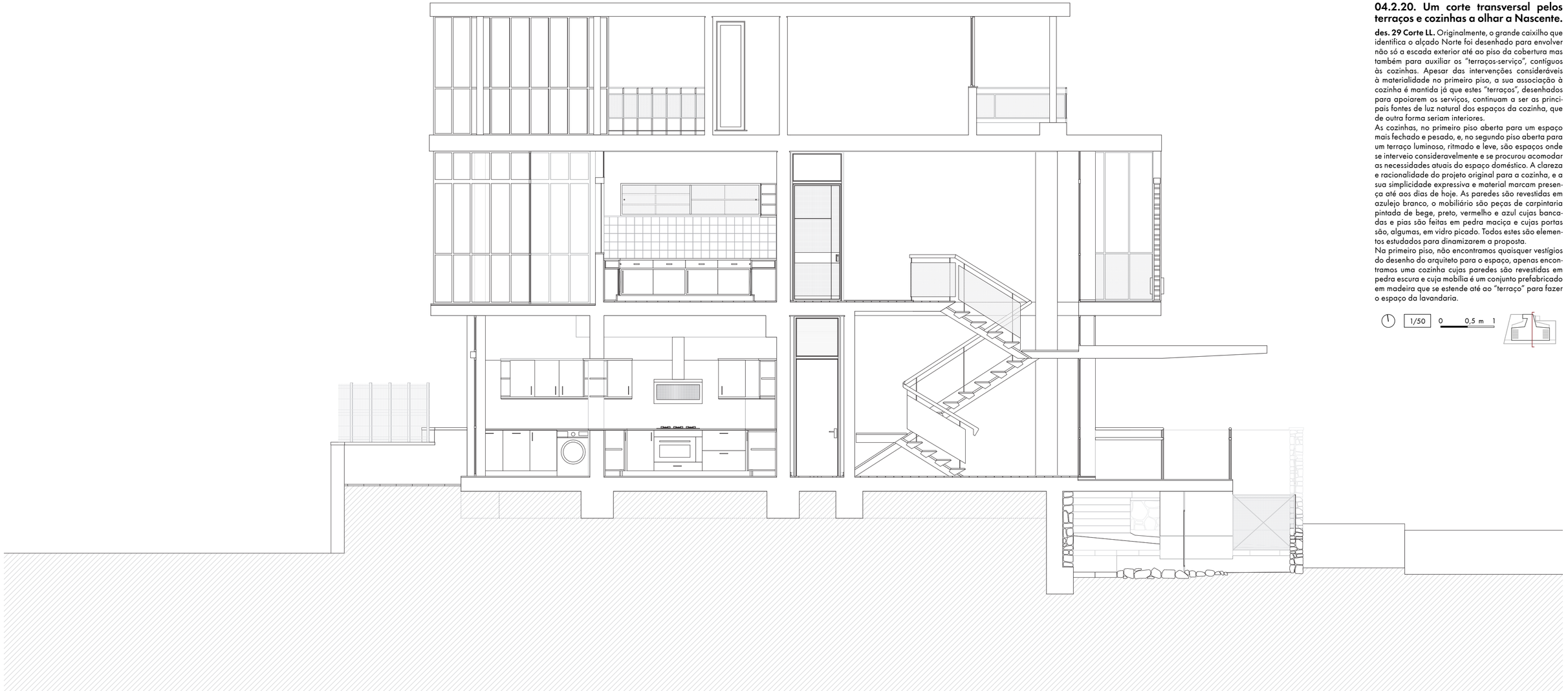
1/50 0 0,5 m 1



04.2.19. Um corte transversal pela escada exterior, copa e escritório, a olhar a Nascente.

des. 28 Corte KK. Além de se destacar pela homogeneidade das soluções interiores e transitórias face às composições exteriores, e vice-versa, esta obra prima pela integração harmoniosa e racional de diversos elementos arquitetónicos diferenciados no conjunto. Para tal, opta-se por estender a materialização dos guias compositivos horizontais e verticais que regulam e desenham os interiores e as suas fachadas, ao volume-caixilho, que salvaguarda a escada interior, e ao piso da cobertura. Já no piso das garagens, esta estratégia é descartada exatamente por integrar o piso de embasamento de pedra, onde não se aplicam as métricas horizontais e verticais.
Verificam-se alterações consideráveis na habitação do primeiro piso e adições pontuais nas guardas metálicas da escada exterior e do caixilho complexo que marcam o alçado Norte. Estes elementos procuram fazer uma representação proximada do desenho original.
Era neste acesso vertical de betão onde à data se fazia a entrada direta nos espaços de serviços e se garantia a ligação entre os arrumos e casa de banho de apoio das garagens, e os arrumos e casa de banho do piso da cobertura.
Agora, esta escada é apenas um acesso secundário às habitações e o elemento a partir do qual se acede, por meio de quatro lanços de escadas e três patamares intermédios abertos para os interiores, ao espaço exterior elevado. Estes é delimitado pelas guardas quadriculadas originais e protegido por uma laje de remate que pousa sobre um volume central e um conjunto de pilares que replicam a cadência da estrutura do volume.

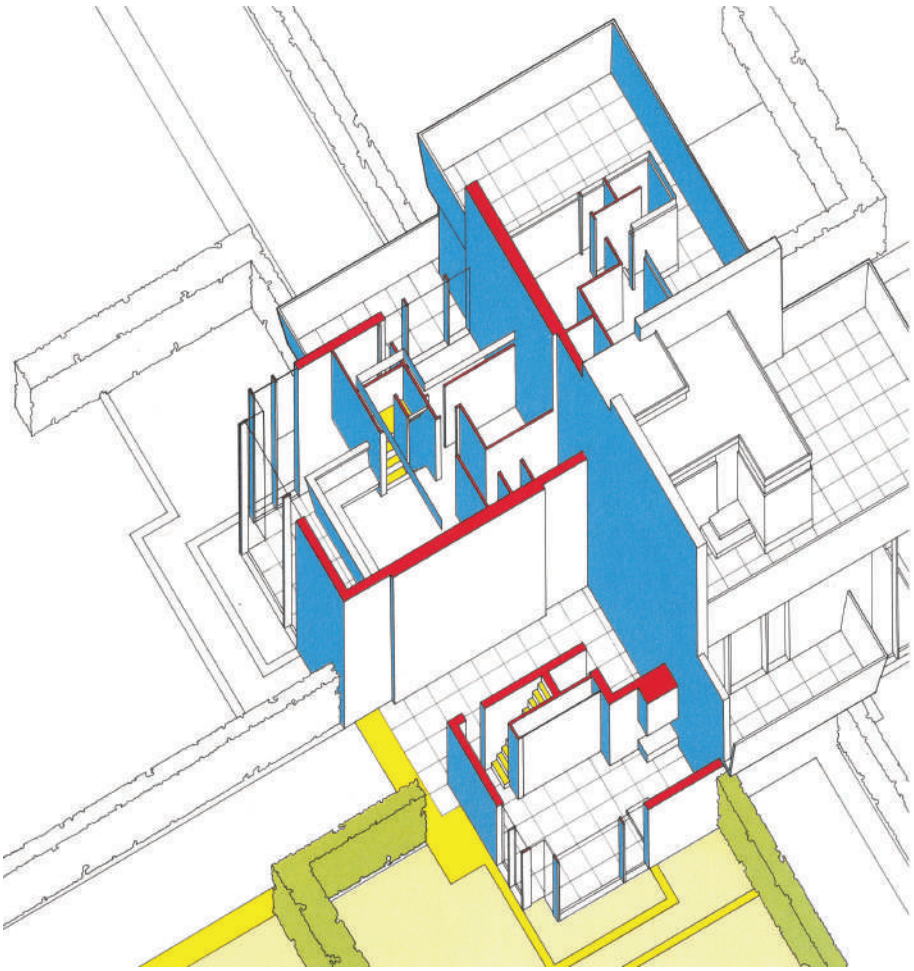
1/50 0 0,5 m 1

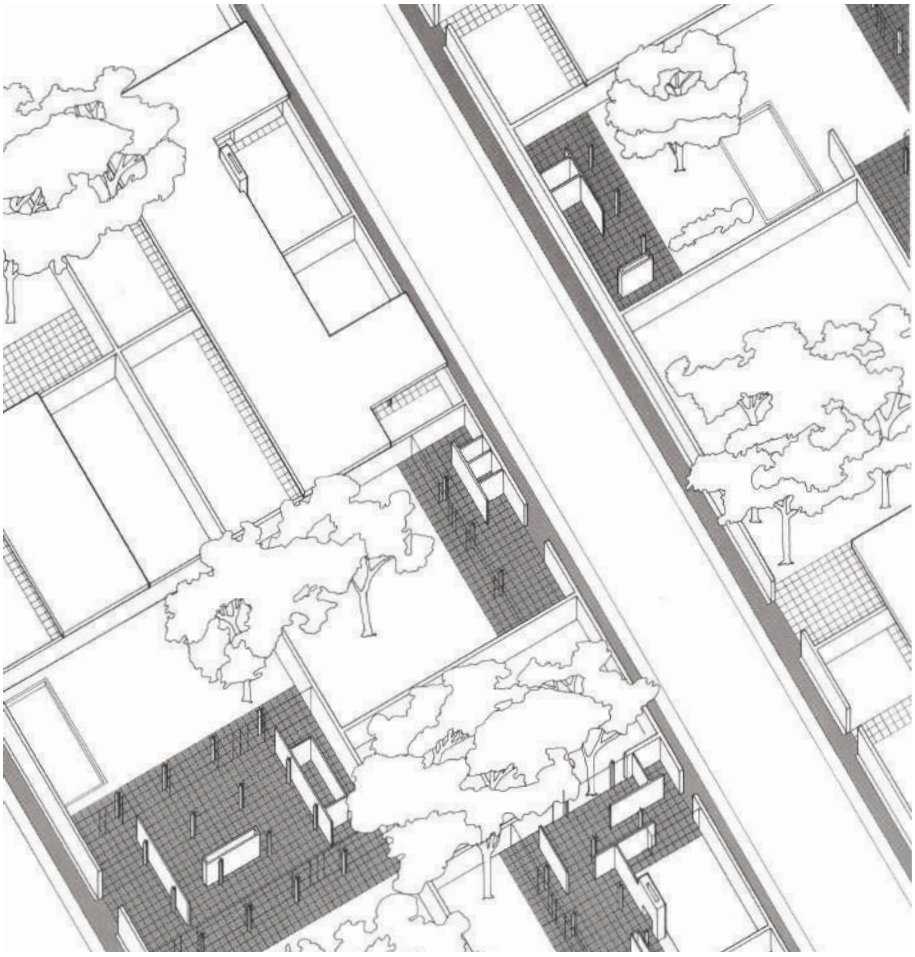


04.2.20. Um corte transversal pelos terraços e cozinhas a olhar a Nascente.

des. 29 Corte LL. Originalmente, o grande caixilho que identifica o alçado Norte foi desenhado para envolver não só a escada exterior até ao piso da cobertura mas também para auxiliar os "terraços-serviço", contíguos às cozinhas. Apesar das intervenções consideráveis à materialidade no primeiro piso, a sua associação à cozinha é mantida já que estes "terraços", desenhados para apoiarem os serviços, continuam a ser as principais fontes de luz natural dos espaços da cozinha, que de outra forma seriam interiores.
As cozinhas, no primeiro piso aberta para um espaço mais fechado e pesado, e, no segundo piso aberta para um terraço luminoso, ritmado e leve, são espaços onde se interveio consideravelmente e se procurou acomodar as necessidades atuais do espaço doméstico. A clareza e racionalidade do projeto original para a cozinha, e a sua simplicidade expressiva e material marcam presença até aos dias de hoje. As paredes são revestidas em azulejo branco, o mobiliário são peças de carpintaria pintada de bege, preto, vermelho e azul cujas bancadas e pias são feitas em pedra maciça e cujas portas são, algumas, em vidro picado. Todos estes são elementos estudados para dinamizarem a proposta.
Na primeiro piso, não encontramos quaisquer vestígios do desenho do arquiteto para o espaço, apenas encontramos uma cozinha cujas paredes são revestidas em pedra escura e cuja mobília é um conjunto prefabricado em madeira que se estende até ao "terraço" para fazer o espaço da lavandaria.

1/50 0 0,5 m 1





04.3. O 3D. De um instrumento de trabalho a um dispositivo de apresentação da obra.

O 3D, como instrumento de trabalho, teve um papel fundamental no desenvolvimento deste estudo. À semelhança de uma maquete que, quando associada à fase de trabalho, auxilia o processo criativo, permitindo estudar ideias, testá-las e analisar o seu impacto no projeto, e que, quando vinculada à fase de exposição, comunica a solução final. O 3D é associado a duas fases importantes do estudo da casa Gago Rosa.

Numa etapa inicial, após se proceder ao levantamento extensivo da obra, recorreu-se à ferramenta 3D para transcrever a informação desenhada e registada em papel para um meio digital que reproduzisse adequadamente a sua imagem tão característica. Além de facilitar a leitura geral da obra e a compreensão do projeto como um todo, do geral ao particular, o 3D impulsionou o estudo das relações lineares, geométricas e espaciais, a análise da métrica e dos princípios reguladores da proposta, e a apreciação das estratégias construtivas, aspetos estes difíceis de identificar em obra.

O registo tridimensional da casa Gago Rosa no seu estado atual foi também a base a partir da qual se desenharam as plantas, cortes e alçados rigorosos, previamente apresentados e constituiu, dado o rigor com que foi explorado, um auxílio visual, à semelhança das fotografias captadas no local, para a produção destes desenhos.

Dada a dificuldade de interpretar peças desenhadas, as imagens tridimensionais da casa Gago Rosa são um instrumento imprescindível e indispensável para a comunicação desta obra, que no formato impresso se vê bastante diminuída do seu potêncial.

Por se tratar de uma obra de valor para o panorama arquitetónico português e para a cidade de Faro, é importante dá-la a conhecer não apenas a arquitetos ou a estudantes da disciplina, mas também ao público em geral.

Assim, neste capítulo, opta-se por explorar o 3D como um dispositivo de apresentação que, como uma maquete de exposição, retrata com clareza as particularidades deste objeto arquitetónico. Ainda que o 3D realizado para este estudo permitisse obter uma multiplicidade de imagens pormenorizadas dos diferentes aspetos da arquitetura, escolheu-se organizar um conjunto de vistas que melhor completam os desenhos rigorosos anteriores.

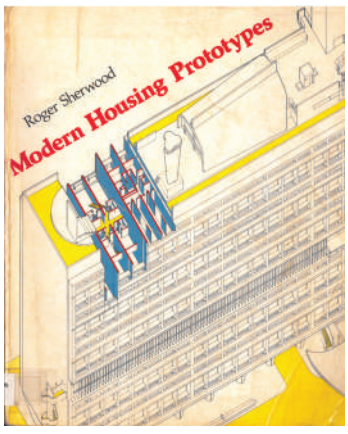
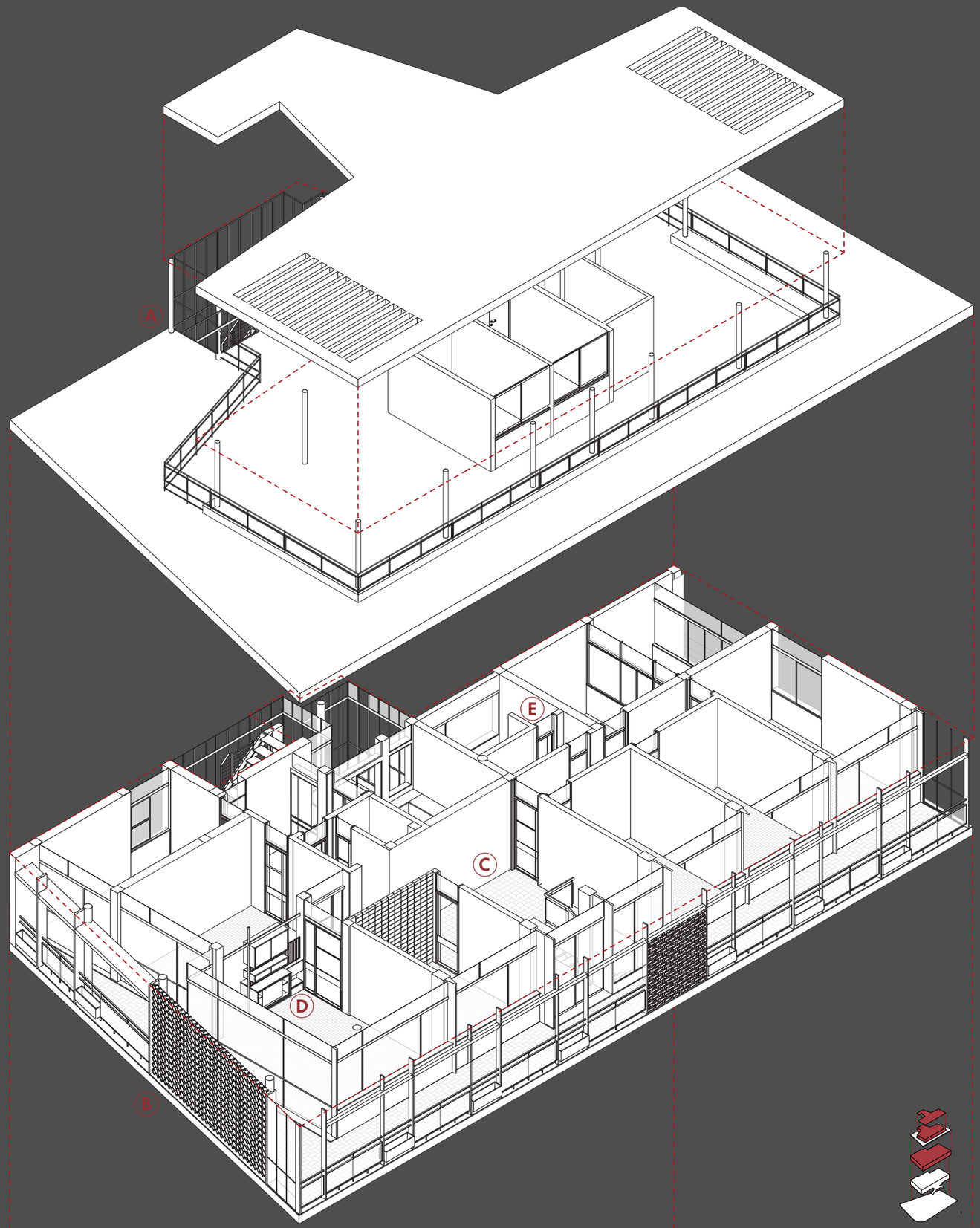


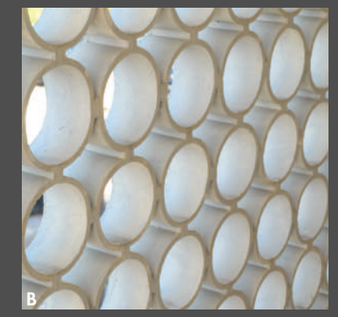
fig. 82 Capa do livro Modern Housing Prototypes de Roger Sherwood.
fig. 83 Axonometria A. Suntops Homes de Frank Lloyd Wright, 1939 **B.** Conjunto de Casas-Pátio, 1931 de Mies Van der Rohe. Refêrencias para o exercício de reconstrução tridimensional.
fonte: Roger Sherwood, 1978.

Piso da cobertura/Açoteia (2,20m)

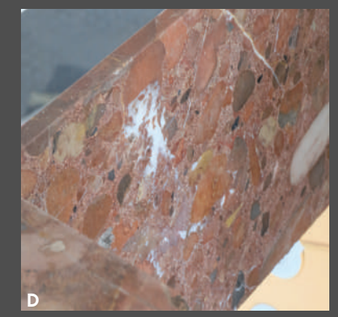
Habitação do segundo piso (2,80m)









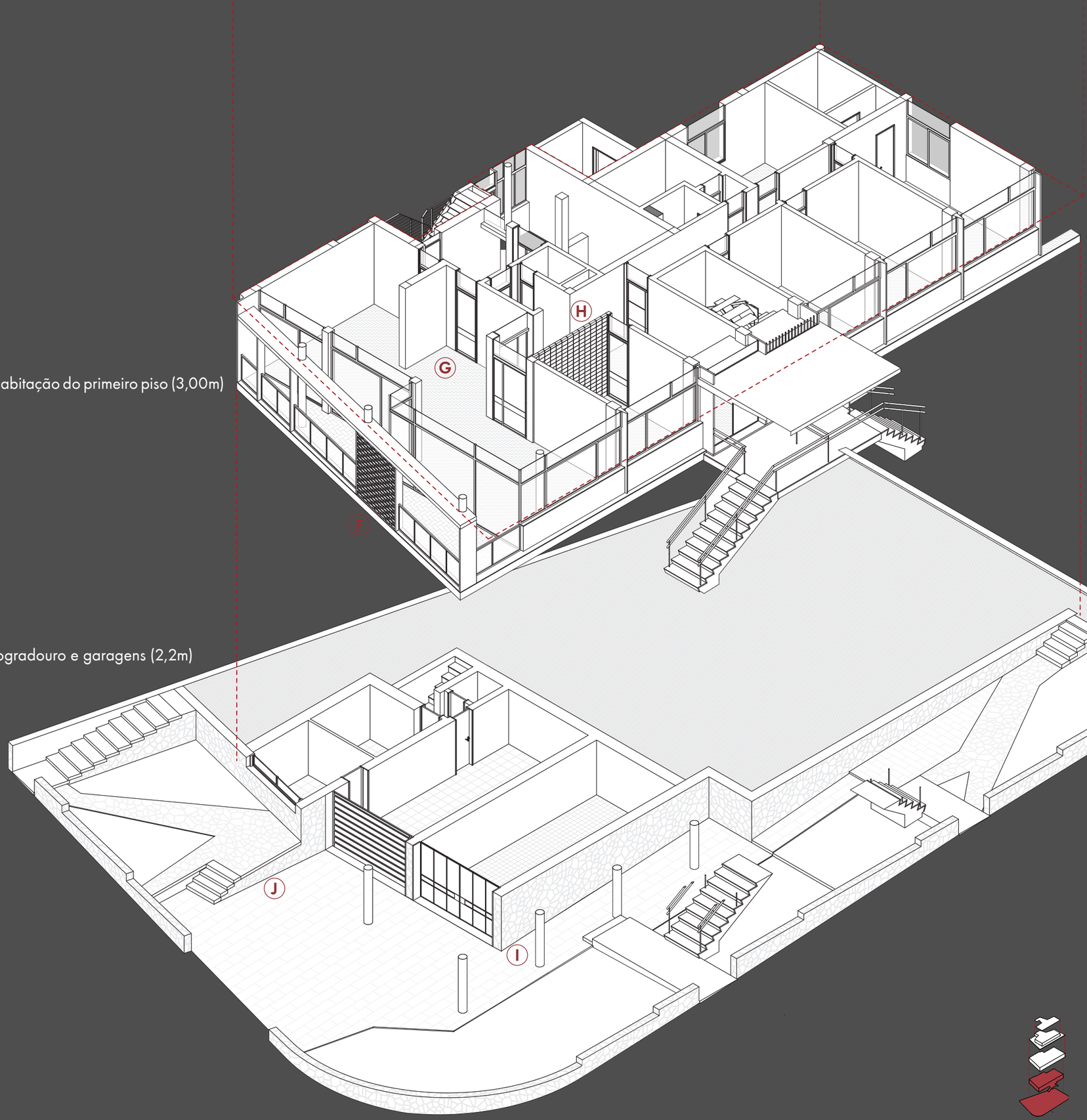




figs. 84 A-E Materialidades.
A. Guarda e caixilharia metálica da escada exterior de acesso à açoteia.
B. Grelhagens cerâmicas circulares do terraço Poente.
C. Pavimento do vestíbulo da habitação do segundo piso
D. Mármore Vermelho - pormenor do móvel divisor das salas de estar e jantar.
E. Azulejos originais da casa de banho e porta envidraçada.
fonte: Autora (2024)

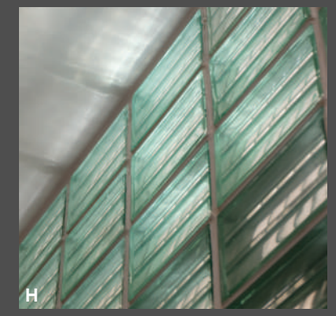
Habitação do primeiro piso (3,00m)

Logradouro e garagens (2,2m)













des.30 Axonometria dos pisos superiores da casa Gago Rosa. Algumas materialidades relevantes para a obra, a sua arquitetura e a vivência dos interiores.
figs. 84 F-G Materialidades.
F. Grelhagens cerâmicas retangulares da fachada Poente.
G. Pavimento em taco de madeira que reveste as àreas sociais das habitções.
H. Parede de tijolo de vidro do escritório.
I. Embasamento em pedra colorida.
J. Diversidade na expressão da pedra que desenha os percursos do logradouro.
fonte: Autora (2024)

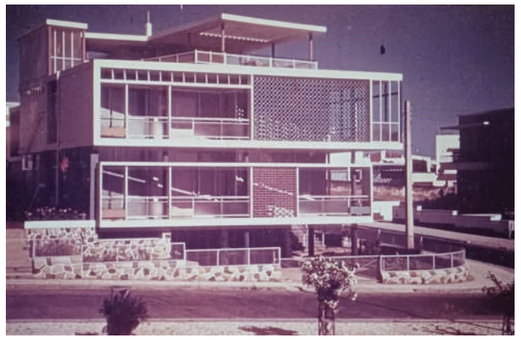




fig. 85 A fachada Poente da casa Gago Rosa após construção, 1958.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024.
fig. 86 A fachada poente da casa Gago Rosa, 2022
fonte: "Faro dedica um fim de semana à *sua* arquitetura modernista", Sul Informação, 2022.
des.31 Perspetiva Poente e Norte da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício.
fonte: Autora (2024).





fig. 87 O gaveto Poente-Sul da casa Gago Rosa após construção, 1958.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024.
fig. 88 O gaveto da casa Gago Rosa em 2023.
fonte: Autora (2024)
des. 32 Perspetiva Poente e Sul da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. O gaveto.
fonte: Autora (2024)

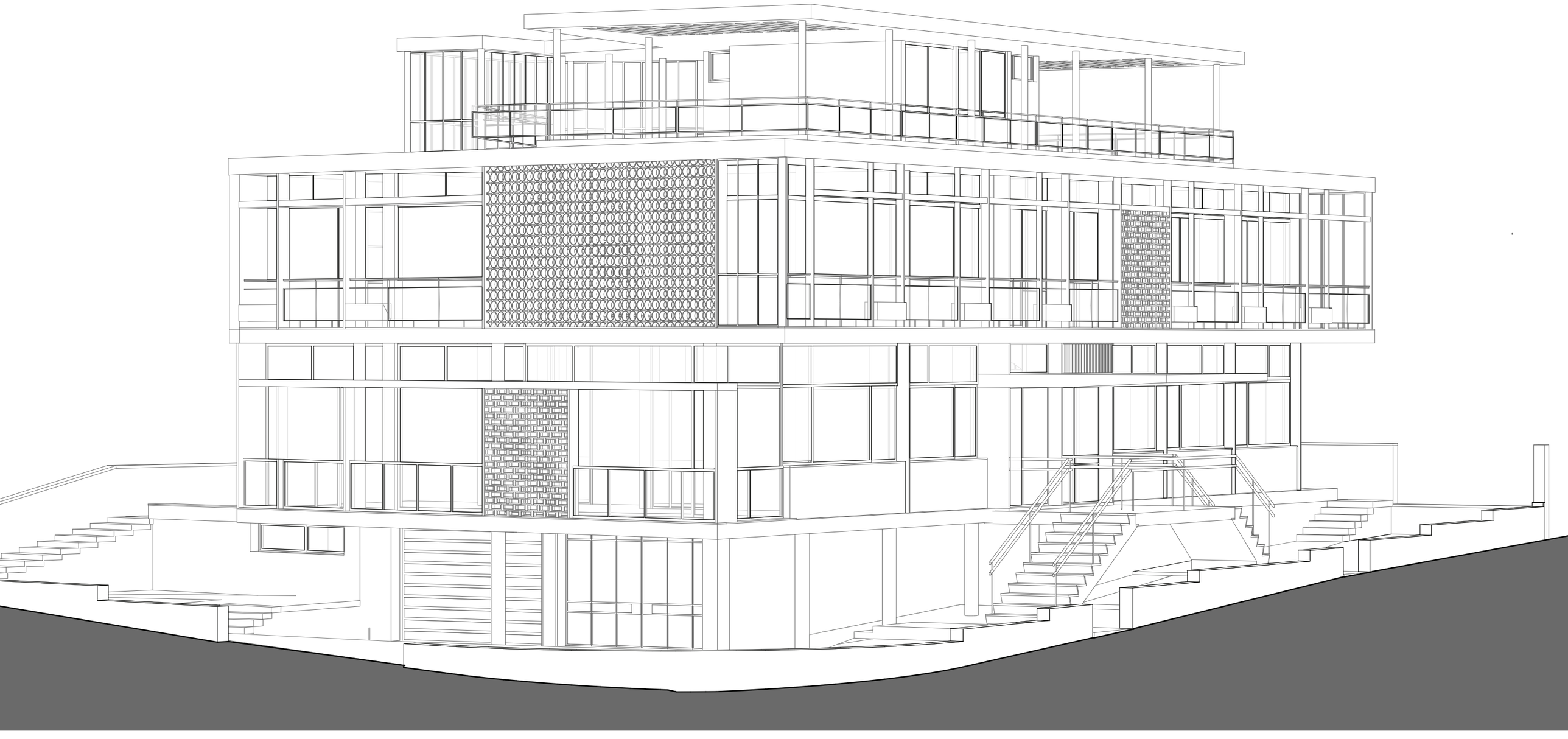


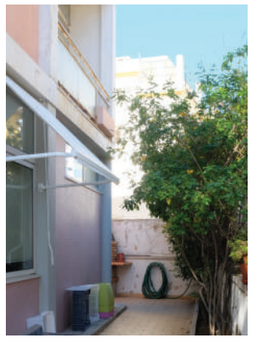
fig. 89 As fachadas Nascente e Sul da casa Gago Rosa, 2010.
fonte: Will Köhlen, 2010
fig. 90-91 Pormenores da fachada e varanda Sul.
fonte: Autora (2024)
des. 33 Perspetiva Sul e Nascente da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. Entradas principais.
fonte: Autora (2024)

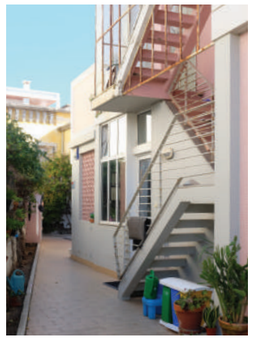
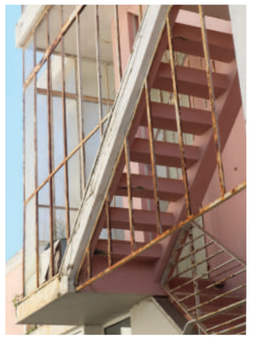










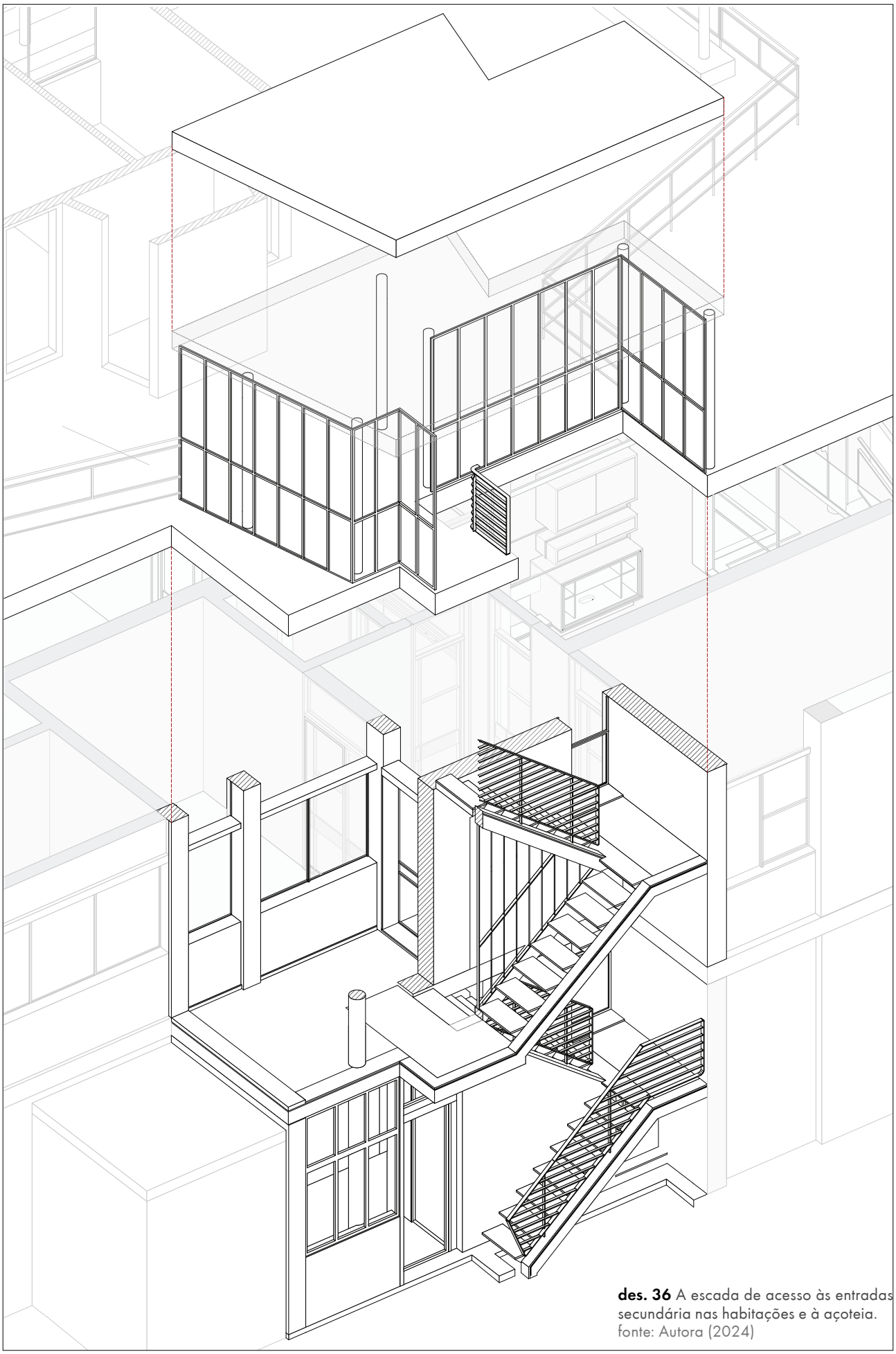



figs. 92-95 Logradouro Nascente e Norte e pormenores da respetivas fachadas.
fonte: Autora (2024)
des. 34 Perspetiva Nascente e Norte da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. As fachadas ocultadas.
fonte: Autora (2024)

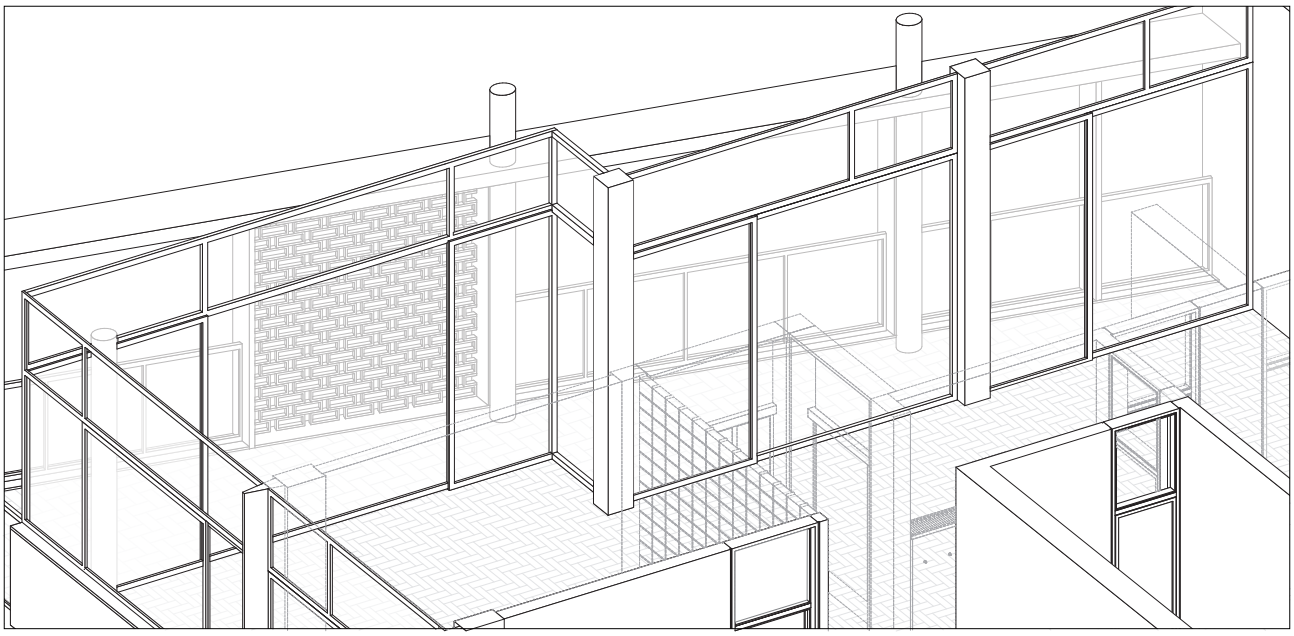


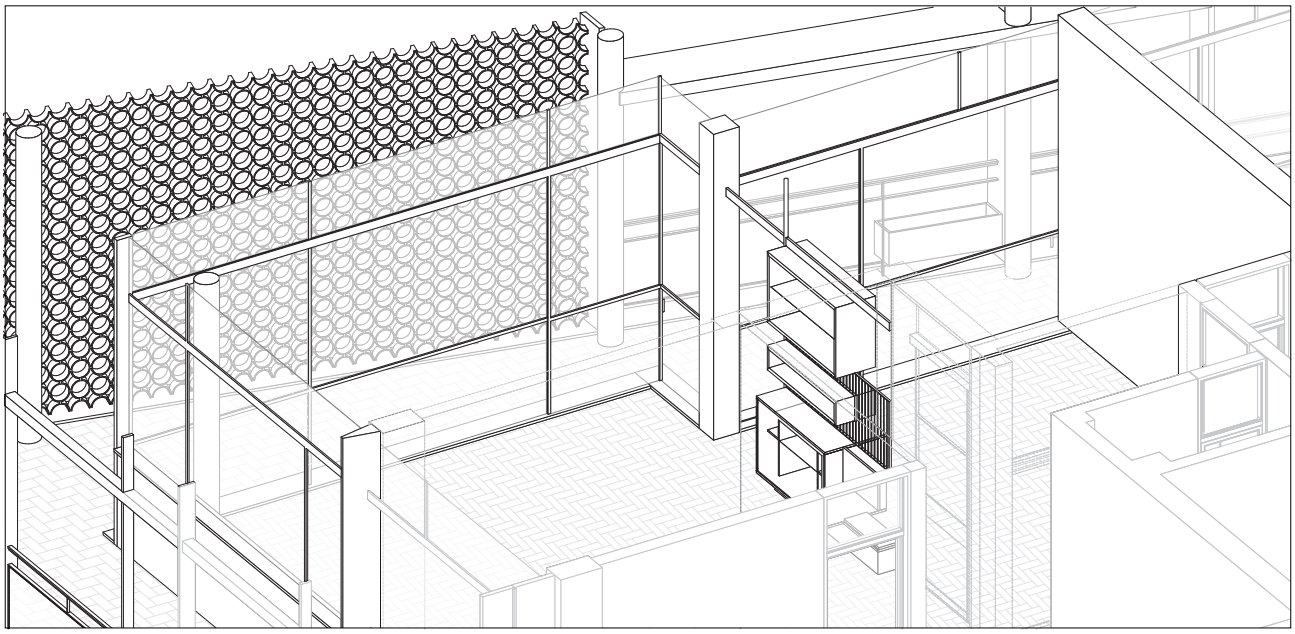


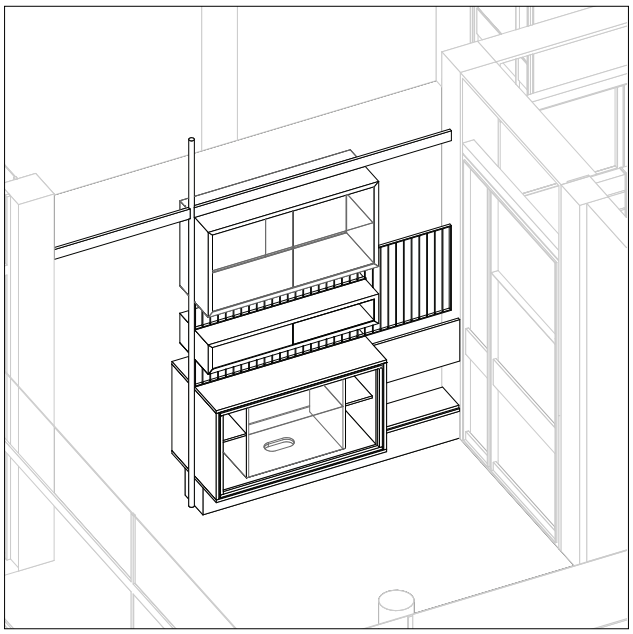
des. 35 Do patamar de entrada nas habitações à escada de acesso ao segundo piso.
fonte: Autora (2024)

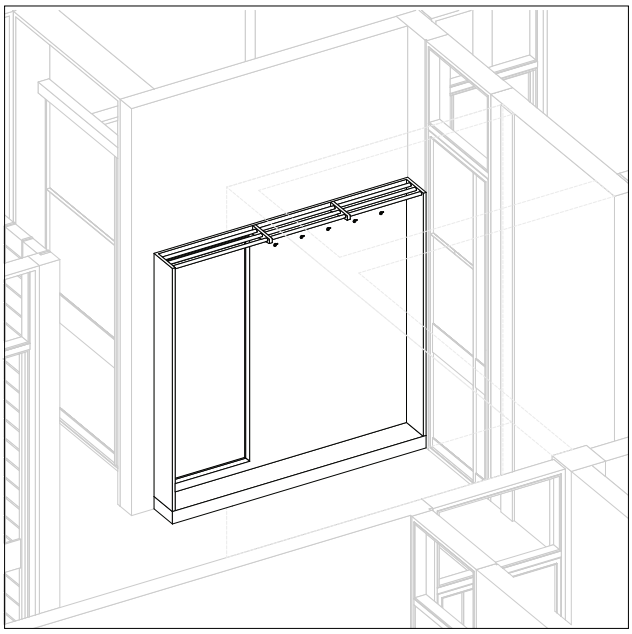


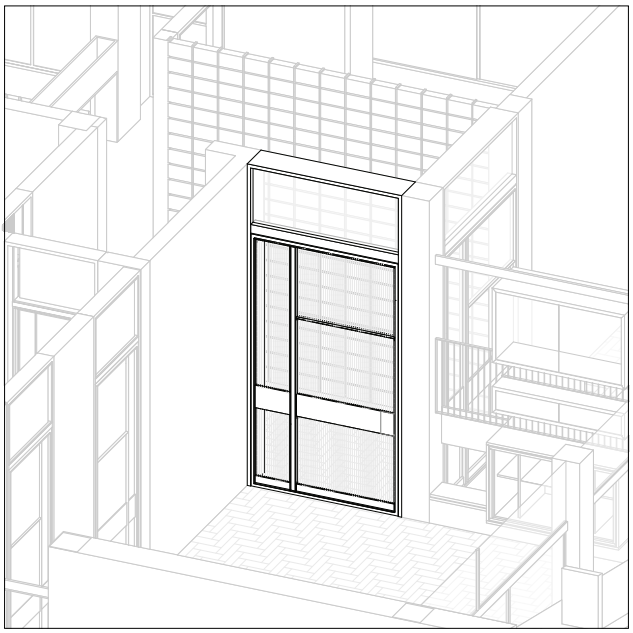
des. 36 A escada de acesso às entradas secundária nas habitações e à açoteia.
fonte: Autora (2024)

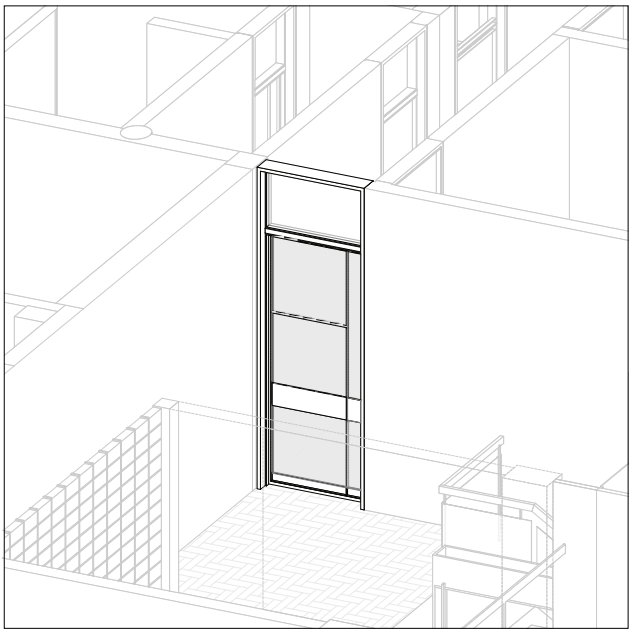


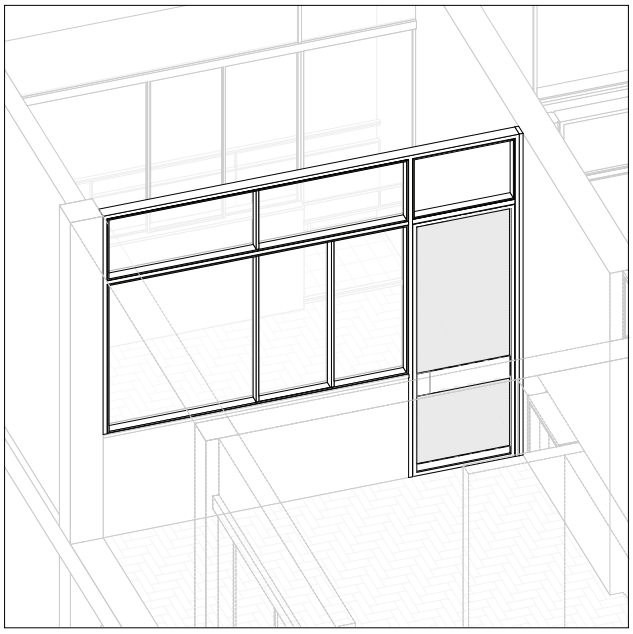


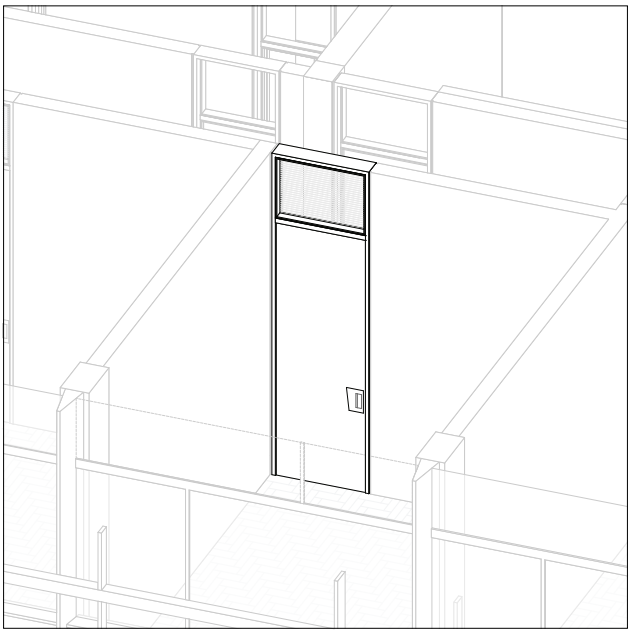


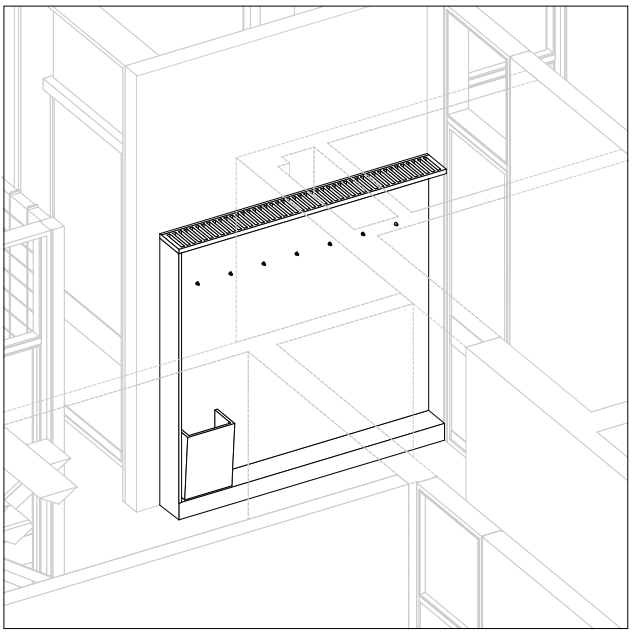












des. 37 Perspetivas interiores da casa Gago Rosa.
A. Relação da sala de estar com a varanda Poente na habitação do primeiro piso.
B. Relação da sala de estar com a varanda Poente na habitação do segundo piso.
C. Móvel divisório das salas de estar e jantar na habitação do segundo piso.
D. Móvel de apoio à entrada na habitação do segundo piso.
E. Porta pivotante original da sala de jantar do segundo piso.
F. Porta original dos espaços sociais do segundo piso.
G. Porta e caixilho original de divisão do quarto Nascente da sua antecâmara e varanda do segundo piso.
H. Porta original dos espaços privativos do segundo piso.
I. Móvel de apoio à entrada na habitação do primeiro piso.
fonte: Autora (2024)

CAPÍTULO 05





Aprender com a casa Gago Rosa.

Setembro 2023

Sempre ouvi dizer que a avenida da Praia da Rocha, era a mais especial da cidade, com grandes casas e palacetes que viviam da sua vista desimpedida para o mar. Uma delas era a casa Tengarrinha que Gomes da Costa remodelou na década de 1960 para transformar o anterior chalé romântico numa construção moderna.

Encontrei no Arquivo Municipal de Portimão várias fotografias de época da sua presença na avenida bem como da preparação para a sua demolição na década de 1970 para construir o Hotel Júpiter, ainda hoje presente no local.

Não fossem estes registos fotográficos e o seu processo de licenciamento, esta obra de referência do arquiteto seria apagada da memória coletiva.

Quantas obras da herança arquitetónica modernista correm o risco de ser esquecidas, desvalorizadas ou descaracterizadas?

Como podemos prevenir o seu desaparecimento completo do panorama português?

Talvez quando não podemos assegurar a sua proteção total, possamos garantir a sua memorialização através de exercícios de recolha e registo exaustivo dessas obras de referência.



05.1. Documentar como ação de salvaguarda da obra do arquiteto Manuel Gomes de Costa.

Manuel Gomes da Costa, arquiteto português, natural de Vila Real de Santo António, formado pelas Escolas de Belas Artes de Lisboa e do Porto, foi a principal figura do panorama arquitetónico algarvio de meados do século XX aquando do crescimento dos seus centros urbanos. Se se olhar atentamente para o ambiente construído no Algarve, especialmente o da capital de distrito, as contribuições do arquiteto são percetíveis até aos dias de hoje dada a incontornável presença dos seus traços e valores modernistas, e a sua influência na paisagem arquitetónica da região.

A sua obra não se expandiu além do Algarve e, no decurso da sua carreira, não foi reconhecida nos principais meios nacionais e, portanto, não foi devidamente divulgada, considerada ou analisada. Apenas no início do século XXI e após cessar a sua vida profissional, surgiram as primeiras publicações relativas à sua vida e obra. Ainda que, inicialmente, as referências ao seu trabalho se reduzissem a breves descrições de algumas das suas obras mais emblemáticas, integradas em documentos genéricos sobre a arquitetura do Algarve, Manuel Gomes da Costa é já apontado como um dos *pioneiros da arquitetura moderna* por José Fernandes e Ana Janeiro em 2005.[55]

O mesmo sentimento leva o arquiteto Gonçalo Vargas a comissionar e organizar em 2009 a primeira exposição inteiramente dedicada à obra do arquiteto denominada "Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul". Este trabalho inclui a recolha de textos, desenhos de arquivo, fotografias atuais e de época, e a construção de maquetas para ilustrar trinta e cinco das suas obras, seis das quais nunca construídas, e resulta na primeira análise publicada onde se reflete sobre alguns temas pertinentes. A exposição incluiu também a projeção de um documentário com a primeira entrevista gravada feita a Gomes da Costa.[56]

Posterior a esta data, surgem as primeiras publicações científicas dedicados ao arquiteto, das quais se destacam dois artigos de José Joaquin Banõn, que visam fundamentalmente analisar de uma forma teórica a sua obra, através de um olhar detalhado sobre o desenho e sobre o cruzamento de informação para identificar *princípios arquitetónicos* e *correspondências linguísticas*.[57]

Em publicações mais recentes, tanto de Ricardo Agarez como de Victor Faustino, procura-se inserir o arquiteto num contexto histórico através de uma investigação documental detalhada da sua vida pública, e inserir a totalidade da sua obra no contexto local e na identidade construtiva do sul de Portugal.[58]

---

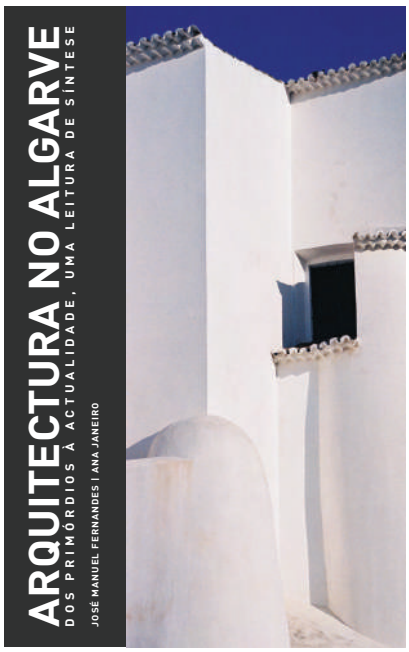
55 FERNANDES, José; JANEIRO, Ana – *Os Pioneiros da Arquitectura Moderna, nos anos de 1950-60* In Arquitectura no Algarve. Dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese, CCDR-Algarve, Edições Afrontamento, Faro, 2005.

56 VARGAS, Gonçalo, TOSTÕES, Ana, ROSA DA SILVA, António – *Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul,* Faro, 2009. e VARGAS, Gonçalo, TOSTÃO, Ana – *Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul* (Documentário), Faro: My Documentary Productions, 2009, 17 minutos.

57 BAÑÓN, José Joaquin – *Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa* In ACCA 015, Sevilha, 2016 e *Marcel Breuer en Manuel Gomes da Costa. Correspondencias linguísticas* In ACCA 016, Sevilha, 2017, e *Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna* In X Congreso Docomomo Ibérico, Badajoz, 2018, Madrid, 2020

58 AGAREZ, Ricardo Costa – *A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965*, Porto: Dafne, 2023 e FAUSTINO, Vitor Hugo de Jesus – *Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro*, Évora: Universidade de Évora, 2018.

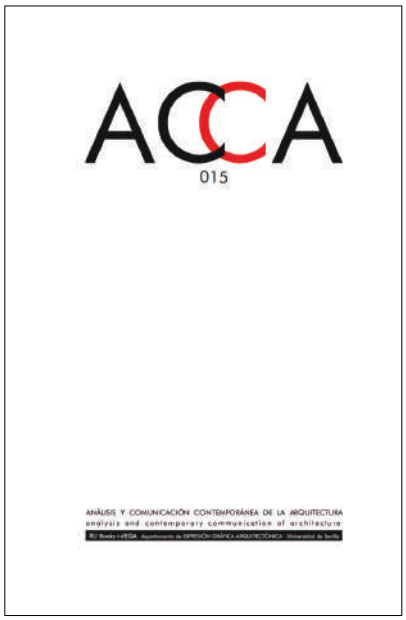
figs. 96-98 O estado atual da casa Gago Rosa.
fonte: Autora (2024)


ARQUITECTURA NO ALGARVE
DOS PRIMÓRDIOS À ACTUALIDADE, UMA LEITURA DE SÍNTESE
JOSÉ MANUEL FERNANDES I ANA JANEIRO


monumentos
24

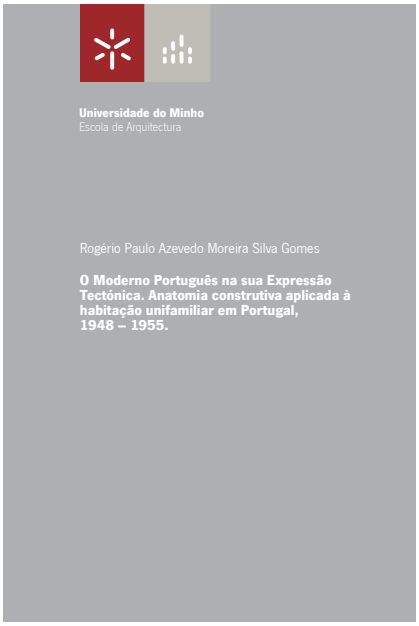

mgc
exposição
moderno ao sul
arquitectura moderna de
manuel gomes da costa
conferência por
ana
tostões
29 janeiro 2010 • 19.00h
salão nobre da câmara municipal de f


mgc
manuel gomes da costa
moderno ao sul


ACCA
015
ANÁLISIS Y COMUNICACIÓN CONTEMPORÁNEA DE LA ARQUITECTURA


do.co.mo.ib
El fundamento social de la arquitectura; de lo vernáculo y lo moderno, una síntesis cargada de oportunidades
O fundamento social da arquitetura; do vernáculo e do moderno, uma síntese cheia de oportunidades
X Congreso DOCOMOMO Ibérico, Badajoz, 18-20 de abril de 2018


UNIVERSIDADE DE ÉVORA
ESCOLA DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA
Manuel Gomes da Costa
e a Arquitectura Moderna em Faro
Volume I
Victor Hugo de Jesus Faustino
Orientação: Professor Doutor João Barros Matos
Co-orientação: Professor Doutor Ricardo Costa Agarez


Universidade do Minho
Escola de Arquitectura
Rogério Paulo Azevedo Moreira Silva Gomes
O Moderno Português na sua Expressão Tectónica. Anatomia construtiva aplicada à habitação unifamiliar em Portugal, 1948 – 1955.

Além destes estudos eminentemente teóricos, de catálogos e de inventários, Rogério Gomes, a propósito de uma *análise da expressão tectónica no moderno português*[59], estuda a dimensão tridimensional exterior da casa Gago Rosa que, por ser baseada apenas em documentação de arquivo, fotografias e na observação dos pormenores exteriores, não traduziu com rigor a natureza global da obra construída e das posteriores alterações.

O presente trabalho procura adicionar ao leque de estudos relativos à obra de Gomes da Costa uma vertente proeminentemente prática de documentação e análise da arquitetura, como contributo para a defesa, a preservação e a proteção deste património arquitetónico. Tem-se em mente centenas de obras modernistas esquecidas ou perdidas no tempo que remetem para um período histórico da arquitetura portuguesa que deve ser salvaguardado, se não fisicamente, em memórias registadas.

Na impossibilidade de efetuar um trabalho exaustivo de caracterização detalhada de toda a obra construída pelo arquiteto, no âmbito desta dissertação, optou-se por direcioná-lo para um das seus edifícios mais marcante, a casa Gago Rosa, que, além de preservar ainda muito da solução original, é classificada como edifício de Interesse Municipal com proteção integral. Dada a natureza deste trabalho, a disponibilidade para autorizar o acesso à obra por parte da atual proprietária de uma das habitações foi também um dos fatores determinantes desta escolha.

Entre dezembro de 1955 e janeiro de 1959, Manuel Gomes da Costa projetou e ergueu a casa Gago Rosa, o mais notável dos seus trabalhos que, à época, dada a sua singularidade projetual e expressiva, marcou uma viragem no panorama arquitetónico da cidade. A sua imagem reflete a influência da arquitetura da América-Latina no cliente, emigrante na Venezuela, e a visão do arquiteto enquanto eterno aluno dos mestres modernistas cujas obras preenchiam as revistas de arquitetura internacionais, como a L'Architecture d'Aujourd'hui, das quais era assíduo leitor.

A casa é uma das dezenas de obras que integram o Conjunto Urbano Classificado entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária João de Deus estabelecido pela Câmara Municipal de Faro, em agosto de 2020, para impulsionar a proteção do património arquitetónico e urbanístico de um eixo importante da cidade. O nível de proteção integral que incide sobre a casa Gago Rosa restringe qualquer intervenção futura que altere a sua integridade original. Assim, o estudo atento e o registo pormenorizado do seu estado atual contribuirá certamente para a sua salvaguarda mais informada.

O processo relativo à casa Gago Rosa, que consta do Arquivo da Secção de Obras Particu lares da Câmara Municipal de Faro, sob o número 708/55, é composto pelos documentos escritos e desenhados do licenciamento, da construção e da única alteração posterior assinada pelo arquiteto. Embora se saiba que o mesmo diga respeito ao período entre 1955 e 1969, a documentação não se encontrava organizada segundo uma ordem cronológica. Assim, procedeu-se à leitura exaustiva de todo o conteúdo documental e à análise das plantas, cortes e alçados que

59 GOMES, Rogério – *Gomes da Costa. Casa Alfredo Gago, Faro (1955-1956)* In O Moderno Português na sua Expressão Tectónica. Anatomia construtiva aplicada à habitação unifamiliar em Portugal, 1948-1955, 2017.

fig. 99 (Subcapítulo) *Os Pioneiros da Arquitectura Moderna, nos anos de 1950-60,* José Fernandes e Ana Janeiro, 2005.
fig. 100 (Capítulo) *De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa. Dois autores e duas concepções da arquitetura no século XX em Faro,* José Fernandes, 2006.
figs. 101 e 102 (Exposição e conferência) *Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul* de Gonçalo Vargas, Ana Tostões, António Rosa da Silva, 2009.
fig. 103 (Artigos) *Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa., Marcel Breuer en Manuel Gomes da Costa. Correspondencias linguísticas.* e *Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal* de José Joaquin Bañón, 2016/2017.
fig. 104 (Artigo) Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna de José Joaquin Bañón, 2020.
fig. 105 (Dissertação) Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro de Vitor Faustino, 2018
fig 106 (Capítulo de Tese de Douturamento) *Gomes da Costa. Casa Alfredo Gago, Faro (1955-1956)* de Rogério Gomes, 2017.

contam a narrativa arquivada do projeto e facilitam a identificação do faseamento da sua conceção e construção.

Após decifrar atentamente a linha temporal do nascer e erguer da obra, a investigação dedicou-se ao estudo completo e minucioso das peças desenhadas. Para facilitar o (re)conhecimento da visão de Manuel Gomes da Costa, recorreu-se à apresentação cuidada destes elementos desenhados e ao seu confronto com os princípios, intenções e léxicos arquitetónicos identitários do arquiteto. Se na análise da primeira e da segunda propostas se contou apenas com o auxílio do conhecimento prévio da metodologia, dos princípios diretores e de toda a obra construída do arquiteto, no estudo dos desenhos relativos à fase de construção e alteração, recorreu-se também às fotografias da construção da casa Gago Rosa como elemento de apoio à interpretação dos "suprimidos e introduzidos".

Do método de trabalho do arquiteto resultavam projetos de execução elementares, a escalas reduzidas, que não lhe permitiam registar o real aprofundamento sobre materialidades e pormenores, pelo que, os desenhos arquivados não nos comunicam detalhadamente a solução original.

Fruto desta limitação, o trabalho orientou-se para a recolha da informação no local. A facilidade de acesso concedida pelos proprietários permitiu proceder ao levantamento minucioso e, posteriormente, ao registo rigoroso. O levantamento desenhado foi efetuado em caderno de campo e sobre cópias dos desenhos de arquivo, e complementado com um amplo e atual registo fotográfico. Do geral ao particular, este levantamento incidiu sobre o logradouro, percursos, degraus e corrimãos; sobre as garagens e arrumos; sobre as habitações, interiores originais ou alterados; caixilharias, carpintarias e serralharias; sobre os alçados, terraços e pormenores expressivos; sobre a açoteia e sobre os detalhes da escada de acesso.

Os dados recolhidos no levantamento informam sobre o estado atual do objeto de estudo que conjuga não só os elementos da versão original como também as alterações entretanto efetuadas e os sinais da passagem do tempo. A comparação e conjugação entre referências bibliográficas, documentação do arquivo municipal, registos fotográficos antigos e recentes, com o levantamento desenhado e testemunho informal de uma das atuais proprietárias, permitiu proceder ao registo rigoroso da casa Gago Rosa e à reconstrução tridimensional.

Para melhor ilustrar a casa Gago Rosa na sua condição atual, as plantas, cortes e alçados são apresentados à escala 1/50, refletindo a dimensão e o rigor do exercício de levantamento e, permitindo ainda ver particularidades e pormenores tal como a espacialidade, a materialidade, a medida, a cor, os pavimentos, os revestimentos, os acabamentos, o mobiliário fixo, as portas, as janelas, entre tantos outros.

Qualquer exercício de documentação de obras de arquitetura como este, é essencial para salvaguardar e divulgar a herança arquitetónica modernista em risco de esquecimento ou de confinamento em arquivos públicos e fotografias de época.

Neste, começa-se por enquadrar a obra no contexto social, económico e

cultural da época, e por sistematizar e analisar a informação dispersa em arquivos. Já no segundo momento da investigação, a casa, no seu estado atual, passa a ser objeto e fonte para a produção de nova documentação recorrendo a três diferentes abordagens.

O levantamento desenhado, como Fernando Távora explorou para documentar e estudar obras de arquitetura enquanto viajava[60] [ver p. 99]; o registo rigoroso e detalhado, como se usou em La Cellulle da Unité d'Habitacion de Marseille[61] para documentar o mais fielmente possível o estado original de um destes apartamentos de Le Corbusier [ver p. 119-120]; e a reconstrução tridimensional, como Roger Sherwood utilizou para documentar diversas obras como as Suntops Homes de Frank Lloyd Wright e o conjunto de Casas-Pátio de Mies Van der Rohe[62] [ver p. 141-142].

A conjugação destas diversificadas e abrangentes metodologias deu origem a este documento que procura refletir coerentemente a casa Gago Rosa em todas as suas dimensões, ao longo dos seus setenta anos de história.

60 TÁVORA, Fernando – *Diário de "bordo"*, Porto: Casa da Arquitectura, Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, 2012.

61 BONILLO, Jean-Lucien, ROUGNY, Florence, RÜEGG, Arthur – *La Cellule Le Corbusier. L´ Unité d´habitation de Marseille*. Editions IMBERNON, Paris, 2013.

62 SHERWOOD, Roger – *Modern Housing Prototypes*, Harvard: Harvard University Press, 1978.

06. Bibliografia Geral

Livros

AGAREZ, Ricardo Costa, A Construção do Algarve. Arquitetura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal 1925-1965, Porto: Dafne, 2023.

AGAREZ, Ricardo Costa, Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965, New York: Routledge, 2016.

BONILLO, Jean-Lucien, **ROUGNY**, Florence, **RÜEGG**, Arthur, La Cellule Le Corbusier. L´ Unité d´habitation de Marseille. Editions IMBERNON, Paris, 2013.

SHERWOOD, Roger, Modern Housing Prototypes, Harvard: Harvard University Press, 1978.

TÁVORA, Fernando, Diário de "bordo". (Coord. Álvaro Siza). Porto: Casa da Arquitectura, Fundação Instituto Arquitecto Marques da Silva, 2012.

TOSTÕES, Ana. La vivienda moderna, 1925-1965. Registro DOCOMOMO Ibérico. Fundación Caja de Arquitectos, Madrid, 2009.

Teses e dissertações

ALVES, Filipa, Manuel Gomes da Costa: o Arquitecto e a obra, Lisboa: Faculdade Lusíada de Lisboa, 2017.

FAUSTINO, Vitor, Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro, Évora: Universidade de Évora, Departamento de Arquitetura, 2018.

GOMES, Rogério, Gomes da Costa. Casa Alfredo Gago, Faro (1955-1956), In "O Moderno Português na sua Expressão Tectónica. Anatomia construtiva aplicada à habitação unifamiliar em Portugal, 1948-1955", 2017.

Revistas, artigos, apresentações

AGAREZ, Ricardo Costa, Migration Currents and Building Practice Exchanges in the Portuguese Diaspora: From the Algarve to South America and Back, In ABE Journal, 7, 2015. Consultado a 16 de janeiro de 2024 em http://journals.openedition.org/abe/10789;

BAÑÓN, José Joaquin, "Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna" In El fundamento social de la arquitectura; de lo vernáculo y lo Moderno, una síntesis cargada de oportunidades [Actas del X Congreso Docomomo Ibérico, Badajoz, 2018], Fundación DOCOMOMO Ibérico/Secretaría General Técnica, Subdirección General de Atención al Ciudadano, Documentación y Publicaciones, Madrid, 2020

BAÑÓN, José Joaquin, Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal In "ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura", Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books, Sevilha, 2016.

BAÑÓN, José Joaquin, Manuel Gomes da Costa: Arquitectura residencial en Tavira In L. C. Naranjo, J. G. Ferrón, R. E. López, P. M. Monsalve, J. V. Avellaneda, & F. V. Blanch (Edits.), eDap. Documentos de Arquitectura y Patrimonio, n°9. Avellaneda & Ventura Editores, Sevilha, 2016.

BAÑÓN, José Joaquin, Marcel Breuer en Manuel Gomes da Costa. Correspondencias linguísticas In "ACCA 016. Análisis y comunicación

contemporánea de la arquitectura", Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books, Sevilha, 2017.

BAÑÓN, José Joaquin, Paisajes algarvíos del arquitecto Manuel Gomes da Costa In P. Fidalgo, Estudos de Paisagem (1° ed., Vol. III). Lisboa: IHC-FCSH/UNL. Corbalán, F. (2010). A Proporción Áurea. A linguagem matemática da beleza (National Geographic ed.). Lisboa: EDITEC, 2017.

BAÑÓN, José Joaquin, Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa In "ACCA 015. Análisis y comunicación contemporánea de la arquitectura", Departamento de Expresión Gráfica Arquitectónica de la Universidad de Sevilla & RU Books, Sevilha, 2016.

BLOC, Andre, Brésil, In L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI n°42-43, Paris: L'architecture D'aujourd'hui, agosto 1952

FERNANDES, José, De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa. Dois autores e duas concepções da arquitetura no século XX em Faro In Monumentos 24, Revista Semestral de Edifícios e Monumentos, 2006, p. 140-147.

FERNANDES, José; **JANEIRO**, Ana, Os Pioneiros da Arquitectura Moderna, nos anos de 1950-60 In Arquitectura no Algarve. Dos primórdios à actualidade, uma leitura de síntese, CCDR-Algarve, Edições Afrontamento, Faro, 2005.

GOODWIN, Philip, Brazil Builds: architecture new and old, 1652-1942. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1943.

GUTIÉRREZ, Miriam Lousame, De la mirada documental a la mirada artística en la arquitectura de Manuel Gomes da Costa In R. A. Alcolea, & J. T. Mingo (Ed.), Congreso Internacional Inter-fotografía y arquitectura "Intersecciones, Navarra, 2016.

GUTIÉRREZ, Miriam Lousame, Manuel Gomes da Costa, un universo en bocetos In "El Arquitecto, de la Tradición al siglo XXI, 16° Congreso Internacional de Expresión Gráfica Arquitectónica, Vol. II. Fundación General de la Universidad de Alcalá, Alcalá de Henares, 2016.

GUTIÉRREZ, Miriam, "Manuel Gomes da Costa y la construcción de la imagen moderna de Faro", In VI Jornadas Arte y Ciudad III Encuentros internacionales, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2016.

HITCHCOCK, Henry-Russell, LATIN AMERICAN ARCHITECTURE SINCE 1945, New York: The Museum of Modern Art, 1955.

MINGORI, Mitigeur, Urbanisme en Amérique Latine In L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI n°33, Paris: L'architecture D'aujourd'hui , dezembro 1950 e janeiro 1951.

N/A, Milagre em Loulé [Faro] In A Arquitectura Portuguesa e Cerâmica e Edificação: habitação e artes domésticas n° 3 e 4, 1953.

N/A, Projeto de casa de habitação [Casa de um Pilar] In Arquitectura: Arte e Construção n°30, 2ª Série, Abril/Maio 1949, p. 20 e In IV Exposição Geral de Artes Plásticas, Lisboa: ICAT, 1949.

PERSITZ, Alexandre, L'Architecture au Brésil, In L'ARCHITECTURE D'AUJOURD'HUI n° 13/14, Paris: L'architecture D'aujourd'hui, setembro 1947.

SITWELL, Sacheverell, Brazil In THE ARCHITECTURAL REVIEW, London: Architectural Review, março 1944

TOSTÕES, Ana, Manuel Gomes da Costa: arquitecto da causa moderna entre local e global In Homenagem a MGdC, Ordem dos Arquitetos, Faro, 2010.

VARGAS, Gonçalo, "Manuel Gomes da Costa (1921-2016), o impulsor da arquitectura moderna em Faro" In Anais do município de Faro, V.40, 2018.

VARGAS, Gonçalo, Arquitecto Manuel Gomes da Costa - Milagre no Algarve in Al-Rihana: Revista Cultural do Município de Aljezur. Folhas Ilustres Unipessoal, Lda., Aljezur, 2013.

VARGAS, Gonçalo, Arquitecto Manuel Gomes da Costa in "Revista VRSA n°2", Vila Real de Santo António, 2010.

Exposição

VARGAS, Gonçalo, **TOSTÃO**, Ana, **SILVA,** António Rosa da, "Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul", Faro, 2009.

Documentários e reportagens

VARGAS, Gonçalo, TOSTÃO, Ana, "Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul" (Documentário), Faro: My Documentary Productions, 2009, 17 minutos.

PINHEIRO, Paula Moura, **AGAREZ**, Ricardo Costa (convidado), Visita Guiada: Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista In Visita Guiada, Ep.15, Lisboa: RTP2, 2023, 45 min.

Website

AGAREZ, Ricardo. Manuel Gomes da Costa (1921-2016): o motor da arquitectura moderna algarvia in Público, (24 de Junho de 2016). Obtido em novembro de 2022, de Público: https://www.publico.pt/2016/06/24/culturaipsilon/noticia/manuel-gomes-da-costa-19212016-o-algarve-moderno-foi-ele-1736211

Moderno ao Sul Homenageia Arquitectura de Gomes da Costa in Barlavento (23 de Outubro de 2009). Obtido a novembro de 2022 em Barlavento–Semanário Regional do Algarve: https://www.barlavento.pt/faro-celebra-centenario-do-arquiteto-gomes-da-costa/

Exposição celebra o centenário do arquiteto Manuel Gomes da Costa, (14 de outubro de 2021). Obtido a novembro de 2022 em Site C.M. Faro: https://www.cm-faro.pt/pt/noticias/55861/exposicao-celebra-centenario-do-arquiteto-manuel-gomes-da-costa.aspx

Obra do arquiteto Manuel Gomes da Costa (1921-2016) em exposição, (14 de dezembro de 2021). Obtido a novembro de 2022 em Diário Imobiliário: https://www.diarioimobiliario.pt/Arquitectura/Obra-do-arquitecto-Manuel-Gomes-da-Costa-1921-2016-em-exposicao

Igreja Matriz de Santa Luzia e Casa do Povo de Moncarapacho In site DOCOMOMO Ibérico. Visitado a 10 de junho 2023 em: https://t.ly/mt2Ay

07. Lista de figuras, desenhos e tabelas.

Introdução

fig. 01 Capa. A casa Gago Rosa após a construção. O gaveto.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024

fig. 02 A casa Gago Rosa após construção - Poente.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024

figs. 03 e 04 Montagem das peças escritas e desenhadas do processo da casa Gago Rosa.
fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 05 A casa Gago Rosa em construção - Sul.
fonte: Arquivo Manuel Laginha, 1957

fig. 06 Levantamento desenhado.
fonte: Autora (2024)

fig. 07 A casa Gago Rosa, 2024.
fonte: Autora (2024)

fig. 08 Fotografias de arquivo familiar da autora.
A-B. José Cabrita na apanha da sardinha. **C.** Cartão de Sócio Efetivo do Sindicato de Pescadores do Distrito de Faro de José Cabrita. **D.** Carteira Profissional de Ana Pereira da Costa, empregada de Quartos. **E-F.** Ana Pereira da Costa na varanda da Torre A do complexo Torralta.
fonte: Arquivo da família da autora

fig. 09 Complexo hoteleiro da Torralta na década de 70, Alvor, Portimão.
fonte: Arquivo do Museu Municipal de Portimão

fig. 10 Capa da publicação "Algarve Building. Modernism, Regionalism and Architecture in the South of Portugal, 1925-1965" de Ricardo Agarez.

fig. 11 Capa da publicação "A Construção do Algarve. Arquitectura Moderna, Regionalismo e Identidade no Sul de Portugal, 1925–1965" de Ricardo Costa Agarez.

Capítulo 01

fig. 12 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo Manuel Laginha

fig. 13 Pedido de autorização da construção de uma casa para Alfredo Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 14 A-D. Manuel Gomes da Costa. De estudante a arquiteto formado.
fonte: Arquivo Manuel Laginha, documentário "MGC. Moderno ao Sul", 2009 e Jornal do Algarve, 2023

fig. 15. Projeto da "Casa de um Pilar" na capa da revista Arquitetura.
fonte: Arquitectura n°30, 1949

fig. 16 Vista panorâmica da cidade de Faro, desde o mercado ao liceu.
fonte: Museu Municipal de Faro

fig. 17 Ante-Plano Geral de Urbanização de Faro, plano geral, 1945.
fonte: Catálogo da exposição "Faro, Marcos de Urbanismo"

fig. 18 A. Conjunto Urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Se-

cundária João de Deus. **B.** Prolongamento do Conjunto Urbano entre o Mercado Municipal e a Escola Secundária para incluir a Rua de Berlim e a Escola Secundária João de Deus.
fonte: DR n.° 152/2020, Série II de 2020-10-06, Edital 865/2020, p. 235, e n.° 233/2023, Série II de 2023-12-04, Edital 2048/2023, p. 381.

fig. 19 Algumas das obras do Conjunto de Interesse Urbano e a sua categorização em arquitetura Modernista, Conservadora ou Híbrida.
fonte: Fotografias da autora (2023)

fig. 20 Praceta Coronel Pires Viegas antes da casa Gago Rosa, 1955. Integra o CIM 2020.
fonte: Museu Municipal de Faro. Editada pela autora (2024)

fig. 21 Edifício Silva-Pinheiro.
fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas

fig. 22 A. Casa Brandão e Casa Dias Brandão **B.** Edifício Brandão.
fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas

fig. 23 Fotografias da instalação da Exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56.
fonte: Arquivo de exposições e eventos do MoMa, em moma.org/calendar/exhibitions/2436

fig. 24 A. Estádio Olímpico, 1950-1951, Carlos Raúl Villanueva. **B.** Edifício Polar, 1952-1954, Martín Vegas Pacheco e José Miguel Galia. **C.** Praça coberta, 1952-1953. Carlos Raúl Villanueva. **D.** Aula Magna, 1952-1953, Carlos Raúl Villanueva. **E.** Unidad de Habitación, 1951-1954, Guido Bermúdez. **F.** Multicelulares, Cerro Piloto, 1954, Guido Bermúdez **G.** Edifício Montserrat, 1950, Moisés Benaceraff, Carlos Guinand Baldó.
fonte: Catálogo da exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56

fig. 25 A. Conjunto de Apartamentos, Pedregulho, 1948-1950, Affonso Eduardo Reidy. **B.** Escola Primária e Ginásio - Pedregulho, 1948-1950, Affonso Eduardo Reidy. **C.** Ministério da Educação e Saúde, 1937-1942, Lúcio Costa. **D.** Edifício Nova Cintra, Bristol e Nova Caledônia, 1947-1953, Lúcio Costa. **E.** Casa para funcionários, Centro Técnico de Aeronáutica, 1947-1948, Óscar Niemeyer. **F.** Igreja de S. Francisco, 1943, Óscar Niemeyer. **G.** Casa para o arquiteto, 1953-1954, Óscar Niemeyer.
fonte: Catálogo da exposição "Latin American Architecture since 1945", 1955-56

fig. 26 A. Brazil Builds, 1943. **B.** Brazil, The Architectural Review, 1944. **C.** Brésil, L'Architecture d'Aujourd'hui n°13-14, 1947. **D.** Urbanisme en Amérique Latine, L'Architecture d'Aujourd'hui n°33, 1950. **E.** Brésil, L'Architecture d'Aujourd'hui, n°42-43, 1952. **F.** Catálogo Latin American Architecture since 1945 by Henry-Russell Hitchcock, 1955.

Capítulo 02

fig. 27 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha

fig. 28 Esquissos da autoria de Manuel Gomes da Costa.
Fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas

fig. 29 Capa do processo 708-55.

fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 30 Fase um. A. Planta de localização. **B.** Parecer de apreciação do anteprojeto. **C.** Memória Descritiva. **D.** Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **E.** Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura **F.** Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente. **G.** Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente.

fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 31 Fase dois. A. Parecer de apreciação de um novo anteprojeto. **B.** Memória Descritiva. **C.** Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **D.** Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura **E.** Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente **F.** Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente.

fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 32 Fase três. A. Declaração de responsabilidade, Eng. Apolónia Correia. **B1. /B2.** Pagamento das alterações propostas. **C.** Memória Descritiva. **D.** Águas e Esgotos. Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **E.** Águas e Esgotos. Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura. **F.** Pedido de prorrogação (12 meses) **G.** Pagamento da licença de construção. 12 meses. **H.** Pedido de prorrogação (3 meses) **I1. /I2.** Pagamento da licença de construção. 3 meses. **J.** Requerimento da aprovação das alterações. **K.** Suprimidos e Introduzidos. Planta de Garagem e Fundações e Planta do 1° pavimento. **L.** Suprimidos e Introduzidos. Planta de 2° pavimento e Planta de cobertura. **M.** Suprimidos e Introduzidos. Alçado Sul, Corte A-B, Alçado Poente. **N.** Suprimidos e Introduzidos. Alçado Norte, Corte C-D, Alçado Nascente. **O1. /O2.** Pagamento das alterações propostas.

fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 33 Fase quatro. A. Requerimento para construção de um quarto de banho. **B.** Memória Descritiva. Águas e Esgotos. **C.** Suprimidos e Introduzidos. 1° pavimento. **D1/D2.** Águas e Esgotos. Planta de 1° pavimento. **E.** Parecer da Delegação de Saúde do Distrito de Faro. **F.** Passagem da licença requerida. Serviços Municipalizados de Câmara Municipal de Faro. **G.** Suprimidos e Introduzidos. 1° pavimento. **H.** Pagamento das alterações propostas. **I.** Declaração de responsabilidade. Álvaro António Jerônimo Rebeca.

fonte: CMF/SAO/708-55

Capítulo 03

fig. 34 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.

fonte: Arquivo de Manuel Laginha

fig. 35 Planta de localização.

fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024)

fig. 36 A distribuição das habitações no volume. Plantas e Alçados da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.

fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024)

fig. 37 A presença da estrutura e a distribuição do programa doméstico. Plantas e Alçados da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.

fonte: CMF/SAO/708-55. Editado pela autora (2024)

fig. 38 Planta do primeiro piso da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.

fonte: CMF/SAO/708-55

fig. 39 Aproveitamento interior das habitações e registos altimétricos. Cortes transversal e longitudinal da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 40 e 41 Mobiliário desenhado por Manuel Gomes da Costa.
fonte: Arquivo de Gonçalo Vargas.
figs. 42-43 Alçado Poente e alçado Nascente da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 44-45 Alçado Sul e alçado Norte da primeira proposta para a casa Gago Rosa, 1955.
fonte: CMF/SAO/708-55
fig. 46 A organização das habitações. Plantas e Alçados da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024).
fig. 47 A presença da estrutura e a distribuição do programa doméstico. Plantas e Alçados da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55. Editada pela autora (2024).
fig. 48 Planta do primeiro piso da segunda proposta para a casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55.
fig. 49 Aproveitamento interior das habitações e registos altimétricos. Cortes longitudinal e transversal da segunda proposta para a casa Gago Rosa.
fonte: CMF/SAO/708-55.
figs. 50-52 Perspetivas da casa Tengarrinha, 1954.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.
figs. 53-54 Alçado Sul e alçado Norte da segunda proposta da casa Gago Rosa, 1956.
fonte: CMF/SAO/708-55.
fig. 55-60 Perspetivas e pormenores da construção da casa Gago Rosa.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha.
fig. 61 Planta do primeiro piso da proposta construída, 1958.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 62-63 Alçado Sul e alçado Norte da proposta construída, 1958.
fonte: CMF/SAO/708-55
figs. 64-65 Alçado Poente e alçado Nascente da proposta construída.
fonte: CMF/SAO/708-55
fig. 66 Excerto da planta da alteração na casa de banho, 1969.
fonte: CMF/SAO/708-55

Capítulo 04

fig. 67 Perspetiva da Casa Gago Rosa em construção, 1958.
fonte: Arquivo de Manuel Laginha
fig. 68 Capa do livro Diário "de Bordo": Fernando Távora, 2012
fig. 69 Esquissos de viagem do arquiteto Fernando Távora a Quioto, no Japão, em 1960. (Desenho 26-27 - Templo Tofukuj em Quioto, Japão. Desenho 30 a 32 - Templo Kinkaku-Ji em Quioto, Japão. Desenho 33 - quarto de hotel em Quioto, Japão.)

fonte: Diário de Bordo: Fernando Távora, 2012

fig. 70 A-B Levantamento gráfico e registo fotográfico.

fonte: Pedro Rodrigues (2023)

fig. 71 A-G A Poente. Acessos, plataformas e percursos pavimentados do logradouro.

fonte: Autora (2024)

fig. 72 A-I A sul. Do patamar de entrada às rampas, às escadas, aos degraus e aos corrimãos.

fonte: Autora (2024)

fig. 73 A-F Garagens e arrumação. O programa integrado no piso do embasamento.

fonte: Autora (2024)

fig. 74 A-I A habitação no primeiro piso. Espaços interiores recuperados ou modificados.

fonte: Autora (2024)

fig. 75 A-I Habitação no segundo piso. Uma cápsula do tempo ao abandono.

fonte: Autora (2024)

fig. 76 A-F Pormenores originais da habitação do segundo piso. Portas, móveis e carpintarias.

fonte: Autora (2024)

fig. 77 A-E Alçados e terraços profundos. A conceção de uma imagem internacional.

fonte: Autora (2024)

fig. 78 A-F A escada de serviço. Degraus, patamares, terraço, guardas e caixilharia.

fonte: Autora (2024)

fig. 79 A-I A cobertura praticável. Um logradouro elevado sobre a cidade de Faro.

fonte: Autora (2024)

fig. 80 Capa do livro "La Cellulle Le Corbusier" de Jean-Lucien Bonillo, Florence Rougny e Arthur Rüegg, 2013.

fig. 81 Referência para o exercício de registo gráfico rigoroso e para a inclusão da cor.

fonte: Jean-Lucien Bonillo, Florence Rougny e Arthur Rüegg (2013)

fig. 82 Capa do livro Modern Housing Prototypes de Roger Sherwood.

fig. 83 Axonometria da **A.** Suntops Homes de Frank Lloyd Wright, 1939 **B.** Conjunto de Casas-Pátio, 1931 de Mies Van der Rohe. Refêrencias para o exercício de reconstrução tridimensional.

fonte: Roger Sherwood, 1978

fig. 84 A-E Materialidades. A. Guarda e caixilharia metálica da escada exterior de acesso à açoteia. **B.** Grelhagens cerâmicas circulares do terraço Poente. **C.** Pavimento do vestíbulo da habitação do segundo piso **D.** Mármore Vermelho - pormenor do móvel divisor das salas de estar e jantar. **E.** Azulejos originais da casa de banho e porta envidraçada. **F.** Grelhagens cerâmicas retangulares da fachada Poente. **G.** Pavimento em taco de madeira que reveste as àreas sociais das habitções. **H.** Parede de tijolo de vidro do escritório. **I.** Embasamento em pedra colorida. **J.** Diversidade na expressão da pedra que desenha os percursos do logradouro.

fonte: Autora (2024)

fig. 85 A fachada Poente da casa Gago Rosa após construção, 1958.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024

fig. 86 A fachada poente da casa Gago Rosa, 2022.
fonte: "Faro dedica um fim de semana à sua arquitetura modernista", Sul Informação, 2022

fig. 87 O gaveto Poente-Sul da casa Gago Rosa após construção, 1958.
fonte: "Centro Histórico de Olhão e Faro Modernista", Visita Guiada ep.15, RTP Play, 2024

fig. 88 O gaveto da casa Gago Rosa em 2023.
fonte: Autora (2024)

fig. 89 As fachadas Nascente e Sul da casa Gago Rosa, 2019.
fonte: Will Köhlen, 2010

figs. 90-91 Pormenores da fachada e varanda Sul.
fonte: Autora (2024)

figs. 92-95 Logradouro Nascente e Norte e pormenores das respetivas fachadas.
fonte: Autora (2024)

Capítulo 05

fig. 96-98 O estado atual da casa Gago Rosa.
fonte: Autora (2024)

fig. 99 (Subcapítulo) *Os Pioneiros da Arquitectura Moderna, nos anos de 1950-60,* José Fernandes e Ana Janeiro, 2005.

fig. 100 (Capítulo) *De Jorge de Oliveira a Gomes da Costa. Dois autores e duas concepções da arquitetura no século XX em Faro,* José Fernandes, 2006.

figs. 101 e 102 (Exposição e conferência) *Manuel Gomes da Costa. Moderno ao Sul* de Gonçalo Vargas, Ana Tostões, António Rosa da Silva, 2009.

fig. 103 (Artigos) *Principios arquitectónicos de Manuel Gomes da Costa., Marcel Breuer en Manuel Gomes da Costa. Correspondencias linguísticas.* e *Manuel Gomes da Costa. Cuatro Casas de Sección Trapezoidal* de José Joaquin Bañón, 2016/2017.

fig. 104 (Artigo) *Manuel Gomes da Costa. Una versión algarvia del injerto de la arquitectura vernácula en la moderna* de José Joaquin Bañón, 2020.

fig. 105 (Dissertação) Manuel Gomes da Costa e a Arquitetura Moderna em Faro de Vitor Faustino, 2018.

fig. 106 (Capítulo da Tese de Douturamento) *Gomes da Costa. Casa Alfredo Gago, Faro (1955-1956)* de Rogério Gomes, 2017.

DESENHOS (fonte: Autora, 2024)

des.1 A Poente. Acessos, plataformas e percursos pavimentados do logradouro.

des.2 A sul. Do patamar de entrada às rampas, às escadas, aos degraus e aos corrimãos.

des.3 Garagens e arrumação. O programa integrado no piso do embasamento.

des.4 A habitação no primeiro piso. Espaços interiores recuperados ou

modificados.

des.5 Habitação no segundo piso. Uma cápsula do tempo ao abandono.

des.6 Pormenores originais da habitação do segundo piso. Portas, móveis e carpintarias.

des.7 Alçados e terraços profundos. A conceção de uma imagem internacional.

des.8 A escada de serviço. Degraus, patamares, terraço, guardas e caixilharia.

des.9 A cobertura praticável. Um logradouro elevado sobre a cidade de Faro.

des.10 O logradouro, as garagens e as fundações.

des.11 O piso das entradas na casa. A habitação do primeiro piso.

des.12 O piso das varandas a Sul e Poente. A outra habitação.

des.13 O piso-miradouro. Um olhar sobre a cidade.

des.14 A fachada Sul.

des.15 A fachada Poente.

des.16 A fachada Norte.

des.17 A fachada Nascente.

des.18 Corte AA.

des.19 Corte BB.

des.20 Corte CC.

des.21 Corte DD.

des.22 Corte EE.

des.23 Corte FF.

des.24 Corte GG.

des.25 Corte HH.

des.26 Corte II.

des.27 Corte JJ.

des.28 Corte KK.

des.29 Corte LL.

des.30 Axonometria dos pisos superiores da casa Gago Rosa. Algumas materialidades relevantes para a obra, a sua arquitetura e a vivência dos interiores.

des.31 Perspetiva Poente e Norte da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício.

des.32 Perspetiva Poente e Sul da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. O gaveto.

des.33 Perspetiva Sul e Nascente da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. Entradas principais.

des.34 Perspetiva Nascente e Norte da casa Gago Rosa na reconstrução tridimensional do edifício. As fachadas ocultadas.

des.35 Do patamar de entrada nas habitações à escada de acesso ao segundo piso.

des.36 A escada de acesso às entradas secundária nas habitações e à açoteia.

des.37 Perspetivas interiores da casa Gago Rosa. A. Relação da sala de estar com a varanda Poente na habitação do primeiro piso. **B.** Relação da sala de estar com a varanda Poente na habitação do segundo piso. **C.** Móvel divisório das salas de estar e jantar na habitação do

segundo piso. **D.** Móvel de apoio à entrada na habitação do segundo piso. **E.** Porta pivotante original da sala de jantar do segundo piso. **F.** Porta original dos espaços sociais do segundo piso. **G.** Porta e caixilho original de divisão do quarto Nascente da sua antecâmara e varanda do segundo piso. **H.** Porta original dos espaços privativos do segundo piso. **I.** Móvel de apoio à entrada na habitação do primeiro piso.

TABELAS (fonte: Autora, 2024)

tab.01 Análise de dados relativos aos Conjuntos de Interesse Urbano 2020 e 2023. Cliente, Arquiteto, Tipo de arquitetura, Data de construção/Registada em processo e Categoria de proteção garantida pela Câmara Municipal de Faro.

tab.02 Análise de documentação e dados relativos ao Processo 708-55 da C.M. Faro. Ano, Fase do processo, Nome e tipo de documentação, Assinante, Escala e Paginação original e proposta.

tab.03 Plano do levantamento e registo fotográfico - janeiro/fevereiro 2023.